
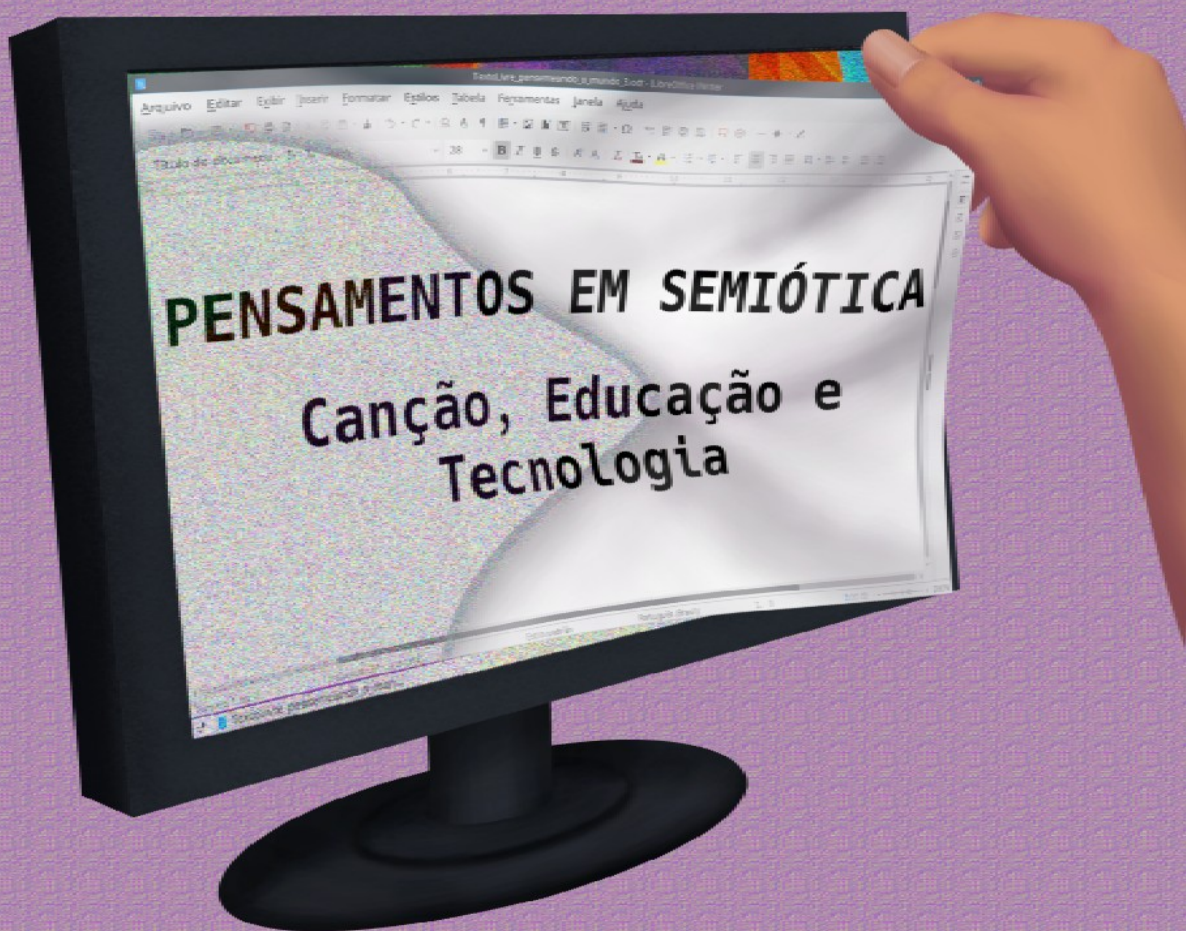


Ana Cristina Fricke Matte

Coleção

*Textolivre* 

*Pensemeando o mundo*





# Pensamentos em Semiótica: Canção, Educação e Tecnologia

Ana Cristina Fricke Matte

Coleção

*Textolivre* 

*Pensando o mundo*

2019



**Pedro e João**  
editores



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.  
Pode ser livremente usada, compartilhada e gerar obras derivadas, desde que mantida a licença e citada a fonte.

Esta é uma Licença de Cultura Livre!

---

Ana Cristina Fricke Matte

**Pensamentos em Semiótica: Canção, Educação e Tecnologia. Série Texto Livre: Pensemeando o Mundo. Tomo 3.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 340 p.  
ISBN 978-85-7993-786-6 [IMPRESSO]  
978-85-7993-791-0 [E-BOOK]

1. Semiótica. 2. Tecnologia. 3. Comunicação. 4. Autor. I. Título.

**CDD -410**

---

**Capa montada no Scribus:** Lucca Fricke e Ana Cristina Fricke Matte

**Imagem da capa (GIMP, Krita, Ksnapshot):** Lucca Fricke

**Formatação com Software Livre e Fontes Livres (LibreOffice):** Ana Cristina Fricke Matte

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Revisão:** Ana Carolina Noronha, Matheus Henrique Mafra

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil) Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Claudia Bortolozzi Maia (UNESP-Bauru/Brasil).



[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

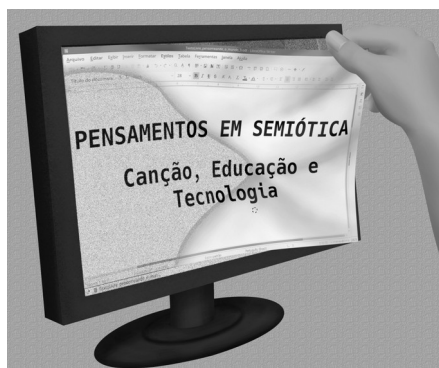
13568-878 - São Carlos - SP

2019

## Sumário

Sobre a coleção.....	7
.....	15
Capítulo 1 Educação, tecnologia, música e semiótica.....	29
1.1. Liberdade, Liberdade.....	35
1.2. O texto e a semiótica – que semiótica?.....	41
1.3. Arqui Canção e Meta Educação.....	43
Capítulo 2 Categorias fechadas e abertas.....	47
2.1. Categorias Fechadas.....	51
2.2. Princípios Gerais.....	53
2.3. Quadro Geral.....	55
2.4. Quadros específicos da Categoria do Nível Narrativo.....	62
2.5. Categorias fechadas do nível discursivo.....	74
2.6. Categorias fechadas do Nível Fundamental.....	79
2.7. Categorias Fechadas do Nível Fundamental Descontínuo....	80
2.8. Categorias Fechadas do Nível Fundamental Contínuo: tensividade.....	84
2.9. Prognóstico.....	87
Capítulo 3 Paixão Por música.....	91
3.1. Expressão de Estados Passionais.....	93
3.2. Objeto de Circulação.....	98
3.3. Paixão individual X Paixão coletiva.....	102
3.4. Escalas musicais ou escalas aspectuais?.....	107
3.5. Paixão por música, propriamente dita.....	109
3.6. Regimes e Valências: modelos de público e de música.....	111
3.7. Modelos tensivos.....	113
3.8. Panela de Pressão – a discussão da “forma” da linha.....	117
3.9. Os quatro modelos tensivos.....	124
Capítulo 4 Semiótica e Meta-Educação.....	131
4.1. Modelos tensivos de uma educação libertadora e uma educação conservadora – análise semiótica.....	131
4.2. Divertido ou educativo?.....	153
4.3. Modulação tensiva do fluxo temporal profundo: cálculo da tensividade.....	159
4.4. Análise da temporalidade: “Vira, vira”.....	187

Capítulo 5 Gatos pardos, <i>chat</i> sem negrito.....	201
5.1. Semiótica e Tecnologia Adaptativa.....	209
5.2. Um pouco de história.....	210
5.3. Comunicação no viés de Ignácio Assis Silva.....	212
5.4. À guisa de metodologia.....	222
5.5. Exemplos.....	227
5.6. Análise preliminar de identidades no <i>chat</i> .....	235
5.7. Finalizando a preliminar.....	251
5.8. Robô e <i>chat</i> .....	252
Capítulo 6 O <i>software</i> livre <i>dadosSemiótica</i> .....	261
6.1. Considerações iniciais.....	261
6.2. Aproximações epistemológicas sobre o fazer científico.....	265
6.3. Manual do <i>dadosSemiótica</i> .....	269
Posfácio.....	319
Porque este elivro tem muitas facetas, é preciso marcar um antes e um depois.....	319



... como se fosse possível pegar na mão as palavras da tela do computador e montar com elas novos quebras cabeças... Esse foi o pedido, Lucca Fricke desenhou.

## Sobre a coleção

*“Texto Livre: Pensemeando o Mundo”* é uma coleção que busca explorar a fundamentação teórica e filosófica que norteia todos os trabalhos iniciados no grupo Texto Livre, do ponto de vista de sua fundadora. Não é o único ponto de vista, o Texto Livre é multifacetado e tem lugar para muitas teorias e projetos, desde que condizentes com sua filosofia de trabalho, tal como se busca aqui apresentar e embasar.

Este terceiro livro da Coleção traz para o palco novamente o olhar semiótico, de forma mais contundentemente marcado

pela interdisciplinaridade, com múltiplos objetos e várias facetas unindo diferentes teorias à pesquisa semiótica. Não parece que haja uma forma mais adequada para falar da trajetória de pesquisa da autora, cuja preocupação com o “como” a leva a olhar para tudo com grande interesse.

Este livro, *Pensamentos em Semiótica, Canção, Educação e Tecnologia*, buscou, dentre todas, as facetas mais distantes entre si para dar uma ideia da totalidade deste escopo vário, mas jamais fragmentado.

Apresenta aqui trabalhos de diferentes fases da sua pesquisa não de forma cronológica, mas buscando nelas as principais contribuições da interdisciplinaridade para o trabalho atual na CiberSemiótica, com tecnologias livres.

Certas premissas que a Semiótica carrega consigo, talvez nem tenham sido ainda suficientemente estabelecidas, e algumas delas possivelmente já deixaram de ser, motivo pelo qual se faz importante lembrar o sustentáculo teórico do modo de fazer pesquisa que resultou nestas páginas.

A principal premissa assumida pela autora para realizar pesquisas interdisciplinares vem da observação de trabalhos acerca de música, canção e artes visuais, realizados por semioticistas estrangeiros e brasileiros, os quais, muitas vezes, deixam o trabalho com o plano de expressão para teorias já tradicionais da área do objeto. Isso se explica visto que a Semiótica dedicou suas primeiras décadas ao estudo do Plano do Conteúdo. Os estudos sobre a Canção, no entanto, surgem da suspeita de haver uma organização da expressão que não poderia ser contemplada como uma simples junção de duas linguagens: a linguagem sincrética não é uma soma, é uma terceira linguagem.



Diante disso, a autora optou por buscar em teorias dedicadas ao tipo de objeto e com resultados consolidados, tais como a fonética acústica para o estudo da fala, sem deixar de observar como parte essencial da semiose seu Plano da Expressão. Há vários momentos em que separar por completo a análise semiótica da análise realizada em outros escopos teóricos foi a forma mais produtiva e científica de lidar com a interdisciplinaridade. Há outros em que semiotizar e ser afetado pela outra teoria foi a melhor maneira de mostrar os efeitos do sincretismo. Assim, respectivamente, ora vamos assistir à autora realizando uma cientificidade mais voltada ao campo das Exatas, ora mais voltada ao campo das Humanas. Parece adequado, nesse caso, entrever em algumas análises uma posição interdisciplinar e, noutras, uma posição efetivamente transdisciplinar.

Desejo a todos uma leitura agradável e inspiradora de novos caminhos em direção a um mundo livre, a ser construído por todos nós.

*Acris do Textolivre* 

Texto Livre: pensemeando o mundo

**Pensamentos em  
Semiótica:  
*Canção, Educação e  
Tecnologia***

# DEDICATÓRIA

Dedico este livro aos professores que marcaram, para bem mais do que suas ementas, meus caminhos e minhas canoas. Em ordem cronológica e com muito afeto, a começar por meu pai, que, quando quis me ensinar a tocar violão, eu não quis, então, quando eu quis, ele disse: "*Aqui estão os livros, aqui está o violão: se vira!*". Além de aprender violão, aprendi que posso.

Da **EFA** (Ijuí-RS, melhor escola do mundo): a Leonardo Azambuja, que me ensinou o significado da palavra extrapolar, e a Pedro Borges, com quem passei a amar o fazer científico.

Da **UNICAMP**: a Hilton Jorge Valente (o Gogô), que questionou meu medo de plágio, abrindo assim meu caminho para a Cultura Livre, a Marisa Lajolo, que me abriu as portas de fato para a vida acadêmica, e a Plínio Almeida Barbosa, supervisor do meu primeiro pós-doutorado, que me ensinou a importância do *software* livre para a pesquisa científica.

Da **USP**: Ao professor José Luiz Fiorin, que me ensinou somente ser científico quem não fecha os olhos para outras searas do conhecimento, à professora Diana Luz de Barros, que me mostrou o quanto a semiótica é simples e aplicável.

Da **UNESP**: Ao professor Ignácio Assis Silva, cujos comentários sobre minha pesquisa em semiótica sempre me deixaram tomada de reflexões por meses, até que eu o pudesse alcançar..

Da **UFMG**: a todos meus orientandos orientados, com quem aprendo tanto!!



*Figura 1: Visita de Claude Zilberberg à USP, em 2003, com os professores Luiz Tatit (na frente, ao lado esquerdo de Claude Zilberberg), José Luiz Fiorin ( lado esquerdo de Zilberberg, atrás) e Diana Luz Pessoa de Barros (ao lado direito de Zilberberg, esquerdo da tela), acompanhados do Grupo de Estudos Semióticos da USP, em seu terceiro ano de existência. Junto com Zilberberg, estes professores formaram a maior parte dos atuais professores de Semiótica no Brasil. Claude Zilberberg nos deixou em 2018. (foto tratada no GIMP).*

A meu orientador de mestrado e doutorado na USP, **Luiz Tatit**, de quem sou eterna fã e que me ensinou que orientador é aquele permite criar asas, desafia o aluno, tendo aceitado minhas canoas inter e trans planares.

Finalmente, a **tantos** outros **professores**, de quem sou parente, amiga, ex-aluna e/ou colega, tantos que, citá-los todos, daria outro livro e cuja lembrança reforça - todos os dias - a importância da educação e da liberdade.

Texto Livre: pensemeando o mundo

## Palavras do professor

Os anos que encerraram o século passado e os que deram origem ao atual foram marcados por mudanças profundas nas diversas áreas científicas e tecnológicas, o que provocou um intercâmbio até então inusitado entre as disciplinas acadêmicas e uma aceleração desenfreada em suas pesquisas. Na base de tudo estava o progresso eletrônico que desimpidiu no tempo e no espaço a circulação das informações. Até mesmo o microcosmo dos estudos semióticos captou esse espírito da época, incorporando a velocidade e os processos de intensificação afetiva como balizas metodológicas para se pensar a formação do sentido nas numerosas linguagens presentes no nosso cotidiano.

Esse período de transição veloz em todos os domínios marcou também, como não poderia deixar de ser, a fase crucial de formação intelectual da pesquisadora Ana Cristina Fricke Matte na área de semiótica da Universidade de São Paulo e de seu ingresso na Universidade Federal de Minas Gerais, onde hoje é professora Associada. Fazendo uma leitura ousada da teoria tensiva que apenas se esboçava na passagem dos séculos e já pensando nos novos modelos de comunicação que alterariam para sempre as formas de análise e sobretudo os processos educacionais da nossa era, Ana Cristina fundou núcleos de pesquisa e desenvolveu aplicações da semiótica em universos interdisciplinares (às vezes, transdisciplinares), que passam pela fonética acústica, pela literatura infantil, pela canção, pela poesia, pelos módulos de *chats* e outras tecnologias mais atuais. Em seu horizonte sempre esteve uma nova proposta de educação, cada vez mais libertadora como preconizava Paulo Freire.

Este volume reúne boa parte desse ciclo de produção de Ana Cristina, até chegar na chamada “CiberSemiótica”, com tecnologias livres, que pratica hoje em dia. A autora consegue traduzir a complexidade teórica da semiótica em sistemas relativamente simples, adequados à aplicação imediata tanto no plano das línguas naturais quanto no domínio estético e nas áreas da informática de modo geral, além de apresentar tudo isso num tom coloquial bastante simpático ao leitor.

*Luiz Tatit*

*26 de outubro de 2019*



# **Pensamentos em Semiótica:**

## ***Canção, Educação e Tecnologia***

As tecnologias mudam com o passar do tempo. Nossa curiosidade, porém, cansada das novidades antigas, esquece que já foram novas; dessemantiza sua novidade. Só sabemos que as tecnologias evoluem de forma exponencialmente acelerada porque marcamos no calendário: somente novidade nova é novidade.

## Há curvas fora da linha: interdisciplinaridade

Com quantos paus se faz uma prancha? Um só. Sobre ela o surfista, cheio de pernas e braços e olhos e ouvidos e outros sentidos, espera, apruma-se e realiza sua performance cativante. Aprendi muito com os surfistas, menos isso: uma prancha basta. Nos caminhos por mim traçados sempre houve multiplicidade de pranchas, jangadas e canoas. Nada como a semiótica para ser o remo, o equilíbrio e a dança desses campos do conhecimento sobre os quais discorro aqui, deslizando.

Fiz um vídeo<sup>1</sup>, certa feita, para apresentar o laboratório SEMIOTEC e me ouvi dizer, então, algo totalmente anti-marketing: “o Semiotec é, na maior parte do tempo, uma

---

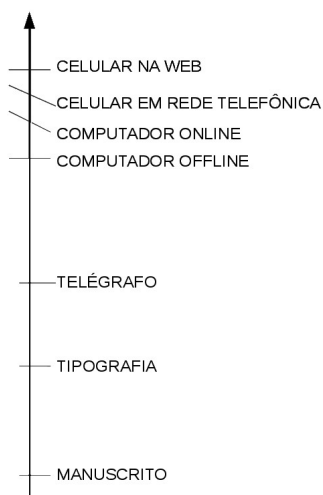
1 Disponível em diversos formatos na página do Laboratório: <http://textolivre.org/site/grupo-texto-livre-semiotica-e-tecnologia/>, ou diretamente, em OGG, no link <http://textolivre.org/arquivos/semiotec-2013.ogg>.

sala vazia”. A bem da verdade, se todos os SEMIOTECcistas ativos, ou textolivrensens, resolvessem usar o espaço físico do laboratório toda semana, bem mais que a metade sentaria do lado de fora, mas não é esse o motivo pelo qual a sala fica vazia e a maior pista sobre o paradeiro dessa espécie em ascensão são algumas luzinhas piscantes de alguns computadores eventualmente ligados: os SEMIOTECcistas estão ocupando espaço em outro lugar, mas estão presentes no grupo ligados pela rede mundial de computadores (WWW ou World Wide Web), ou somente web ou rede.

Outro dia uma amiga perguntou-me se estava certo escrever “*online*”. Eu respondi que não tenho certeza, mas que acho mais apropriado falar de web ou rede. E é isso: estar *online* - ou *on-line* - significa estar conectado por meio de computadores (o que inclui computadores móveis como celulares) com outras pessoas também conectadas da mesma forma.

Desculpem-me os colegas que já me afirmaram mil e uma vezes que o correto é “*on-line*”; esse tracinho me incomoda... estar *online* é estar dentro da rede o que, por sua vez, significa estar conectado com o mundo lá fora; esse tracinho parece-me, assim, uma separação injusta. Não significa estar “em linha” (como nossos amigos espanhóis fazem questão de traduzir, sem tracinho: “en línea”). Pelo menos em português, estar em linha é estar em contato apenas com o imediatamente na frente e o imediatamente atrás, numa fila, ou apenas com quem a gente dá as mãos, numa roda, lembrando que temos apenas duas. Estar na rede é diferente: é estar em contato com muitos. Essa relação que vai do um-um para o um-muitos, e vice-versa, é

especial e não pode ser desenhada num diagrama sem muitas perdas. Não possui linearidade nem no tempo, nem no espaço, o que me faz supor que cada um de nós projeta seu próprio tempo-espaço na rede, compreendendo-a de forma particular e compondo, com as inúmeras particularidades alheias, um ser/estar totalmente diferente do ser/estar a que chamamos de concreto.



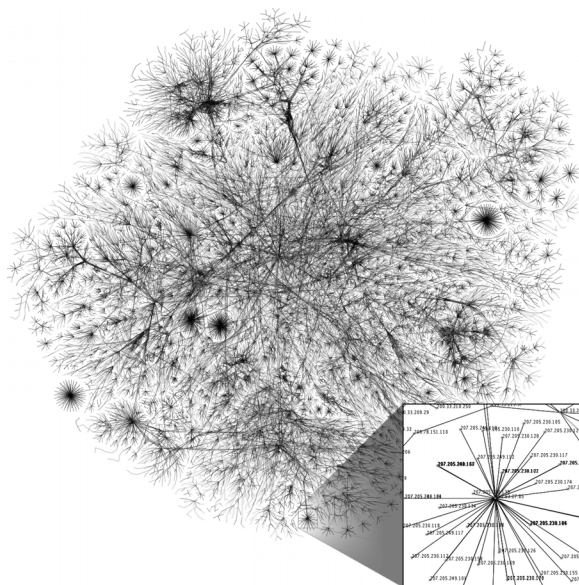
*Figura 2: Esboço evolutivo das tecnologias escritas no tempo. (mapa impreciso, apenas ilustrativo)*

Durante um bom tempo vivemos o delírio de pensar – e há quem pense – que a internet cria um novo espaço, o espaço *online*, o espaço digital, no qual teríamos finalmente a chance de viver fora de nossos corpos num local de extrema liberdade, no qual poderíamos construir um “eu” totalmente novo, fazendo um upgrade de nós mesmos. Certamente não foi a internet quem inventou esse desejo, que imagino ser tão velho quanto a humanidade após o advento da linguagem. Por sermos incapazes de copiar o mundo pela

linguagem, nos tornamos capazes de reinventá-lo. A internet acrescentou um fator importante a esse desejo: a velocidade, ou melhor, a aceleração, já que, diferente dos tempos em que mudanças sociais, culturais e tecnológicas levavam séculos para serem notadas, hoje é questão de poucos anos, e até de um ano para o outro, não de forma linear, mas aos saltos, algo como ilustra, de forma pouco precisa, a Figura 2.

Tecnologia é a chave da questão. Sim: até escrever com lápis é uma tecnologia e o que vemos não é a tecnologia moldando o destino da nossa cultura, mas nossos desejos, nossa imagem-fim moldando a nossa visão e atuação no mundo conforme apropria-se das tecnologias novas e antigas. Acho importante destacar que tecnologia *online* não é virtual; trata-se de uma ligação entre pontos (Figura 3), que a Wikipedia bem define:

A **Internet** é um sistema global de redes de computadores interligadas que utilizam um conjunto próprio de protocolos (*Internet Protocol Suite* ou TCP/IP) com o propósito de servir progressivamente usuários no mundo inteiro. É uma rede de várias outras redes, que consiste de milhões de empresas privadas, públicas, acadêmicas e de governo, com alcance local e global e que está ligada por uma ampla variedade de tecnologias de rede eletrônica, sem fio e ópticas. (In: Wikipedia, verbete Internet, URL <https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet> acessado em 13/3/2018).



*Figura 3: E escalabilidade das conexões na internet. Acessada em 13/3/2018, disponível na Wikipedia em:*

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet#/media/](https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet#/media/File:Internet_map_1024_-_transparent,_inverted.png)  
[File:Internet\\_map\\_1024 -](#)  
[transparent, inverted.png.](#)

A tecnologia digital evolui de forma tão inusitada na História da Humanidade que nos faz crer nela como dotada de um status diferenciado, superior, acima da nossa humanidade animal e limitada. É muito mais fácil resolver um bug do que achar a cura para o câncer, afinal o código no qual se encontrar um bug é exatamente o mesmo código que roda em outras máquinas, de modo que, resolvendo em uma, basta replicar nas outras que não sobra nenhum resquício do problema. Mas não somos simples como as máquinas, que julgamos tão complexas porque é difícil para a grande maioria de nós compreender seu funcionamento. O funcionamento de uma máquina é tanto mais simples quanto

mais específico seu objetivo: e nós? Qual nosso objetivo? Quem dera fosse possível elencar um só... biologicamente falando, nosso funcionamento já elenca vários: alimentar-se, descansar, reproduzir... E desses apenas três que citei nem precisamos sair do biológico para notar que pedem outros, objetivos viram necessidades e esses seres, que sequer conseguem ter ciência de todas as suas próprias, muitas vezes concluem que são assim pois falhos e, portanto, inferiores.

Acontece que a imperfeição é nossa melhor qualidade, é a que nos motiva, nos impele a desvendar os segredos do mundo e de nós mesmos. Nenhuma máquina pode ser mais complexa que nós, já que os olhos dos engenheiros de cada uma focaram apenas um leque restrito de objetivos. E a cura do câncer? São múltiplos tipos, múltiplos órgãos afetados, múltiplas idades, múltiplos modos de vida e daí para muitos outros múltiplos. A cura do câncer, em suma, não existe, estamos atrás de curas, no plural.

Acho essa multiplicidade fantástica. Por isso criei o Semiotec: para permitir que essas vozes que eu ouvia em atendimentos, correções de trabalhos, leituras, participação de eventos, que todas elas pudessem cruzar entre si e viver a riqueza dessa diversidade. Mas o espaço físico é o que menos importou para conseguir isso, mesmo que hoje esteja com as portas abertas para um belo projeto de inclusão do estudante de graduação, o ALCE de que falarei a seguir.

O Semiotec é uma sede, a sede de um grupo de pesquisa, ensino e extensão universitária, sede de uma comunidade dedicada à ciência aberta e ao *software* livre, o Grupo Texto Livre. Interessante ser uma sede, espaço, lugar, referência.



Podemos dizer que o Semiotec, sem as atividades que circulam, em geral digitalizadas, entre suas paredes, é, simplesmente, um gabinete de professor da UFMG, mas foi pela troca interpessoal e inter-IPs, pela rede, pela conexão, pela interatividade que o Semiotec ganha corpo e força. Além disso, o Semiotec não é a única sede do grupo, é, antes, uma referência institucional.

O grupo de estudos de semiótica GESMIG (Grupo de Estudos Semióticos de Minas Gerais, antigo UFMGES), com início anterior ao do grupo Texto Livre, teve o laboratório (na época, apenas gabinete) como sede também, e hoje volta a figurar entre os grupos que ali residem, temporariamente ou não. Outro grupo que nasceu no Semiotec e tem ocupado a sala com grande frequência é o ALCE - Ambiente Livre Colaborativo do Estudante<sup>2</sup> - da FALE/UFMG, um grupo concebido e implementado por professoras<sup>3</sup> da UFMG integrantes do Texto Livre para criar um espaço digital e eventos presenciais com a função de acolher e orientar os estudantes de graduação, num modelo colaborativo baseado no *software* livre e na ciência aberta, gerido pelos próprios estudantes.

Essa discussão sobre o lugar da presença física no mundo da universidade é muito mais complexa do que parece e faz lembrar, como contraponto, de uma categorização bem importante: conhecimento não é uma grandeza física. Foi-se o tempo em que o peso de um livro diria sobre ser ele, ou não, um “livro de peso”: o aprofundamento geral das áreas e

---

2 <http://alce.lettras.ufmg.br>

3 Eu e minhas colegas Adriane Teresinha Sartori e Daniervelin Renata Marques Pereira, ambas parceiras na preocupação social da pesquisa, do ensino e da extensão universitárias no âmbito dos projetos do Texto Livre.

formas diferenciadas de apresentação e tratamento de dados, assim como sua multiplicação em escala exponencial, fez com que chegássemos a um tempo em que nem mesmo os especialistas conhecem tudo que se diz a respeito da área de sua expertise. Ou seja, quanto mais objetivo um trabalho científico, quanto mais espartano, mais eficiente será. Constatação que é fácil na área de Exatas, mas difícil na área de Humanas, em que a ferramenta para falar da língua é a própria língua e a análise cultural, social, antropológica, histórica, dentre outras, é, por sua vez, também cultural, social, antropológica e historicamente determinada, e assim por diante, criando uma forte necessidade de primar pelo detalhe e pela repetição refraseada.

Não é difícil perceber que forma e conteúdo afastam Humanas e Exatas ao mesmo tempo em que uma vertente inter e transdisciplinar as empurra uma a favor da outra. Os campos aqui ceifados são tão conflitantes quanto essas grandes áreas. Deixemos que a semiótica os sintonize.

Os capítulos que seguem foram escritos em diferentes fases do trabalho desta pesquisadora no Semiotec, desde o tempo em que o grupo de pesquisa chamava-se Semiofon, aludindo à forte presença, em nossas pesquisas, da fonostilística, na área das ciências da fala e, mais especificamente, da Fonética Acústica, até os tempos atuais.

O Capítulo 1 busca mostrar as relações entre estes temas tão diversos, tal como apareceram nesse trajeto. O capítulo seguinte, *Categorias fechadas e abertas*, traz uma reflexão teórica sobre Semiótica, com os fundamentos do *software* livre *dadosSemiotica*, de nossa autoria, criado para ser a mesa de trabalho digital do analista do texto, em especial o

semioticista, mas não restrito a ele. Este *software*, cujo manual está no último capítulo deste livro (Capítulo 6), foi utilizado em todas as análises de texto aqui apresentadas. O Capítulo 3 traz um trabalho que explora, via semiótica das paixões e tensiva, uma questão de cunho social bastante polêmica, que traz embutida a maior parte dos preconceitos de cada sociedade: o que é música? A discussão teórica nele apresentada dá suporte à forma como trabalho com o conceito de meta educação no Capítulo 4. Em seguida, com o nome enigmático de Gatos pardos, chat sem negrito, o Capítulo 5, na linha interdisciplinar entre a Semiótica e a Inteligência Artificial, apresenta fundamentos e indicações metodológicas para um trabalho nesse campo. Finalmente, como comentado, o Capítulo 6 apresenta o dadosSemiótica, incluindo um manual completo da instalação ao uso, indicado a orientadores e analistas.

Assim, este volume apresenta um apanhado de Pensamentos em Semiótica, Canção, Educação e Tecnologia, ou seja, é dedicado aos fundamentos teóricos e projeções do trabalho, ambos intercalando-se e alimentando-se mutuamente em pesquisas interdisciplinares empreendidas desde o início das atividades do grupo Texto Livre por sua fundadora. Trata-se de uma incursão em meandros interdisciplinares que culminaram no desenvolvimento de um *software* livre para análise de textos - o *dadosSemiotica* -, atualmente em fase de betatestes por uma comunidade interdisciplinar de cientistas do texto, especialmente semioticistas formados e em formação, que prenuncia o próximo livro na tríade em que a autora empenha-se no momento.

Se considerarmos o livro Sementes de Educação Aberta e Cultura Livre (MATTE, 2018), este e o que aqui se

prelucida, nota-se uma relação peculiar, pois não linear, entre pressupostos e pressupostos. A interdisciplinaridade é a mola propulsora destes trabalhos e é ela quem explica aquilo que o olhar tradicional da construção acadêmica veria como idas e vindas pouco coesas, mas que constituem mais do que apenas o fundamento dessa trilha: constituem sua própria filosofia, sua forma de conceber e fazer ciência.

Outro aspecto que considero importante destacar é que, mais uma vez na minha trajetória, este livro agrega vários enunciatórios: alguns capítulos devem interessar a algumas pessoas, outros a outras. Meu enunciatório não necessariamente é alguém que invista seu tempo a ler o livro todo, mas isso, fique claro, não seria por sua vez um problema. Alguns lerão o texto inteiro, outros gostarão de focalizar algumas partes e isso é natural, num trabalho inter, trans e multidisciplinar. Há uma especificidade peculiar em trabalhos deste tipo, a qual, assim imagino, deixará de existir quando a interdisciplinaridade se tornar tão corriqueira que nem mesmo nos lembraremos de falar dela. Mas ainda vivemos no tempo da Especialidade. Você, leitor, para mim, sempre é um e sempre são todos eles ao mesmo tempo, fique à vontade para ser o que desejar.

Escolha sua trilha, seu atalho, sua rota, sua sorte: espero que encontre aqui e ali, nestas linhas, algum bom motivo para refletir.

## **Capítulo 1 Educação, tecnologia, música e semiótica**

Tão vastos os campos do conhecimento pelos quais nós, do Texto Livre, transitamos... pudera, não acreditamos que a ciência, de passado multidisciplinar num sentido de dispersão, tenha futuro sem a inter ou transdisciplinaridade, num sentido de conversão e dispersão como meteoros que se atraem e se repelem após uma colisão que não os deixa sair incólumes.

Às vezes me pergunto porque antigamente ninguém questionava o uso da tecnologia da educação... Opa, mas

isso era questionado, sim, embora não se usasse essa palavra. Ao exigir o uso do lápis e borracha para determinadas tarefas, o professor mostra saber do alcance dessa tecnologia em termos de refação, reescrita, enquanto, ao exigir o uso de caneta em provas, indica saber de suas limitações nesse mesmo sentido. Para seu próprio uso, o professor em geral escolhia a caneta vermelha para notas baixas e azul para notas altas; mas nem todos julgavam ser essa uma boa estratégia e questionavam se depreciar a nota baixa e expor seu fracasso seria mesmo a melhor forma de conduzir o aluno a querer melhorar. Ótima discussão: a cor vermelha da caneta não possui, *a priori*, o sentido negativo que aqui a acompanha, é o uso que lhe impinge conotações negativas. Se um professor usasse caneta vermelha para corrigir todos os trabalhos, dando todas as notas com ela, independente de serem altas ou baixas, o sentido negativo da tinta vermelha, acima descrito, desapareceria de imediato.

Com isso, buscamos esclarecer que não existe tecnologia boa ou má, existem bons e maus usos da tecnologia. Eu já disse isso antes: “Novas tecnologias só são novas. Serão boas ou más, adequadas ou inadequadas dependendo de como as usarmos.” (MATTE, 2018, p. 35)

Será mesmo? Sim e não: com certeza a valorização da tecnologia se dá pelo uso que dela fazemos, mas esse uso pode ser determinado por quem constrói a tecnologia, pelo menos parcialmente e não necessariamente com más intenções. Ah, intenções... são quase sempre irrelevantes. Canetas de cores diferentes podem ser maravilhosas ou perversas, dependendo de seu uso, e a intenção pode não ter responsabilidade alguma sobre o efeito causado.

Por exemplo, o caderno de caligrafia foi criado para exclusão social?

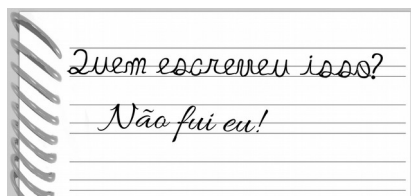


Figura 4: Montagem de um caderno de caligrafia, simulando letra cursiva com a fonte livre *Crème Brûlée* e a fonte livre *Allura*, no LibreOffice Impress, com imagem da mola editada no software livre GIMP.

Claro que não, ninguém estava pensando nisso quando achou que as linhas multiplicadas ajudariam a treinar uma letra melhor e mais legível (Figura 4). Coloque esse caderno na mão de uma criança com problemas de coordenação e exija dela que treine sua letra para que fique bonita: você se tornará imediatamente um professor que exclui um aluno por sua deficiência, tomando-a como algo que pode ser ignorado pois, com sua conduta, estaria a sugerir que a única forma aceitável de ser aluno seria a “saudável”.

Você fez isso para punir, como se usasse a caneta vermelha para dar nota zero? Não! Você fez isso pra ajudar o aluno a escrever melhor e com letra mais legível. Só que essa tecnologia não serve a todos, ela tem limitações e, infelizmente para todos os alunos a quem ela não servia, foi a única disponível por séculos<sup>4</sup>.

---

4 É incrível como a referência a esse trecho: “No ano de 1522, outro italiano, chamado Lodovico Arrighi, foi o responsável pela publicação do primeiro caderno de caligrafia” apareceu tantas vezes numa busca na internet que não me foi possível descobrir qual a real fonte da informação... Assunto para um artigo, com certeza. Fonte: <<http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/historiadaescrita.htm>>. Acessado em 11 de julho de 2017.

Não haveria sentido em proibir o uso de tinta invisível<sup>5</sup> numa prova, mas com certeza essa tinta teria outros usos que só o conhecimento dessa tecnologia permitiria alcançar. Conhecer a tecnologia não só permite utilizá-la: esse conhecimento também é crucial para que possamos reinventá-la e reinventar seu uso. Segundo a Semiótica (cf. BARROS, 2005), um sujeito realizado é um sujeito que fez alguma coisa porque quis (ou devia), soube e pode fazer. Se eu quero ou devo fazer algo, eu só faço se for detentora do saber e do poder, necessários e intrínsecos.

Como reinventar um caderno de caligrafia para uma pessoa com problemas graves de coordenação? Evidentemente uma situação hipotética como essa só pode ter uma solução igualmente hipotética, mas nos serve de exemplo: quem sabe se eu pegar folhas grandes de cartolina com as linhas da caligrafia ampliadas o suficiente para que fiquem confortáveis para a criança? Ou se eu acoplar uma caneta cujo traço digitalizável será apreendido na tela do computador em linhas simulando o caderno de caligrafia, após ajuste do tamanho confortável ao sujeito? Sem mais divagação sobre o tema: sim, é possível reinventar qualquer coisa, inclusive o caderno de caligrafia. Quando se fala que é inútil reinventar a roda, certamente não se considera que foi essa reinvenção que permitiu usá-la hoje em bicicletas, carrinhos de bebês, carros e aviões, por exemplo, ou mesmo transformá-la num brinquedo. Que bom que reinventamos a roda tantas e tantas vezes!

Está pra nascer a criança que, em condições normais de “temperatura e pressão”, nunca quebrou um brinquedo ou um objeto qualquer querendo saber como funciona ou o que

5 Ver [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tinta\\_invis%C3%ADvel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tinta_invis%C3%ADvel)



tem dentro. A curiosidade é natural não só do homem, mas de muitas outras espécies. A diferença é que o homem quer definir curiosidades boas e curiosidades más. Ninguém precisa saber que o lápis é feito de um bastonete de grafite coberto por madeira<sup>6</sup> para aprender a escrever com ele, mas esse pode ser um bom conhecimento se você está interessado em mantê-lo íntegro por mais tempo, já que a grafite quebra com impactos, mesmo que a madeira que você vê continue intacta. Mas se, para descobrir isso, você destruiu um lápis, possivelmente levou bronca.

Nem por um extremo, nem por outro: é importante aprender o valor das coisas e não sair quebrando tudo que vemos só porque a curiosidade mandou, mas também é importante aprender o valor da curiosidade e aprender que, se não dá pra quebrar tudo apenas para satisfazê-la, existem outras formas de saciar a nossa vontade de saber. É disso que a educação é feita: trazer meios para que possamos alcançar saberes e poderes cada vez maiores. A curiosidade é o que nos move, a educação nos dá balizas e diretrizes.

A cultura que diz que a verdade está nos livros, que o professor, quem já os estudou, vai nos contar essa verdade, é uma cultura do imutável, do estabelecido, uma cultura excludente que se autojustifica. Nessa cultura, o professor pode até fornecer algumas balizas e diretrizes no processo de ensino, mas o que realmente faz é transmitir o saber “válido”, que passa como uma pedra de mão em mão, pesada e desconfortável para a maioria. Assim, somente aqueles privilegiados, cujas mãos por acaso adequam-se facilmente àquela superfície áspera e irregular, conseguem

6 Ver <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A1pis>

carregá-la sem ônus e com vontade<sup>7</sup>. Algo de muito errado subjaz a essa filosofia que diz que a educação não é um fardo, mas que é adequada apenas para uma meia dúzia de mãos que o acaso escolheu.

Vemos, de um lado, uma educação que fornece balizas e diretrizes para nosso crescimento individual e social e, de outro, uma educação que nos fornece moldes aos quais devemos nos adaptar.

Deu vontade de pensar essa suposta dicotomia entre educações tão diferentes com os olhos da semiótica tensiva (FONTANILLE, ZILBERBERG, 2001). Nessa semiótica conseguimos desenhar – literalmente – o tipo de relação entre dois campos de valores para mostrar como essa relação cria o sentido dentro do quadro de valores em jogo num texto.

Essa abordagem permite observar, também, a possibilidade de gradações infinitas, transformando a dicotomia num eixo semântico contínuo, o que, embora não seja meu objetivo aqui, pode ser de grande valia em análises de textos educacionais, ou sobre educação, concretos.

---

7 Eu sempre me perguntei por que aprender era tão fácil para mim, aluna exemplar do grupinho escolar, escola municipal do que se chamava de primeiro grau, na época, sempre primeira da classe, totalmente adequada ao meio escolar tradicional, em suma, uma privilegiada (branca, diga-se de passagem); e, por outro lado, por que aprender era tão difícil para a maioria de meus colegas, que raramente tinham o mesmo desempenho e, muito menos, o mesmo prazer que eu tinha nisso. Filha de professora? Era o que eu pensava. Mas hoje, como mãe e irmã, sei que se por um lado, não é privilégio de todo filho de professor, por outro, com certeza, a dificuldade de meus colegas é a mesma da maioria das crianças advindas de famílias não letradas.

Então vale a pena retomar esse arsenal teórico, inclusive minhas próprias discussões e propostas a respeito dele, pois fazem parte da forma como aplico a teoria.

### **1.1. Liberdade, Liberdade**

Antes de ser grupo, o Texto Livre era um método: nasceu do desejo de levar a experiência motivadora da formação de professores rurais, tão longe na memória, mas tão presente nas ideias, para a formação de professores de português. Como, de um método, o Texto Livre tornou-se um grupo interinstitucional e extrainstitucional, atuante na pesquisa, no ensino e na extensão universitária, assim como no desenvolvimento de *Software* Livre e na formação de professores?

Antes de falar do funcionamento do grupo resultante dessa transformação, gostaria de refletir sobre o que é o método, o que ele de fato traz de novo, já que tenho insistido na metodologia do risco como uma proposta paulofreiriana de ensino a distância.

Tudo começou quando, em 2004, encontrei meus primeiros alunos universitários - professores e pesquisadores em formação - os quais, em minhas aulas de escrita acadêmica e de semiótica, estavam trabalhando, acima de tudo, a linguagem, essa linguagem que, na escrita acadêmica, os tornaria pesquisadores sagazes (MATTE, ARAÚJO, 2012) e, na semiótica, professores capazes.

#### **a) Escopo e instrumento**

Opa! Releia as últimas 3 linhas. Até a mim surpreende dizer que aulas de escrita seriam tijolos na construção do pesquisador e que aulas de semiótica formem professores;

claramente o professor precisa ser capaz e crítico para aulas que construam sujeitos proativos, e o pesquisador precisa ser hábil com as palavras para descrever aspectos sensíveis e muitas vezes invisíveis da realidade com a qual trabalha, portanto não é isso que surpreende, mas, sim, dizer que a *escrita* estimule a *sagacidade* e a *semiótica* desenvolva a *habilidade*, pois o senso comum coloca essas disciplinas como sendo, a primeira, da ordem da prática e, a segunda, da ordem da teoria, de modo que a escrita é usualmente tida como instrumento, enquanto a semiótica é tomada como escopo. Ao defini-las assim, “a semiótica está para a capacidade tal como a escrita está para a sagacidade”, estou propondo o contrário:

*semiótica : instrumento :: escopo : escrita*

Escopo versus instrumento: começo a compreender porque sempre me foi tão difícil explicar a metodologia Texto Livre: quando usamos de forma *sui generis* uma metalinguagem já estabelecida, até em nossa própria cabeça dá nó. Sempre me foi mais fácil aplicar do que explicar, por mais claro que fosse, para mim, o que exatamente estava eu aplicando (Figura 5).



*Figura 5: Direcionalidade e funcionalidade.*

Vou buscar, então, ferramentas - semióticas, diga-se de passagem - para buscar elucidar os meandros da abordagem aqui discutida: a semiótica da canção, com suas relações entre melodia e ritmo, entre passional e temático, e base definidora da semiose: a relação entre Plano da Expressão e Plano do Conteúdo, entre Forma e Substância. Os conceitos foram providos pelo Mini-dicionário Aurélio, de 2008.

A definição de escopo, no Mini-dicionário, p. 364, contém apenas as 3 palavras ilustradas aqui: "alvo, mira; intenção". Já instrumento, p. 483, vem definido por sua complexidade ("mais simples que aparelho") e por sua existência determinada por uma ação específica, uma função: "agente mecânico na execução de qualquer trabalho", "objeto considerado em sua função ou utilidade", "recursos

empregados para alcançar um objetivo; meio" e até na definição restrita "Objeto que produz sons musicais".

O escopo teórico é uma direcionalidade: determina qual o viés utilizado em uma determinada pesquisa, qual o ponto de vista adotado, o que define, por sua vez, o próprio objeto e os objetivos de uma análise, numa abordagem saussuriana da questão. Já o instrumental teórico é o meio pelo qual a direcionalidade é garantida. Em palavras bem simples: se o escopo é inserir ou extrair um prego, o instrumental "chave philips", cujo escopo são parafusos com fenda em formato de +, não vai funcionar; precisamos de um martelo com extrator de pregos.

Podemos, portanto, concluir que o escopo afeta o instrumento tanto quanto o instrumento afeta o escopo, ambos fazendo parte do mesmo ou de diferentes campos teóricos. Em todas as relações, cabe notar, o entorno, o pré-pesquisa e o foco geral são elementos que podem influenciar não só na escolha desse campo teórico como trazer argumentos para sua reformulação ou, pelo menos, para seu questionamento<sup>8</sup>.

A Semiótica, teoria do sentido, é uma ciência em construção<sup>9</sup> desde que se quis ciência, até o tempo presente, o que a torna uma teoria aberta a abordagens inter e transdisciplinares. Seu instrumental é rico o suficiente para ser utilizado em inúmeras áreas do conhecimento, desde que o foco seja a linguagem, e o

---

8 Todas essas qualidades são comuns à grande maioria das teorias, a semiótica aqui aparece como o objeto desta análise por ter sido, de fato, a teoria desenvolvida em disciplinas *on-line* e semi-presenciais que fazem parte do estudo que temos como horizonte e foi publicado em Matte, 2018.

9 Cf. GREIMAS, FONTANILLE, 1993.

escopo da pesquisa semiótica, definido pela significação, permite aplicá-la em outros tantos objetos e objetivos de pesquisa. Assim, como teoria, a Semiótica tanto pode ser tomada como instrumento quanto como escopo: ela organiza uma série de balizas que podem ser funcionais, ou direcionais, ou ambas. Com isso fechamos a primeira definição referendando esse raciocínio:

- a semiótica é usualmente escopo, mas pode também ser instrumento.

E quanto à escrita?

O ensino de escrita na universidade é tido como instrumental, o que significa dizer que o método, a linha teórica, a fundamentação, tudo isso tem importância secundária, sendo importante exclusivamente que a disciplina capacite o estudante como escritor em um ou mais gêneros. Isso explica por que o professor de escrita acadêmica, mesmo que o instrumental utilizado seja teoricamente fundamentado, sinta-se à vontade para abdicar de toda e qualquer referência sobre escopo e arcabouço teóricos em suas aulas.

Essa abordagem toma a escrita como instrumento, como se o conteúdo fosse um capítulo à parte. Escrita é só expressão? Ou seria só forma? Ao falar sobre a escrita, Roland Barthes aponta para a questão do estilo, algo que faz parte da escrita exatamente no que, semioticamente, podemos definir como eixo entre a imanência e a manifestação<sup>10</sup>.

---

10 Cf. BARTHES, 2006.

O autor discorre sobre a continuidade existente entre o que seria a gramática da língua (imanência: formas da expressão e do conteúdo) e excertos de seu uso (manifestado, novamente formas). Segundo ele, o estilo não é totalmente livre, pois tomar as regras como passíveis de alterações depende de um equilíbrio com o uso das regras para prover legibilidade. Dado que a arte existe exatamente por uma manipulação da gramática (seja da língua ou de qualquer outro tipo de linguagem) para ressignificar a semântica, somente quando a poesia desfigura o texto verbal percebemos a carne da língua: a substância feita do contraste entre tinta e papel ou de luzes coloridas e tela do computador (LARA, MATTE, 2009). No mais, com um uso pragmático e utilitário da linguagem, a substância é obediente às regras (forma) e, portanto, não se sobressai, dando espaço para o conteúdo, que também segue regras com tanto esmero que não se deixa perceber senão pelo que produz, o sentido (SILVA, 1995).

A despeito de toda a ênfase que se dá à escrita como instrumento, muitas teorias de estudos da linguagem se debruçam sobre ela como alvo, dentre as quais várias na linha de análise do discurso, estudos de literatura e, como eu não poderia deixar de citar, a semiótica Francesa, para quem o discurso é um dos níveis da análise do sentido textualizado. Além dessas, devemos lembrar o papel da escrita em áreas do conhecimento como a Educação e a Psicologia: em todos esses casos a escrita é escopo, algo bem diferente da escrita instrumental que se ensina em cursos de graduação, dentre outros, pois trabalha com direcionalidade e não com funcionalidade. Ou seja:



- a escrita, vista usualmente como instrumento, pode ser tanto instrumento quanto escopo, ou ambos.

Direcionalidade e funcionalidade não são dois extremos de um eixo semântico, o que temos são diferentes eixos. No sentido dado pela Semiótica da Canção para a oposição entre temático (veloz, repetitivo, rítmico, contínuo) e passional (lento, sinuoso, melódico, descontínuo), o primeiro denotando conjunção e, o segundo, disjunção, podemos dizer que a funcionalidade, “aquilo que é capaz de cumprir com eficiência seus fins utilitários; prático”<sup>11</sup>, seria temática, enquanto o escopo seria passional: a funcionalidade está para a solução (conjunção) como o escopo está para a reflexão (disjunção).

## **1.2. O texto e a semiótica – que semiótica?**

Estudar semioticamente um texto significa compreender como esse texto faz sentido, como esse texto constrói seu próprio sentido. Aliás, o que é texto? Neste subcapítulo, texto é abordado principalmente como sinônimo de *corpus* (GREIMAS, COURTÉS, s/d.). A semiótica tensiva busca compreender a tensão entre campos semânticos que, por trazer à tona valências, constrói o jogo de valores num texto.

Analisar um texto usando a teoria semiótica não significa emoldurar cada texto dentro de uma estrutura previamente construída, mas verificar os usos que o texto faz de tal estrutura para construir seu sentido específico. A primeira saliência do texto diz respeito à sua forma geral. Basicamente, início ou introdução, meio ou desenvolvimento

---

11 Do conceito de “funcional”, à página 421 do Mini Dicionário Aurélio.

e fim ou conclusão. Isso implica que o texto é finito e essa noção é básica a qualquer análise. Mesmo um texto retirado da vida cotidiana (a gravação de um diálogo, por exemplo) será um recorte e manterá com o texto original - o macro-texto do mundo real - uma relação de certa independência, pois ao ser retirado do contexto, perde alguns efeitos de sentido e ganha outros.

Cada texto “re-forma” a estrutura canônica, somando, subtraindo, dividindo, multiplicando as partes. Depende parcialmente do tamanho do texto, mas muito mais de sua organização interna. Assim, para a análise semiótica, é essencial definir exatamente o texto e, se for o caso, seu contexto (formado necessariamente por outros textos que, segundo a semiótica, não são necessariamente verbais).

Para começar, torna-se extremamente útil em uma análise a divisão do texto em partes; uma divisão aleatória, no entanto, como definir um número  $x$  de caracteres de texto verbal para cada parte, pode acarretar uma enorme necessidade de rearranjos durante a análise propriamente dita. Portanto, deve-se utilizar algum recurso analítico que propicie uma divisão coesa das partes.

A leitura compreensiva do texto (dos efeitos de sentidos, sem análise propriamente dita) permite nele identificar diferentes momentos. Na maioria dos casos, essa divisão ocorrerá em diferentes níveis do Conteúdo ou mesmo do plano da Expressão<sup>12</sup>, conforme a(s) linguagem(ns) em jogo no texto analisado. Não há problema algum em não haver homogeneidade no uso dos níveis para essa divisão, desde

---

12 Cf. Hjelmslev, 1968.

que ela não seja uma amarra para a análise que virá a seguir.

A Teoria Semiótica divide o conteúdo em três níveis: fundamental, narrativo e discursivo, do mais profundo e abstrato ao mais superficial e abstrato (BARROS, 1988). O Nível Fundamental é o nível da dicotomia de base, das tensões e das valorizações positivo/negativo. O Nível Narrativo é o nível actancial, das relações lógicas entre sujeitos, objetos e outros sujeitos; é o nível das modalizações. O Nível Discursivo é o nível figurativo, temporal e espacial, de aspectualizações e de breagens, de figurativização e atorialização, das pistas da enunciação.

Nesses níveis, que compõem a semiótica standard, existe uma estabilidade tamanha que a compreensão da geração do sentido na passagem de um para outro acaba sendo uma tarefa difícil e as análises baseadas nessa semiótica acabam tripartidas. Isso pode ser muito frutífero em vários tipos de análises, mas quando se trata de falar em paixões e daquilo que Greimas (1993) chama de “perfumes do nível fundamental” ela não é suficiente. A Semiótica das Paixões, de 1991 (GREIMAS, FONTANILLE, 1993), e a semiótica tensiva, de 1998 (FONTANILLE, ZILBERBERG, 2001), vieram para abrir leques de opções cuja riqueza ainda está sendo explorada pelos semioticistas. Para apresentar essas duas semióticas, apresento no próximo capítulo alguns estudos que fiz sobre a canção e o gostar de música.

### ***1.3. Arqui Canção e Meta Educação***

A Semiótica da Canção é uma linha de aplicação da Semiótica Greimasiana que possui como objeto a canção brasileira e foi concebida por Luiz Tatit, cancionista e

professor-pesquisador-semioticista internacionalmente reconhecido. Canção pode ser definida como um objeto linguageiro sincrético por trabalhar simultaneamente com duas linguagens sonoras: a linguagem verbal e a linguagem musical. O elo entre elas – a letra e a melodia – é o fato de usarem os mesmos componentes da fala: ritmo, altura e silabação. Essa identidade é responsável pela produção de sentido na canção, constituindo uma semiose particular, diferente da que acontece isoladamente em qualquer uma das duas linguagens nela sincretizadas, como apresentam Tatit e Lopes (2008):

Uma compreensão mais aprofundada da linguagem da canção exige que busquemos, para além das peculiaridades substanciais do verbal e do musical, os traços gerados na interação de um e outro. Assim, se a análise pode muito bem se debruçar sobre sentidos desencadeados na união de letra e melodia, cedo ou tarde é preciso que ela venha a examinar o que é que decorre da intersecção dessas duas faces. Nesta etapa do estudo, estaremos interessados, já não tanto nos “sons” musicais ou nos “conteúdos” da letra, e sim na forma dos procedimentos comuns aos dois componentes da canção: a preocupação é com algo que possua um grau de abstração suficiente para pôr em relação o verbal e o musical. Um tal esforço de abstração é como que o preço a pagar por um conhecimento menos anedótico da canção nas suas especificidades. (TATIT, LOPES, 2008, p. 11-12)

Durante a longa trajetória com, sobre e na canção, Tatit trabalhou a ideia de três grandes gestos definidores do sentido na canção popular: a *figurativização*, que recupera a fala no canto, muitas vezes praticamente descartando-o para obter diferentes efeitos de sentido, a *tematização*, que

explora a repetição, a velocidade acelerada, a marcação rítmica e melodias que traduzem a proximidade em melodias simples e poucos semitons entre os extremos agudo e grave (tessitura pequena), denotando conjunção, e finalmente, a *passionalização*, oposto da tematização, denotando disjunção pela distância entre os extremos melódicos, as longas sequências melódicas, com saltos e pouca repetição, na qual o ritmo lento demora a retornar.

A *tematização* e a *passionalização* não constituem modelos práticos, mas arqui-canções, pois em cada canção concreta, internamente, esses dois por assim dizer estilos ou alvos semióticos atuam explicando-se mutuamente (por exemplo, na relação entre parte A, parte B e refrão):

A presença simultânea da tematização, da passionalização e da figurativização no mesmo campo sonoro e o revezamento das dominâncias de um processo sobre o outro constituem projeto geral de dicção do cancionista. A composição, em si, já propõe uma dicção que pode ser transformada ou aprimorada pela interpretação do cantor, pelo arranjo e pela gravação. (TATIT, 2003, pg. 10)

Da mesma forma, quando trago a ideia da meta educação, tenho como parâmetros, de um lado, uma educação da educação, no sentido de um conjunto de princípios fundadores que, estabelecendo um eixo semântico, cria a oposição entre a educação libertadora e a conservadora (MATTE, 2018, p. 54), e, de outro, o conceito de arqui-canção, como proposto por Tatit, ou seja, um conjunto de balisas que carregam os efeitos de sentido ora para um extremo, ora para o extremo oposto, num jogo que cria, em cada caso específico e concreto, ou seja, em cada amostra a

ser analisada, um espaço específico localizado nesse eixo semântico.

Os estudos da canção tiveram um papel fundamental nas formulações aqui discutidas, por essa relação com a arqui-canção, como também por permear todas as discussões sobre a continuidade e a descontinuidade que explicam nossas escolhas, tais como a fonética acústica, em nossos trabalhos de 1999 a 2015, e a semiótica tensiva, que compreendo como parte importante do arsenal teórico da semiótica de linha francesa.

Semiótica é objeto, é linguagem e é teoria. Escrita? Uma semiótica, uma linguagem que registra teorias. Canção é objeto, é linguagem que discorre poeticamente sobre o mundo. Educação é objeto, é linguagem, é teoria. E nós somos seres semióticos escritos em poemas apressados sobre uma natureza imperfeita.

Entre dois pontos há uma infinidade de outros. Só podemos compreendê-los como tal se os separarmos: as categorias estão na base do pensamento humano, fundadas sobre a identidade e sobre a diferença. Nossa linguagem, portanto, não existe sem que haja um eu e um outro.

## **Capítulo 2    Categorias fechadas e abertas**

Dada a natureza da teoria semiótica, que se define pela busca pela forma como o sentido é produzido a partir de recorrências abstratas, as quais são por ela organizadas em três níveis analíticos, no que tange ao conteúdo do texto, e especialmente graças à definição dada pelos autores do livro que fundou o estudo das paixões semióticas (GREIMAS, FONTANILLE,1993), começou-se a formular

hipóteses calcadas em sua lógica subjacente, inicialmente focando a temporalidade, em nossa tese de doutorado (MATTE, 2002), e, como docente da UFMG, a partir de 2004, focando uma pequena parte do Nível Narrativo, num trabalho realizado com uma turma de estudantes em formação como pesquisadores, foi possível constatar uma forte coerência entre a epistemologia e a *práxis* semiótica, contemplando-se a relação entre os Planos do Conteúdo e da Expressão de forma inédita até então, na interdisciplinaridade com a Fonética Acústica (MATTE, 2004a. MATTE, 2004b e MATTE, 2004c).

Tais achados permitiram dar continuidade a esse tipo de pesquisa, com a convicção de que o Plano da Expressão revela emoções, as quais são, na esteira de Greimas e Fontanille (1993, p. 154-155), perturbações corporais perceptíveis<sup>13</sup>, enquanto o Plano do Conteúdo seria o responsável pela informação socializável da paixão propriamente dita, que é, segundo esse paradigma, um percurso que envolve a moralização social do modo de ser de um sujeito, totalmente narrável.

A emoção, dito de outra forma, revela a paixão quando perturba os padrões esperados de comportamento, como alterações na letra manuscrita, alterações de duração, intensidade e frequência na produção de fonemas etc. No entanto, para que fosse possível transformar estes achados em matéria-prima para um trabalho interdisciplinar que permitisse tornar a leitura automatizada numa leitura

13 “O comportamento passionnal pertence à classe das manifestações somáticas da paixão: enrubescimento, palidez, angústia, sobressalto, críspação, tremor etc. Podemos convencionar chamar tais manifestações de emoções. O efeito de <<irrupção>> do somático na superfície do discurso (...)”. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 154-155).



automaticamente semiotizada, nosso objetivo desde 2002, a coleta de dados deveria ser muito maior do que as formas tradicionais de trabalho de análise semiótica do texto; é aí que entra o *dadosSemiotica*<sup>14</sup>, um *software* modular e livre, com código aberto, criado pelo Grupo de Pesquisa Texto Livre<sup>15</sup> para permitir que as análises nele feitas servissem para transformar sua capacidade de captar, automaticamente, relações até então somente possíveis pelo escrutínio humano e manual. Esse *software* livre visa capacitar o analista a criar aquilo que gostamos de chamar de “projeto DS”: um projeto que, dentro do *software*, planeja e organiza o que será feito com base na proposta do pesquisador.

O caráter modular do *dadosSemiotica* garante que ele possa incluir novos módulos, permitindo, no avanço entre diferentes versões, incluir funcionalidades desejáveis para pesquisas interdisciplinares, tais como a análise retroativa comparando dados de análise semiótica manual e dados em busca de padrões automatizáveis, bem como desejáveis para seu uso didático, com a criação de um módulo de categorias semióticas a partir do estudo das categorias fechadas.

Desse modo, a criação de um quadro de Categorias Fechadas em Semiótica, com base na Teoria Semiótica standard, foi imperativo para a fase atual de retomada do *software*, em que está sendo desenvolvida a versão 2.0<sup>16</sup>. O estudo foi realizado em três etapas, uma das quais não prevista inicialmente. A primeira etapa foi uma pesquisa-

---

14 Cf. MATTE et al, 2012 b. Também disponível em <http://textolivre.pro.br/ds/>

15 <http://textolivre.pro.br>.

16 Apoio do desenvolvimento pelo edital Pesquisador Mineiro, processo N° CHE – PPM-00260-16.

piloto que mostrou ser essa abordagem muito promissora para a realização do projeto, o qual incidia estritamente sobre o Nível Narrativo do Percurso Gerativo do Sentido. Contudo, exatamente como esperado, quando se passou a trabalhar os outros níveis, surgiram problemas para a criação de tais categorias, talvez decorrentes de um extremo cuidado em não se forjar categorias fechadas onde não existissem: segundo a Teoria Semiótica aqui trabalhada, existe uma relação de aumento de complexidade entre os níveis e um tratamento diferente de questões analíticas de continuidade e descontinuidade entre eles.

As categorias fechadas podem ser mais ou menos complexas, mas são caracterizadas pela descontinuidade e, a fim de não deixar de lado o componente contínuo, foi necessário, antes de iniciar a última etapa de elaboração da Tabela de Categorias Fechadas, perfazer uma retomada da Teoria Semiótica e alguns de seus pressupostos epistemológicos a fim de permitir que a composição de um módulo semi-automático de análise semiótica para o *dadosSemiotica* fosse produtiva tanto no campo das pesquisas semióticas quanto no campo do ensino desta teoria.

Defendo que o estudo das categorias fechadas é essencial para agilizar o estudo da Semiótica básica ou standard, o qual, se por um lado é essencial para a compreensão de conteúdos avançados, por outro lado é, na atualidade, uma parte pequena do que se espera como conhecimento necessário ao trabalho do semioticista. Sendo assim, essa agilização é uma necessidade. Cabe notar, porém, que não se trata de modificar a semiótica nem de determinar que a presente abordagem seja a única possível para uma análise

semiótica: trata-se simplesmente de mais uma opção metodológica. Desse modo, este capítulo foca a análise da própria Teoria Semiótica - não a análise de um *corpus*, como de costume, mas dos fundamentos e postulados que a teoria nos oferece - a fim de engendrar uma proposta inicial para a Tabela de Categorias de Análise Semiótica Fechadas.

## **2.1. Categorias Fechadas**

Categorias fechadas foram definidas, no escopo do presente trabalho, como categorias de análise semiótica com número limitado e teoricamente definido de opções no que tange aos tipos de resultados das análises específicas, com dependências e vínculos hierárquicos normalmente tomados apenas como classificações e que pretendemos, nesta análise da própria teoria, recuperar. Não se trata, portanto, do mesmo conceito de categoria utilizado no Nível Fundamental, no qual vamos analisar a categoria de base do texto, uma oposição semântica que explica o texto como um todo e é valorizada em seus extremos opostos como eufórica e disfórica.

Uma categoria fechada em semiótica seria, por exemplo, a foria, pois temos apenas 2 opções de análise (disforia e euforia), com mais duas posições intermediárias previstas, caso seja adotado o quadrado semiótico como modelo de sintaxe, abordagem pertinente, especialmente porque esse eixo semântico pertence ao Nível Fundamental. Assim, ao analisar um texto determinado, posso eventualmente perceber que ele conduz a foria pelo seguinte trajeto:

disforia → não-disforia → euforia

Se é possível perceber isso, é natural que o analista consiga delimitar, de forma mais ou menos clara, conforme o texto, os momentos de passagem de uma sobremodalização fórica a outra e, portanto, consiga apontar, no caso de um texto verbal, por exemplo, quais sentenças configuram cada uma das sobremodalizações cujo percurso foi detectado no texto, mesmo quando não houver uma verbalização direta dessa configuração.

A possibilidade de segmentação do texto verbal em unidades mínimas de análise pela semiótica e sua vinculação a classificações resultantes da própria análise é a base do *software dadosSemiotica*. Os quadros aqui apresentados foram também, no início de 2018, em uma versão preliminar, o mote organizador de um Curso Aberto de Semiótica, *online* e autoinstrutivo, que passou imediatamente a ser utilizado na graduação em Letras da UFMG como complemento a uma disciplina de segundo nível, em termos do avanço na teoria, além de ser utilizado por membros do Grupo de Estudos Semióticos da UFMG (UFMGES) para nivelar o conhecimento e permitir um avanço rápido na discussão<sup>17</sup>.

O quadro visa apresentar a maioria das categorias fechadas possíveis no escopo da teoria semiótica do texto e do discurso.

Para ser fechada, uma categoria de análise precisa ter um número restrito de opções de resposta, ou seja, quando uma análise for feita, a rotulação do excerto do objeto de análise

---

17 Disponível até 2019 em <http://textolivre.pro.br/moodle>., ano em que foi adaptado e incorporado a um curso novo, que já traz as categorias fechadas como princípio didático, com todo o material livre e aberto na página do grupo: <http://textolivre.pro.br/>

em foco é limitada a um número  $n$  de opções. Trata-se, portanto, de uma classificação a qual, na Semiótica, cria um conjunto de referências para a compreensão de:

- i. como os efeitos de sentido de um determinado texto são criados;
- ii. quais as possibilidades de interpretação previstas por ele.

A classificação, em si, é descritiva: é a análise das classificações e das relações entre elas que permite ao analista obter informações relevantes para a compreensão do texto. Por esse motivo, a ideia de montar os quadros das categorias fechadas dos fundamentos da semiótica francesa pode ser descrita como um resumo esquemático dos fundamentos da Semiótica de Linha Francesa, com ecos tanto na didática quanto na pesquisa que siga essa vertente teórica.

A abordagem esquemática, porém, não implica a negação da processual: todas as relações são processuais no texto, todas são móveis e dependentes de contexto e sequencialidade.

## ***2.2. Princípios Gerais***

Dois princípios do Percurso Gerativo do Sentido são essenciais para que se possa compreender as decorrências de cada configuração em todos os níveis de análise:

- i. **sobremodalização fórica (ou tímica)**, que é a valoração positiva ou negativa dos termos do Nível Fundamental e que afetam também, por consequência, os termos dos níveis superiores. Como explicado acima no item (i), não se trata de uma valorização inerente, mas acionada pelo quadro de

valores no qual se insere cada texto. Nenhuma valorização – positiva ou negativa – é dada *a priori*, mas definida em cada texto. Para fins deste trabalho, esse princípio vai ser tratado como um módulo interno acionado pela instância da Enunciação no próprio ato de instauração do texto: o Enunciador aciona esse módulo pela determinação do que é eufórico e o que é disfórico nesse quadro de valores; ao fazer essa opção, há uma auto-organização dos outros níveis pela sobremodalização fórica herdada do Nível Fundamental. Não significa que todos os elementos dos outros níveis estejam já automaticamente definidos a partir do Fundamental, o que seria impossível, dado o acréscimo de complexidade em direção ao Discursivo, mas que essa escolha limita as opções possíveis nos níveis superiores.

- ii. **desconformidade:** não há isonomia entre os níveis de análise, sendo o Nível Fundamental considerado o mais simples porque possui muito menos elementos do que o Nível Discursivo, o mais complexo, ou o Nível Narrativo, intermediário. Desse modo, não é possível traçar paralelos entre os níveis. Não obstante, deve-se ter em vista a existência de uma relação hierárquica entre eles, uma vez que os níveis mais profundos afetam e orientam os elementos dos níveis mais superficiais

Além disso, na esteira de Hjelmslev (1968), vamos considerar, para a construção dos quadros, a diferença entre elemento (funtivo) e movimento (função):

- elementos (funtivos): actantes, atores, termos, valores etc;
- movimentos (funções): aspectualização, transformação de estado, manipulação etc.

Será observada também a condição intra ou inter-níveis das classificações. Trata-se de uma condição prevista desde os primeiros estudos semióticos, na década de 60, cuja existência revela algumas nuances da passagem, ou melhor, da relação entre os diferentes Níveis de Análise, embora a grande maioria das categorias de análise seja intra-níveis. Sua discussão é relativa à consistência do modelo tomado como gerativo e é por esse motivo, fundamentado no caráter não exclusivamente dedutivo da Semiótica, que preferimos, no presente trabalho, falar em Níveis de Análise ao abordar os Níveis do Percurso Gerativo do Sentido: assim mantemos como princípio máximo da semiótica o sentido do texto como um todo, revelável somente por sua totalidade e não como resultado da soma de suas partes, pois a retirada de um excerto para análise sempre incorre em alteração de seu sentido.

### ***2.3. Quadro Geral***

O quadro abaixo (Tabela 1), foi montado a partir do conteúdo de cursos de introdução à semiótica (USP e UFMG) e de livros de fundamentos de semiótica (GREIMAS; COURTÉS, s/d; GREIMAS, 2014; BARROS, 1988, 2005. TATIT, 2001; LARA; MATTE, 2009), que formam boa parte do embasamento desta proposta de apreensão da Semiótica pelas Categorias Fechadas. O quadro procura dar conta de todos os fundamentos, de forma esquemática, e tem o propósito de indicar quais são os conceitos teóricos

pertinentes ao estudo das categorias fechadas em Semiótica. É importante frisar que a afirmativa quanto a essa pertinência (última coluna da Tabela 1) não implica que a função seja integralmente passível de categorização do tipo fechado: na maioria dos casos só o é parcialmente.

\* os elementos do movimento passional fazem parte de outros movimentos de análise, de modo que a configuração passional será analisada, de forma sucinta, como resultado desses movimentos.

Cabe discutir brevemente os termos apresentados no quadro geral a fim de aprofundar a noção de categoria fechada e explicar porque algumas classificações não se enquadram nesse conceito:

- Níveis: A semiótica propõe a análise do texto em 3 níveis, do mais superficial e concreto/discreto ao mais profundo e abstrato/contínuo: o Discursivo, o Narrativo e o Fundamental. Embora tenhamos apenas 3 opções, não se trata de uma categoria fechada, pois a categoria relativa ao nível só pode ser classificatória para os elementos do texto em seus desdobramentos internos, no que tange à sua sintaxe e sua semântica. Em outras palavras, os níveis da análise não correspondem a categorias de análise, mas a diferentes esferas da abordagem teórica relacionadas entre si de forma hierárquica e gerativa (GREIMAS; COURTÉS, s/d, p. 327-328): todo texto possui em toda sua extensão esses três níveis, mesmo que em algum trecho ou texto isso seja menos evidente que em outro. Além disso, algumas classificações só são possíveis a partir do exame cruzado entre elementos de diferentes níveis.



**Tabela 1: Quadro Geral dos Fundamentos de Semiótica, segundo a pertinência da abordagem pelas Categorias Fechadas.**

Nível	Movimentos	Elementos	Cat. Fechadas?
Discursivo	Enunciação	Enunciador, enunciatário, quadro de valores	Não
	Debreagem	Tipo de Atores	Sim
	Veridicção	Ser, Parecer	Sim
	Aspectualização	Pessoa, espaço, tempo	Não
	Configuração isotópica	Temas, figuras, conectores, desencadeadores	Não
Narrativo	Dimensão Pragmática: Transformação (Ação)	Sujeito de Estado (S1), Sujeito do Fazer (S2), Objeto Descritivo, Junção	Sim
	Dimensão Cognitiva: Manipulação, Sanção	Destinador, Destinatário, Objeto Modal	Sim
Fundamental	Oposição Semântica (quadrado semiótico)	Contrários, Subcontrários, neutro, complexo, foria	Sim
	Configuração Tensiva	Profundidades, Valências, Valores	Sim
Entre-níveis	Tipagem da Ação	Sujeito de Estado (S1), Sujeito do Fazer (S2), Ator, Junção	Sim
	Paixão	Actantes, Atores, Aspectualização, Veridicção	Sim *

- Instância da Enunciação: Embora seja possível, em alguns textos e em alguns trechos dos mesmos, perceber, por exemplo, que as marcas da Enunciação ali presentes são relacionadas mais à figura do Enunciador que à figura do Enunciatório, o qual não passa de uma projeção das expectativas do primeiro sobre a imagem que ele próprio tem do segundo<sup>18</sup>, esses papéis são complementares e sua construção a partir do enunciado é sempre adstrita. Já o quadro de valores, se descrito, varia conforme a complexidade do texto, com mais ou menos elementos a serem considerados para sua descrição. Assim, consideramos que a instância da enunciação, excluídos os elementos do processo de debreagem, não pode ser tomada como uma categoria fechada.
- Debreagem: uma definição de debreagem suficientemente abstrata é a encontrada em Tatit (2001, p. 40): as debreagens são “operações que fundam o enunciado a partir de seu necessário desligamento da Enunciação”. A debreagem como categoria de análise é constituída por três referenciais: a pessoa (eu/ele), o espaço (aqui/lá) e o tempo (agora/então). Ao tomar para cada referencial uma classificação relativa ao sujeito da enunciação que pode ser descrita como pertinente a uma categoria semântica com os extremos concentrado (eu/aqui/agora) e difuso (ele/lá/então), a Semiótica permite criar uma classificação fechada de cada ocorrência no texto. Podemos tanto optar por classificar 3 categorias (pessoa, espaço e tempo

---

18 Cf. MATTE, 2014.

debreados) quanto optar por sua classificação semântica, como aqui proposto (concentrado vs. Difuso), definindo-se, assim, a debreagem como categoria fechada para a análise semiótica.

- Veridicção: com uma concepção altamente produtiva, a estrutura deste elemento mantém-se desde sua proposição em 1980 (GREIMAS, 2014); a verdade no texto, segundo a semiótica é um efeito de sentido decorrente da relação entre dois referenciais, o *ser* e o *parecer-ser* (ou, simplesmente, *parecer*), cada qual tomado por sua asserção ou por sua negação. Desse modo, as opções de análise são limitadas a quatro (*é* e *parece*: verdade, *não é* mas *parece*: mentira, *não é nem parece*: falso e *é* mas *não parece*: segredo), constituindo uma categoria fechada de análise.
- Aspectualização: definida como o modo pelo qual a pessoa, o espaço e o tempo são percebidos por um observador interno ao discurso, a aspectualização pode aparecer em muitas configurações diferentes. Por exemplo, uma pessoa pode ser percebida como explícita ou sutil, introvertida ou extrovertida, sociável ou tímida, presente ou ausente etc. Essa classificação, por meio de expressões figurativas, é infinita e depende do texto, mas é possível, a partir da semiótica tensiva e das paixões, encontrar uma classificação menos volúvel. Essa abordagem pede, no entanto, uma análise mais profunda que excede os limites dos propósitos das categorias fechadas, que devem ater-se aos fundamentos da semiótica. Então, embora a aspectualização faça parte desses fundamentos, até o presente momento tomamos como

premissa que sua análise como categoria fechada não seria didática, só cabendo em incursões de pesquisa avançada, o que ainda carece de maiores investigações.

- **Isotopias:** a análise das isotopias considera tanto o tema (ou temas) sobre o(s) qual(is) versa o texto quanto as figuras (referências semânticas ao mundo natural) associadas a ele no mesmo texto. Podemos ter um ou muitos temas, assim como uma ou muitas figuras e, desde cedo, a Semiótica assume que, embora possamos falar em textos figurativos e textos temáticos, nenhum texto é exclusivamente temático ou figurativo, preferindo-se, já que todo texto gira em torno de pelo menos um tema, falar em textos temáticos com figuratividade esparsa ou textos figurativos (temáticos com figuratividade forte) (BARROS, 2005, p. 68-69). Não se trata de uma dicotomia, podendo haver maior ou menor figuratividade e um número maior ou menor de temas, de modo que não se trata de uma categoria fechada, nem mesmo se apelamos aos recursos de conectores de isotopias ou desencadeadores de isotopias, pois podem variar enormemente quanto à qualidade da ligação ou da mudança, respectivamente, e à frequência com que aparecem no mesmo texto.
- **Dimensões da narrativa:** as dimensões da narrativa são totalmente compatíveis com o conceito de categoria fechada, pois tanto os actantes são em número limitado (sujeito de estado, sujeito de transformação e objeto na dimensão pragmática e

destinador e destinatário na dimensão cognitiva), quanto as transformações e etapas podem ser classificadas por um número limitado de opções. Cada dimensão da narrativa, como veremos, constitui um conjunto de categorias fechadas.

- Quadrado semiótico: embora os elementos do Nível Fundamental sejam relativos ao texto como um todo, é possível - e até mesmo desejável em algumas análises semióticas - relacionar as diferentes posições do quadrado semiótico a diferentes trechos do texto, em função dos percursos previstos pelo quadrado; assim, a análise do texto a partir do quadrado semiótico é pertinente como categoria fechada. A foria pode ser observada da mesma forma, indicando momentos em que a valorização positiva ou negativa das posições é saliente no texto.

Em virtude do grande alcance do estudo das paixões e da tensividade na semiótica atual, tanto paixões quanto tensividade foram elencadas como tópicos do Curso Aberto de Semiótica<sup>19</sup>, mas o trabalho com as mesmas na forma de categorias fechadas carece de um aprofundamento que excede os limites do quadro geral aqui proposto, que deve ser visto como o ponto de partida dessa sistematização. É importante frisar, portanto, que se trata de uma primeira incursão, não conclusiva, mas, sim, incoativa e passível de aperfeiçoamento, na aplicação metodológica das categorias fechadas em Semiótica.

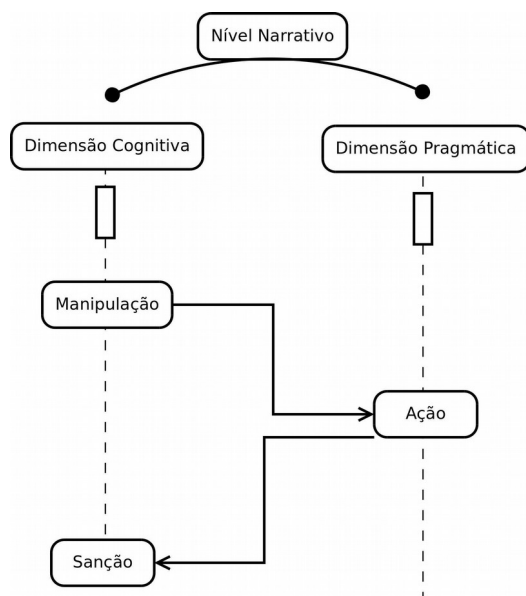
---

19 Confira o material aberto do curso, disponível em <http://textolivre.pro.br/>

## **2.4. Quadros específicos da Categoria do Nível Narrativo**

O Nível Narrativo é um nível do percurso gerativo do sentido (podendo ser assumido como um nível de análise do texto) caracterizado por sua natureza lógica. Mais do que os elementos narrativos, a esse nível de análise interessam as relações entre eles, hierarquicamente organizadas em sistemas de pressupostos e pressupostos. Tal característica faz deste nível de análise o candidato perfeito para o quadro de categorias fechadas, pois trata-se quase sempre de ou isto, ou aquilo e de se isto, aquilo.

Para facilitar a visualização do quadro, partimos da estrutura canônica da Narrativa, segundo a semiótica (Figura 6 a seguir).



*Figura 6: Sequência dos percursos do Nível Narrativo distribuídos nas suas duas dimensões .*

A Narrativa baseia-se numa sequência de transformações da relação entre sujeitos e objetos que passa por três estágios – os Programas Narrativos de Manipulação, Ação e Sanção – organizados por um sistema de pressuposições: a Manipulação é pressuponente da Ação, a qual, por sua vez, é pressuposta pela Sanção, que a segue. Numa bela jogada de abstração aplicada sobre o esquema canônico do conto russo proposto por Wladimir Propp (PROPP, 1983), Greimas definiu cada estágio exclusivamente por relações e valores regentes dessas relações entre sujeitos e objetos – e entre sujeitos e sujeitos. Assim, o Nível Narrativo é composto por duas dimensões, a dimensão pragmática, em que se dão as relações entre sujeitos e objetos, e a dimensão cognitiva, na qual ocorrem as relações entre sujeitos. Acrescente-se a

estes elementos – sujeitos e objetos – a noção de valor, e está criado o Nível Narrativo, de natureza lógica, perfeitamente adaptável a qualquer – qualquer – tipo de texto, muito além do conto tradicional analisado por Propp (1983).

Dito isso, observa-se na Figura 6 que a relação entre sujeitos (Manipulação no início da sequência canônica e Sanção no final) determina e avaliza a ação, que trata da transformação da relação entre sujeitos e objetos.

Na Dimensão Pragmática do Nível Narrativo temos dois tipos de sujeitos: o Sujeito de Estado (S1) e o Sujeito do Fazer (S2). O estado de S1 é o foco da dimensão Pragmática, muito embora S2 seja o responsável pelas transformações de estado que movimentam toda a Narrativa e, por esse motivo, são motivadoras de interesse. Nessa dimensão o objeto é sempre descritivo – definindo-se Objeto Descritivo como o objeto diretamente visado pelo Sujeito de Estado (S1) – e, assim, a transformação de estado não é uma relação direta entre os sujeitos, mas uma relação mediada por aquilo que o S2 faz com a relação do Ov para com o S1. No caso do esquema da Figura 7, S2 transforma a conjunção de S1 com o Ov em Disjunção, uma privação. A simples inversão da seta transforma essa privação em aquisição.

- Retomando-se o princípio (ii) acima, que se referia à falta de isonomia entre os níveis, a análise desses dois tipos de transformação – aquisição e privação – pode receber mais uma divisão, se tomarmos como parâmetro o ator do Nível Discursivo que está alocado nas posições narrativas de S1 e de S2, sendo



transitivo quando S1 e S2 são papéis actanciais ocupados por atores diferentes. Nessa situação, a aquisição e a privação, respectivamente, serão chamadas de doação e espoliação.

- Não é incomum, porém, que S1 e S2 sejam papéis actanciais ocupados pelo mesmo ator do Nível Discursivo (eu comprei o lápis: eu, S2, mudei meu estado de disjunção como S1 com o lápis para um estado de conjunção). Nesse caso reflexivo - de mesmo ator sincretizando os papéis de S1 e S2 - teremos a apropriação para a aquisição e renúncia para a privação.

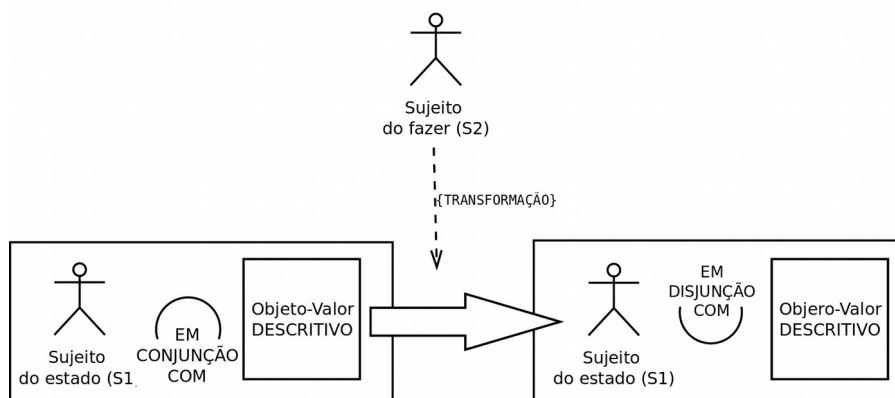


Figura 7: Transformação de estado.

A Função de transformação do estado na Dimensão Pragmática funciona como uma chave de comutação: na direção apontada nesta figura pela seta central, temos uma privação, ou seja, o S2 transforma o estado de conjunção com o objeto em um estado de disjunção. Basta inverter a

direção da seta para caracterizar uma transformação contrária, uma aquisição.

A rigor, essa reanálise de um elemento do Nível Narrativo considerando-se o Nível imediatamente superior é uma extrapolação dos limites da análise interna ao Nível Narrativo, funcionando, por outro lado, como uma das provas de que o texto é uma totalidade dotada de sentido, muito além da simples soma de suas partes.

Afirmei anteriormente que o foco da Dimensão Pragmática é o estado, a junção e, portanto, o que está em jogo nesse âmbito não é uma relação entre sujeitos. Todavia, o leitor mais atento indagará: a alteração de conjunção em disjunção, realizada por S2, não afetaria S1? Nesse caso não seria uma relação entre sujeitos o que está em jogo? A mudança de estado afeta tanto o sujeito quanto o objeto pois, segundo a lógica subjacente, o sujeito cria o objeto e vice-versa. Mas isso não implica mudança de perspectiva: o elemento central da transformação é o estado, não o Sujeito e nem o Objeto. Ter isso em mente é essencial para compreender a diferença entre a Dimensão Pragmática e a Cognitiva.

Conforme sugere a argumentação que vimos empreendendo, a análise de textos com o olhar voltado à Dimensão Pragmática deve definir qual o tipo de transformação em foco. Cabe notar que essa transformação pode ser a principal do texto, então chamada de “percurso de base”, ou uma auxiliar, complementar, secundária, conhecida como “percurso de uso”.

O quadro expresso na Tabela 2 organiza esses elementos da Dimensão Pragmática da Narrativa, de modo a destacar “o

que define o que”, ou seja, quais opções podem ser automaticamente selecionadas quando uma seleção de um elemento associado/dependente for feita pelo analista. A Tabela 2 considera os seguintes preceitos para organizar fúntivos e funções:

- O Sujeito de Estado (S1) é qualificado pelo tipo de junção em que se apresenta; a sobremodalização fórica seguirá o percurso (i) caso a valorização positiva recaia sobre a conjunção e (ii), caso contrário;
- O Objeto (Ov), na presente proposta, é considerado apenas de forma axiológica: somente considera-se seu papel na Narrativa (como objeto descritivo ou modal), cada qual podendo ser repulsivo ou desejável para o Sujeito. Embora não seja usual um Objeto Modal repulsivo, ele é previsível e aparece em vários exemplos, como quando um /saber/ (Objeto Modal) é indesejável por causar dor ou vergonha, dentre muitas outras situações. Ambas as qualificações podem ser fracas – correspondendo aos subcontrários não-eufórico e não disfórico – ou fortes – correspondentes aos subcontrários disfórico e eufórico da sobremodalização fórica;
- O Sujeito do Fazer (S2), conforme nossa proposta, possui 3 qualificações possíveis, focadas em sua modalização, apesar da abordagem corrente focalizar S1 ao tratar da modalização do Sujeito: reivindicamos essa mudança pois não nos parece pertinente que a modalização para o fazer seja observada para um Sujeito que é objeto deste fazer, e não seu autor.

Assim, a classificação relativa à primeira modalização de S2 é de Sujeito Virtualizado, ou seja, detentor de um querer ou um dever, modalização que o cria como S2 na fase de Manipulação da Dimensão Cognitiva (S2 é criado quando o Destinatário fecha o contrato, assumindo um /querer/ ou um /dever/). A posição de Sujeito Potencializado (que nem quer, nem deve, mas possui qualidades para assumir tais modalizações) existe como pressuposta e, no nosso ponto de vista, não é relevante, já que sempre coincide com a posição sincrética de Destinatário, cuja análise é essencial à compreensão da maioria dos textos verbais. S2 será Atualizado pela conjunção com o /poder/ e o /saber/ (o processo de modalização atualizante podendo ser pressuposta ou mesmo anterior à virtualização). Finalmente, S2 torna-se Sujeito Realizado quando a transformação de estado almejada acontece, o que pode ou não ser textualizado, portanto essa classificação é importante por aparecer em muitos textos antes do momento da Sanção, quanto o texto volta-se novamente à Dimensão Cognitiva da Narrativa. Usamos os índices iii e iv para distinguir as duas possibilidades opostas de sobremodalização fórica.

**Tabela 2: Categorias Fechadas da Dimensão Pragmática do Nível Narrativo.**

<b>Funtivo</b>	<b>Tipo de Sujeito</b>	<b>Qualificação</b>	<b>Sobremodalização fórica</b>
Sujeito	Sujeito de Estado (S1)	Conjunto	i. Euforia
			ii. Disforia
		Não-conjunto	i. Não-euforia
			ii. Não-disforia
		Disjunto	i. Disforia
			ii. Euforia
		Não-disjunto	i. Não-disforia
			ii. Não-euforia
	Sujeito do Fazer (S2)	Virtualizado	iii. Disforia
			iv. Euforia
Atualizado		iii. Não-Disforia	
		iv. Não-Euforia	
Realizado		iii. Euforia	
		iv. Disforia	
Objeto	Descritivo	Desejável	Eufórico
			Não-Disfórico
		Repulsivo	Disfórico
			Não-Eufórico
	Modal	Desejável	Eufórico
			Não-Disfórico
		Repulsivo	Disfórico
			Não-Eufórico

A Dimensão Cognitiva do Nível Narrativo é exemplar para a possibilidade de automação parcial de análises e consequente possibilidade de cruzamentos entre fatores impensáveis sem a concepção das Categorias Fechadas. Basicamente, a Dimensão Cognitiva associa um tipo de Manipulação a uma etapa da relação entre sujeitos, como pressuposto necessário à emersão da Dimensão Pragmática, ou seja, o fazer, o qual será julgado como efetivo ou não na etapa de Sanção.

A etapa de Manipulação cria o S2 (sujeito do fazer) e, assim, engendra a Dimensão pragmática, na qual a ação de fato acontece. Existem somente 4 tipos de Manipulação, definidos exclusivamente:

- i. pela competência do Destinator (Dor) (sobremodalização pelo saber ou pelo poder)
- ii. pelo tipo de objeto (descritivo ou modal)
- iii. pela sobremodalização fórica do valor associado ao processo (positivo ou negativo)
- iv. pela competência volitiva ou deontica promovida no Destinatário (Dário) com o fechamento do contrato.

Mais especificamente:

- Funtivos:
  - objeto modal que define o Destinator durante a Manipulação

- objeto modal que modaliza o Destinatário criando o Sujeito do Fazer (e, com isso, o próprio Nível Pragmático)
- Sobremodalização fórica que define o quadro de valores em jogo no contrato proposto pelo Destinator
- Função:
  - modalização volitiva ou deôntica do destinatário pelo Destinator, dependente da assunção ou não pelo Destinatário do quadro de valores proposto pelo Destinator

Em outras palavras, visando uma determinada Ação (outra forma de nomear a Dimensão Pragmática do Nível Narrativo), o Destinator implica determinada sobremodalização fórica sobre o Destinatário, a qual vai acontecer na etapa de Sanção caso o Destinatário cumpra sua parte no contrato, que será fechado ou não a depender de seu comprometimento com os valores acionados no processo. O Destinator detém um poder ou um saber que invocam a valorização positiva ou negativa do Destinatário ou de um objeto ofertado (prêmio ou castigo) a qual, caso o quadro de valores proposto seja compartilhado pelo Destinatário, resultará em sua modalização volitiva ou deôntica induzindo a Ação visada pelo Destinator: em outras palavras, o destinator induz uma ação oferecendo valores positivos ou negativos ao Destinatário, quem, concordando com essa valorização, assumirá o papel de sujeito do fazer desta mesma ação (Figura 8).

Texto Livre: pensemeando o mundo

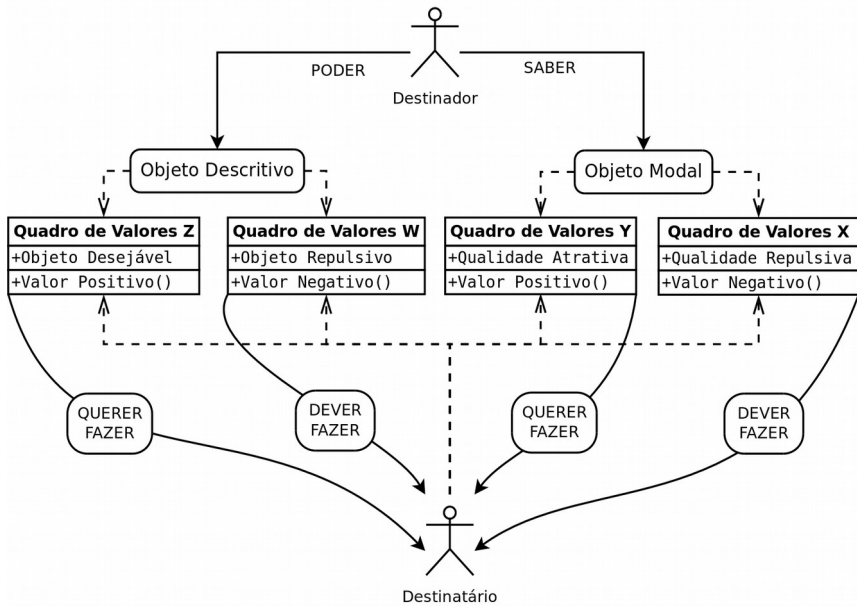


Figura 8: Valores e modalizações na Manipulação.

A Tabela 3 distribui os fatores caros à etapa de Manipulação conforme o tipo em curso. Nota-se que toda modalização do Dor pelo saber implica um objeto modal como cerne do contrato, enquanto toda modalização do Dor pelo poder implica um objeto descritivo. Da mesma forma, sempre que o quadro de valores assume o objeto como positivo, o processo resulta na modalização do Dário pelo Querer, enquanto a assunção do objeto como negativo resulta na modalização pelo Dever.



**Tabela 3** Categorias Fechadas da Dimensão Cognitiva do Nível Narrativo, focando a etapa de Manipulação, precursora da Ação.

<b>Etapa</b>	<b>Transformação (função)</b>	<b>Dor modalizado pelo:</b>	<b>Tipo de objeto</b>	<b>Valor em jogo</b>	<b>Modalização resultante (Dário)</b>
Manipulação	Sedução	Saber	Modal	Positivo	Querer
	Provocação	Saber	Modal	Negativo	Dever
	Tentação	Poder	Descritivo	Positivo	Querer
	Intimidação	Poder	Descritivo	Negativo	Dever

As relações obrigatórias nesse nível de análise, sejam elas:

/saber/ : Omodal :: /poder/ Odescritivo

valor positivo : /querer/ :: valor negativo : /dever/

são associações que indicam uma organização interna não hierárquica no tratamento dos tipos de Manipulação: diferentemente do Nível Pragmático, que se organiza em árvore, aqui cada tipo possui uma única possibilidade de arranjo destes fatores, o que parece indicar uma maior facilidade de automação, além de apontar para novas abordagens comparativas, caso os fatores sejam tomados isoladamente: podemos observar os efeitos de cada tipo de modalização do Destinator, de cada tipo de objeto, da positividade e da negatividade no que tange ao valor em jogo e da modalização resultante, a qual recai sobre o Destinatário. A despeito de ser uma abordagem nova, não se trata de uma inovação teórica, visto que essa organização interna dos tipos de Manipulação é a mesma desde sua proposição por Greimas na década de 60.

## **2.5. Categorias fechadas do nível discursivo**

As categorias fechadas do Nível Discursivo são, pelo menos no momento desta discussão, menos abrangentes em relação ao que se observou no Nível Narrativo, dado que boa parte dos elementos importantes do Nível Discursivo não está sendo (ainda?) tratada como passível de uma abordagem como categoria fechada, conforme discutido na página 56. Vamos analisar separadamente cada uma das duas categorias fechadas que foram estabelecidas de forma satisfatória até o presente momento para o Nível Discursivo: a veridicção e a debreagem.

Abordo aqui a veridicção tal como proposta em Greimas (2014) e discutida em Matte (2012a). A proposição baseia-se na presença/ausência dos funtivos modais /ser/ e /parecer/:

→ verdadeiro = {ser; parecer};      → mentiroso = {não ser; parecer};

→ secreto = {ser; não parecer};      → falso = {não ser; não parecer}.

Greimas e Courtés (s/d, p. 488) montam o quadro de veridicção como se fosse um quadrado semiótico, mas a lógica subjacente é diferente. Por esse motivo preferimos a organização representada na Tabela 4.

**Tabela 4 Categoria da Veridicção.**

		PARECER	
		0	1
SER	0	Falsidade	Mentira
	1	Segredo	Verdade

Observe que não é possível falar de veridicção sem falar de ponto de vista: aquilo que é mentira para um pode ser

verdade para outro, o que é falsidade para um pode ser segredo para outro (e assim por diante, todas as combinações sendo possíveis). Além disso, esse ponto de vista é mutável, pois altamente dependente do momento narrativo, já que se trata de uma modalização do Sujeito pelo /saber/ ou pelo /crer/.

Assim, a veridicção não pode ser analisada como um fator arbitrário ou, menos ainda, ontológico: deve ser observada no texto e exclusiva para cada configuração do próprio texto. Em outras palavras, a veridicção – o dizer verdadeiro – é uma construção discursiva, interna ao texto, contradizendo a ideia de que, se está escrito, é verdade. Essa ideia, muito popular até bem pouco tempo, pois usada para fortalecer instituições como o Estado, a Igreja e a Academia, sofreu o revés de uma internet cada vez mais interativa, na qual qualquer um pode ser autor e, portanto, muitas verdades diferentes são construídas verbalmente e publicadas todos os dias, fazendo emergir as contradições naturais em culturas polêmicas – ou deveríamos dizer culturas humanas? Mas esse é assunto para outro debate.

A segunda categoria fechada do Nível Discursivo aqui proposta é a debreagem. Como dito acima, são três os referenciais característicos da debreagem: a pessoa, o espaço e o tempo. Propomos como categoria fechada para a debreagem uma abordagem sintética desses referenciais, baseada na noção de espalhamento: enquanto eu, aqui e agora são emblemas de concentração, formando pontos ou bolhas de alta concentração semiótica que excluem todo o resto, ele, lá e então são emblemas de difusão, situados exatamente nesse “resto” descartado pelos emblemas de concentração.

Tal abordagem, a despeito de ser sintética, é importante para a observação da debreagem no quadro atual da evolução da Teoria Semiótica, em que assumimos a posição de Tatit (2001, p. 17-20) segundo a qual a tensividade é uma reformulação do Nível Fundamental que “reforma”, como consequência intrínseca à sua presença no Percurso Gerativo do Sentido, o próprio percurso como um todo, fazendo-se notar como elemento de continuidade que sobremodaliza o processo semiótico em suas estruturas discretas.

Partimos da abordagem interdisciplinar da Semiótica greimasiana e da Morfodinâmica thomiana (LOPES, 1998; 2014) para orientar essa proposta. Segundo Lopes, uma catástrofe é uma mudança entre dois regimes qualitativos, modelada pela relação contínua entre eixos (ou variáveis) de estado e eixos de controle.

A catástrofe é definida pelo acontecimento, mas sua configuração é dada pelo quadro processual em que acontece, constituindo diferentes pontos de transição afetados por diferentes atratores. Os atratores, como se pode notar nas imagens disponibilizadas por Lopes (2014) são vales com maior ou menor força conforme sua profundidade, podendo, portanto haver mais de um atrator regendo uma catástrofe, sendo predominante aquele que tiver maior profundidade.

Concordamos com Lopes sobre uma importante relação entre esses conceitos da Teoria das Catástrofes e a tensividade tal como estudada hoje na Semiótica. Tomando-se os dois modelos tensivos, temos uma oposição entre o tipo mais-mais (converso), em que, quanto mais extenso,

mais intenso, e o tipo mais-menos (inverso), em que, quanto mais extenso, menos intenso. No tipo inverso, a intensidade acontece de forma concentrada na baixa extensidade, enquanto no tipo converso a intensidade acontece pela difusão. A profundidade extensa opõe concentração (menos extensidade) a difusão (mais extensidade) e os tipos tensivos converso e inverso indicam uma presença diferenciada dos atratores: se tomarmos o eixo da intensidade (Semiótica) como variável de estado (Morfodinâmica) e o eixo da extensidade (Semiótica) como variável de controle (Morfodinâmica), nota-se que o tipo de catástrofe correlato i) vai tender aos mais simples (Prega, Encrespadura, Cauda de Andorinha) no caso do modelo tensivo inverso e ii) aumentará sensivelmente sua complexidade (Borboleta e outras catástrofes elementares mais complexas) no caso da tensividade conversiva.

Isso indicaria que o número de atratores em jogo seria bem pequeno no caso do tipo inverso e aumentaria sensivelmente no caso da tensividade conversiva. Qual a relevância disso para o estudo da debreagem?

Como discutido acima, a debreagem opõe referenciais concentrados a referenciais difusos: enquanto o eu/aqui/agora é pontual, regido por variáveis de estado e controle minimais, o ele/lá/então abre-se com um leque infinito de possibilidades, regidas por uma quantidade muito maior de atratores cuja profundidade relativa (entre eles) está definida em cada texto por sua configuração discursiva. A debreagem difusa, sob a perspectiva aqui proposta, corresponderia ao tipo tensivo converso, enquanto a debreagem concentrada corresponderia ao tipo inverso. Sugerimos essa abordagem, portanto, como forma de trazer

para dentro de um elemento clássico da Semiótica Standard (ou Básica) - a debreagem - conceitos caros à Semiótica Tensiva - profundidades (valências) e relações entre elas.

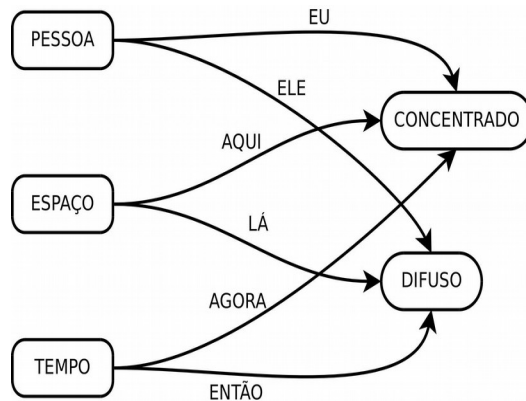


Figura 9: Classificação fechada dos referenciais da Debreagem em Semiótica.

A Figura 9 apresenta os dados organizados para uma análise da debreagem como categoria fechada, mas é importante notar que esse quadro não descarta análises não fechadas da debreagem, produtiva em muitas situações, podendo ser realizados concomitantemente os dois tipos de análise.

Em suma, propomos, como categoria fechada da debreagem, 6 classificações possíveis conforme sua emergência no texto: pessoa concentrada ou difusa, espaço concentrado ou difuso e tempo concentrado ou difuso, o que, no conjunto de propostas do presente trabalho, é provavelmente a única proposta de fato inovadora em relação à Semiótica standard no conjunto de categorias fechadas aqui apresentado.

## **2.6. *Categorias fechadas do Nível Fundamental***

O Nível Fundamental possui duas formas de abordagem, na atualidade da Teoria Semiótica: pela descontinuidade (quadrado semiótico) e pela continuidade (modelos tensivos).

A análise, em cada abordagem, produz alguns elementos passíveis de produzir categorias fechadas. No entanto, dada a atualidade do assunto no campo teórico da Semiótica, preferimos aqui optar por apenas indicar uma possibilidade de análise via categorias fechadas, ainda carente de maior aplicação e reflexão, com base na análise concreta de um número significativo de textos, a ser realizada após a conclusão do presente projeto. Apesar da incipiência da abordagem, não poderíamos descartá-la no presente relato, dado que, como veremos, todo e qualquer quadro de valores é constituído nesse nível de análise, suas especificidades sendo somente reflexos do Nível Fundamental nos outros Níveis do Percurso Gerativo.

O Nível Fundamental é frequentemente descrito como o mais simples e mais abstrato. Essa descrição decorre do fato de ter sido concebido para ser uma síntese semântica e sintática do texto. É comparável à noção de tema do texto, usando-se aqui a acepção do senso comum - não semiótica - do termo "tema". Trata-se de um ponto de partida para a Enunciação, do ponto de vista do Enunciador, e de uma base interpretativa, do ponto de vista do Enunciatário.

## 2.7. *Categorias Fechadas do Nível Fundamental Descontínuo*

A versão descontínua do Nível Fundamental fez parte do nascimento da Semiótica: trata-se do modelo em forma de Quadrado Semiótico, descrito no Dicionário de Semiótica (GREIMAS; COURTÉS, s/d, p. 364-368), publicado originalmente na França, em 1979. O quadrado semiótico aplica uma estrutura processual a um eixo semântico de base. Essa estrutura baseia-se em duas operações: a negação (um termo do eixo dos contrários, correspondendo a um dos extremos do eixo semântico de base, é negado, impulsionando o texto, assim, para longe do termo negado) e a implicação (o termo do eixo dos sub-contrários, que corresponde à posição resultante da negação, é atraído quase que gravitacionalmente - em virtude da proximidade semântica - pelo termo dos contrários no outro extremo do eixo semântico fundamental).

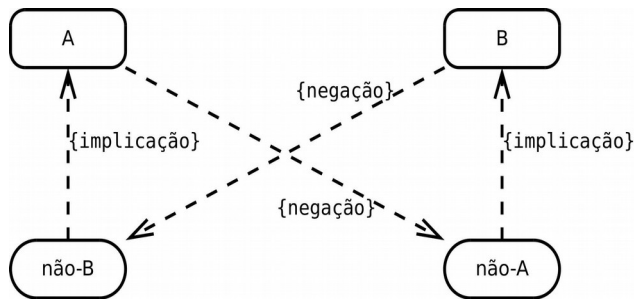


Figura 10: Operações no Quadrado Semiótico.

O quadrado descreve um processo (dinâmico), não de um esquema (estático): as setas são eixos orientados, possuem sentido, direção (Figura 10). Assim, temos 4 posições (A,



não-A, B e não-B), com diferentes pesos em cada posição, do que resultam dois percursos de base (Figura 11).

Os percursos permitem que o semioticista, em seu fazer analítico, delimite trechos em que o texto se posiciona em cada um dos termos, indicando uma das duas sequências mostradas na Figura 11:

- a negação de A leva a B
- a negação de B conduz a A

Essa é, portanto, a primeira categoria fechada do Nível Fundamental: os termos do quadrado, ao qual aplicam-se duas outras condições: i) os termos que extrapolam os dois percursos acima ao somar, ora os contrários (termo complexo), ora os subcontrários (termo neutro) e ii) a sobremodalização fórica.

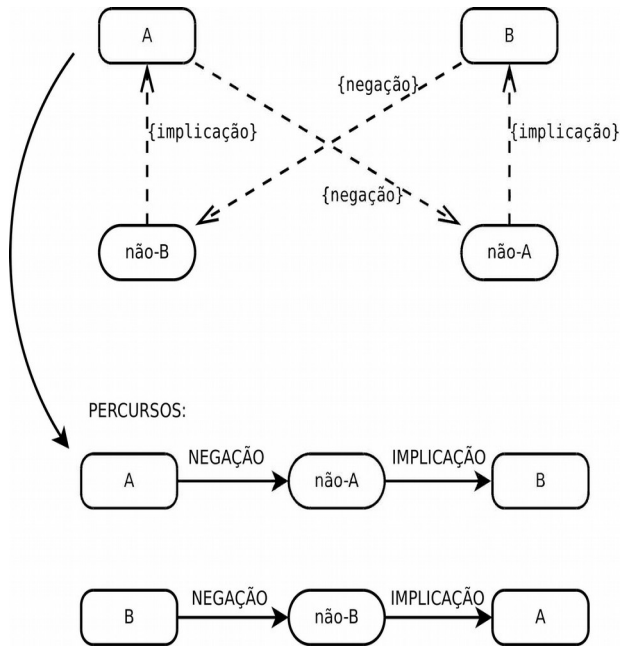


Figura 11: Os dois percursos previstos para a sintaxe do Nível Fundamental: opostos e simétricos.

A Figura 12, abaixo) ilustra os seis termos do Quadrado Semiótico: os termos neutro e complexo são associações entre os subcontrários e os contrários, respectivamente, que provocam um estado de suspensão ou interrupção do processo previsto pelos percursos da Figura 11. Dependendo da duração e da sobremodalização fórica, causam diferentes efeitos de sentido no texto.

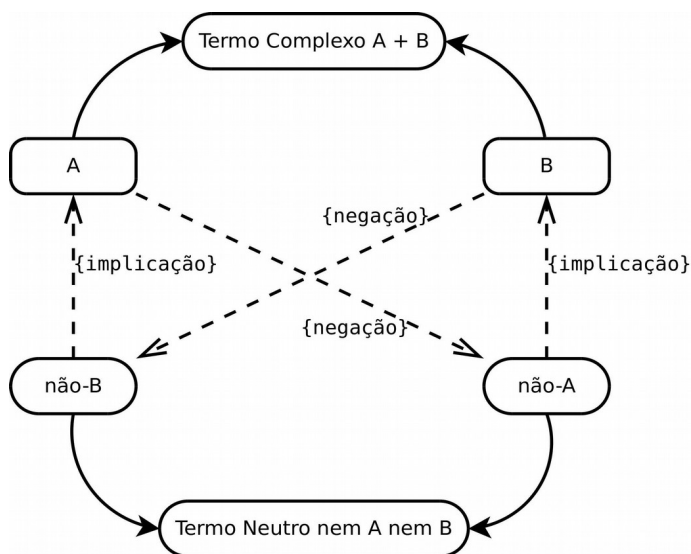


Figura 12: Os seis termos do quadrado semiótico.

Os seis termos do quadrado semiótico (Figura 12) são definidos por sua relação com os extremos do eixo semântico de base: tomando-se um extremo como A e outro como B, temos o eixo dos contrários. A rigor, nada deve ser possível prever como gradação além deles, exceto o Termo Complexo, que os une. A operação de negação cria os termos subcontrários numa posição teoricamente mediana entre o meio do eixo semântico de base e o termo oposto ao negado. Assim, não A está muito mais próximo de B que a metade do eixo, criando uma atração deste subcontrário com o termo oposto ao negado, o mesmo acontecendo no percurso inverso.

Cada termo do quadrado é sobremodalizado foricamente, o que constitui, por assim dizer, uma abordagem discreta do quadro de valores, genérica quanto ao texto como um todo

de modo tal que não requer maiores especificações. Determinando-se A como eufórico, B será disfórico, não-A será não-eufórico e não-B será não-disfórico. O termo complexo, situado fora do eixo, será eufórico e disfórico ao mesmo tempo e o termo neutro, nem eufórico, nem disfórico, estará situado exatamente na metade do eixo semântico<sup>20</sup>.

Assim temos as seguintes categorias fechadas para o Nível Fundamental a partir do Quadrado Semiótico: termos, operações e sobremodalização fórica.

## ***2.8. Categorias Fechadas do Nível Fundamental Contínuo: tensividade***

A tensividade corresponde a um importante avanço da Teoria Semiótica em relação ao problema da continuidade, que, mesmo estando prevista dedutivamente desde o início na teoria, só veio a ter seu lugar nas pesquisas mais de duas décadas após o nascimento da proposta teórica por Greimas, emergindo com o estudo da Semiótica das Paixões, mais precisamente na Introdução do livro de lançamento (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 9-20).

“A tensividade, fenômeno ampla e devidamente constatado, característica inseparável de todo desenrolar processual frástico ou discursivo, parecia poder ser dominada, num primeiro tempo, pela projeção das estruturas do descontínuo, com o risco apenas de adiar a construção de uma gramática aspectual que desse conta, ao mesmo tempo, de ondulações temporais e de

---

20 Tanto faz se A ou B é eufórico: estes símbolos A e B apenas denotam extremos do Eixo Semântico de Base, sem qualquer valorização prévia.

sinuosidades espaciais. Entretanto, a urgência de completar a teoria das modalidades do ser e uma interrogação insistente sobre a natureza dos estados, dinâmicos e inquietos, obrigava a enfrentar diretamente a problemática das paixões.” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 17)

A tensividade, portanto, foi a mola propulsora do estudo das paixões, ao mesmo tempo em que emergirá como tema central a partir desse mesmo estudo, dessa vez criando uma nova forma de abordar quadros de valores e o próprio Nível Fundamental.

Ainda na introdução do Semiótica das Paixões, temos uma amostra do que será proposto no mesmo livro, na forma de um esquema patêmico (Id, p. 155-156). Eis a amostra:

“Tudo se passa como se outra voz se elevasse repentinamente para dizer sua própria verdade, para dizer as coisas de outro modo. Enquanto o corpo humano desempenhava, na percepção, o papel de instância de mediação, isto é, de lugar de transação entre o êxtero e o interoceptivo, instaurando um espaço semiótico tensivo mas homogêneo, é a carne viva, a proprioceptividade “selvagem” que se manifesta e reclama seus direitos como “sentir global”. Não é mais o mundo natural que vem em direção ao sujeito, mas o sujeito que se auto-proclama mestre do mundo, seu significado, e o reorganiza figurativamente a seu modo.” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 19)

Todos os elementos constituintes da análise aparecem neste livro, especialmente no primeiro capítulo (p. 21-100), dedicado à Epistemologia das Paixões: a relação da tensividade com a aspectualização discursiva, o conceito de valência como “valor do valor” e sua organização como uma

relação entre intensidade e extensidade. No entanto, esses conceitos só foram devidamente formalizados a partir da publicação de *Tensão e Significação* (ZILBERBERG; FONTANILLE, 2001). Retomamos aqui, de forma muito sintética, a proposta dos autores, deixando para um momento ulterior o aprofundamento da presente reflexão.

Basicamente, a tensividade corresponde, em Semiótica, à descrição de modelos tensivos caracterizados por um espaço bidimensional cujos eixos são uma profundidade extensa, na horizontal, sobre o qual incidem os valores de uma profundidade intensa, na vertical. A valência existe nesse espaço e os valores dos eixos combinam-se, conforme os autores, em dois modelos tensivos: um modelo converso, no qual a intensidade aumenta em razão direta com o aumento da extensidade (quanto mais extenso, mais intenso), e um modelo inverso, no qual a intensidade aumenta em razão contrária à da extensidade (quanto mais extenso, menos intenso).

Assim, por ora reservamo-nos o direito de restringir esse nível de análise a apenas uma categoria fechada: o modelo do grafo tensivo. Trata-se de uma categorização que engloba o texto como um todo, portanto sem qualquer distinção entre suas partes. A Figura 13 (abaixo) mostra os dois tipos propostos por Zilberberg e Fontanille (2001, p. 26).

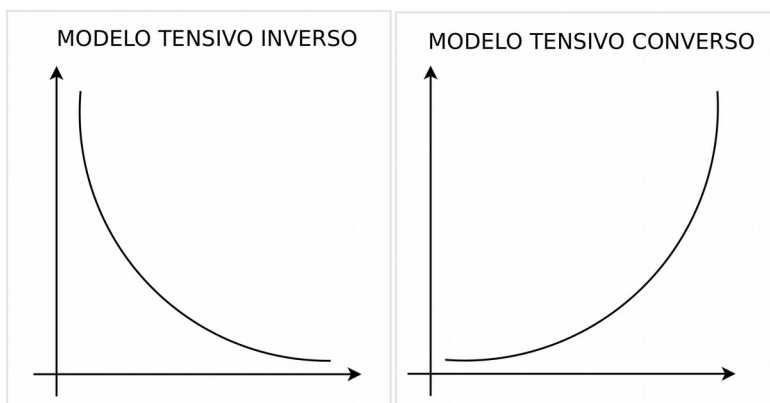


Figura 13: Modelos tensivos propostos por Zilberberg e Fontanille no livro "Tensão e Significação", de 1998, com tradução publicada no Brasil em 2001.

## 2.9. Prognóstico

Este trabalho, como visto, abriu uma nova perspectiva de análise com grande alcance interdisciplinar e mesmo em abordagens de tópicos de ponta, tais como a semiótica tensiva: em seu percurso de pesquisa, buscou-se solidificar conceitos fundamentais de forma didática e esquematizá-los numa proposta de análise sistemática que, por um lado, deve permitir aos iniciantes em Semiótica obter melhores resultados mais rapidamente, ao menos nas categorias que possam ser fechadas, e, por outro lado, no *dadosSemiotica*, viabilizem a realização de análises cruzadas entre resultados obtidos por pesquisadores diferentes, para os mais diversos objetivos, inclusive didáticos, com a segurança de uma abordagem precisa.

Longe de ser exclusiva ou global em relação à teoria, a análise proposta pelo uso de categorias fechadas permite observar elos que sempre estiveram presentes. Pela forma como sempre foram apresentados seus elementos, no entanto, tais elos permaneciam em segundo plano e muitas

vezes passavam despercebidos pelo olhar do analista mais experiente. Dentre as muitas questões de pesquisa que tal abordagem permite investigar, levantamos aqui alguns exemplos:

- Quais efeitos de sentido podem ser provocados pelos diferentes tipos de manipulação em suas possibilidades distintas de valoração fórica (eufórica ou disfórica)?
- Quais efeitos de sentido podem ser provocados pela predominância das diferentes modalizações dos processos manipulativos num dado texto (ou seja, na manipulação pelo /saber/ ou pelo /poder/)?
- Quais efeitos de sentido pode provocar o foco veridictório no ponto de vista do destinador ou do destinatário?
- Quais efeitos de sentido pode provocar a escolha qualquer um dos tipos de debreagem (difusa ou concentrada) num dado texto?

Considerando-se o caráter dedutivo-indutivo da Semiótica, é importante notar que muitas perguntas só surgirão com a aplicação das categorias fechadas em textos concretos, mas cabe ressaltar a importância dessas – e outras possíveis – perguntas de caráter dedutivo: a presente proposta abre um novo leque de opções de pesquisa sem que tenha sido necessário criar novos elementos para a teoria, ou, em outras palavras, novas questões surgem com esse novo olhar.

Sobre a natureza didática da proposta, ainda há um bom caminho a percorrer, pois será preciso acompanhar a aplicação da mesma por estudantes com diferentes níveis de conhecimento em semiótica<sup>21</sup> para chegar a um modelo didático que use esse conjunto de categorias para agilizar o

---

21 Curso em andamento quando da finalização deste livro.



aprendizado e dar maior consistência à apreensão da teoria como um todo.

A aplicação do *software dadosSemiotica* em análises por categorias fechadas permitirá, entre outras coisas, criar um módulo de pós-análise semiótica que depreenda elementos constitutivos de classificações fechadas (como, por exemplo, o valor do objeto nos tipos de manipulação), além de permitir incorporar ao bloco de ajuda orientações sintéticas para a realização das análises por principiantes em semiótica.

Como esperado no campo da Teoria Semiótica de linha francesa, é possível que a própria realização de análises por meio de categorias fechadas gere revisões e, assim, enriqueça cada vez mais as nossas propostas, permitindo até mesmo a abrangência de aspectos ainda não contemplados pela teoria.

Quando você está com o violão em punho e ouve pela milionésima vez um “toca aquela”, tem basicamente duas opções: ou mistura-se à audiência curtindo de novo a canção que, afinal, você adorava ouvir, ou separa-se dele, tocando e cantando como quem costura de novo, do mesmo jeito, a mesma bainha de sempre. Como dois é pouco, admita: ambas as opções podem vir ora repletas de paixão, ora de indiferença...

## Capítulo 3 Paixão Por música<sup>22</sup>

O gosto por um determinado estilo de música é, aparentemente, uma operação simples: identificamo-nos com determinado estilo em função do entorno cultural e musical que nos acompanha durante a existência. No entanto, classe social (modalização pelo /poder/), presença/ausência de acesso à cultura elitizada (modalização pelo /saber/), faixa etária (modalização pelo /querer/) e até religião (modalização pelo /dever/) são apenas alguns dos elementos que podem figurar na constituição desse gosto. Trata-se, portanto, de uma

---

22 Versão revisada e ampliada de Matte, 2014.

modalização bastante complexa e específica, que pode mudar durante o percurso do sujeito por motivos que parecem não ter nada a ver, diretamente, com a música, mas, sim, com os valores nela investidos.

No entanto, se uma avó reclama do “barulho” que o neto chama de música, o que exatamente ela está questionando? Se mudassem somente os valores investidos, caberia a incidência de tal questionamento sobre a condição de objeto? Ora, facilmente percebemos que há uma diferença explícita entre o que um e outro ator do nosso exemplo banal chama de música. Uma diferença no plano da expressão<sup>23</sup> e também no plano do conteúdo, pois trata-se de um objeto bastante peculiar, tal como outras formas de arte, um objeto-linguagem. No caso dessa avó hipotética, podemos afirmar, num primeiro momento, que o que está em jogo não é aquilo que diz a “não-música” que o neto ouve, nem a especificidade daquela “não-música” que ele ouve naquele determinado momento, mas o *como* diz, pois parece inconcebível, na perspectiva da avó, que alguém diga algo com tal linguagem “primitiva”, ou “grosseira”, ou “caótica”, ou seja lá o que ela usar como justificativa. No entanto, os dois “adoram” música. O que é música, afinal?

NOTA: este capítulo fala de canção: usar a palavra música para significar canção é uma escolha pessoal da autora, que defende que, embora seja um tipo especial, canção é música, no mesmo sentido que o público usa ao dizer “toca aquela música!” e indica uma canção.

---

23 O sentido é definido pelo amálgama entre um Plano do Conteúdo, conceitual e imanente, e um Plano da Expressão, corpóreo e manifestante. Somente por meio dessa fusão um determinado conteúdo pode ser manifestado, antes disso ele é apenas uma dentre infinitas outras possibilidades de se fazer sentido.

### **3.1. Expressão de Estados Passionais**

Dizer que a música expressa emoções é outro lugar comum que tomaremos como ponto de partida.

No estudo da avareza, Greimas e Fontanille dão às emoções o claro sentido de expressão corpórea das paixões, representando um momento específico do percurso passional<sup>24</sup>. Quando falamos em “expressar emoção”, no campo da semiótica das paixões é o mesmo que dizer “expressar expressão”, pois a emoção tal como definida pela teoria é o afeto perturbando o conjunto do plano da expressão do objeto analisado em relação a um padrão socialmente aceito. Admitindo, portanto, que a paixão expressa pela música é a lembrança do corpo do sujeito-que-sente no processo gerativo do efeito de sentido de paixão, estaremos admitindo também que a música é vivenciada como um momento do percurso passional de cada ator-ouvinte.

Juntemos a isso o fato de que a música cristaliza um tempo, nos valores intensos<sup>25</sup>, pela organização em torno de motivos melódicos e rítmicos e, nos valores extensos, por

---

24 Cf. Greimas, Fontanille, 1993: “O efeito de ‘irrupção’ do somático na superfície do discurso, que caracteriza de modo geral a emoção, decorre da reembaagem sobre o sujeito tensivo que postulamos para justificar a instalação do simulacro passional no discurso: convocando, na cadeia discursiva, as modulações do sentir e do devir, a reembaagem prepara a irrupção somática da emoção; é exatamente nesse momento preciso do percurso passional que o sujeito-que-sente lembra que tem um corpo.” p. 154-155.

25 Cf. Tatit, 1994: “(...) valores “intensos” (definidos por funções contraídas no contato imediato de elementos) e valores “extensos” (definidos por funções à distância e regulados pela extensão global da peça), conceitos hjelmslevianos transportados ao domínio estético por Claude Zilberberg.” p. 13.

propiciar a vivência repetida de um momento passional<sup>26</sup>; concluiremos que ouvimos música para reviver somaticamente estados passionais que não necessariamente correspondem ao momento do percurso do sujeito-que-sente, ou seja, o que a música propicia são simulacros somáticos de estados passionais que vivemos retrospectiva ou prospectivamente. A catarse que ela pode provocar é, assim, apenas uma consequência.

Mas, dirá o neto, a avó não entende sua música porque não viveu tal estado nem o desejou. Engano do neto: a avó, exceto em algum caso patológico, viveu, vive ou deseja ainda viver os estados passionais dos quais a música fala. Portanto, como dissemos anteriormente, a identidade da avó com determinada música, bem como a identidade do neto com outra, não depende exclusivamente do conteúdo passional da determinada música.

Se vemos a música como um objeto descritivo investido por um valor específico, qual seja um estado passional, ouvir música significa entrar em conjunção com esse valor. Mas a música ou “não-música” do neto pode falar de um estado passional semelhante àquele das canções ouvidas pela avó as quais tanto a deleitam. Mudou o objeto descritivo e não mudou o valor investido? Sendo positiva a resposta, é o objeto descritivo o que a avó rejeita? Ou é o valor do valor

---

26 Cf. Ibid: “*Compor, por exemplo, é criar uma duração que mereça ser preservada e destacada do ciclo rotativo das comunicações cotidianas. Pressupõe, portanto, uma parada do fluxo utilitário para dar origem a um novo movimento, cuja direção valoriza cada vez mais a própria duração ou, se preferirmos, o próprio espaço de duração da obra.*” p. 260.

investido<sup>27</sup>, que a expressão musical modifica num nível profundo da produção do sentido?

A música, como expressão de estados passionais, nesta abordagem, traz à tona, junto com sua materialidade, elementos do percurso gerativo das paixões que são culturalmente determinados. Dessa forma ela faz emergir o valor da emoção em dado contexto cultural; se a emoção fosse o objeto valor<sup>28</sup> que a música como elemento do nível da expressão semiotiza, a moralização da emoção seria a valência desse objeto valor e justamente o palco da polêmica.

Uma música específica é um objeto de comunicação (Figura 14, abaixo): ela manifesta-se como uma emoção (ou um conjunto de emoções) que, dentro de um dado contexto cultural, terá (ão) uma valorização específica, fruto da moralização social (Cf. Greimas&Fontanille, 1993).

---

27 Valor do valor: valência, conceito caro à Semiótica Tensiva que diz respeito às grandezas contínuas em jogo no campo tensivo. Cf. Zilberberg, Fontanille, 2001, pp 15-30.

28 Objeto valor é quase um pleonasma, pois a melhor definição que conheço para objeto é “casa dos valores do sujeito”. Talvez por uma questão de ênfase nessa acepção de objeto vinculado a valor, é muito comum a utilização da expressão objeto valor em textos de semiótica francesa.

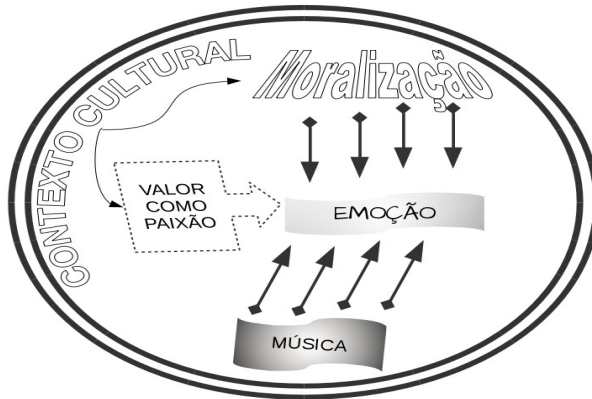


Figura 14: Música como paixão.

Mas a música como expressão de estados passionais acarreta outras significações. Dissemos que a emoção é a expressão *corpórea* das paixões<sup>29</sup>. Nesse caso, a música pode ser vista como uma materialização que simula o corpo-que-sente<sup>30</sup>. Sua materialidade sonora não pode ser vista nem tocada: não tem a cômoda possibilidade de distância que o visível propicia nem a possibilidade igualmente cômoda do toque voluntário<sup>31</sup>. O prazer de ouvir é o prazer de ser tocado e visto por uma música que não é visível nem tasteável.

Porém, o prazer e a dor de ouvir estão intimamente ligados: a mesma presença invisível e a mesma involuntariedade no

29 Cf. Greimas, Fontanille, 1993, texto supracitado.

30 Outro pleonasma: quando se diz corpo-que-sente, estamos a enfatizar que o corpo é o responsável pela percepção do mundo e, portanto, do Plano da Expressão, ao mesmo tempo em que é afetado pelo que é percebido. Usa-se, assim, tal expressão quando se pretende enfatizar o corpo como percebedor ou afetado.

31 Considerações baseadas em palestra proferida pelo professor Herman Parret em 30/10/1998 na FFLCH – USP, departamento de linguística. Cf. Merleau-Ponty, 1964.



toque que, se propiciam prazer se nos trazem algo desejado, propiciam dor se nos trazem algo indesejado<sup>32</sup>. E tanto maior será a dor quanto mais forte for a corporalidade da emoção indesejada.

Além disso, podemos considerar a canção como uma linguagem semissimbólica<sup>33</sup>, pois seus elementos não constituem signos, suas unidades do plano da expressão e do plano do conteúdo não são conformes, como na linguagem verbal, mas, principalmente na linguagem cancional, na qual se encaixam os exemplos aqui utilizados, se pode levantar categorias no plano da expressão e categorias no plano do conteúdo que se inter-relacionam no processo semiótico<sup>34</sup>. É por isso que a materialidade da letra e da melodia, no mínimo, é tão importante, capaz de mudar a valência dos objetos valor que ela oferece ao enunciatário. E se, como acabamos de concluir, a música é a materialização de um simulacro de corpo-que-sente, o corpo é elemento crucial na constituição dessa valência, ou seja, nos valores dos valores investidos nos objetos emotivos que cada música oferece, mesmo quando se trata de uma canção (letra e música). Já nos disse Luiz Tatit:

*“Se o ouvinte chegar a depreender o gesto entoativo da fala no “fundo” da melodia produzida pela voz, terá uma compreensão muito maior daquilo que sente quando*

---

32 Idem.

33 Enquanto a linguagem simbólica relaciona um símbolo a um significado e a linguagem sígnica não possui qualquer tipo de simetria entre o conteúdo e a expressão, a linguagem semissimbólica relaciona-os em eixos paralelos com fluxo converso ou inverso, por exemplo a claridade de uma imagem de rosto aumentando na mesma proporção em que esse rosto fique mais alegre, criando uma relação entre os eixos claro/escuro (expressão) e alegre/triste (conteúdo).

34 O estudo dessa relação já está bastante avançado nos trabalhos de Luiz Tatit, 1994 e 1996.

*ouve um canto.*” (TATIT, 1997, p. 102) (sublinhado nosso).

É importante reter, dessa rápida abordagem da música como expressão de sentidos, principalmente dois pontos: i) a música é expressão de estados passionais, que são diferentes de emoções e ii) a música expressa estados passionais através da simulação de um corpo-que-sente; em suma, a música não é expressão de emoção, mas um simulacro de emoção.

### **3.2. Objeto de Circulação**

O estudo da música como objeto passional num sistema de produção de valores já foi discutido por nós em publicação anterior (MATTE, 2014) e, como o objetivo deste livro não é a abordagem semiótica da música, optamos por somente relatar no presente tópico os principais pontos da argumentação proposta. Um dos elementos de “discórdia” em relação aos tipos de música que circulam em nossa sociedade diz respeito à natureza do sistema de circulação no qual a música se insere. Fazer música para vender é uma postura abominada em alguns meios, mesmo se a sobrevivência dessa música depende de sua venda. A música então ganha ares míticos de objeto que está acima de sua própria materialidade e isso, como veremos nos exemplos do tópico final, atinge a própria imagem do artista que a produz.

O objeto música é um objeto que pode ser compartilhado, não pode ser retido nem acumulado, mas não existe fora do tempo. Por isso, o advento do disco (e outras mídias) mudou a história da música. Antes dele, a única forma de usufruir a

música era sua execução ao vivo. Agora, a presença do intérprete é virtualizada, no disco, no rádio ou na TV. Antes, o objeto música só poderia ser vendido em pequena escala, diretamente pago ao executante (no teatro, no bar, no restaurante, na rua). Agora, qualquer um pode vender música, e a música é ouvida nos lugares mais curiosos – e menos identificados com esse tipo de audição – tais como um supermercado.

No sistema financeiro, vender muito é sinal de que o produto é bom, otimizando a relação custo e qualidade; porém, nos casos em que se trata de produtos culturais, nem todos concordam com isso. O tipo de música que está vendendo muito é visto como de menor qualidade pela parcela de público que não se identifica com ele. Nesse meio, a preposição “para” é pejorativa, pois qualifica a música com uma utilidade que vai contra a lei mítica do “estar acima de sua materialidade”. Música para dançar, música para enfeitar novela, música para brincar, música para namorar, música para esperar dentista,

*Música para tocar no ambiente*

*Música para escovar os dentes*

*Música para tocar na parada*

*Música pra dar risada (Arnaldo Antunes<sup>35</sup>)*

Seja lá qual for a sua utilização, a música não poderia ser “para” e, se for, não há de valer muita coisa, não merece muita atenção, no que concerne à visão do meio onde a música “útil” é desvalorizada.

Pode-se assim dizer que o meio que podemos chamar de *mítico-musical* estaria sob um regime de exclusão e *música*

---

35 Cf. <https://www.lettras.mus.br/arnaldo-antunes/67756/>.

*para vender*, por sua vez, estaria sob um regime de participação:

O regime de exclusão tem por operador a triagem e, se o processo atinge seu termo, leva à confrontação contensiva do exclusivo e do excluído e, para as culturas e as semióticas que são dirigidas por esse regime, à confrontação do “puro” e do “impuro”. O regime de participação tem por operador a mistura e produz a confrontação distensiva do igual e do desigual: no caso da igualdade, as grandezas são intercambiáveis, enquanto no da desigualdade, as grandezas se opõem como “superior” e “inferior”. (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 29.)

Assim, é possível afirmar que a música *para* se opõe à música *de* – do autor, do intérprete –, o processo de mistura motivando a lógica do grande público e das massas enquanto um processo de triagem justifica a lógica de uma “minoridade inteligente”.

O que dizer então de uma música “para vender”? Ela perde toda a possibilidade de existência no mundo mítico-musical, já que esse a exclui (lógica da triagem)? Resolver esse paradoxo é impossível e se o artista “do coração” de amantes daquela música mítica faz sucesso e ganha dinheiro, isso é visto apenas como uma decorrência natural; ele está desculpado pois não fez a música “para vender”, ele fez música pela música e não tem culpa se tanta gente assim, de repente, resolveu querer ouvi-la. A pontinha de ironia não é inocente, mas não pressupõe qualquer valorização positiva ou negativa de tal ou qual música, fique claro.

No entanto, a música da maioria ganha espaço, financiamento, motivos, desculpas, ganha ares de cultura nacional e, com isso, de certa forma ofende a música (as músicas) da minoria. Uma questão de poder, num mundo industrializado e capitalista no qual o que vale é a quantidade. É um dos momentos em que gostar de música ganha contornos passionais: no confronto entre maioria e minoria (e minorias e minorias), naquele espaço em que:

- o objeto não-consumível torna-se consumível, pois uma musicalidade ameaça extinguir a outra,
- o objeto não-acumulável torna-se acumulável, pois uma musicalidade ganha dimensões enormes em comparação com a outra,
- o objeto partilhável torna-se não-partilhável, pois uma musicalidade não é compreendida pela outra
- o objeto que não pode ser retido é retido, pois a musicalidade minoritária permanece restrita a pequenos grupos e não mais circula

Diante desse quadro, músicos costumam dizer que se trata de um problema de maior ou menor complexidade musical, que uma música complexa não pode ser compreendida por uma maioria inculta. Outra vez teremos aqueles que valorizam positivamente essa complexidade, enquanto outros a desvalorizam. Dizer “inculto” já é uma forma de valorização. O que é que está em jogo? Um defende a escala maior e o outro uma escala mixolídia com quarta aumentada? Não exatamente.

O objeto música é feito, sim, de escalas, ritmos e harmonias, e a complexidade de seu uso remete a diferentes

musicalidades, sim. Mas “*Por trás dos recursos técnicos tem que haver um gesto (...)*” (TATIT, 1996, p. 14).

### 3.3. Paixão individual X Paixão coletiva

A música como simulacro de emoções e a música como objeto num sistema de circulação de valores são abordagens que remetem a diferentes momentos do percurso gerativo das paixões. Podemos ver um esquema desse percurso proposto por Greimas e Fontanille na Figura 15.

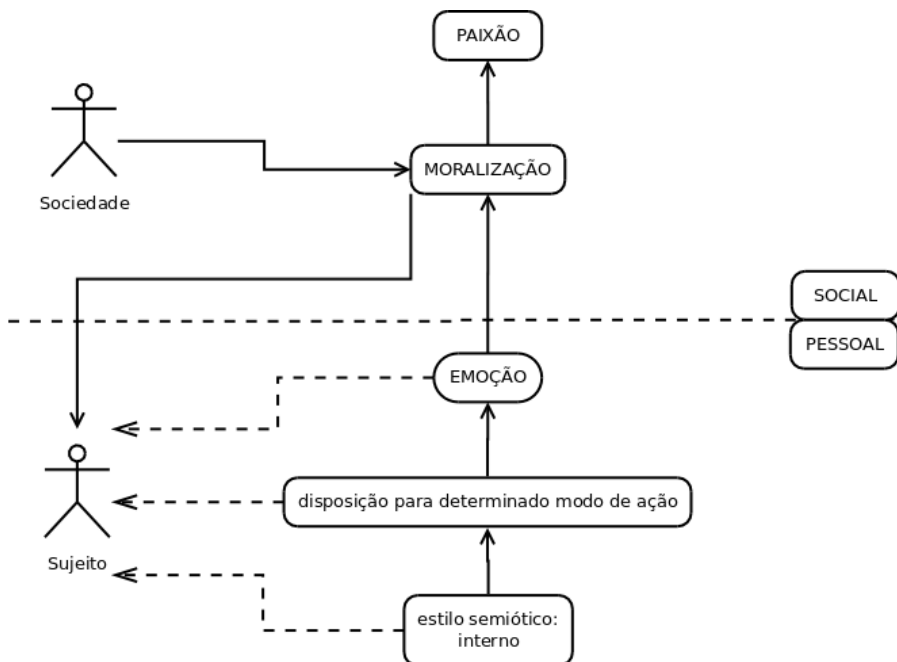


Figura 15: Esquema do Percurso Gerativo das Paixões, baseado no texto correspondente do livro *Semiótica das Paixões*, de Greimas e Fontanille (1993, p. 155-157) (desenho nosso).

Note que o desenho da Figura 14 (p. 96) baseia o esquema da Figura 15 (acima), bem mais detalhado e abstrato,

portanto com aplicação mais abrangente. A primeira faixa de geração da paixão diz respeito ao fluxo de *sensibilização* e a segunda refere-se ao fluxo marcado pela *moralização*<sup>36</sup>:

- A *sensibilização* é a criação do simulacro passional do sujeito. A convocação de um estilo semiótico, ou seja, dispositivos modais dinamizados e selecionados pelo uso caracterizam uma disposição do sujeito para um determinado fazer patêmico; em outras palavras: a repetição de uma forma de agir cria uma moldura interna do sujeito que o leva a repetir seu *modus operandi* também no exterior. A patemização dessa disposição, momento intenso da sensibilização, é a transformação fórica do sujeito discursivo em sujeito que sente, sofre, reage, se emociona; ou seja, é a emoção que assinala o cumprimento dessa junção fórica, valorativa, ao mesmo tempo em que dá a palavra ao próprio corpo do sujeito. Portanto, o que a emoção expressa é a faceta reflexiva da paixão, a auto-elaboração da competência do sujeito em direção a uma imagem-fim. Em outras palavras, a sensibilização é *interna* e *individual*, e será culturalmente determinada após expressa pois uma mesma configuração modal e aspectual terá diferentes conotações em diferentes culturas.
- Já a *moralização* é o acionamento de uma avaliação *externa* sobre o comportamento observável do sujeito sensibilizado. Entra em cena um observador social, *coletivo*, que avalia o conjunto modal e aspectual expresso pela emoção do sujeito individual

---

36 Os conceitos de sensibilização e moralização aqui expostos foram propostos no *Semiótica das Paixões* (1993), p. 140-156.

classificando-o, conforme uma escala de medidas preestabelecida coletivamente, como aceitável (“na medida”) ou como excessivo (ou insuficiente<sup>37</sup>). A paixão é, além de reflexiva, intersubjetiva, pois só existe na medida de um confronto entre o percurso existencial do sujeito e os limiares e limites sócio-culturais. Sendo assim, a moralização é social.

“Por ocasião da convocação em discurso, se a configuração se organiza exclusivamente do ponto de vista do sujeito apaixonado, apenas a sensibilização se manifesta; e se a configuração se organiza do ponto de vista de um observador social, a moralização surge, pressupondo e ao mesmo tempo mascarando a sensibilização.” (Greimas; Fontanille, 1993, p. 150) (Cf. Figuras 16 e 17).

Em semiótica, a sincretização de papéis é essencial para compreender diferentes efeitos de sentido conforme a configuração dos papéis entre atores e actantes. Essa figura ilustra o que acontece com o percurso passional quando o “Eu” do Nível Discursivo ocupa tanto o papel de sujeito da sensibilização quanto o papel de moralizador: nesse caso, temos a sensibilização o processo perceptível (relativo à citação acima) (Figura 16). O papel do moralizador, o avaliador social, é muito importante, pois o que transforma uma emoção, simples perturbação corporal perceptível, numa paixão (com percurso e aspectualização) é o sujeito Moralizador. Assim, para haver paixão é necessário que o

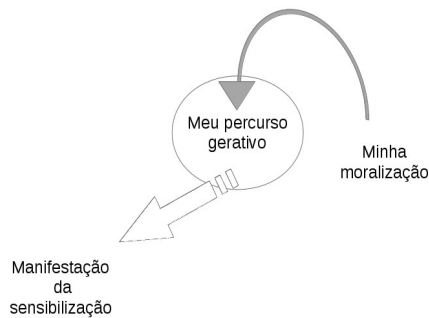
---

37 Estamos trabalhando aqui a noção de insuficiente como “excesso de falta”, pois a oposição fundamental em termos de paixões é a dupla excesso/medida; tal leitura possibilita compreender que o insuficiente seja tão passional quanto o excessivo, somente sendo aceitável aquilo que se encontra “entre” essas duas posições, ou seja, uma justa medida.

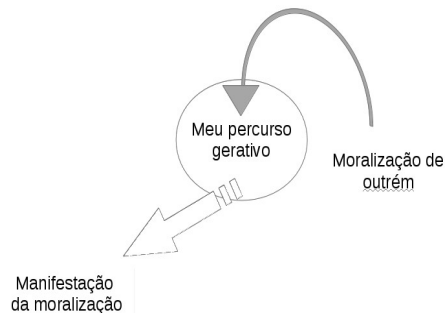


sujeito da moralização seja outrém que o sujeito da sensibilização (também conforme citação acima) (Figura 17).

Essas duas dimensões do percurso passional auxiliam a compreensão da música tal como a estamos abordando. Numa dimensão individual, ela propicia ao sujeito enunciatário viver retrospectiva ou prospectivamente um simulacro passional, pois ela é um simulacro de emoção e, como tal, a expressão simulada de uma disposição patemizada de um sujeito diante de um objeto. Numa dimensão social, ela é a avaliação da sensibilização do sujeito; apesar de simulada, o sujeito que adere ao dispositivo passional proposto pela música, ou seja, gosta dela, o faz porque concorda com a aspectualização proposta por ela para tal efeito patêmico.



*Figura 16: Percurso passional quando o moralizador é o sujeito passional.*



*Figura 17: Percurso passional quando o moralizador é social, é outrém.*

Se num determinado meio social tal conjunto - aspectualização e efeito patêmico - corresponde à graduação esperada pelo ator cultural para aquele determinado efeito (por exemplo, o amor platônico), a moralização será positiva e o apreço pelo objeto cancional não será posto em xeque. Caso contrário, tal como para a avó, ao avaliar a canção do neto como excessiva, a moralização será negativa e questionará não o efeito passional em si, mas a maneira como ele é compreendido por tal simulacro emotivo. Outra vez chegamos a esse ponto: não é o valor investido no objeto descritivo música que é questionado (um valor particularmente investido em determinado objeto), mas o valor desse valor, ou seja, sua valência, determinada pelo comportamento observável, que nesse caso é a expressão musical (um valor difuso, de fundo social, que de certa forma situa o objeto no âmbito da coletividade).

### **3.4. Escalas musicais ou escalas aspectuais?**

Assim como a linguagem verbal, a música possui também sua sintaxe e sua semântica. Compor, arranjar, escrever canções, criar uma interpretação são todos movimentos que necessariamente passam por organizações teóricas mais ou menos explícitas, conforme o estilo ou tipo de música que se está fazendo. Assim como a sintaxe da língua, a sintaxe musical é descritiva, ela procura organizar as ocorrências de determinadas combinações já usadas e geralmente é arbitrária, no que concerne a explicações do “por que funciona assim?”. Os elementos musicais, tais como são descritos pelos estudos de harmonia, composição, arranjo, rítmica, orquestração, regência, canto, tanto na área popular quanto na erudita, podem ser utilizados para efeitos de sentido muito dessemelhantes, conforme o contexto. E esse contexto sempre acaba sendo explicado de maneira vaga. Afinal, o objetivo desses estudos não é explicar, mas descrever, não é o conteúdo, mas a expressão. Por isso uma mesma escala maior ou o mesmo ritmo de valsa podem ser alegres, ritualísticos, infantis ou fúnebres, dependendo de como e em que situação forem utilizados. Estaríamos remetendo o sentido da música ao contexto externo, ou ao mundo natural, ou a referentes sociais? Essa é a solução encontrada por aqueles que pensam na sintaxe e na semântica musical como os únicos patamares de apreensão do sentido musical. Outros diriam que o sentido da música “escapa à razão” e desistem de explicar qualquer coisa.

A semiótica da canção é uma proposta específica para a análise dos efeitos de sentido produzidos por esse objeto criado na sintonização de duas linguagens, a verbal e a musical. Não cabe aqui entrar em detalhes sobre seus

mecanismos nem discuti-los em profundidade, mas essa teoria levanta alguns elementos cruciais para a compreensão da direção adotada na presente discussão. Em linhas gerais e demasiadamente sucintas, a semiótica da canção propõe o estudo da geração do sentido na canção como um redimensionamento do sentido do texto verbal na interface fala/canto por meio de uma aspectualização<sup>38</sup> e de uma tensivização proposta por melodia e ritmo<sup>39</sup>. Melodia é compreendida como repetição/inação, extenso/intenso, gradual/saltado; ritmo é regular/irregular, extenso/intenso, acelerado/desacelerado. Todas essas categorias de expressão encontram correspondência com categorias do conteúdo (euforia/disforia, conjunção/disjunção, aspectualização). Um olhar mais atento e menos apressado do que esse que podemos ter aqui vai nos levar a perceber que a música é uma linguagem que ressalta o caráter contínuo do sentido, seus componentes do nível profundo, enquanto a linguagem verbal ressalta o caráter descontínuo e o discreto.

Isso corrobora a imagem da música em duas dimensões, a individual, sensibilizante, lembrança do corpo num simulacro de emoção, e a social, moralizante, que coloca o sensível numa escala graduada e marcada por limites e limiares claros.

Podemos perceber nesse momento que o “ser da música” também existe em duas dimensões. Existe numa *dimensão técnica*, a da sintaxe e da semântica musicais, que permite afirmar que a música da avó e a música do neto são apenas

---

38 Aspectualização: modo temporal, espacial e/ou da pessoa do discurso.

39 Os capítulos VII e VIII de *Musicando a Semiótica* (Tatit,1997) fornecem uma introdução segura ao assunto.

manifestações diferentes de uma mesma linguagem; existe também numa *dimensão semiótica*, em que valores culturais relativos a paixões são investidos em cada objeto-música e valorizados diferentemente pelo contorno que o próprio objeto lhes confere. Os estilos musicais são determinados em ambas as dimensões: por exemplo, o “rock paulista” é definido pelo uso de determinadas escalas, harmonias, ritmos e andamentos, no que diz respeito à dimensão que denominei técnica, mas é também e simultaneamente definido por densidades, intensidades, acelerações e descontinuidades que, em planos diferentes, evocam um grau de tensão correspondente a uma disposição patemizada culturalmente determinada, no que diz respeito à dimensão semiótica.

Sendo assim, é essa dimensão semiótica que define os contornos do conteúdo passional da canção, o conteúdo de sensibilização que é expresso simuladamente por um corpo-que-sente, ou, dito de outra forma, são escalas aspectuais e não escalas musicais os fatores de engendramento de sentido na música, por mais que ela se sirva destas para evidenciar aquelas, e não poderia ser de outra maneira. Além disso, somente sua inserção num sistema de circulação de valores transformando suas características objetais é capaz de transformar o gostar de música numa paixão, vestindo a sensibilização com o olhar quantitativo da moralização.

### **3.5. Paixão por música, propriamente dita**

A paixão por música, em suma, não é um estudo particular de caso, mas uma proposta de organização do fenômeno da paixão pela música na nossa sociedade. A paixão, em cujo

palco atores de uma mesma sociedade defendem culturas diferentes, diferentes moralizações dos dispositivos modais e aspectuais é um efeito de sentido construído na linguagem. Levantamos para a análise da música na sociedade a dimensão técnica e a dimensão semiótica, bem como inserimos a música num quadro passional completo. A música, assim, configurou-se como simulacro de emoção, emoção tanto no sentido coloquial quanto no sentido semiótico (lembração do corpo-que-sente, manifestação da sensibilização passional). Essa abordagem possibilita analisar a moralização das diferentes sensibilizações expressas em diferentes estilos musicais. Antes de partir para a análise da tensividade da paixão, um elemento profundo cuja característica geral permitirá agrupar diferentes universos passionais, tais como os que neste tópico nos interessam: música e infância, cabem alguns comentários sobre as análises até aqui apresentadas.

Inicialmente falamos em identidade, depois falamos em “questão de poder”; tudo depende do lado que estamos defendendo. Não é possível falar em música na nossa sociedade sem tomar partido por tal ou qual estilo semiótico e, por mais que tenhamos tentado, é bastante provável que essas análises tenham acabado por privilegiar um ou outro estilo e talvez até mesmo, por excesso de precaução, aquele com o qual não nos identificamos.

Trocando em miúdos, o consumo de música seria caracterizado pela oposição não de ideias mas de estilos. A boa música não seria uma única música, não diria respeito a um único estilo musical; a música será boa ou não, e até será música ou não, conforme seu estilo semiótico condiga

ou não com o estilo semiótico privilegiado pelo grupo social com o qual se identifica o avaliador.

Da mesma maneira, a boa música não pode ser pré-moldada: não há fórmulas musicais que produzam sempre boas músicas, pois não se trata de avaliar escalas de notas nem sequências rítmicas, mas escalas de valores e ritmos pessoais e sociais. Assim, a música vale por sua semiose, por aquilo que significa e pela maneira como o diz.

### ***3.6. Regimes e Valências: modelos de público e de música***

Ao atentar para a existência dos regimes de participação e de exclusão no âmbito da paixão por música, entra em cena a valência, uma categoria de valores semiossemânticos que, combinada com outra, forma um sistema de valores que subjaz ao texto. Esses valores aparecem como dicotomia do nível fundamental, como valores investidos nos objetos do nível narrativo e como aspectualizações, debreagens, figurativizações, dentre outros elementos do nível discursivo.

O sistema de valores formado na combinação de duas valências possui dois eixos categóricos: o eixo da extensidade e o eixo da intensidade; cada valência será organizada em um ou outro dos dois eixos, conforme suas características intrínsecas e/ou o macro-texto do mundo cultural a que pertence.

Segundo Fontanille e Zilberberg,

Globalmente, as valências definem-se, pois, por sua participação numa correlação de gradientes, orientados em função de sua tonicidade sensível/perceptiva. Isso

quer dizer que, de imediato, um observador sensível é instalado no cerne da categorização, como o próprio lugar das correlações entre gradientes semânticos. Em outras palavras, a “caixa preta” da semiótica das paixões, a saber o corpo próprio do sujeito que sente, encontra aqui uma definição oblíqua inesperada: o corpo próprio é o lugar em que se fazem e se sentem, de uma só vez, as correlações entre valências perceptivas (intensidade e extensidade). (ZILBERBERG; FONTANILLE, 2001, p. 20) (grifos da autora).

*Emoção: “(...) manifestação patêmica, denominada emoção, cuja aparição no discurso assinala que a junção tímica está cumprida, dando palavra ao corpo próprio.”* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 155)

A definição acima para o termo *emoção* leva à conclusão de que esse lugar do corpo próprio seria, ao mesmo tempo, lugar da formalização e percepção das correlações entre valências e lugar da irrupção somática da emoção. Nesse caso, as correlações entre as valências perceptivas, como categorias da extensidade e da intensidade, podem dar conta da tensividade que subjaz à instalação de efeitos somáticos na superfície do discurso.

Duas consequências podem ser apreendidas dessa relação entre esses importantes trabalhos de semiótica francesa: (i) sendo a música expressão de emoções que afloram no mesmo lugar que os modelos tensivos das valências, sendo as emoções pressupostas da sensibilização a qual por sua vez pressupõe a disposição que aciona um “estilo semiótico”, podemos buscar nos modelos tensivos das valências elementos do próprio estilo semiótico de cada texto; (ii) já que esses modelos tensivos, por outro lado, podem dar conta da tensividade subjacente aos efeitos de



sentido emocionais no discurso, eles podem reger a flutuação que esboça uma curva de tensividade cujos picos seriam irrupções somáticas das emoções.

A primeira hipótese será testada nesse tópico, comparando-se os estilos semióticos de canções infantis e textos sobre música. A segunda hipótese será testada no tópico seguinte relativo à expressão de emoções na voz.

OBSERVAÇÃO: Essa análise não segue os mesmos caminhos propostos por Fontanille e Zilberberg na obra citada porque, a nosso ver, os autores, em praticamente todo o livro, restringem a emoção ao nível discursivo. Seu uso do gráfico de modelo tensivo é semelhante ao do quadrado semiótico, com a vantagem de abarcar a continuidade. Para nós, o gráfico de modelo tensivo deve ser abordado como uma ferramenta inovadora, que permite não só abarcar o contínuo num modelo de pressuposições lógicas como também ser ponto de referência para análises comparativas entre textos e análises comparativas entre momentos diferentes do mesmo texto.

Por isso, a proposta apresentada graficamente por Fontanille e Zilberberg (2001, p. 284) parece-nos por demais indicativa de “*fases de um esquema afetivo*” geral de um macro-texto passional do que um esquema tensivo aplicável a um texto específico. Não nos parece, no entanto, que os autores neguem essa segunda possibilidade.

### **3.7. Modelos tensivos**

Fontanille e Zilberberg propõem dois tipos de relações na combinação das valências: conversa, em que as valências variam no mesmo sentido, segundo o princípio de participação, da lógica da mistura (Figura 18), e inversa, na

qual as valências variam em razão inversa uma da outra, seguindo o princípio de exclusão, da lógica da triagem (Figura 19) (Figuras a seguir).

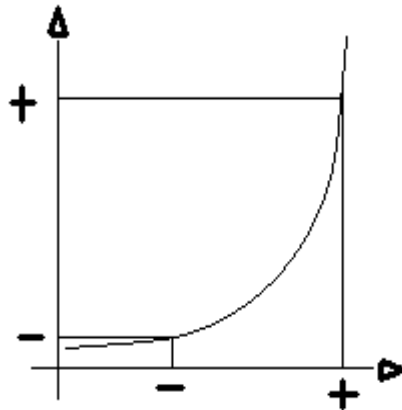


Figura 18: Tensividade Conversa: quanto mais extenso, mais intenso.

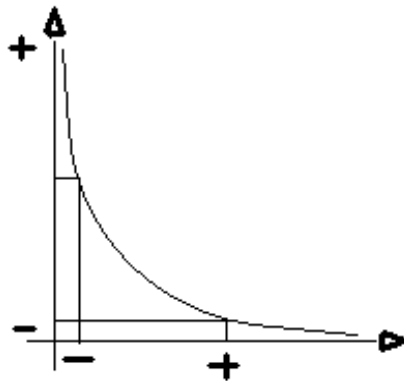


Figura 19: Tensividade Inversa: quanto mais extenso, menos intenso.

Seguindo-se a proposta dos autores de pensar cada categoria, cada gradiente como uma profundidade do discurso, sendo uma delas extensa (eixo horizontal) e a outra intensa (eixo vertical), podemos, a partir da análise de qualquer texto e qualquer tipo de texto, avaliar as profundidades semânticas que determinam o sistema de valores em jogo no texto e, assim, especificar o modelo tensivo do texto, o qual tomaríamos como modelo gráfico do estilo semiótico. Os modelos, portanto, seriam conversos se a relação das valências é *mais pede mais e menos pede menos* e inversos se a relação é a oposta, com *mais pedindo menos* e vice-versa.

Assim, o desenho da semiótica tensiva é um gráfico no qual uma curva mostra um movimento ascendente (modelo converso) ou descendente (modelo inverso). No eixo x, temos os valores de extensidade, enquanto no eixo y temos os valores de intensidade. Basicamente, ou o jogo entre esses valores define uma relação na qual quanto mais extenso, mais intenso, ou ele define uma relação de oposição, em que, quanto mais extenso, menos intenso (Figura 20, abaixo). Os dois gráficos mostram a relação entre duas profundidades, a de valores extensos e a de valores intensos, constituindo um quadro de valores dinâmico e contínuo

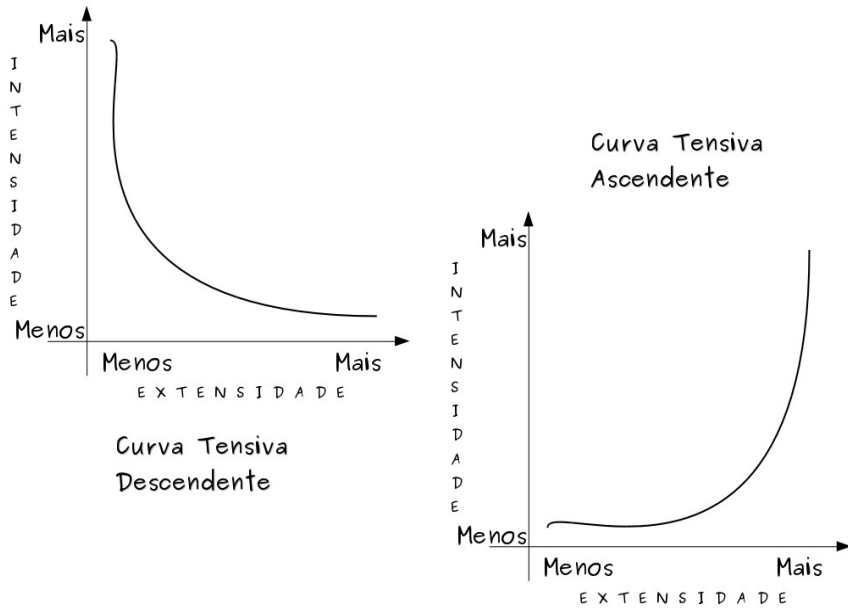


Figura 20: Curvas tensivas clássicas, tal como propostas por Fontanille e Zilberberg..

Confesso que, desde que comecei a trabalhar com a tensividade, me incomodou bastante que as curvas tivessem somente dois formatos. Na minha tese de doutorado (MATTE, 2002), enquanto analisava canções infantis, deparei-me com uma situação na qual, com certeza, eu tinha um texto misto, com dois tipos de curvas tensivas, algo não previsto pela teoria, e nas quais o formato da curva fazia diferença, o que também não estava previsto pela teoria (MATTE, 2002, p. 87-91). Apresento a seguir a análise que me levou a defender essa posição.

### **3.8. *Panela de Pressão*<sup>40</sup> – a discussão da “forma” da linha**

A análise desta canção partiu de um levantamento temático baseado principalmente no nível narrativo e reproduzido abaixo. A parte musical da peça consiste num rock muito padronizado, o que levou a essa abordagem visando verificar as particularidades da peça<sup>41</sup>.

Apesar de toda obviedade desse discurso, ele foi crucial no nosso trabalho pois possibilitou, pela primeira vez, questionar a “forma da linha” dos gráficos de tensividade. Além disso, mostrou que um mesmo texto pode ser determinado por dois modelos tensivos diferentes, desde que relativos a diferentes níveis de veridicção, especialmente no caso da ironia.

O levantamento temático foi assim organizado:

- 1) o texto inicia com o /parecer/.
- 2) Exceto pela coda, todo o texto é a voz de um outro que fala sobre o Maluquinho. Pode-se separar a voz do outro, que chamaremos de voz da sanção, em duas subpartes: a sanção do ser e a sanção do fazer.
- 3) O você no texto é um enunciatário<sup>42</sup> (E<sup>ÁRIO</sup>) simpatizante dos valores sob os quais o enunciador (E<sup>DOR</sup>) modela a sanção.

---

40 Disco “A festa do menino maluquinho”, Pererê Records nº 011055-2, 1996, faixa 3, autoria: A. Pinto, G. Alves Pinto.

41 Faixa 12 do CD que acompanha a tese: primeira letra (A1, B, A2, C, D).

42 Enunciatário: lugar do receptor do texto como mensagem enviada por um enunciador. Faz parte das análises do Nível Discursivo.

- 4) Na coda, o S<sub>MALUQUINHO</sub><sup>43</sup> (sujeito da sanção do D<sup>OR</sup>), absorvendo as nuances disfóricas da sanção, nega-a, ligando seu comportamento (ser e fazer) a um estado de alma<sup>44</sup>: “feliz de montão”.
- 5) Portanto, o texto traz a moralização em primeiro plano, aplicando no S<sub>MALUQUINHO</sub> uma paixão reprovável e invejável ao mesmo tempo, que poderia ser chamada de irreverência, já que essa falta de respeito é tanto recriminável quanto atraente, pela liberdade que sugere. Esse dúbio caráter do D<sup>OR</sup> poderia impregná-lo a si próprio de uma paixão resultante que oscilaria entre o desdém e a inveja. Mas os diminutivos e aumentativos presentes no texto possuem, contextualmente, uma conotação positiva: maluquinho, doidão, macaquinho, junto com os adjetivos hiper, super, legal. Sendo assim, o E<sup>DOR</sup> desdenha a moralização que ele próprio expressa, criando uma ironia.
- 6) A presença do “você”, no entanto, impede que se possa buscar no texto uma ironia com voz do Maluquinho. Nas figuras utilizadas para a crítica do ser e do fazer serão buscados elementos para uma melhor compreensão desse actante coletivo responsável pela moralização (Tabela 5, abaixo).

---

43 Smaluquinho = Sujeito Maluquinho.

44 O estado de alma opõe-se ao estado de coisas: enquanto esse último é relativo à narrativa e diz respeito ao tipo de junção que o sujeito mantém com o objeto, o primeiro é relativo à análise semiótica das paixões e diz respeito ao estado passional do sujeito.

**Tabela 5: Relação da letra com a modalização do ser e do fazer com a foria.**

Texto da letra da canção	Ser ou fazer	Leitura	Foria
parece um macaquinho	ser	não é um macaco, diminutivo carinhoso	positivo
não pára no lugar	fazer	age como um macaco, muita energia	positivo
só ele mesmo é assim	ser	é especial	positivo
hiper maluco	ser	maluquice muito grande	positivo
super amigo legal	ser	referência aos super-amigos, sanção positiva	positivo
nada igual	ser	é especial	positivo
panela na cabeça	fazer	uso criativo da panela	positivo
virou napoleão	ser	a brincadeira e a loucura postas lado a lado	neg/pos
cabeça a mil por hora	fazer	aceleração: dificulta a compreensão	negativo
panela de pressão	ser	instabilidade	neg/pos
olha o que você fez	fazer	olhar = objetividade e desaceleração; o pedido reflete a aceleração criticada	negativo
maluquinho de vez	ser	sem recuperação (a aceleração em espiral, o contraste de valores)	negativo
<i>maluquinho doidão</i>	ser	pertencente a outra turma (o contraste de valores)	negativo
menino impossível	ser	aceleração	negativo
cabeça a flutuar	fazer	descontinuidade entre cabeça e corpo (mente e realidade)	neg/pos

voando com os pés no chão	fazer	idem	neg/pos
<i>botando pra quebrar</i>	fazer	aceleração, quebra de valores	neg/pos
panela de pressão pronta pra estourar	ser	concentração durativa: limiar do aceitável; maluquice, aceleração	neg/pos

Este rock, de melodia, forma, arranjo e interpretação bastante previsíveis, é uma canção temática, portanto uma canção que recobre de valores conjuntivos seu conteúdo verbal. Este, por sua vez, joga com o ser e o parecer de uma sanção moralizadora, cuja voz o E<sup>DOR</sup> parece expressar, mas, na verdade, critica (ou melhor, desdenha). Portanto, trata-se da moralização (ser) de uma moralização (parecer). O sujeito apaixonado da moralização aqui criticada, seria o Menino Maluquinho, que é indiferente às regras que o Moralizador 1 sanciona positivamente (seu quadro de valores). É justamente essa indiferença o alvo de uma sanção positiva pelo Moralizador 2, que euforiza com a canção o fazer do Menino Maluquinho, a quem dá voz na coda.

A aceleração que, segundo ambos os destinadores, caracteriza o fazer do Maluquinho é alvo da crítica do primeiro destinador porque dificulta a compreensão, causa instabilidade, causa descontinuidade entre cabeça e corpo e quebra de valores. Essa aceleração vem em espiral, ou seja, causa novas e constantes acelerações que fazem da narrativa do personagem um percurso possivelmente irreversível. A irreversibilidade, a instabilidade, a descontinuidade são disfóricas pois caracterizam perda de



objetividade, segundo o Moralizador 1. Segundo o Moralizador 2, os mesmos elementos são eufóricos, pois caracterizam liberdade de ação. Em ambos os casos, a imprevisibilidade é o principal elemento da moralização.

Esse jogo da moralização do enunciador sobre a moralização recebida pelo Maluquinho obtém da canção temática um reforço ao quadro de valores a que se filia o E<sup>DOR</sup>, quadro do moralizador 2, para quem a imprevisibilidade decorrente desse fazer irreverente - fazer o que não se deve fazer - é eufórica e será confirmada no final da canção pela debreagem enunciativa<sup>45</sup> da voz do S<sub>MALUQUINHO</sub>. O menino nega a maluquice: aquilo que a imprevisibilidade determinada disforicamente chama de maluquice seria, num quadro de aceleração euforizada, sinônimo de felicidade.

A sequência de fazeres maximizados e acelerados cria um contínuo de tensão (“panela de pressão pronta pra estourar”); quanto mais extenso, mais intenso: texto de tensividade conversas.

Porém, enquanto o Moralizador 2 leva o limiar dos máximos de intensão e extensão ao infinito, o Moralizador 1 faz crer que esse limiar é finito e por isso perigoso, colocando em risco a existência do sujeito.

Esse texto, portanto, introduz a necessidade de se pesquisar a existência de duas tensividades conversas, uma tendendo à extensão infinita (Figura 21: Note que a curva atinge um certo grau de intensidade e mantém-se nessa faixa, a

---

45 Debreamagem é, dito de forma simplificada, o processo pelo qual se simula a presença do enunciador no texto (debreagem enunciativa) ou sua ausência (debreagem enunciva).

despeito do aumento da extensidade) e a outra à extensão finita (Figura 22, em que é importante notar a extensidade freada em certo ponto, a partir do qual ela pouco aumenta, enquanto a intensidade aumenta sem limite). Também poderíamos chamar a primeira de tensividade conversa fluente (Figura 21) e a segunda de tensividade conversa resistente (Figura 22), pensando-se em termos de sobredeterminação da existência do sujeito - estilo semiótico. Ainda outra possibilidade de conceituação, talvez mais geral, poderia opor a tensividade conversa desacelerada (Figura 21) à tensividade conversa acelerada (Figura 22).

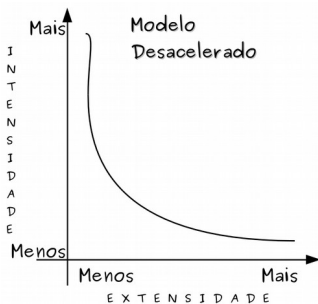


Figura 21: Modelo tensivo inverso desacelerado.

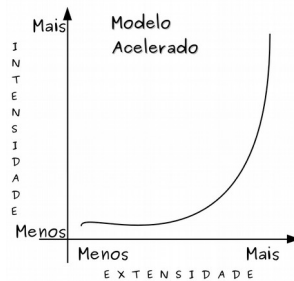


Figura 22: Modelo tensivo converso acelerado.

Assim, trata-se de uma canção cuja tensividade é conversa, caracterizada no nível do parecer pela aceleração e no nível do ser pela desaceleração (Figura 23), sendo esta última predominante no texto como um todo. Tal como na relação entre texto verbal e musical na canção, em que a tematização euforiza o conteúdo polêmico, a curva conversa:

- é possivelmente eufórica se sobredeterminada pela desaceleração
- e possivelmente disfórica se sobredeterminada pela aceleração.

### Curva Tensiva Conversa

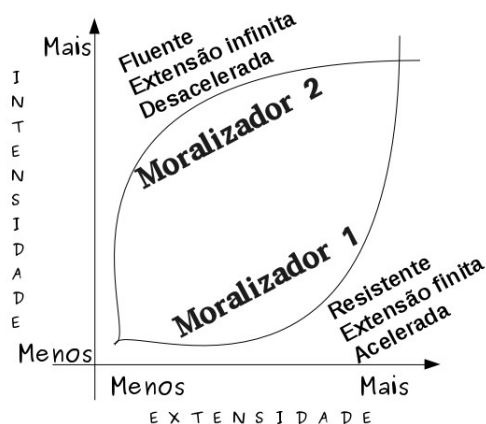


Figura 23: Curvas tensivas dos quadros de valores opostos presentes no texto da canção *Panela de Pressão*.

Nessa Figura 23, notamos que, enquanto, para o Moralizador 1, que considera o comportamento do Maluquinho como um excesso disfórico, o quadro de valores desenha uma intensidade limitada, para o Moralizador 2, que valoriza positivamente a intensidade do menino, o quadro de valores leva a intensidade ao infinito. Sem essa distinção entre os tipos de curva não teria sido possível compreender a natureza da oposição entre os dois moralizadores, ao menos em termos de tensividade, pois ambos seguiriam modelos conversos. Para a análise de textos específicos, portanto, defendemos que essa abordagem da aceleração ou desaceleração da curva seja considerada ao menos quando ser conversa ou ser inversa

não é suficiente para explicar as nuances do texto. Além do mais, ao compreender que a tensividade pode não ser única no mesmo texto, ampliamos ainda mais o arsenal semiótico para abordagens dialógicas e bakhtinianas do texto<sup>46</sup>.

### **3.9. Os quatro modelos tensivos**

Cabe discutir um pouco melhor o que significa cada tipo de curva dos modelos tensivos e o que podem implicar, inclusive em termos fóricos.

O que significa exatamente o gráfico que desenha o modelo tensivo? Retomando, temos no eixo x uma profundidade extensa, na qual o valor do valor, ou valência modela a extensidade. No eixo y, da mesma forma, o desenho mostra a profundidade intensa na qual a valência modela a intensidade. Em geral, ao fazer uma análise, buscamos definir os valores de intensidade e os de extensidade para descrever a relação entre eles, sempre de acordo com o que nos é apresentado pelo texto-objeto, o que nos dá uma visão dinâmica e bastante detalhada da distribuição de valores e como eles afetam todas as relações narrativas e discursivas na produção do sentido global.

Assim, dizer que a curva está limitada ou não na extensidade implica uma mudança global do comportamento de valores, o que pode ser melhor percebido na análise da aspectualização e da paixão. Optamos aqui por focalizar a aspectualização de pessoa, tempo e espaço para caracterizar o efeito dos modelos tensivos sobre o texto e vamos buscar em Portela e Tomasi (2012) os termos da comparação. Os autores, por sua vez, basearam sua reflexão

---

46 Cf. FIORIN, BARROS, 1994 e FIORIN, 2016.

em ideias de Zilberberg (1988) - um dos estudiosos mais importantes no que tange a questões de temporalidade e tensividade - e de Luiz Tatit - autor que esmiuçou as possibilidades de descrição do tempo em termos de parada e continuação (como quando se fala em paradas e paradas das paradas; Cf. TATIT, 1997).

Em seu artigo, os autores Portela e Tomasi (2012) aplicam os termos cronopoiense e cronotrofia à análise de histórias em quadrinhos, encontrando contradições em um sistema tensivo binário, em que paradas e continuações surgem como opostos de um quadrado simples (parada → não-parada → continuação; e continuação → não-continuação → parada). Vamos à sua definição:

- cronopoiense: criação do tempo → relativo ao fazer remissivo, portador das paradas, temporalidade expectante (cria o tempo da espera), espacialidade fechada. Podemos acrescentar: caro à imagem-fim do sujeito.
- cronotrofia: desenrolar do tempo → relativo ao fazer emissivo, portador das paradas das paradas, temporalidade passante (origina a duração), espacialidade aberta. E, acrescentamos, caro à modalização do sujeito.

Deve-se observar novamente a dualidade norteando a análise semiótica, cumprindo o caminho iniciado com eixos semânticos, que estamos propondo aqui extrapolar, mas sem ignorar os fundamentos que, como veremos, contêm em si elementos pertinentes à variação aqui proposta.

Podemos explicar a dualidade cronopoiese e cronotrofia pensando no lugar que ocupam no sistema tensivo: trata-se de tempo e espaço, elementos extensos e, portanto, alocados na profundidade extensa do modelo tensivo. Sendo um eixo único, definem-se pela oposição entre extremos que são, assim, definidos binariamente. Por esse motivo é possível defini-los de forma tão paralela, com cada um dos parâmetros espelhados nos extremos opostos, de forma equilibrada.

Não ocorre o mesmo no modelo tensivo pois ele é bidimensional, ou seja, é dado pela relação não paralela entre os dois eixos que o compõe. Esse aspecto indica ser a tensividade um gancho forte para tratar a semiótica por meio da teoria das catástrofes, como feito por Ivã Carlos Lopes em sua tese de doutorado (LOPES, 1998). Várias pinceladas aparecem no presente livro tendo como referência essa abordagem, embora sem maior aprofundamento, apenas sugerindo a observação de atratores e saliências.

Essa reflexão é corroborada pelos resultados obtidos por Portela e Tomasi (2012), em que não há uma relação unívoca entre temporalidade e espacialidade na cronopoiese e na cronotrofia, o que talvez sugira uma possível vertente de releitura das propostas de Zilberberg (1988).

É o momento de refletir: como podemos pensar cronopoiese e cronotrofia, missividade, paradas e paradas das paradas, espera, imagem-fim, temporalidade e espacialidade nos quatro modelos tensivos que aqui trazemos?

Após definir se o sistema é converso (quanto mais extenso, mais intenso) ou inverso (quanto mais extenso, menos

intenso), partimos da extensidade, eixo da temporalidade e da espacialidade por excelência, e uma noção nova, a do limite no extenso.

NOTA: É extremamente importante notar que nenhum modelo tensivo ou mesmo cronopoiese/cronotrofia, parada/continuação, em suma, nenhum dos elementos usados na análise pressupõe uma moldura fórica pré-determinada. Em outras palavras, o modelo converso pode ser eufórico ou disfórico dependendo do texto, bem como qualquer outro dos elementos citados. Sem essa noção pressuposta, não podemos compreender que a análise semiótica busca dizer como o sentido está construído no texto e qualquer crítica ou elogio ao texto só cabe num segundo momento, transcendente à análise.

O limite no extenso vai modificar a forma como as profundidades extensa e intensa se relacionam, produzindo 4 tipos de curvas, ou seja, 4 modelos tensivos, dois deles conversos e dois inversos, distintos pela finitude ou não da curva em relação ao eixo da extensidade.

Texto Livre: pensemeando o mundo

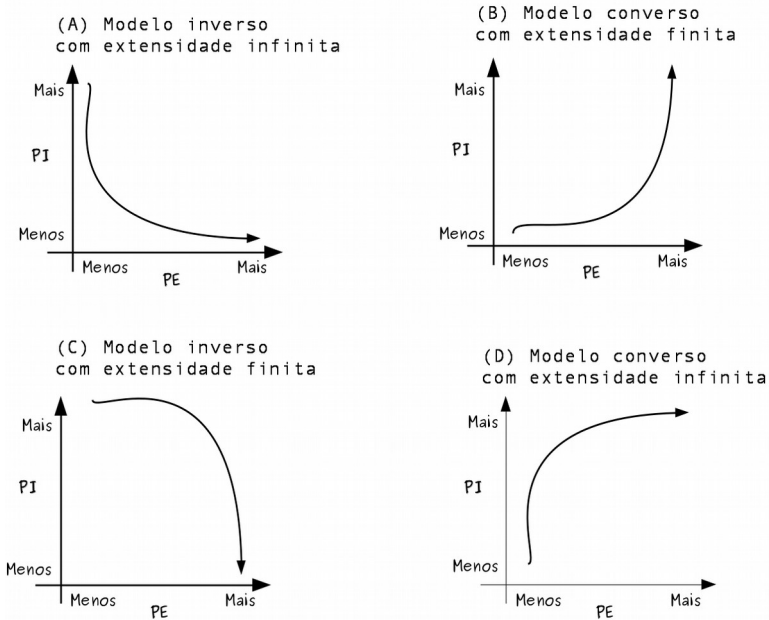


Figura 24: Os quatro modelos tensivos segundo a proposta de limitação ou não da extensidade.

Na Figura 24 temos as quatro opções de curva conforme 12 parâmetros apresentados na tabela 6 cuja análise, a nosso ver, auxilia na construção da curva para cada texto.

A tabela 6 possui mais elementos dos que os necessários para se realizar uma análise, mas que devem ser considerados em sua totalidade pois, dependendo do texto, alguns elementos são mais perceptíveis que outros.



**Tabela 6: Tabela de elementos constitutivos e indicativos de modelos tensivos.**

Modelo tensivo	A) curva <i>inversa</i> com <i>extensidade infinita</i>	C) curva <i>inversa</i> com <i>extensidade finita</i>	B) curva <i>conversa</i> com <i>extensidade finita</i>	D) curva <i>conversa</i> com <i>extensidade infinita</i>
Estilo semiótico	fluente	resistente	resistente	fluente
Missividade	Emissivo	Remissivo	Emissivo	Remissivo
Temporalidade (variação de andamento)	Desacelerada	Desacelerada	Acelerada	Acelerada
Temporalidade (presença)	Átona	Átona	Tônica	Tônica
Temporalidade (resistência)	Desenrolar Do Tempo	Esgotar do Tempo	Criação Do Tempo	Desenrolar do Tempo
Tempo	Cronopoiese	Cronotrofia	Cronotrofia	Cronopoiese
Parada/continuação	Parada da continuação → continuação da parada	Continuação da continuação → Parada da continuação	Continuação da parada → parada	Parada da parada → continuação da continuação
Espera/duração	Cria a Espera	Resume a Espera	Origina a Duração	Resume a Duração
Espacialidade (abertura)	Fechada	Fechada	Aberta	Aberta
Espacialidade (presença)	Átona	Tônica	Tônica	Átona
Espacialidade (integração)	Emergente (extenso)	Mergulhante (extenso)	Emergente (intenso)	Mergulhante (intenso)
Estabilidade	Estável	Instável	Instável	Estável

Com quantas paredes se faz uma sala de aula? E quantos alunos e professores cabem nela? Enquanto soubermos demais a esse respeito antes do momento da aula, pouco saberemos depois sobre os olhares nela despertados e poucos botes sairão preparados para novas travessias.

## Capítulo 4    Semiótica e Meta-Educação

### ***4.1. Modelos tensivos de uma educação libertadora e uma educação conservadora – análise semiótica***

Voltemos ao tema da educação. Nada impede pensar cada uma das educações, introduzidas em Matte (2018, p. 53-93), como textos. Vejamos, então, as palavras que usei para defini-las. A primeira chamei de educação libertadora, em homenagem a um professor que prezo muito (FREIRE, 1978), e a outra vou chamar de educação conservadora,

uma palavra mais autoexplicativa do que 'tradicional', termo mais comumente usado.

- Educação libertadora: ensino-aprendizagem são feitos de movimentos afinados mas não necessariamente paralelos, os quais são viabilizados por balizas e diretrizes que nos conduzem a saberes e poderes cada vez maiores.
- Educação conservadora: ensino/aprendizagem possuem direções opostas, que definem seus atores hierarquicamente como fornecedor, quem ensina, e receptor, quem aprende, de saberes certificados e poderes socialmente válidos.

Na tabela 7 organizamos de forma mais didática as oposições que se apresentam nas definições aqui propostas para Educação Libertadora e Educação Conservadora.

**Tabela 7: Oposições presentes nas definições propostas para Educação Libertadora e Educação Conservadora.**

<b>Educação libertadora</b>	<b>Educação conservadora</b>
Saber ilimitado	Saber certificado
Poder ilimitado	Poder socialmente válido
Ensino com aprendizagem (ensino-aprendizagem)	Ensino versus aprendizagem (ensino/aprendizagem)
Papéis complexos	Papéis simples
Balizas e diretrizes	Conteúdo

A educação libertadora trabalha com foco no sujeito. Isso significa que a complexidade dos sujeitos envolvidos deve ser considerada, tomando-se essa complexidade como investimento discursivo, passional, tensivo e fórico do

actante, o que acaba por levar a formações diferenciadas mesmo quando indivíduos de uma mesma turma passam pelo mesmo processo narrativo de ensino-aprendizagem. Não que esse efeito também não ocorra na educação conservadora: a questão é que, focada no objeto, ela descarta a informação da complexidade discursiva dos sujeitos para trabalhar com sua abstração narrativa. Em outras palavras, a educação conservadora ignora as individualidades pois sua preocupação é com o objeto que está sendo transmitido.

Numa aplicação pouco ortodoxa da teoria, poderíamos dizer que a educação conservadora trabalha o ensino num ambiente narrativo no qual a lógica da operação de transmissão do conhecimento é mais importante que os sujeitos envolvidos nessa operação (Figura 25).

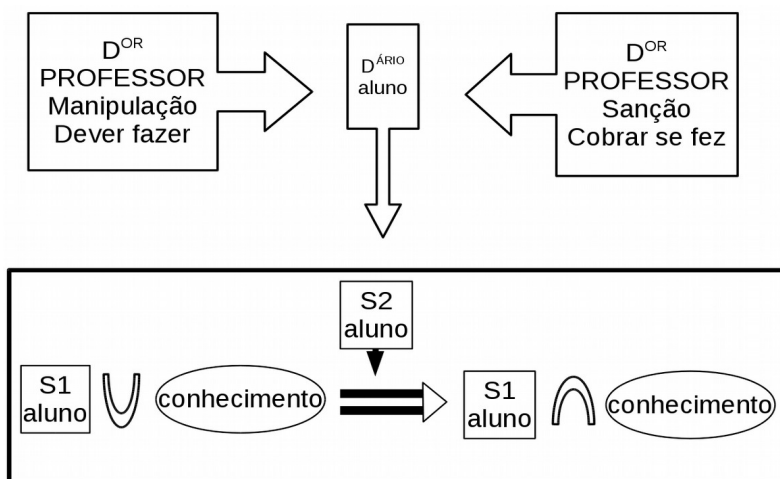
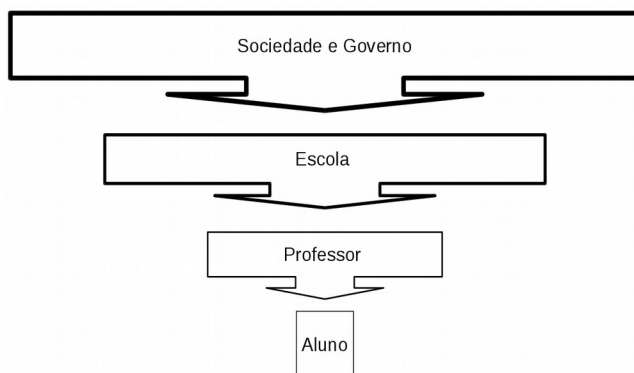


Figura 25: Síntese do percurso narrativo de transmissão do conhecimento da educação conservadora.

Ainda na mesma linha de alusão pouco ortodoxa da teoria, dizer que o professor conservador apega-se à narrativa quer dizer também que os valores do sujeito pouco importam, importa que o sujeito feche o contrato e entre em conjunção com esse conhecimento, seja ele importante ou não para si mesmo. O quadro de valores que está em jogo é imposto pelo sistema de ensino, o qual, por sua vez, reflete valores de uma sociedade pouco flexível quanto ao que é e o que não é aceitável como verdadeiro.

E, continuando longe do ortodoxo, a educação libertadora diminui sobremaneira o peso do Nível Narrativo. Para ela, o Sujeito (1 e 2) precisa estar preenchido com valores do fundamental e especificidades do discursivo para fazer sentido.

Isso pode explicar porque, para o professor conservador, não é relevante aquilo que acontece extraclasse, nem mesmo nos intervalos entre aulas: para ele, aluno é igual ao sentido literal da palavra: sem luz. Uma caixa vazia a ser preenchida com objetos definidos, em geral, por instâncias superiores ao próprio professor (Figura 26). De forma simplificada, podemos pensar, a partir dessa figura, que a relação entre aluno e professor é apenas a parte final e inferior da cadeia de manipulações que decidem a educação.



*Figura 26: Hierarquia do saber*

Tanto a educação conservadora quanto a libertadora estão sujeitas a essa cadeia hierárquica de manipulações; a diferença reside na forma como o professor responde a ela: o professor conservador assina, sem ressalvas, o contrato com as instâncias superiores, enquanto o professor libertário procura propor ao aluno um contrato que o considere como pessoa e, portanto, personalizado, de modo a acolher, dos contratos com as instâncias superiores, somente aquilo que convier a esse contrato personalizado. Se a escola se quer libertadora, vai acolher essa proposta e reproduzir o conflito com seu destinador, mas, se não for, vai trazer o embate exatamente entre si e o professor.

**Tabela 8: Características semióticas das educações libertadora e conservadora organizadas como pré-análise tensiva.**

<b>Elemento</b>	<b>Descrição no eixo</b>	<b>Educação Libertadora</b>	<b>Educação Conservadora</b>
<b>Conhecimento</b>	Concepção do saber numa relação entre o institucionalizado e o experimental.	Saber experimental, por isso ilimitado.	Saber certificado, portanto previamente delimitado.
<b>Capacitação</b>	Concepção do resultado da formação no eixo do institucionalizado e o experimental.	Capacitação abrangente, pois poder ilimitado.	Capacitação estreita, pois poder socialmente validado.
<b>Direção</b>	Concepção da direção do processo educacional entre multi e unidirecional.	Multidirecional, ensino com aprendizagem.	Unidirecional, ensino versus aprendizagem.
<b>Papéis</b>	Concepção dos papéis de Professor e aluno conforme a capacidade de transmissão de conhecimento.	Papéis complexos, pois ambos são capazes.	Papéis simples, pois somente o professor é capaz.
<b>Fluxo do saber</b>	Concepção da dinâmica educacional entre o dinâmico e o estático.	Dinâmico, processual, pois baseado em balizas e diretrizes.	Estático, esquemático, pois baseado no conteúdo pré-definido.



<b>Elemento</b>	<b>Descrição no eixo</b>	<b>Educação Libertadora</b>	<b>Educação Conservadora</b>
<b>Euforia</b>	Eixo entre os elementos eufóricos de cada Educação, que nos indica o empoderamento e a capacitação como extremos.	Empoderamento, pois o sujeito visado é competente tanto como sujeito quanto como destinador (na manipulação e na sanção).	Capacitação, pois o sujeito visado é competente para realizar um conjunto de ações, ou seja, é competente como sujeito pragmático.
<b>Disforia</b>	Eixo entre os sujeitos disforizados em cada Educação, que nos leva ao campo semântico do engajamento. Em uma, engajamento significa decisão, individualização, enquanto, na outra, engajamento significa aceitação, adequação. Então, o que encontramos é um eixo entre apatia e paixão, valorizadas de forma oposta em cada caso.	Sujeito apático, indeciso.  Não encontrou seu espaço intelectual/prático produtivo.	Sujeito passional, rebelde.  Não consegue adequar-se, não quer ou não consegue aprender.

## a) Adendo teórico

A descrição dos eixos nos mostra que o quadrado semiótico não é capaz de nos mostrar de forma satisfatória as diferenças entre essas educações, já que os eixos encontrados na tabela 8 não são eixos semânticos e muito menos dicotomias, dado que os extremos várias vezes pertencem a campos semânticos pouco ou muito diferenciados. Os próprios nomes adotados nessa análise da Educação (libertador/conservador) não pertencem a um mesmo campo semântico, a despeito de semelhanças e possíveis oposições relativas. Mais apropriada seria a oposição liberdade vs. opressão. Um outro caminho, porém, abre uma perspectiva talvez mais ousada, teoricamente falando, e é a que será abordada nas próximas linhas.

A tabela 9 foi gerada a partir da análise da tabela 8 e busca uma abordagem mais abstrata dos elementos encontrados.

**Tabela 9: Análise de elementos abstratos da configuração aspectual, indicativa de valores e valências.**

	<b>Descrição</b>	<b>Educação Libertadora</b>	<b>Educação Conservadora</b>
<b>Variação da velocidade de aprendizagem</b>	Temporalidade tomada como variação de velocidade do aprendizado, num eixo entre acelerado e desacelerado.	Acelerada, pois prevê a aceleração cada vez maior conforme o sujeito aproxima-se do ideal	Desacelerada, pois segue um passo-a-passo gradual rigoroso.

	<b>Descrição</b>	<b>Educação Libertadora</b>	<b>Educação Conservadora</b>
<b>Presença</b>	Temporalidade tomada como presença no momento, sendo relativa ao eixo átono vs. tônico.	Tônica, pois o sujeito visado é presente, ativo, ou seja, marca presença.	Átono, pois o sujeito visado não precisa estar presente nem deve marcar presença, apenas deve submeter-se ao processo e adequar-se a ele, atitude pressuposta para conseguir aprender.
<b>Resistência</b>	Temporalidade tomada como criação do tempo, no qual só o ponto de partida é definido e, assim, configura-se uma baixa resistência temporal, ou como desenrolar do tempo num sistema controlado, no qual configura-se uma alta resistência temporal.	Baixa resistência temporal, criação do tempo, pois o ensino-aprendizagem foca o mote, o motivo, a origem do fluxo, tendo as metas de conteúdo apenas como meras referências ultrapassáveis e exploráveis em diferentes sentidos.	Alta resistência temporal, pois o foco do ensino/aprendizagem é um <i>corpus</i> pré-definido a ser adquirido pelo estudante no tempo escolar também pré-definido. Não é o aluno quem decide a velocidade do aprendizado.
<b>Abertura</b>	Espacialidade entre fechado (restrito, limitado) e aberto (amplo, ilimitado). É relativo ao fluxo espacial, o primeiro restritivo ao fluxo e o segundo extensível.	Aberto: todo espaço é espaço para aprendizagem.	Fechado: os espaços de aprendizagem são pré-definidos e sempre com limitações espaciais claras, tanto no que diz respeito ao limite do espaço total quanto ao limite do espaço individual.

	<b>Descrição</b>	<b>Educação Libertadora</b>	<b>Educação Conservadora</b>
<b>Presença</b>	Tonicidade da presença, entre tônico e átono. Trabalhamos aqui na perspectiva da aspectualização da pessoa e, mais especificamente, a pessoa-aluno.	Tônica: o sujeito-estudante visado é aquele caracterizado por proatividade, criticidade, identidade individual.	Átono: o sujeito-estudante ideal é submisso, passivo, com identidade definida pela turma, ou seja, dispersa no todo.
<b>Integração</b>	A integração também é relativa à aspectualização da pessoa, oscilando entre emergente e mergulhante. Remete à teoria das catástrofes: saliências e vales.	Emergente: O estudante visado emerge: não destoa, mas se destaca.	Mergulhante: O estudante visado deixa sua especificidade reservada para o momento extra-classe.
<b>Estabilidade</b>	A instabilidade é disfórica em ambas as educações: em ambas o sujeito visado é estável no que diz respeito às outras características, mas enquanto a conservadora quer abolir a instabilidade, a libertadora a aceita como indício de elementos que podem ser usados para encontrar no sujeito as características desejadas.	Aceita a instabilidade.	Rejeita a instabilidade.

O tempo, como vimos anteriormente no sub-capítulo 3.9 (*Os quatro modelos tensivos*), oscila entre cronopoiése e

cronotrofia, resultantes da combinação dos elementos da tabela 9. Considerando-se especialmente os elementos de resistência e abertura da tabela 9 acerca das duas educações aqui discutidas, a conservadora nos sugere cronotrofia, em virtude da temporalidade terminativa e da espacialidade circunscrita, enquanto a libertadora, com temporalidade originante e espacialidade ilimitada, nos sugere cronopoiése.

Já o fluxo temporal de paradas e continuações será tratado de forma diferenciada. Julgamos apropriado partir dos 4 momentos do fluxo temporal, conforme Tatit (1997): parada da continuação, continuação da parada, parada da parada e continuação da continuação (Figura 27, abaixo). Desenhei em dois níveis os quatro tipos de dinâmica de fluxo temporal para destacar que a parada da continuação e a parada da parada são de natureza intensa, enquanto a continuação da parada e a continuação da continuação são de natureza extensa. Em virtude dessa característica é que podemos associar a dinâmica de fluxo diretamente aos modelos tensivos.

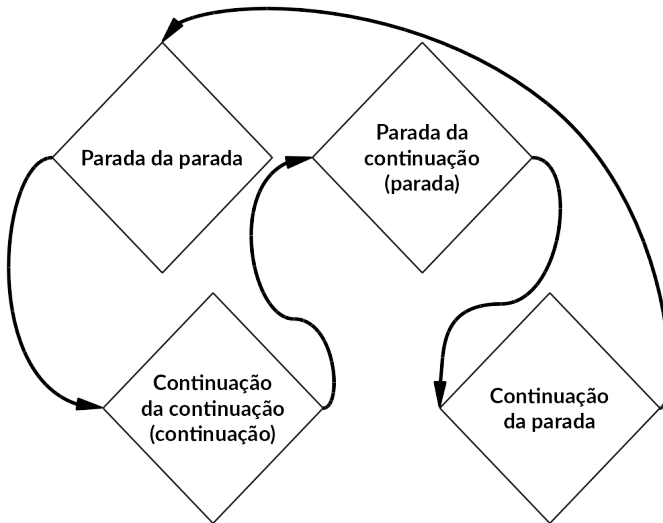


Figura 27: Fluxo: a sequência canônica das paradas e continuações.

O que é importante para a tensividade, a nosso ver, é a passagem de uma dinâmica de fluxo a outra, que propomos distribuídas como na Figura 28 (abaixo). Observa-se aqui que há uma relação direta entre o movimento em direção à continuação (da parada ou da continuação) e a infinitude da extensidade, enquanto o movimento em direção à parada (da continuação ou da parada) relaciona-se à finitude da extensidade.

Os esquemas da Figura 28 revelam que a base da relação aqui proposta está na própria teoria da tensividade (FONTANILLE, ZILBERBERG, 2001), segundo a qual a extensidade acolhe valores temporais e espaciais. Essa abordagem do fluxo temporal sobre o modelo tensivo sugere uma sintaxe, um possível encadeamento entre os modelos, que, seguindo as letras propostas na Figura abaixo, teria a seguinte sequência: [a] → [b] → [d] → [c].

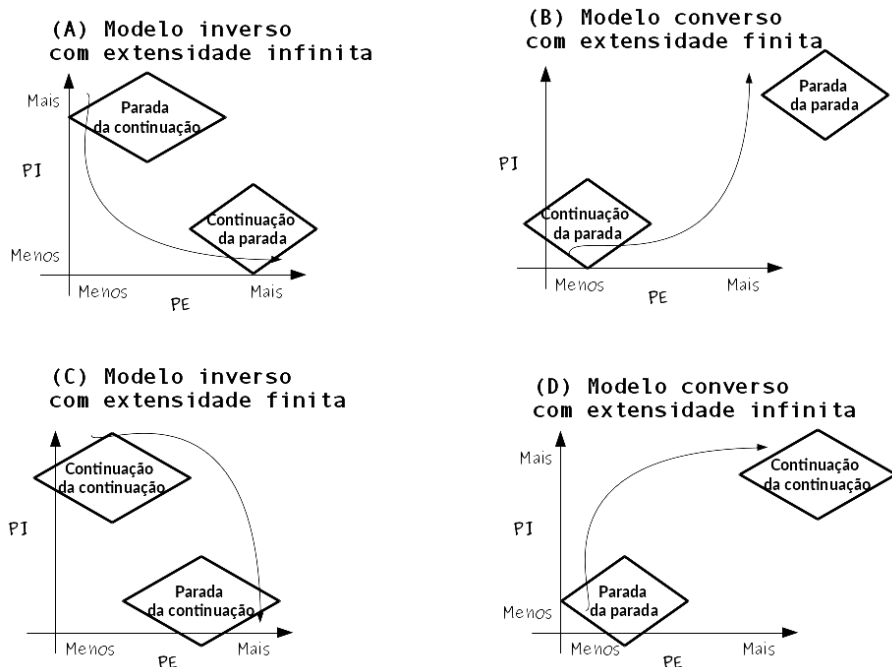


Figura 28: OS 4 modelos tensivos relacionando paradas e continuações.

Isso sugere novas investigações, que não cabem no escopo do presente livro, no sentido de perceber a coexistência mais ou menos polêmica entre os modelos, quando em textos híbridos, causando efeitos de sentido passionais ou tensivos diferentes, conforme sejam vizinhos ou não na sequência acima.

O mesmo acontece com os elementos da relação espera/duração apresentada no subcapítulo 3.9 (p. 124), mas com outra configuração, que nos remete aos modos de existência do sujeito (BARROS, 1988). A criação da espera gera um sujeito potencial. A espera é resumida com a emergência do sujeito virtualizado e é a emergência do

sujeito atualizado que cria a duração, a qual se instala no sujeito realizado rumo ao resumo da duração.

No que tange a paradas e continuações estamos falando de estados, apesar de terem como foco o processo: a continuação da continuação é cara ao sujeito realizado e sua parada, instável e difícil de precisar no tempo cronológico, cara ao sujeito potencializado. Todas as paradas - da parada e da continuação - são instáveis e momentâneas, enquanto todas as continuações - da parada e da continuação - são estáveis e duradouras, embora seja necessário reconhecer que, tanto uma, quanto outra, produzem efeitos diferentes quando aplicadas à parada ou à continuação.

Os termos realização e realizado possuem naturezas diferentes:

realizado : estado :: realização : transformação

A espera e a duração são criadas e definham nas transformações e não nos estados, então não faremos uma ligação direta entre paradas e continuações, de um lado, e duração e espera do outro. Na Figura 29 (abaixo) podemos notar essa relação entre o que eu me permito chamar de estados processuais.

Neste quadrado baseado no semiótico, da Figura 29, estamos observando, na realidade, a junção de 3 quadrados semióticos: o da continuação da parada (parada) versus continuação da continuação (continuação), o dos estados do sujeito (realizado, potencializado, virtualizado e atualizado) e suas transformações (potencialização, virtualização, atualização e realização).



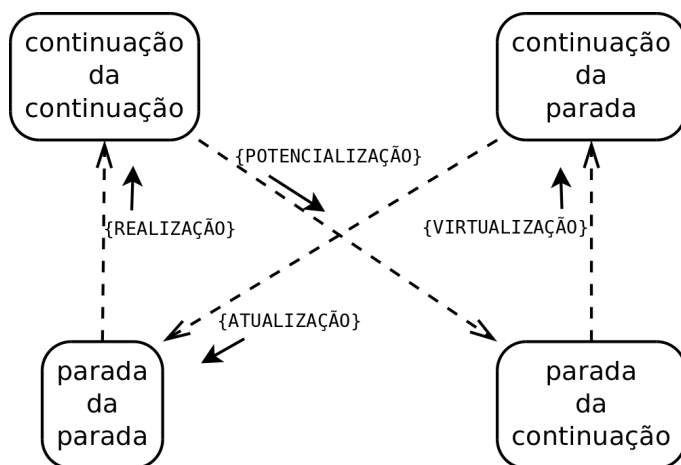


Figura 29: Relação entre transformações dos estados do Sujeito e o quadrado de parada vs. continuação.

O estado realizado do sujeito corresponde à continuação da continuação, que é sensivelmente mais relaxada do que a continuação da parada, à qual se opõe e que corresponde ao estado virtualizado do Sujeito. Ambas as paradas são mais tensas que a continuação da continuação e menos tensas do que a continuação da parada, aspecto em que essa coaduna com o sentido do estado virtualizado: um sujeito que quer ou deve fazer ou obter alguma coisa, mas não pode e/ou não sabe como.

As paradas são instantâneas, as continuações são durativas. Paradas são instáveis, continuações são estáveis, mas como o processo completo é concebido pela relação entre as duas, a continuação da continuação é estável em relação a todas as outras e a continuação da parada é mais instável que todas as outras. Além disso, a parada da parada é mais instável que a parada da continuação, pois a força da

estabilidade do estado realizado funciona como uma força gravitacional.

É importante lembrar que sigo a perspectiva segundo a qual o quadrado semiótico é um processo no qual o eixo dos contrários opõe dois atratores, que afetam os contraditórios mais próximos, já que, no nosso entender, é necessária uma força muito maior na negação que leva aos contraditórios do que a implicação que conduz aos contrários.

A rigor, a espera engendra a ação, já que a fíducia do sujeito na previsibilidade da realização é o que o cria - ou recria - ao torná-lo um sujeito potencial. Se a realização engendra uma continuação da continuação, a potencialização a interrompe, criando a espera na parada da continuação (Figura 30).

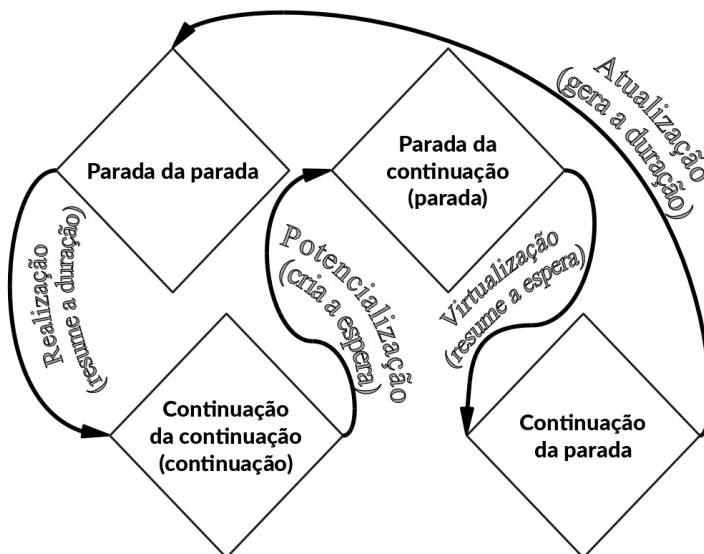


Figura 30: Forma processual e tensiva do quadrado semiótico das paradas e continuações e sua relação com a transformação do sujeito.

Ainda na Figura 30, observe que a virtualização resume a espera, dando lugar, na atualização, ao tempo rítmico, tempo da parada, da modalização do Sujeito, tempo percebido pela mudança e que, por ser percebido, dura. Tempo que a realização resume, atrofia.

Diria o poeta: *o caminho só existe quando a gente passa*<sup>47</sup>. O ápice da tensão prevista para a continuação da parada, a duração adia – até o ponto em que a tensão não permita continuar. A título de exemplo, trata-se do período em que o herói sai do estado potencializado – em que surge a espera – e transita na duração, modalizando-se, até que, atualizado, passa a resumir essa duração durante o período de realização, que acontece como pede a lógica do quadrado: num deslize para a estabilidade, ou o herói faz, ou, por diferentes motivos textualizáveis, retorna ao estado de espera resignada ou confiante.

É nesse sentido que a espera contrapõe-se à duração: espera tende à tensão, pois dirige-se à disjunção, enquanto duração tende ao relaxamento, pois orienta-se no sentido da conjunção.

Assim, os modelos tensivos da espera (cronopoiese que cria a espera e cronotrofia que resume a duração) são conversos, enquanto os de duração (cronotrofia que resume a espera e cronopoiese que gera duração) são inversos e a cronopoiese é limitada na extensidade, enquanto a cronotrofia é ilimitada.

É interessante perceber que, dessa forma, é possível explicar que o sujeito realizado é fim e início do percurso

---

47 Trecho da letra da canção “Acima do Sol”, do grupo Skank: <https://www.letras.mus.br/skank/36668/>.

dos modos de existência. Sujeito realizado não é o mesmo no momento da transformação, a qual podemos chamar de realização, e após esse mesmo momento: a realização é extensa embora resuma a duração, de modo a criar uma permanência que tende a “esquecer” a realização, de modo que, mesmo sendo correto afirmar que o sujeito, do ponto de vista narrativo, continua realizado, do ponto de vista passional o esvanecimento da intensidade da realização provocado pela permanência cria uma espécie de vácuo que abre espaço a um novo estado de espera, tirando-o dessa posição criada pela realização para a de sujeito potencial, possibilitando, assim, empreender novo percurso.

Vale salientar que a observação de modelos tensivos conforme os modos de existência ou qualquer outro elemento descontínuo do texto é apenas uma elaboração teórica por similaridade, que auxilia na compreensão dos fenômenos. Na realidade, o modelo tensivo é independente do percurso narrativo, pois, enquanto o primeiro dá conta do texto como um todo, o segundo especifica as partes dos textos, definições e transformações mais ou menos localizadas.

## **b) Retomando a análise**

Voltando às meta-educações, libertadora e conservadora, cabe agora aliar os resultados da tabela 9 e as considerações que a seguiram para determinar seus modelos tensivos.

No que tange ao fluxo temporal, a educação conservadora tende à duração, à continuação (da continuação ou da parada), mas é isolante: cria um estado de suspensão do tempo e do espaço que existem fora de seus próprios tempo

e espaço pré-determinados e, com isso, gera a duração da parada (continuação da parada a partir da parada da continuação). Se isso é o que acontece dentro da sala de aula (mesmo digital), ao sair dela há um retorno à continuação da continuação, pois a suspensão não permite que o aprendizado acontecido durante a aula afete diretamente a vida deixada do lado de fora.

Já a educação libertadora possui fluxo temporal marcado pela tendência à interrupção, à parada, embora seja solicitante desse tempo/espaço externo, isolado pela conservadora, requerendo, para sua efetividade, a integração consciente e crítica do dentro e do fora da escola, que assim retroalimentam-se mutuamente. Ou seja, não é o fluxo contrário da conservadora, pois não se trata de parar a parada em busca da continuação, mas buscar a parada tanto a partir de uma parada durativa quanto de uma continuação continuada: é isso que define o consciente, o crítico, o saliente.

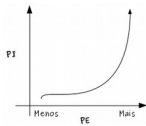
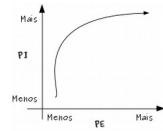
Se levarmos em conta somente o fluxo temporal, enquanto a educação conservadora parece pautar-se por um modelo tensivo inverso com extensidade infinita, a educação libertadora possui um modelo tensivo com extensidade finita, podendo ser inverso ou converso.

Seguindo a posição discutida no subtópico anterior, segundo a qual a espera/duração está relacionada com os modos de existência do sujeito, os elementos da tabela 9 a se considerar para compreender as duas educações conforme esse tema (espera/duração) são presença e integração. A educação libertadora visa um sujeito tônico e emergente, enquanto a conservadora o requer átono e mergulhante.

Assim, temos de um lado a espera, que é constituinte, cria o sujeito, institui a falta, motiva a busca. Vemos, então, que o sujeito potencial e virtual é o sujeito da espera por excelência. Já o sujeito realizado é, como discutido acima, uma posição temporária: a transformação da realização em espera é questão de tempo, basicamente. Mesmo assim, é ele o objetivo da educação conservadora, que considera a realização como estabilidade, e só assim trabalha o sujeito, pois atualização implica realização. Poderíamos dizer, então, que a educação libertadora é a que resume a duração e cria a espera, enquanto a educação conservadora é a que, pelo contrário, resume a espera e cria a duração.

Tomado o conjunto de todos os aspectos observados, chegamos à seguinte definição:

- a educação conservadora apresenta um estilo semiótico fluente e remissivo, o que nos indica um modelo tensivo de curva conversa com extensidade infinita.
- a educação libertadora apresenta um estilo semiótico resistente e emissivo, o que nos indica um modelo tensivo de curva conversa com extensidade finita.



A primeira observação é que ambas possuem modelo tensivo converso, o que indica haver em ambos a mesma concepção de que, quanto maior a duração da aprendizagem, maior será o conhecimento adquirido. A oposição se dá na posição do limite: a educação libertadora desenha uma curva cujo valor intenso é ilimitado, enquanto a outra posiciona o limite na intensidade, com extensidade ilimitada. Basicamente, estamos retomando a mesma

oposição tensiva notada na canção *Panela de Pressão*, analisada no tópico anterior (Figura 31, p. 152).

Na Figura 31, a curva tensiva da educação tradicional conservadora indica que quanto mais se recebe, mais se aprende, mas o limite do aprendizado é a garantia da fluência que, nessa educação, só acontece sob controle. Por sua vez, a curva tensiva da educação libertadora, ao não se pautar pelo conteúdo, mas pelo empoderamento dos sujeitos, não impõe limite ao que pode ser aprendido e permite saltos cada vez maiores dos sujeitos envolvidos no que tange ao ensino-aprendizagem. Vale notar que, ainda no gráfico da Figura 31 coloquei “intensidade finita” no lugar de “extensidade infinita” (e vice-versa). Fiz isso para acentuar a relação das duas educações com relação à intensidade da aprendizagem, que estamos considerando como um eixo que vai do menos intenso, correspondendo à pouca produtividade do processo educacional, ao mais intenso. Isso, no entanto, foi apenas uma forma de apresentar dando destaque a um ponto chave da análise a que estamos procedendo. Como apresentado no tópico anterior, é muito mais interessante, para fins de generalização, trabalhar com a finitude/infinitude da extensidade, pois, como apresentam ambas uma curva conversa, esse traço nos dá uma noção bem melhor da diferença entre elas.

Curva Tensiva Conversa: as duas formas da linha do processo educacional

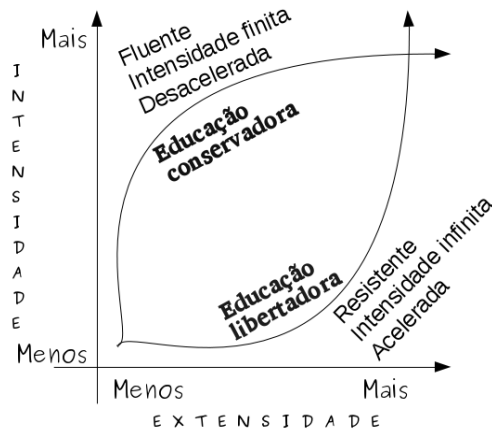


Figura 31: Curvas tensivas das educações conservadora e libertadora.

### c) Meta-educação

Devemos observar que essas educações são, na verdade, Meta-Educações, ou seja, na prática não acontecem exatamente como idealmente previsto. Não é difícil perceber que o sistema escolar favorece a Meta-Educação-Conservadora, enquanto ambientes sociais, autônomos como redes sociais, favorecem a Meta-Educação-Libertadora, mas de modo algum esses favorecimentos definem exatamente o que acontece em cada ambiente quando usados para processos educacionais, nem o que acontece com cada estudante.

Há aspectos de cada uma que trazem para dentro de si uma espécie de contradição com o modelo, um germen de



instabilidade que possibilita casos de escolas ditas libertadoras acolhendo aulas conservadoras, e vice-versa. Não é pequeno o número de professores, especialmente no ensino fundamental, que atuam na linha da educação libertadora em escolas voltadas ao ensino conservador; do mesmo modo, é muito comum a utilização de recursos modernos prenunciados como libertadores em aulas que reproduzem o modelo conservador de ensino/aprendizagem.

Do ponto de vista semiótico, trata-se simplesmente do fato, pressuposto em toda a teoria, de que o sentido é definido no texto: fora do texto, não há salvação. Falar de Educação Libertadora ou Educação Conservadora sem um exemplo concreto nos leva, no máximo, a estipular possibilidades em cada uma conforme suas definições. Além disso, somente a análise de casos concretos pode completar o esboço aqui desenhado para as Meta-Educações Libertadora e Conservadora. Sugiro como exemplo a análise semiótica da sala de aula (MATTE, 2018, p. 84-96), cujo objeto de análise é um texto formado por um conjunto de imagens de sala de aula coletado na internet<sup>48</sup>.

## **4.2. *Divertido ou educativo?***

Muito se fala em criar jogos educacionais, ou gamificar a educação, mas ainda é recorrente a reclamação a respeito de os jogos com fins educativos não serem tão divertidos como jogos de lazer.

---

48 O texto publicado no livro de 2018 é uma revisão ampliada do texto publicado em MATTE, 2009, que ainda não continha referência a essa oposição entre libertadora e conservadora. Uma amostra do que se discutiu sobre essas meta-educações pode ser encontrado em Matte (2018, p. 87-91).

Para mim, essa reclamação desconsidera que lazer e educação invocam mundos completamente diferentes, pois aprender e se divertir podem ser pensados como dois extremos de um eixo semântico no qual um se dá pelo risco, o outro pela segurança. Mesmo no caso de esportes radicais, é a segurança que distingue quem o faz por esporte e quem o faz por lazer: podemos até quebrar o pé numa pelada de futebol com amigos, mas isso é um acaso infeliz, inesperado, para o qual não estamos de modo algum preparados. O jogador profissional sabe que a lesão faz parte do trabalho porque ele sempre vai atuar no limite. Não consideramos razoável uma pessoa correr riscos desnecessários só pela adrenalina, do mesmo modo que não é “normal” que se faça filmes sobre pessoas que se arriscam por prazer, deitando numa linha de trem no momento em que esse se aproxima, por exemplo.

Sobre a educação: é impossível aprender sem correr riscos<sup>49</sup>, sem passar do limite costumeiro. Errar faz parte de aprender: se a aprendizagem é de uma habilidade física, corremos risco de nos machucar; se for de uma habilidade mental, inúmeras consequências são possíveis, tais como dizer uma impropriedade quando se está aprendendo outra língua e, com isso, ofender alguém.

O estudo do modelo tensivo da Meta-Educação Libertadora, conforme apontam minhas investigações atuais, apontam para uma curva ascendente tendendo ao infinito para a

---

49 “A zona de desenvolvimento próximo não é simplesmente uma forma de se referir ao desenvolvimento por meio da assistência de um outro mais competente. Essa assistência só é significativa em relação a funções em maturação necessárias para a transição ao próximo período etário.” (CHAIKLIN, 2011). Ou seja, segundo Vygotsky não basta ter acesso nem assistência para que um dado “ensinamento” produza efeito.

intensidade (tensividade conversa acelerada). Permito-me adiantar, de tal estudo, que a base dessa definição da Educação Libertadora é um jogo entre a duração do aprendizado e o valor/quantidade do que se aprende, definindo um sistema no qual, em virtude do empoderamento do sujeito e sua autonomia, que acontecem na Meta-Educação Libertadora, a eficácia da aprendizagem aumenta significativamente com o passar do tempo. Trata-se de um processo de incorporação de aprendizados cada vez mais acelerado. Talvez justamente por tentar diminuir o esforço (pela concentração) é que a Meta-Educação Conservadora, após atingir um limite, mantém a relação entre tempo e aprendizagem estável, pois uma mudança seria muito custosa. Cabe uma nota: aqueles considerados gênios pela Meta-Educação Conservadora (conversa desacelerada) são pessoas que aprendem a autonomia e são empoderados pela distinção que recebem, acabando por agir num sistema divergente daquele em que se encontra, ou seja, num sistema converso acelerado, que é o mesmo que a Meta-Educação Libertadora defende para todos os estudantes e não apenas alguns privilegiados.

O caso dos gênios revela a dificuldade que muitos defensores da Meta-Educação Conservadora enfrentam por acreditar que não seja possível ultrapassar o limite da capacidade nata individual: eles transcendem o próprio sistema educacional, que, como vimos, é limitante. Se só os gênios (com DNA de gênio, diriam uns) conseguissem experienciar uma educação com limite de apreensão e foco, como a conservadora, o desejo por uma educação que vise a isso para todos seria, no mínimo, uma pretensão ingênua. Sem aprofundar o assunto, o que se pode concluir é que a

diferença entre uma Meta-Educação Libertadora e uma Conservadora está calcada em diferenças epistemológicas e não é possível passar de uma a outra sem uma profunda reflexão e muito debate. É provavelmente por isso que muitas escolas particulares, que vendem uma imagem inovadora, na prática repetem o sistema conservador.

Voltando ao tema, Educação Libertadora e lazer, ambos são sistemas de tensividade conversa: quanto mais intenso, mais extenso. Cabe detalhar essa afirmação.

Podemos pensar no lazer como um jogo entre a profundidade extensa da experiência positiva e a profundidade intensa do prazer: quanto mais duradoura a experiência positiva, maior o prazer, desenhando uma relação conversa e desacelerada (com limite na intensidade) entre a profundidade extensa da experiência e a profundidade intensa do prazer (controlado vs. livre). O fator de controle é a segurança: ela cria um limite no eixo do prazer, o qual oscila entre o controlado e o livre (Figura 32).

É muito interessante pensar na extensão negativa no caso do lazer (linha pontilhada da Figura 32). O limite do prazer livre reside na necessidade da margem de segurança. A extinção da experiência acontece justamente por uma liberdade negativa: sem um mínimo de liberdade não há prazer. O medo do risco inerente ao aumento da liberdade acaba com a experiência, congela o sujeito. Assim, a linha (pontilhada) despenca ao ingressar no campo do excesso de controle (liberdade negativa), o que condiz com a forma da curva.

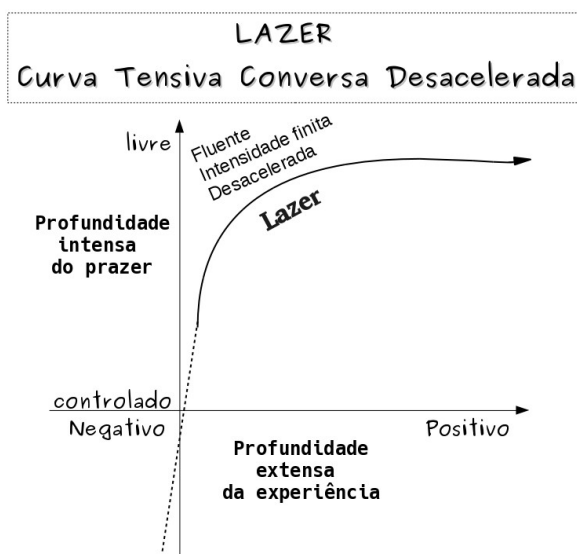
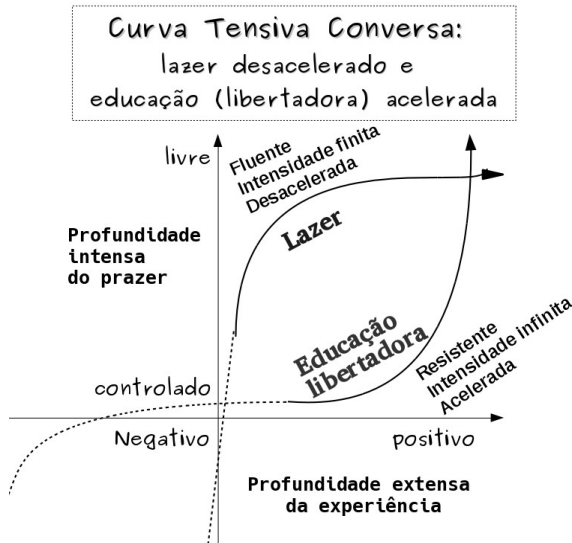


Figura 32: Sistema tensivo do lazer.

Exatamente as mesmas profundidades podem ser a base da compreensão tensiva da Meta-Educação Libertadora. O prazer controlado é o ponto de partida em direção a um prazer livre, o qual aumenta em consonância com a positividade da experiência. Note que o que denominamos como positividade está intrinsecamente ligado à valoração, à foria: tanto para o lazer quanto para a Educação Libertadora a falta de liberdade é negativa. Porém, enquanto para a Educação Libertadora não há excesso de liberdade no que tange à aprendizagem, para o lazer existe um limite para a liberdade, a partir do qual essa liberdade será caracterizada como excessiva, pois perigosa (Figura 33).



*Figura 33: Curvas tensivas conversas da Educação Libertadora e do lazer, com extensões hipotéticas em direção ao passado.*

Não consigo fugir da pergunta que vem brincar na memória dos tempos de aulas de matemática, no que seria hoje o ensino fundamental 2, ao pensar nas linhas pontilhadas: a curva da Educação Libertadora voltando no tempo da experiência em direção ao passado entra no excesso de controle imobilizante do qual falamos acima? Se fosse assim, haveria um momento prévio à experiência em que a liberdade aumentaria, quanto mais distante do zero no eixo x. E é isso mesmo: o momento anterior à experiência não leva a um controle absoluto, o que temos é um momento de antevisão, previsão, imagem-fim, expectativa. Quanto mais distante da experiência, maior a liberdade, então o que temos para a Educação Libertadora é uma forma espelhada da curva, com o ponto mínimo do eixo da intensidade localizado antes do zero do eixo da extensividade. Para a educação conservadora, como para o lazer, não acontece

esse espelhamento: o que temos é um ponto de divergência, a partir do qual a intensidade segue em rumo a um limite existencial no passado e a um limite evolutivo no futuro.

A análise da tensividade por ser feita usando-se diferentes aparatos semióticos. A partir daqui apresentamos uma proposta advinda de nosso doutoramento: a modulação tensiva do fluxo temporal profundo, ou, simplesmente, M. Nesta análise, a opção por essa proposta requer uma explanação teórica antes de apresentar os resultados - explanação, essa, que adiantará alguns tópicos a serem explorados nos próximos capítulos do presente livro.

### ***4.3. Modulação tensiva do fluxo temporal profundo: cálculo da tensividade***

Como visto, a emoção, segundo Greimas, é um momento do percurso passional e varia conforme a paixão em questão. Sendo assim, a determinação de trechos de um texto marcados por diferentes emoções não será baseada propriamente nelas, mas na análise da narrativa e do percurso passional, enquanto a avaliação do fluxo tensional será baseada em elementos contínuos do nível discursivo (aspectualizações temporais). Chegaremos às emoções, portanto, indiretamente.

Admitindo-se que as emoções em si são extremamente marcadas culturalmente e que a escala de variações é infinita, podemos afirmar que elas determinam nuances que impossibilitariam um pacote fechado de emoções a serem investigadas. Além disso, ao trabalharmos com a noção de caricatura vocal, estamos enfatizando não a figura como

réplica do real, mas a figura como réplica de gestos<sup>50</sup> importantes. Nesse caso, diminuem as nuances, apesar de continuarmos com um pacote aberto.

Essa opção de trabalhar com gestos cria rupturas na continuidade: o limite entre um gesto e outro é arbitrário, de modo que, ao definir um limiar, estamos perdendo a transição que caracteriza o trecho onde ele se encontra (Figura 34).

O texto completo apresenta um fluxo, sujeito a uma tensividade (ainda Figura 34). É próprio do texto, também, um duplo sentido: direção e significação, que suas partes somadas não representam: ao dividir um texto, teremos amostras com um fluxo próprio. Essas barras buscam ilustrar isso: o fluxo no texto integral é feito de ondulações contínuas, enquanto seus segmentos passam, ao ser isolados, a criar sentidos novos, pois cada parte passa a ser um texto em si. É desse modo que, no fluxo integral, o centro é o foco e nos trechos as barras verticais trazem para si o olhar, de modo que, se temos cinco focos nos segmentos e o centro de cada um é o foco do olhar, somados ao objeto original temos seis focos diferentes. É uma ação de mão dupla: a percepção de diferentes partes do objeto também age sobre ele.

---

50 Originalmente, na tese, havíamos optado por “traços importantes”, mas traços são estáticos e busca-se aqui trabalhar a dinâmica de elementos contínuos e variáveis.





Figura 34: Simulação visual da relação entre fluxo e tensividade.

Como realizar a análise de um texto sem recortes? Impossível: analisar significa separar, dividir, retirar componentes, explorar detalhes. O recorte sempre causa alguma perda em relação ao objeto integral. Naturalmente, portanto, esse problema está presente em todos os campos do conhecimento e é mais grave quanto mais contínuo for o tipo de objeto: objetos analógicos são mais afetados pelo corte do que objetos digitais, assim como objetos do mundo natural perdem mais do que objetos languageiros.

A solução encontrada por nós em 2002 focaliza as emoções como tensões do plano da expressão. Tensões contínuas, mudanças no fluxo, exatamente a mesma ideia da tensividade no plano do conteúdo. Trata-se de uma relação semissimbólica, pois não há uma relação de um para um, como no símbolo, e nem uma relação totalmente arbitrária,

como no signo. Assim, o que aqui se propõe é realizar análises semióticas de segmentos de texto, transformá-las em dados quantitativos e reuni-los em gráficos que simulam a variação tensiva do fluxo do texto inteiro. Separar, calcular, reunir, de modo que o resultado seja um simulacro da continuidade original.

A análise segmental do fluxo tensivo vai partir de uma proposta de árvore da temporalidade, discutida em 1998 com Ignácio Assis Silva e, em 2001, com Luiz Augusto de Moraes Tatit. A árvore hierarquiza diferentes níveis e dimensões dos sentidos temporais no texto, quase chegando a ser uma proposta de percurso gerativo do efeito de sentido de tempo no texto (MATTE, 2002).

Essa mudança provém dos estudos sobre as paixões. Nos limites do presente trabalho, recorreu-se aos estudos de Parret sobre a voz, apresentada em palestra na USP em 1999, e aos escritos de Zilberberg, em especial *Relativité du rythme* (ZILBERBERG,1990), a fim de embasar uma melhor formulação para a hierarquia temporal pretendida.

O “Tempo”<sup>51</sup> apresenta-se em níveis, baseados no percurso gerativo. Partiu-se da hipótese de que a temporalidade, tanto como conceito quanto como elemento de construção do sentido, é elaborada desde o nível profundo até o nível superficial. No entanto, a primeira divisão não é [profundo-narrativo-discursivo], pois, até onde pudemos apurar, a temporalidade lógica do nível narrativo não atua na mesma instância que a temporalidade como conceito (Nível Fundamental) ou a temporalidade do discurso (Nível Discursivo). Ela saltaria para o nível discursivo já

---

51 Aqui tempo está sendo usado como sinônimo de temporalidade.

figurativizada como antes/depois. Sendo assim, a primeira divisão foi elaborada nos seguintes termos:

- tempo subjacente (tensivo)
- tempo aspectual (profundo e rítmico)
- tempo figurativo (cronológico e mnésico)

O “tempo aspectual” foi subdividido em “tempo profundo” e “tempo rítmico”, visando à diferenciação entre uma aspectualização tensiva e uma aspectualização profunda. Isso decorre da percepção de que a temporalidade tensiva atua tanto sobre a temporalidade profunda quanto sobre a temporalidade rítmica.

A temporalidade aspectual ou rítmica é, segundo Zilberberg, a temporalidade da consistência, aquela que substancializa o tempo. Segundo Parret, é o tempo da divisibilidade. Parece-me que se trata do mesmo fenômeno.

Já a temporalidade figurativa, a mais superficial, é dividida hierarquicamente em “tempo cronológico”, a comentada discursivização do tempo lógico da narrativa, e “tempo mnésico”, que seria para Zilberberg o tempo da permanência, e, além disso, para mim, o tempo figurativo por excelência, o tempo do passado/futuro.

Texto Livre: pensemeando o mundo

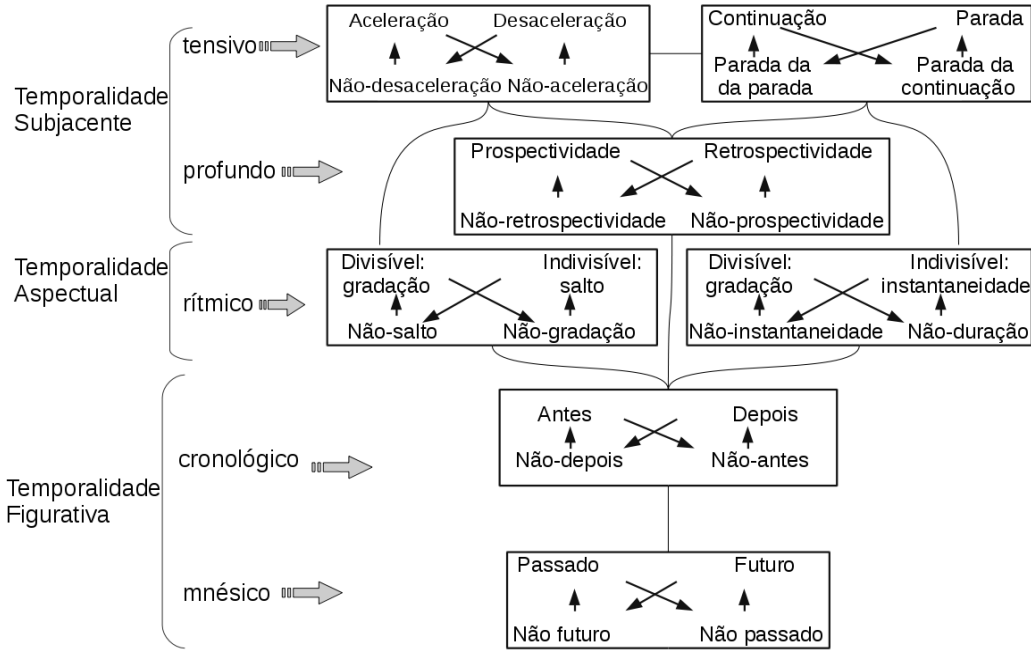


Figura 35: *Árvore Gerativa da Temporalidade* (MATTE, 2002). É importante destacar que, embora baseie-se nos 3 níveis do Percurso Gerativo do Sentido, não há correspondência direta entre aqueles e os 3 níveis deste percurso da temporalidade.

Muito embora sua figura seja muito abrangente e por isso apresente alguns problemas de visualização, a árvore (Figura 35) deve auxiliar a compreensão da organização de tais relações, cujas subdivisões comentarei a seguir.

O primeiro fato notável é que a Árvore Gerativa da Temporalidade não possui um nível narrativo. No nível subjacente tensivo, as dicotomias aceleração/desaceleração e parada/continuação fundam a temporalidade no duplo aspecto de seu elemento primordial: a dinamicidade, seu “como” e seu “quando”, respectivamente. Ambas as oposições sobredeterminam a temporalidade aspectual profunda, prospectividade/retrospectividade, cujas reverberações na figuratividade cronológica (antes/depois) surgirão dinamizando, por conseguinte, a relação mnésica: passado/futuro.

A temporalidade subjacente tensiva também atua diretamente sobre a temporalidade aspectual rítmica. Ali, a desaceleração e a continuação atuam no seu limiar de divisibilidade, surgindo, respectivamente, como gradação e duração. Por outro lado, aflorando no indivisível, a aceleração e a parada surgem como salto e instantaneidade<sup>52</sup>, respectivamente. Com essa nova “roupagem”, atuarão, finalmente, sobre a temporalidade figurativa cronológica (antes/depois), assim como a temporalidade subjacente profunda ali é convocada.

A temporalidade figurativa cronológica poderá, ou não, desdobrar-se em sua figuratividade máxima: a temporalidade figurativa mnésica (passado/futuro).

---

52 O texto da tese sugere pontualidade no lugar de instantaneidade; a troca foi realizada a fim de manter as palavras-chave no paradigma semântico do tempo (pontualidade refere-se a espaço).

Observando-se a árvore atual, vemos dois processos diferenciados de sobredeterminação, ou seja, dois percursos possíveis:

1. tempo: tensivo  $\Rightarrow$  rítmico  $\Rightarrow$  cronológico  $\Rightarrow$  mnésico
2. tempo: tensivo  $\Rightarrow$  profundo  $\Rightarrow$  cronológico  $\Rightarrow$  mnésico

A análise dos dados referentes a subtrechos em que há concomitância do andamento com o foco leva a crer que a manifestação do nível profundo (percurso 2 acima) provoca uma dissimulação do acelerado/desacelerado destacando na expressão o salto/gradação; o contrário também se verifica. Sendo assim, sou levada a crer que, nos casos em que a aceleração/desaceleração sobredetermina a temporalidade profunda (retrospectividade/prospectividade), essa temporalidade passa a primeiro plano em detrimento da tensiva (aceleração/desaceleração), possibilitando a manifestação concomitante da rítmica (salto/gradação).

A pertinência da não concomitância entre o Percurso Gerativo do Sentido e a Árvore Gerativa da Temporalidade foi reforçada pela percepção de que a subcategoria temporal rítmica e a subcategoria temporal profunda deveriam pertencer à mesma dimensão aspectual, pois haveria uma espécie de “escolha” de um dos três “aspectos” (quadrados da gradação/salto, da duração/instantaneidade e da prospectividade/retrospectividade), aspecto esse que seria fortemente predominante. Já na dimensão subjacente, os dois elementos apareceriam sempre, aquele do andamento (aceleração/desaceleração) e aquele do fluxo (continuação/parada), concomitantemente, um agindo sobre

o outro e ligados diretamente aos aspectos, sem passar pelo Nível Narrativo.

Assim, teríamos uma hierarquização de quadrados com uma única bipartição: todo trecho pode ser avaliado:

(i) pelo andamento (aceleração/desaceleração) **e** pelo fluxo (parada/continuação), ambos pertencentes a uma dimensão subjacente, ou seja, nível fundamental;

(ii) pela orientação (prospectividade/retrospectividade) **ou** pela segmentação (gradação/salto) **ou** pelo foco (duração/instantaneidade), sendo a primeira pertencente ao nível fundamental, portanto considerada como uma dimensão profunda da aspectualização, e as outras duas pertencentes ao nível discursivo, portanto consideradas dimensão rítmica da aspectualização;

(iii) pela temporalidade cronológica (antes/depois) **e** pela temporalidade mnésica (passado/futuro), ambos elementos figurativos do nível discursivo.

Nas análises realizadas, o agora (cronológico) e o presente (mnésico) foram sugeridos como sendo sempre orientados, em oposição à sua teórica posição neutra no quadrado (agora = nem depois, nem antes, presente = nem passado nem futuro). Isso significa que o agora sempre apareceu com uma tendência seja para antes (não-depois), seja para depois (não-antes), assim como o presente sempre se caracterizou como a negação do passado (então tendendo ao futuro) ou negação do futuro (então tendendo ao passado). Isso não implica necessariamente na inexistência do termo neutro, mas parece que essa orientação acaba sobredeterminando a figura do neutro (agora e presente) na

temporalidade desse texto. A própria concepção de tempo como algo fluído e incontrollável aparece fortalecida por essa sugestão.

A árvore da temporalidade, recolhendo-se os quadrados semióticos para melhor visualização do processo de geração do tempo, é a apresentada na Figura 36, em três níveis por onde passam as escolhas do enunciador, produzindo diferentes efeitos no tempo e na tensividade

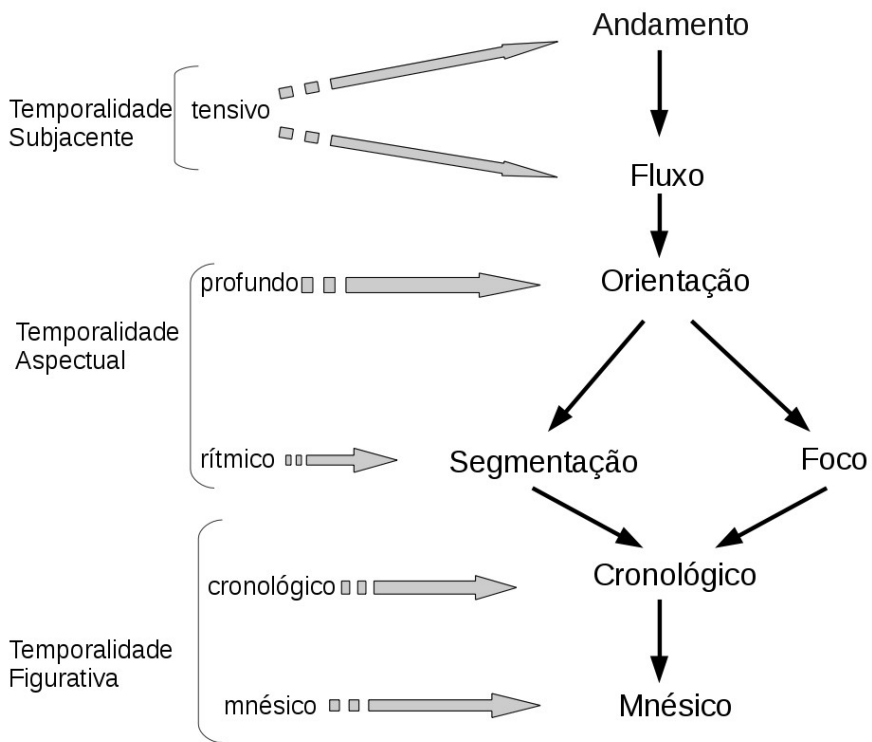


Figura 36: Árvore Gerativa da Temporalidade em 3 níveis.

No processo de análise dos textos, cada trecho, portanto, recebeu seis designações temporais: duas subjacentes, duas



aspectuais e duas figurativas. O andamento modula o fluxo, que por sua vez determina uma aspectualização profunda e uma rítmica. Por fim, são aspectualizados os elementos figurativos da temporalidade, cronológico e mnésico.

Para correlacionar tensividade com essa análise descontínua dos quadrados semióticos que compõem a *Árvore*, trabalhamos com a ideia do Quadrado Semiótico como processo, como, tantas vezes, insistiu, Ignácio Assis Silva em suas aulas. O que faz dele um processo não são as posições, mas as transições entre elas: a negação e a implicação. A negação afasta, a implicação aproxima.

Também é necessário perceber que a negação (recusa, indicação de inverdade) carrega uma energia muito maior para que se realize a transição do que a implicação (consequência, relação lógica entre antecedente e consequente). Se pensarmos que existe uma diferença de tensão entre A e B, sendo A o mais relaxado e B o mais tenso, podemos arbitrar valores numéricos para cada posição, sugerindo uma variação quantitativa. Vamos realizar, então, um pequeno exercício de lógica:

- O menor desnível aparece entre o termo implicador e o termo implicado (não  $A \rightarrow B$  e não  $B \rightarrow A$ ). Vamos arbitrar que o valor do desnível de tensão nas implicações seja 1.
- O eixo dos contrários ( $AxB$ ) é o que contém o maior desnível, ou seja é a maior distância possível no Quadrado. Assim:  $A = 1$  (pois teoricamente podemos afirmar que não exista posição sem tensão alguma no quadrado) e  $B = 5$  (valor arbitrário para manipulação exclusiva de números inteiros).

- Como optamos por usar números inteiros, a menor distância é igual ao valor da posição de menor tensão ( $A=1$ ), ou seja, se não-B implica A (distância de 1) e A vale 1, então não-B = 2.
- A relação entre os termos sub-contrários (não-A e não-B) possui valor menor que o máximo e maior que o mínimo. Já que  $A=1$  e não-B implica A, não-B deve valer 2. Arbitrei como máximo o valor 5, ou seja, não-A, que implica B, vale 4. A distância entre os termos sub-contrários (não-A e não-B), nesse caso, é de 2 pontos.
- A negação é o maior salto previsto no Quadrado e corresponde a uma distância maior que o valor da distância entre sub-contrários (2), bem como da distância entre os contrários (que é 4). Portanto, a negação de A (correspondendo a não-A) deve valer 3 ( $5-2=3$ ) e o mesmo para a negação de B.
- Finalmente, vamos considerar a posição intermediária valendo 3, ou seja, correspondendo à posição neutra, enquanto a posição complexa extrapola a relação tensiva para um espaço além do máximo e aquém do mínimo, unindo-os num espaço teórico não numérico.

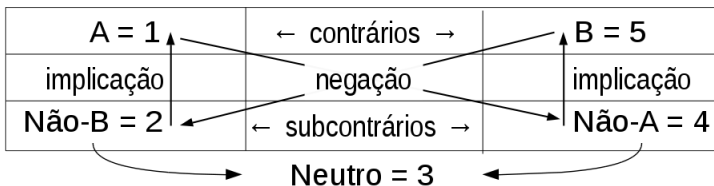


Figura 37: Valoração dos termos do Quadrado Semiótico.

Tomando-se os valores arbitrados aqui, é interessante observar o que acontece com a implicação e com a negação quando colocamos esses valores num gráfico.

A Figura 38 mostra a proximidade entre um termo subcontrário e o termo contrário nele implicado. Observe que a mudança da não distensão (não-A) para a tensão (B) ocorre num patamar superior e afastado da mudança correlata da não tensão (não-B) para a distensão (A). Se um texto mantém alterações na temporalidade circulando apenas entre termos de uma mesma implicação (não-A para B ou não-B para A), o efeito é o de uma baixa intensidade na extensão do texto, independente de ser na faixa mais tensa (valores 4 e 5) ou na faixa mais relaxada (1 e 2). Pelo contrário, o salto que se verifica na Figura 172, representando a negação, em virtude do grande desnível relativo acentua a percepção da tensão quando repetido, seja entre A e não-A ou entre B e não-B. Em poucas palavras: com grande variação, aumenta o efeito de sentido de tensão; com a estabilidade, o efeito de sentido de tensão diminui.

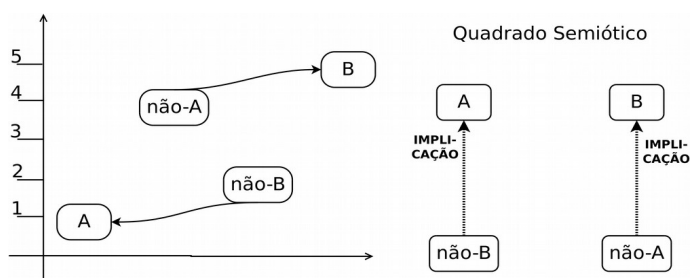


Figura 38: Processo de implicação em um gráfico contínuo e no Quadrado Semiótico (descontínuo)

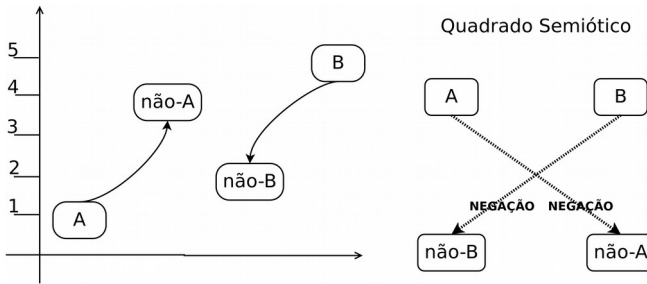


Figura 39: Processo de negação num gráfico contínuo e no Quadrado.

Em termos práticos, a observação da mudança de estado da temporalidade em cada sentença analisada retorna 6 valores (explicados pelos quadrados e hierarquia da Árvore Gerativa da Temporalidade, que explicamos acima). Cada um deles pode ser observado num gráfico (por exemplo, gráfico da variação de andamento, gráfico de variação da orientação etc.), colocando o estudo da temporalidade a serviço do estudo da tensividade.

A análise independente de cada parâmetro implica na localização em diferentes pontos do gráfico: por exemplo, a parada sobredeterminada pela desaceleração seria um ponto menos intenso do que a parada sobredeterminada pela aceleração. O efeito do andamento sobre o fluxo seria cumulativo, ou seja, quanto mais tempo ele permanece atuando no mesmo sentido da desaceleração ou da aceleração, maior seu efeito sobre o fluxo.

Discordo parcialmente da noção de que o tipo tensivo converso seria necessariamente tranquilo, enquanto o tipo tensivo inverso seria necessariamente inquieto, como nos dizem Fontanille e Zilberberg<sup>53</sup>. A tal

53 Fontanille, Zilberberg, 2001, p. 44.

inquieta/tranquilidade parece estar ligada ao tipo de curva, uma curva explosiva e, portanto, inquieta, marcada por uma terminatividade, à qual denominei acelerada, que tanto poderia ser conversa quanto inversa, bem como uma curva atenuante e, portanto, tranquila, marcada pela infinitude ou incoatividade, à qual denominei desacelerada. Assim, estamos aplicando à curva da tensividade essa ideia de que o andamento seria o modulador primeiro, hierarquicamente superior no que se refere à produção de efeitos tensivos no texto.

Cabe notar, no entanto, que todas as considerações aqui realizadas colocam a questão da tensividade em relação direta com a emoção passível de aparecer no plano da expressão, emoção visível, audível, ou seja, emoção corpórea perceptível. Sendo assim, o nosso estudo da tensividade está limitado a esse campo do sentido, tendo profunda ligação com as paixões, pois a emoção é, num sentido greimasiano do termo, a parte corporalmente sensível da paixão.

Em virtude do nível do conteúdo a que pertencem os diferentes elementos aspectuais temporais aqui estudados (orientação no nível profundo e segmentação e foco, estes últimos sendo aspectos rítmicos, no nível discursivo), sua aparição vai ter diferentes resultados na tensividade. Estamos trabalhando com a hipótese de que somente um dos três aparece em destaque em cada trecho do texto. Os efeitos rítmicos trabalham a divisibilidade/indivisibilidade da temporalidade no nível discursivo e aparecem como reflexo das flutuações do nível subjacente tensivo. A orientação pertence ao mesmo nível discursivo, mas por seu caráter contínuo evoca o nível profundo.

Analisando-se a ideia da segmentação e do foco conforme sua natureza num gradiente de divisibilidade/indivisibilidade, pode-se associar ambas as ideias, invertendo-se o quadrado da gradação/ salto. A Figura 40 representa essa relação entre os dois quadrados, o da duração/instantaneidade (mantido em sua direcionalidade original) e o da gradação/salto (justaposto em posição invertida).

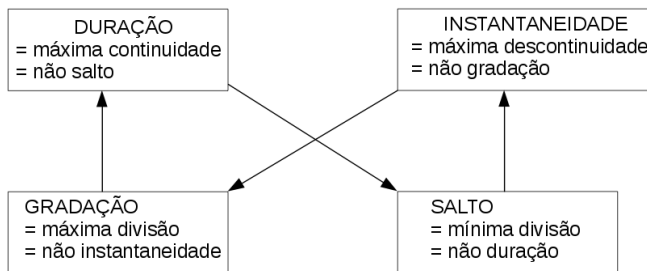
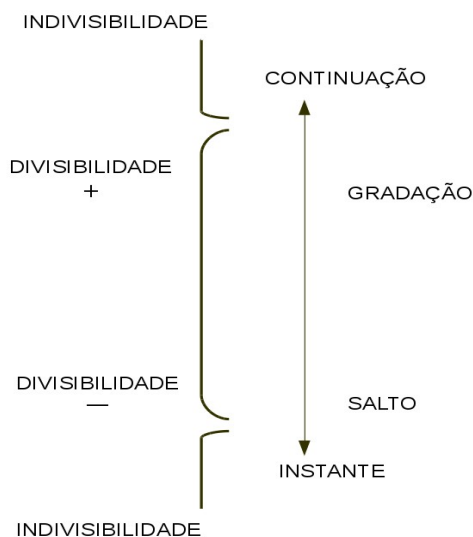


Figura 40: Relação entre os quadrados da duração vs. instantaneidade e da gradação vs. salto.

A Duração é máxima continuidade pois implica em infinitos instantes; já a Gradação implica em finitos mas múltiplos instantes. A Instantaneidade é máxima descontinuidade pois exclui o todo; o Salto implica relações de um instante com outro. Sendo assim, teríamos um gradiente de divisível/indivisível que une as duas espécies de actualizações rítmicas (Figura 41).

A tensividade máxima e mínima estaria nos pontos de menor divisibilidade. Por outro lado, a maior divisão diminui a intensidade em cada ponto, e vice-versa. Portanto, usando-se a título de hipótese os valores arbitrários conferidos por nós ao quadrado semiótico, teríamos 1 para o contínuo, 2 para a gradação, 4 para o salto e 5 para o pontual.



*Figura 41: Eixo complexo gerado pela fusão dos quadrados semióticos da duração e da gradação.*

A relação entre os aspectos rítmicos divisíveis (segmentação: gradação/salto) e os indivisíveis (foco: instantâneo/contínuo) caracterizam um modelo que, a título de hipótese, seria sempre o mesmo, independente do tipo de modelo tensivo do texto. De um lado, temos a profundidade extensa do foco, com seus extremos instantâneo (-) e contínuo (+); de outro lado, a profundidade intensa da segmentação, com seus extremos gradação (-) e salto (+). A gradação tem menor intensidade do que o salto pois o reduzido número de divisões no salto acentua a descontinuidade, enquanto na gradação, o aumento do número de divisões implica em uma maior proximidade entre trechos vizinhos que atenua a descontinuidade. Nesse caso, o comportamento dos elementos aspectuais rítmicos

Texto Livre: pensemeando o mundo

sempre seguiria o modelo de tensividade do gráfico da Figura 42.



Figura 42: Curva tensiva da relação entre a profundidade extensa do foco e a profundidade intensa da segmentação

De certa forma, o que temos aqui é muito semelhante ao quadrado semiótico antes apresentado, com a gradação tendendo à continuação e o salto tendendo à pontualidade, mas acrescenta aos dois eixos uma dependência mútua. De qualquer maneira, nosso esquema de temporalidade vai continuar escolhendo um dos caminhos propostos na Árvore somente no que concerne à análise da temporalidade aspectual em cada ponto do texto.

Após essa longa explanação, especialmente dirigida aos semioticistas, chega o momento de apresentar *M*: a Modulação Tensiva do Fluxo Temporal Profundo (*M*), a qual atuaria sobre o fluxo aspectual rítmico pois o aumento de tensão seria produzido por uma intensificação da divisibilidade.



Assim, por sua vez, a demora implica aumento de tensão, tomanda como um arrastar do texto, não em termos de taxa de elocução, mas em termos de descrições repletas de sinônimos, jogos de palavras, truques que atrasam a efetiva comunicação do que está sendo dito. Isso, portanto, ocorre na interface conteúdo/expressão e implica que um maior número de enunciados com o mesmo andamento acentua o efeito deste sobre o fluxo na medida em que cresce o número do enunciado na sequência. Isso está na base das relações lógicas dessa função apresentada para a grafia bidimensional da tensividade do texto.

Por exemplo, um texto hipotético no qual aparecesse uma sequência descritiva (continuação + desaceleração) de 4 enunciados, teria a modulação da Figura 43.

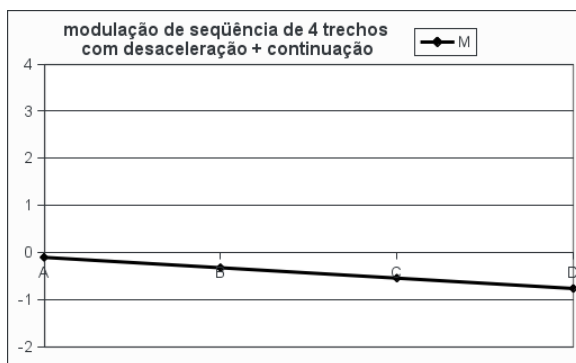


Figura 43: Modulação do fluxo temporal tensivo sofrendo ação continuada da desaceleração.

Caso a descrição, com caráter de continuidade, apresentasse uma relação de aceleração na temporalidade subjacente (por exemplo, introduzindo figuras inesperadas

sem mudar o rumo da narrativa, tal como a queda de Alice no buraco da árvore), teríamos a modulação da Figura 44.

Por outro lado, a modulação do fluxo seguiu as ideias de negação e implicação contidas no quadrado semiótico. Numa sequência de 5 enunciados de continuação nos quais aparece uma sequência canônica do quadrado aceleração/desaceleração, teríamos as seguintes relações:

- desacelerado <sup>[negação]</sup> ⇒ não-desacelerado
- não-desacelerado <sup>[implicação]</sup> ⇒ acelerado
- acelerado <sup>[negação]</sup> ⇒ não-acelerado
- não-acelerado <sup>[implicação]</sup> ⇒ desacelerado

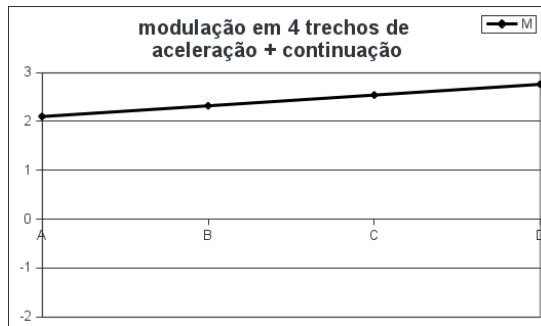


Figura 44: Gráfico da modulação temporal tensiva sofrendo efeito da aceleração continuada.

No gráfico, a negação aparece como uma distância grande entre um ponto e outro, enquanto a implicação aparece como uma proximidade. Caso a mesma sequência de andamentos ocorresse sobre cinco enunciados de parada da continuação (máxima tensão do fluxo), a única diferença seria um aumento uniforme da tensão, subindo a linha no gráfico. A diferença entre os respectivos pontos das duas

linhas (gráficos acima e abaixo) é sempre 3, portanto seriam exatamente paralelas.

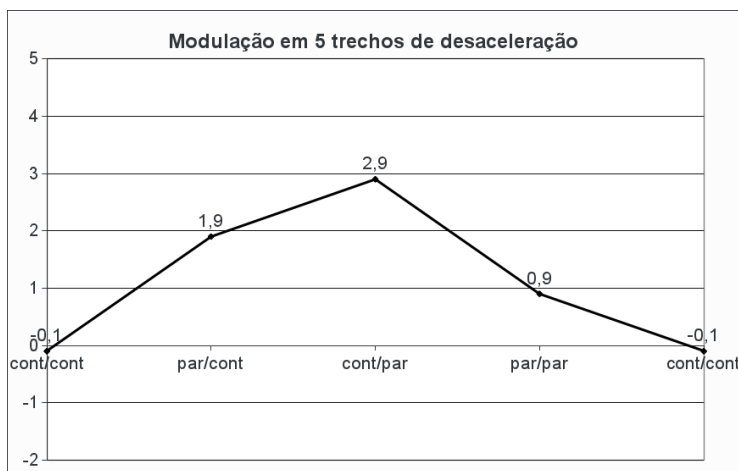


Figura 45: Sequência desacelerada de continuação da continuação → parada da continuação → continuação da parada → parada da parada → continuação da continuação.

Se observarmos um gráfico (Figura 45) no qual o andamento permanece e o fluxo varia em sequência canônica, teremos uma atenuação da implicação, o que decorre dos valores arbitrários dados aos elementos do quadrado semiótico (números inteiros de 1 a 4). Sendo assim, no modelo adotado, a modulação do andamento sobre o fluxo propiciaria uma espécie de “correção” tensiva do fluxo, tornando-se peça chave na detecção da variação da tensividade no decorrer do texto.

Cabe ressaltar que essa variação de tensividade observada sentença a sentença não significa variação no tipo tensivo do texto: um texto é sempre caracterizado globalmente por um tipo de tensividade, conversa ou inversa, nos moldes de Fontanille e Zilberberg.

Como longas descrições desaceleram o texto sem criar expectativas, caberia, nesse caso, uma função na qual o número de enunciados acentuasse o efeito da aceleração ou da desaceleração sobre o fluxo temporal? Nossa hipótese é a de que sempre haveria um efeito cumulativo do andamento sobre o fluxo e, portanto, a resposta é sim. O efeito do andamento sobre o fluxo modifica a tensão que estamos relacionando ao fluxo em si e que, portanto, apesar de ser afetada pelo tipo tensivo do texto, não seria dependente do mesmo.

As fórmulas obtidas para relacionar esses elementos de temporalidade do texto foram as das Figuras 46 e 47, nas quais *Alfa* corresponde ao andamento, *f* corresponde ao fluxo, *n* é o número de sentenças de mesmo andamento e *A* é a aspectualização temporal (único dado relativo ao nível discursivo, os outros pertencem ao fundamental). As diferenças entre elas estão marcadas com setas. A constante adotada (8) tem a única função de aumentar visualmente os intervalos entre diferentes configurações tensivas (ajuste de escala).

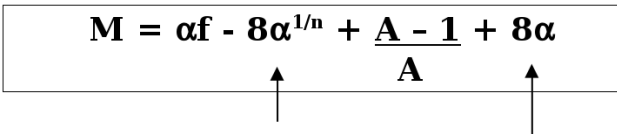
$$\mathbf{M = \alpha f - 8\alpha^{1/n} + \frac{A - 1}{A} + 8\alpha}$$


Figura 46: Fórmula da Modalização Temporal Profunda (*M*) para o modelo tensivo Converso. Fonte: MATTE, 2002.

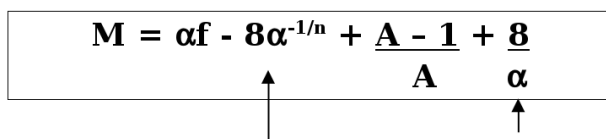
$$\mathbf{M} = \alpha f - 8\alpha^{-1/n} + \frac{\mathbf{A} - \mathbf{1}}{\mathbf{A}} + \frac{\mathbf{8}}{\alpha}$$


Figura 47: Fórmula da Modalização Temporal Profunda (M) para o modelo tensivo Inverso. Fonte: MATTE, 2002.

Essas funções que procedem à modulação da tensividade nos textos seguem os seguintes princípios básicos:

a) **f** = fluxo temporal profundo: principal elemento tensivo, pois apresenta a dinâmica geral do texto de continuações e paradas, que será modulada por outros elementos dinâmicos, sejam eles o andamento, que tal como o fluxo pertence ao nível fundamental, e a temporalidade aspectual, que pertence ao nível discursivo. Como o fluxo é o elemento de maior impacto na curva de tensividade do texto frase a frase, modificamos seus valores arbitrários tendo em vista uma maior diferenciação visual da implicação e da negação:

- continuação da continuação = 1 (relaxamento)
- parada da parada = 2, pois tende à continuação da continuação
- parada da continuação = 4, pois tende à continuação da parada
- continuação da parada = 5 (tensão)

b)  $\alpha$  = andamento: influencia o fluxo temporal profundo e é o principal elemento de determinação do tipo tensivo do texto. Nos textos de tensividade conversa, a relação entre a intensidade e a extensidade do andamento é direta, portanto quanto maior o número de enunciados em sequências de mesmo andamento, maior o efeito gradual do andamento sobre o fluxo, relaxando-o no caso da desaceleração e tensionando-o no caso da aceleração. Nos textos de tensividade inversa teremos exatamente o efeito contrário. Os valores dados à aceleração e à desaceleração foram também modificados para atender à função:

aceleração:  $\alpha = 1,10$

não-aceleração:  $\alpha = 0,95$

não-desaceleração:

desaceleração:  $\alpha = 0,90$

$\alpha = 1,05$

c) **A** = temporalidade aspectual: notou-se que afeta a tensividade se sua posição não é relaxada, por isso foi incluída na função. Para **A**, a implicação e a negação têm importância secundária para a curva tensiva visual. Foi mantida a coerência com o quadrado semiótico, mas a fim de que a temporalidade aspectual não sobrepujasse visualmente o efeito do andamento no gráfico, os valores arbitrariamente atribuídos a ela variam apenas de 1 a 3. Outro dado importante é a decisão de desvincular sua influência do tipo tensivo do texto: a tensividade sempre será maior em presença de **A** mais tenso (valores mais altos), tanto em textos de tensividade conversa quanto de

tensividade inversa. A aparente arbitrariedade de tal decisão deve-se ao fato de que a tensividade é um elemento do nível profundo do texto, enquanto a temporalidade aspectual é um elemento do nível discursivo; assim, não haveria efeito do aspectual sobre a modulação tensiva, mas o contrário. Optamos por manter o aspectual na função, no entanto, porque entendemos que a temporalidade aspectual seria um efeito de sentido produzido pela modulação do fluxo temporal profundo e, sendo assim, seria indicativa dessa tensividade. Como foi comentado anteriormente, o aspectual está dividido em três possíveis ocorrências: a prospectividade/retrospectividade (orientação), a gradação/salto (segmentação) e a duração/pontualidade (foco) que receberão valores arbitrários conforme sua posição no quadrado semiótico e, no caso da orientação, conforme a timia. Apresento aqui, por economia de espaço, a orientação com retrospectividade disfórica e prospectividade eufórica:

- prospectividade, gradação ou duração:  $A = 1$
- não-retrospectividade, não-salto ou não-pontualidade:  $A = 1,5$
- não-prospectividade, não-gradação ou não-duração:  $A = 2,5$
- retrospectividade, salto ou pontualidade:  $A = 3$

d)  $n$  = número do enunciado em sequência de mesmo andamento: esse fator afeta somente o

andamento e será usado na determinação do tipo tensivo do texto, tal como comentado acima. Quanto maior o  $n$ , maior o efeito do andamento sobre o fluxo. Esse elemento será numerado com números inteiros positivos, sem limite, determinado pela análise do texto.

A determinação do tamanho do enunciado dependerá da análise semiótica do texto. Se a análise do Plano da Expressão solicitar uma divisão do enunciado em partes menores,  $n$  dependerá da análise semiótica dos subtrechos: se for mantido o andamento, a subdivisão não implicará em aumento de número de enunciados, mas se houver mudança no andamento, isso implicará na reavaliação de  $n$ .

A função obtida para a visualização gráfica da tensividade desacelerada trecho a trecho possui pequenas diferenças entre a fórmula para tensividade conversa e aquela para tensividade inversa. O efeito é o esperado: na inversa, a relação entre a extensidade e a intensidade de  $\alpha$  é indireta (Figura 48), enquanto, na conversa, é direta (Figura 49).

Nesses gráficos temos:

- $f = 1$
- $A = 1$



Já na primeira sentença ( $n = 1$ ), já é possível notar um leve efeito do andamento ( $\alpha$ ) sobre o fluxo ( $f$ ), intensificado à medida que  $n$  aumenta.

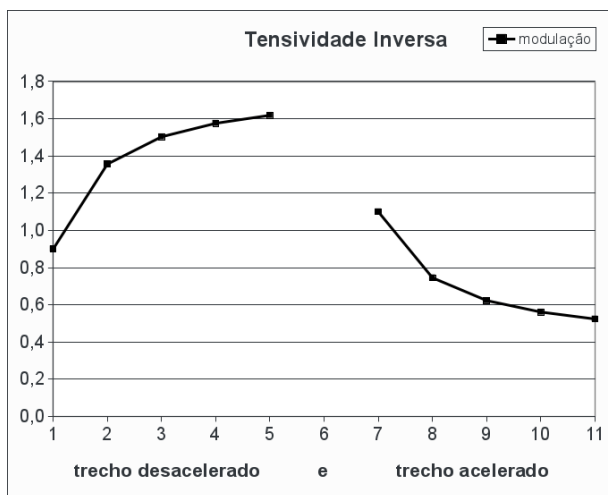


Figura 48: A modulação colocada em números, para um texto de tensividade inversa.

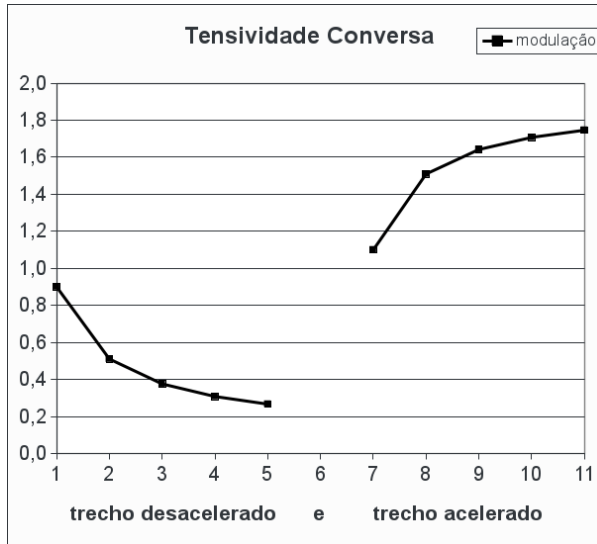


Figura 49: M para um texto de tensividade conversa. O gráfico mostra o efeito da aceleração e da desaceleração.

Com as fórmulas em mãos, qual seria o trabalho do analista? Em primeiro lugar, determinar o tipo tensivo do texto, crucial para determinar a fórmula a ser utilizada. Em segundo lugar, dividir o texto em enunciados e analisar o conteúdo de cada um no que se refere a andamento, fluxo e aspectualização temporal (orientação, segmentação ou foco). Note-se que os elementos temporais figurativos (tempo cronológico e tempo mnésico) foram deixados de lado por sua participação superficial no conteúdo temporal. Finalmente, para visualizar a curva tensiva do texto, o analista precisará unicamente aplicar a fórmula adequada a texto-objeto (conversa ou inversa).

Qual a utilidade dessa visualização? No nosso caso, foi a melhor opção para contrapor a dinâmica dos dados da expressão e à dos dados do conteúdo.

Resumindo, a partir de uma análise semiótica sentença a sentença de 6 níveis da temporalidade, seguindo a Árvore Gerativa da Temporalidade, é possível observar a variação da curva de tensividade temporal no decorrer do texto, permitindo realizar comparações com outros tipos de análise do plano do conteúdo e do plano da expressão, conforme os objetivos de cada trabalho.

#### **4.4. Análise da temporalidade: “Vira, vira”<sup>54</sup>**

Trago como exemplo a análise da poesia “Vira, vira”, do poeta mineiro Chico dos Bonecos (MATTE, 2004d). A descrição aqui exposta concerne ao plano do conteúdo, tendo como parâmetro a Árvore Gerativa da Temporalidade, visando organizar o tempo do conteúdo do texto em camadas profundas e superficiais, permitindo ao analista a separação do tempo em discursivo e subjacente. Este último é o tempo responsável pela tensividade constitutiva da emoção no texto, não a emoção na fala, mas num estado anterior, mais abstrato, imanente, apreensível no texto verbal por meio da análise da temporalidade.

Para Hjelmslev (1968), a estrutura linguística funda-se sobre a presença inerente de dois planos, o conteúdo e a expressão, e de dois eixos: o processo linguístico - o texto - e o sistema linguístico - a língua. Entre planos e eixos, vigora a distinção organizadora de forma e substância. Zilberberg (1995) organiza tais estruturas, ou dicotomias, em função do tempo, que não é tempo propriamente, mas, antes, temporalidade - ritmo, andamento, memória, projeção. Baseado em Hjelmslev, o autor estende a

---

54 Publicada originalmente na revista Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. XXXIII, p. 1-6, 2004.

linearidade à semiose inteira, para além da ideia saussuriana da linearidade ligada ao significante.

Essa semiose calcada na linearidade implica em transitividade, em deslocamento e no modo como esse tempo intrínseco se desenrola: isso é o tempo, ou temporalidade tal como a estamos tratando. A distinção forma/substância também será lida conforme Hjelmslev, pois, nas palavras de Zilberberg, essa visada permite a análise da forma segundo um ponto de vista “extensional”, que acolhe o conceito de temporalidade, opondo extenso/intenso, ou seja, “la célérité fléchée porteuse de l’accent intense et la lenteur qui assiste, entretient la modulation extense”. Não se trata de analisar somente o tempo cronológico, que aparece na superfície do texto, mas também a temporalidade profunda feita de acelerações e desacelerações, de paradas e continuações.

Além disso, o foco da análise é a práxis enunciativa: a relação entre o enunciador/locutor e o enunciatário/ouvinte. Um texto meramente informativo possui, geralmente, uma temporalidade profunda bastante linear: trata-se de desacelerar, de graduar, de promover a continuidade entre o desconhecido e o conhecido, transformando o primeiro no segundo. Normalmente, inicia num salto, numa parada: o enunciatário passa de um estado de /parecer saber/ para um estado de /saber não-saber/.

Essa passagem é intensa, instantânea. O resto do texto vai construir, lentamente, desacelerando, a continuação da conjunção com o saber: a emoção é secundária pois trata-se da relação entre sujeitos sociais.

Já um texto estético opõe-se à previsibilidade temporal do texto informativo, pois tem, segundo nossa hipótese, justamente na sua temporalidade o centro da sedução do Enunciatório/ouvinte, cuja mínima finalidade é fazer com que ele queira ouvir a história: trata-se da relação entre um sujeito social (o enunciador/locutor) e um sujeito individual (enunciatório/ouvinte).

A geração do “Tempo” foi organizada levando-se em conta a hierarquia do percurso gerativo. Partiu-se da hipótese de que a temporalidade, tanto como conceito quanto como elemento de construção do sentido, é elaborada desde o nível profundo até o nível superficial. No entanto, a primeira divisão não é baseada nos três níveis do percurso, pois a temporalidade lógica do nível narrativo não atuaria na mesma instância que a temporalidade como conceito ou a temporalidade do discurso. Ela surge no nível discursivo já figurativizada como antes/depois. Assim, teríamos uma hierarquização de quadrados semióticos com uma única tripartição, todo trecho podendo ser avaliado (Figura 36, p. 168):

(i) pelo andamento (aceleração/desaceleração) e pelo fluxo (parada/continuação), ambos pertencentes a uma dimensão subjacente, ou seja, nível fundamental;

(ii) pela orientação (prospectividade/retrospectividade) ou pela segmentação (gradação/salto) ou pelo foco (duração/instantaneidade<sup>55</sup>), sendo a primeira pertencente ao nível fundamental e, portanto, sendo considerada uma ordem profunda da aspectualização e as outras duas

55 Observe que, na publicação original desta análise, utilizamos o termo pontualidade no lugar de instantaneidade; a opção pela instantaneidade é que ela é mais afeita ao tempo que pontualidade, mais afeita ao espaço.

pertencentes ao nível discursivo e, assim, consideradas como ordem rítmica da aspectualização, e

(iii) pela temporalidade cronológica (antes/depois) e pela temporalidade mnésica (passado/ futuro), ambos elementos figurativos do nível discursivo.

Cada trecho de texto analisado receberia, assim, cinco designações temporais: duas subjacentes, uma aspectual e duas figurativas. O andamento modula o fluxo, que, por sua vez, determina uma aspectualização profunda ou rítmica. Por fim, são aspectualizados os elementos figurativos da temporalidade, cronológico e mnésico. A análise segue o caminho oposto da hierarquia gerativa.

Em virtude do nível do plano do conteúdo a que pertencem as diferentes categorias aspectuais temporais aqui estudadas (orientação no nível profundo e segmentação e foco, ambos aspectos rítmicos, no nível discursivo), sua aparição vai ter diferentes resultados na tensividade. Estamos trabalhando com a hipótese de que somente uma dessas três temporalidades aparecem em destaque em cada trecho do texto. Os efeitos rítmicos trabalham a divisibilidade/indivisibilidade da temporalidade no nível discursivo e aparecem como reflexo das flutuações do nível subjacente tensivo. A orientação pertence ao mesmo nível discursivo, mas, devido a seu caráter contínuo, evoca o nível profundo.

Analisando-se a ideia da segmentação (gradação x salto) e do foco (duração x instantaneidade) conforme sua natureza no gradiente de divisibilidade/indivisibilidade, pode-se

associar ambas as ideias, invertendo-se o quadrado da gradação/ salto (Figura 50)<sup>56</sup>.

A Duração é máxima continuidade pois é definida por infinitos instantes; já a Gradação é definida por finitos mas múltiplos instantes. A instantaneidade é máxima descontinuidade pois exclui o todo; já o Salto define-se pela relação de um instante com um outro.

Sendo assim, teríamos um gradiente de divisível/indivisível que une as duas espécies de aspectualizações rítmicas (Figura 41, p. 175).

A tensividade máxima e mínima estaria nos pontos de menor divisibilidade. Por outro lado, a maior divisão diminui a intensidade em cada ponto, e vice-versa.

---

56 Este quadro aparece também na Figura 40, da página 174, levemente diferenciado apenas para ficar mais diretamente de acordo com o contexto da análise.

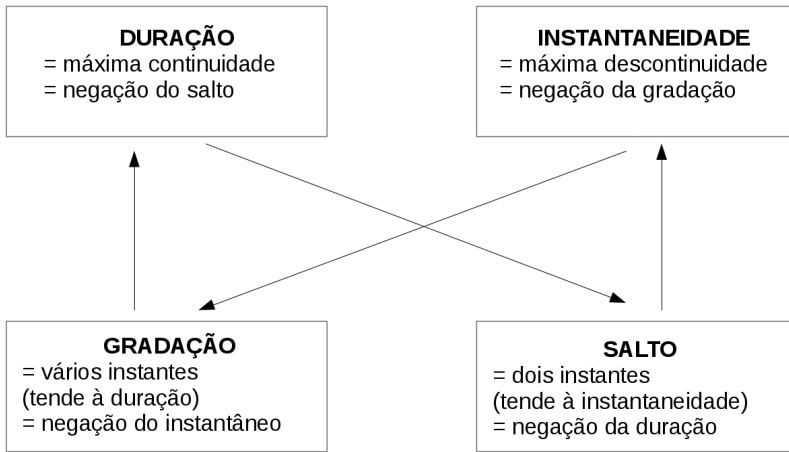


Figura 50: Quadrado semiótico resultante da associação entre segmentação e foco.

Como exemplo, apresentamos a análise de um poema na qual serão desprezados todos os elementos que não foram decisivos para a observação da temporalidade, tais como os elementos de interdiscursividade encontrados na terceira estrofe ou a exploração das isotopias em expressões como vira-lata e vira-casaca.

O poema, transcrito a seguir, a partir de uma execução oral do próprio autor, chama-se Vira Vira<sup>57</sup>.

A análise da temporalidade neste poema será feita desde o nível mais superficial, que corresponde à dimensão figurativa da árvore gerativa proposta, até o nível mais profundo, a dimensão subjacente.

---

57 Texto de Francisco Marques, *In: Histórias Gudórias de Gurrunfórias de Maracutórias Xiringabutórias*, disco n.º PC 0009, ed. Palavra Cantada.



a nuvem (1)  
vira lata  
vira casaca  
a nuvem (2)  
vira volta  
vira e mexe  
a nuvem (3)  
vira saúva  
Brejaúva  
de tanto vira vira (4)  
a nuvem  
vira chuva

Observa-se, em primeiro lugar, que o texto todo está no presente simples. O efeito de sentido provocado pela sucessão de eventos, como uso de verbos no presente, é a de generalização e universalização do conteúdo. Fala-se de um tempo sem data, que cristaliza o tempo mnésico num hoje universal abrangente de todo o poema.

O tempo cronológico nesse texto é marcado pela introdução de uma figura de consequência: o verso "de tanto vira vira" introduz a quarta estrofe quebrando a sequência de asserções das três primeiras estrofes, todas iniciadas pelo sujeito: "a nuvem".

Em termos de tempo cronológico, a quarta estrofe corresponde ao depois, enquanto as três primeiras

correspondem ao antes. A análise independe da ordem em que aparecem as figuras no texto, mas nesse texto o antes vem, comportadamente, antes do depois.

A dimensão figurativa, embora esteja, como a aspectual, situada no nível discursivo, é a mais superficial e, portanto, a imediatamente apreensível na leitura do texto. Sua observação fornece pistas sobre o que ocorre nas outras dimensões. Como temos um texto cujo tempo mnésico é o de um hoje universal, não esperaríamos encontrar nele elementos indicando prospectividade ou retrospectividade e, com efeito, eles não compõem a dimensão aspectual desse texto, que é rítmica.

A dimensão rítmica será aqui analisada segundo o gradiente explicado acima. A primeira indicação do tempo rítmico é a listagem descritiva que observamos da primeira à terceira estrofe. Na primeira, listam-se transformações de formato, na segunda, listam-se modos de transformação e, na terceira, listam-se transformações de formato cujo grau de ancoragem aumenta gradualmente – gradação: palavra chave.

Trata-se de qualquer lata, qualquer casaca, mas não é qualquer formiga, muito menos qualquer lugar (Brejaúva é o nome de uma floresta no mesmo disco, constituindo um contexto interno para o poema). É uma gradação que vai do genérico ao específico. Podemos concluir que, nas três primeiras estrofes, o texto exprime uma temporalidade aspectual de gradação. Na quarta estrofe, a nuvem, que podia virar tudo, vira a única coisa que efetivamente pode/deve virar: chuva. Assim, o texto alcança a plenitude

da chuva ao substituir o todo pelo uno. Nessa estrofe, a temporalidade aspectual rítmica é instantaneidade.

Tanto o tempo cronológico quanto o tempo rítmico indicam uma mudança no fluxo do texto entre a terceira e a quarta estrofe. O tempo subjacente, portanto, no que concerne ao fluxo, será assim definido:

(i) parada da parada: o primeiro verso (costumeiramente os textos começam marcando o fim de uma pausa, de um espaço em branco, pela parada de uma parada anterior, no mínimo pressuposta);

(ii) continuação da continuação: a listagem cambiante que aparece da primeira à terceira estrofe reflete um fluxo de continuação, que tem início com a parada observada no primeiro verso;

(iii) parada da continuação: a expressão "de tanto vira vira", que interrompe a listagem com o efeito de consequência;

(iv) continuação da parada: apesar da expressão "a nuvem" retomar o esquema descritivo de listagem anterior, ainda é uma retomada ténue, passível de ruptura;

(v) parada da parada: em "vira chuva", embora trate-se de uma nova aspectualidade, retoma-se o fluxo inicial de listagem, reforçado pela mesma estrutura frasal e mesmas palavras/componentes principais.

Baseando-se nas mesmas considerações anteriores, mas também na temporalidade mnésica de uma totalidade hoje universal, observamos como andamento, na dimensão subjacente, desaceleração em todo o texto, exceto no primeiro verso da quarta estrofe, em que o efeito de

consequência nega a possibilidade de aceleração dada pela parada da continuação observada no fluxo, indicando como andamento deste único verso a não-aceleração.

Temos assim um esquema do texto como um todo em que os diferentes níveis temporais deslizam uns sobre os outros, com movimentos parcialmente dependentes (Tabela 10, abaixo).

Essa análise é útil tanto em estudos interdisciplinares, como a fonoestilística, quanto em qualquer tipo de objeto no qual se esteja focalizando a temporalidade.

Por exemplo, a tabela criada com os elementos temporais da análise de “Vira, vira” torna o trabalho de montagem da curva de modulação temporal tensiva no texto bem mais simples. Na Figura 42 (p. 176), que mostra a curva tensiva da relação entre a profundidade extensa do foco e a profundidade intensa da segmentação, a curva apresentada é compatível com esse poema: trata-se de uma tensividade do tipo inverso, em que a desaceleração e a gradação são distensas, enquanto a aceleração e o salto são intensos. Assim, cabe, nesse caso, usar a fórmula da Tensividade Inversa (Figura 47, p. 181).

Aplicando-se tal fórmula, com a devida transformação das análises em números a partir das diretrizes descritas no tópico anterior, obtemos uma tabela (Tabela 11, p. 198) em que cada verso produz um resultado tensivo.

**Tabela 10: Análise da poesia conforme a árvore da temporalidade.**

Versos do Poema	Nº da Estrofe	Tempo Mnésico	Tempo Cronológico	Dimensão Rítmica	Tempo Subjacente	Andamento
a nuvem	(1)	Presente Universal	Antes	Gradação	Parada da parada	Desaceleração
vira lata					Continuação da continuação	
vira casaca						
a nuvem	(2)					
vira volta						
vira e mexe						
a nuvem	(3)					
vira saúva						
Brejaúva						
de tanto vira vira	(4)		Depois	Instantaneidade	parada da continuação	Não aceleração
a nuvem		continuação da parada			Desaceleração	
vira chuva		parada da parada				

**Tabela 11: Valores obtidos para "Vira, vira".**

<b>Versos</b>	<b><i>M</i></b>	<b><i>A</i></b>	<b><i>f</i></b>	<b><i>alfa</i></b>	<b><i>n</i></b>
<b>a nuvem</b>	<b>19,6</b>	1	2	0,9	1
<b>vira lata</b>	<b>18,2</b>	1	1	0,9	2
<b>vira casaca</b>	<b>18,1</b>	1	1	0,9	3
<b>a nuvem</b>	<b>18,0</b>	1	1	0,9	4
<b>vira volta</b>	<b>18,0</b>	1	1	0,9	5
<b>vira e mexe</b>	<b>17,9</b>	1	1	0,9	6
<b>a nuvem</b>	<b>17,9</b>	1	1	0,9	7
<b>vira saúva</b>	<b>17,9</b>	1	1	0,9	8
<b>Brejaúva</b>	<b>17,9</b>	1	1	0,9	9
<b>de tanto vira vira</b>	<b>21,3</b>	3	4	0,95	1
<b>a nuvem</b>	<b>22,9</b>	3	5	0,9	1
<b>vira chuva</b>	<b>19,8</b>	3	2	0,9	2

No gráfico da Figura 51 (abaixo) podemos observar melhor a variação de *M*, lembrando que *A* corresponde à actualização, *f* corresponde ao fluxo, *alfa* ao andamento e *n* ao número da frase (no caso, verso) na sequência de mesmo andamento.

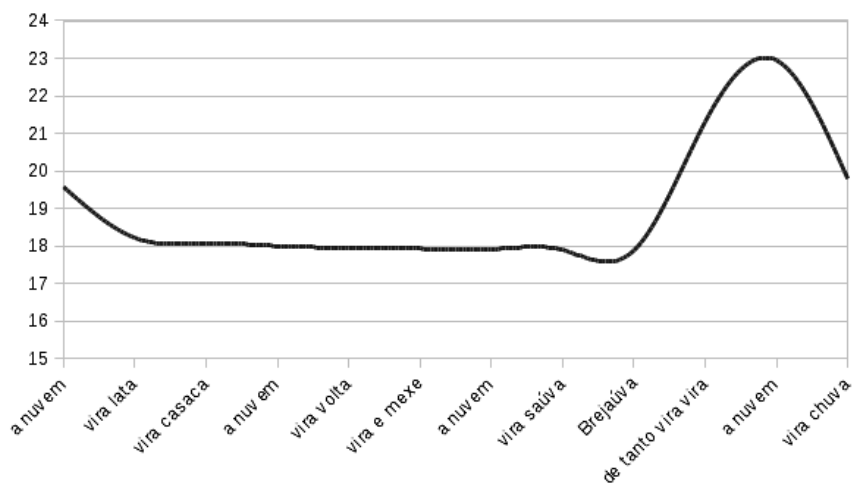


Figura 51: Gráfico da modulação temporal tensiva do poema "Vira, vira", com a análise dividida em versos.

É importante destacar que o gráfico da Figura 51 foi desenhado com o eixo x no valor 15 de y, de modo a permitir visualizar melhor as pequenas oscilações que acontecem nas 3 primeiras estrofes, assim como uma levíssima diminuição de tensividade nesse mesmo trecho, decorrente da permanência da desaceleração. Por outro lado, essa visualização acentua o aumento de tensividade no início da quarta estrofe que, considerando-se as possibilidades da fórmula, não é tão relevante quanto parece. O poema tomado como um todo possui pouca tensão, o que vemos é um pequeno aumento e decréscimo final, lembrando a típica vocalização da afirmação na fala. Essa lembrança não deve ofuscar o fato de que aquilo que nos lembra uma entonação foi resultado da análise do texto verbal escrito, corroborando a ideia de que o plano do conteúdo produz pistas sobre o que se espera do plano da expressão em termos de emoção, embora não de forma paralela.

Já que a análise do texto escrito pode revelar tanto sobre o que se quer dizer, subjetiva e objetivamente, especialmente das emoções - que são expressão no texto segundo a semiótica das paixões (GREIMAS & FONTANILLE, 1993) -, do estilo semiótico e da disposição do sujeito para um dado modo de ser/fazer, vamos observar no próximo capítulo o que acontece com essas emoções num excerto de *chat* escrito. E que *chat* é esse?

O doce perguntou pro doce: qual é o doce mais doce que o doce de batata doce? O doce, com um muchocho tão doce.. docemente respondeu pro doce: o doce mais doce que o doce de batata doce é o doce de batata doce ;-)

O gato sem negrito navega oculto entre as linhas dos *chats* pardos... o cinza negrito é farto? Pois bem: nem todos são gatos.



## Capítulo 5 Gatos pardos, *chat* sem negrito<sup>58</sup>

O *chat* de que vamos tratar aqui usa um protocolo de conversador *online* que é, provavelmente, o primeiro a possibilitar conversas escritas em tempo real, o Internet Relay *Chat*<sup>59</sup>. Uma sala de suporte a *software* em geral

---

58 Esse capítulo toma por base o artigo “Esquema de comunicação sob olhares da semiótica e da tecnologia adaptativa”, publicado originalmente na revista CASA Cadernos de Semiótica Aplicada (Matte, 2014). A pesquisa apresentada neste capítulo foi realizada com o apoio da FAPEMIG (Processo PPM-00206-10: *dadosSemiotica*: programa para coleta e análise de dados) e do Grupo de Pesquisa Texto Livre: Linguagem e Tecnologia (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0333801U4BKW6D>).

59 Escrito em 1988, trouxe a comunicação escrita em tempo real e em grupos para os usuários de internet. Sempre foi muito utilizado por comunidades de *software*

utiliza, além dos recursos de conversa e envio de arquivos, presentes no IRC, sites de troca de textos longos, alguns com suporte visual a linguagens de programação, como editores avançados, nos quais trechos de código ou de divulgação, entre outros, são acessados pelos interessados na interação colaborativa. Assim, no lugar de mandar o texto pelo *chat*, que tornaria o ambiente muito confuso, o autor do texto encaminha o *link* de um texto mais ou menos provisório. Junte a) a leveza do protocolo, b) a variedade de opções administrativas de cada canal, c) a possibilidade de conversas individuais e d) o registro das conversas facilitado e automatizável, conforme o cliente (*software*) de IRC utilizado, e temos um meio excelente de compartilhamento e produção colaborativa.

Claro que um protocolo como esse, para ser leve, não pode enviar *emojis*<sup>60</sup> nem formatação de texto. Alguns clientes de IRC até permitem que a fala de cada *nick* apareça com uma cor diferente ou que a fala do utilizador do cliente apareça com uma cor para destaque (assim como falas em que apareça seu *nick*), mas isso é feito localmente, ou seja, você não pode destacar com negrito um trecho de sua fala ao enviar para outra pessoa, e mesmo se copiar uma fala que apareceu em roxo na sua tela, ela vai chegar em preto para os outros *nicks* presentes. Certamente a regra de restringir o uso de maiúsculas (convencionado como “grito”), vem

---

livre, pela leveza do protocolo, que permite acesso mesmo em conexões precárias e permite transmissão de arquivos, além de liberdade para instalação de *bots* e enorme facilidade na criação de salas. Fez grande sucesso até 2003, quando conversadores modernos ganharam a rede, mas ainda é muito utilizado, inclusive como base de conversadores de grandes empresas. Ver mais: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet\\_Relay\\_chat](http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet_Relay_chat)

60 Alterei de “emoticon” para “emoji” atendendo aos pedidos dos mais jovens: Matheus e Lucca ;-)

desse protocolo, da necessidade de alguns usuários de destacar suas falas ou trechos delas.

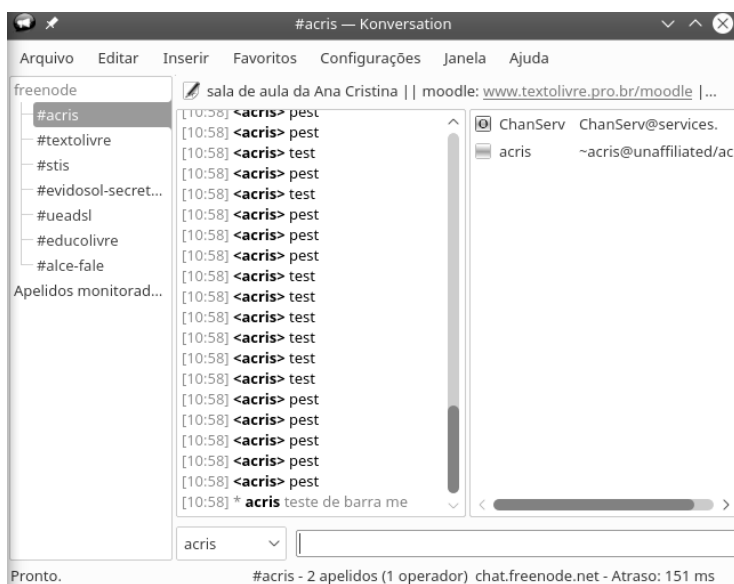


Figura 52: Teste de "me", comando para destaque de um texto, enviado no IRC, visto pelo cliente Konversation, no KDE Ubuntu Gnu/Linux 16.04.

Uma única forma de destaque faz parte do protocolo: o "/me". Trata-se de um comando que, enviado numa dada sala, faz a mensagem aparecer com a estrutura "[hh:mm] \* nick texto\_enviado", em oposição à estrutura normal das falas, que pode mudar de cliente para cliente, mas no meu aparece como "[hh:mm] <nick> texto\_enviado" (Figura 52). O "/me" cria uma frase em terceira pessoa iniciada pelo próprio nick do falante, de modo que é como se eu, no lugar

de dizer: “eu sei essa resposta”, dissesse “acris<sup>61</sup> sabe essa resposta”. Destaca, portanto, o texto enviado tanto pela forma como aparece como pela estrutura linguística, ou seja, pela debreagem.

Se o texto é plano, sem destaque, se os *emojis* são conjuntos de letras (e em número bem restrito), se colar trechos grandes demais deve ser evitado (impedindo o desenho em *ascii*), como é que cada *nick* cria sua identidade? Por meio da linguagem e do comportamento evidenciado por ela: o que é dito, como é dito, quanto e quando é dito, o *nick* escolhido e suas alterações, uso de recursos que requerem conhecimento da linguagem de programação do protocolo, etc.

Por exemplo, se uma pessoa entra no *chat* com seu primeiro nome, especialmente em redes com muitos usuários, isso vai levar o sistema a mudar seu nome para um genérico, em geral colocando um *underline* em seguida ou algo como *chat87978354635276*. Se alguém é dono do *nick* (registrou o *nick* na rede para seu uso), pode usar o comando *ghost* para retirar quem o está usando indevidamente (o que vai expulsar esse usuário indêbito da rede, obrigando-o a fazer novo login). Um usuário com um mínimo de experiência pode entender o nome do tipo *chat87978354635276* como “entrada de usuário sem experiência em IRC”. Também vai compreender que:

---

61 acris foi o *nick* que adotei no IRC em 200 e é usado por mim até hoje (todo com minúsculas).

[11:15] --> ana\_  
(bacee506@gateway/web/freenode/ip.xxxxxx<sup>62</sup>) entrou  
neste canal.

[11:17] \*\*\* ana\_ é agora conhecido como pipoka.

[11:18] <-- pipoka  
(bacee506@gateway/web/freenode/ip.xxxxxxxx) deixou  
este servidor (Disconnected by services).

São avisos do sistema dizendo que ana\_ soube mudar seu *nick* para pipoka, o que requer um mínimo de experiência, e que “Disconnected by services” significa que não saiu por vontade própria (no caso foi resultado do *ghost* que dei no pipoka, *nick* que está registrado por mim nessa rede de IRC) e que aparece, para que deu o comando, desta forma:

[11:18] [Aviso] -NickServ- pipoka has been ghosted.

Portanto, existem indícios próprios do sistema que permitem a um usuário com experiência mediana ter algumas pistas sobre a pessoa que está utilizando dado uso. É possível, com algum conhecimento de comandos IRC, descobrir o IP da pessoa; se ela for registrada é possível saber se possui outros *nicks*, e alguns poucos dados além destes sobre ela, não muito mais.

Por exemplo, posso dar um comando *whois* e descobrir que a pessoa está usando um *webchat* (que funciona no navegador, indicando que não é um usuário frequente, pois o *webchat* é mais instável), se ela possui, ou não, o *nick* vinculado a um projeto (quando o *whois* esconde o IP e mostra o projeto ou indica *unaffiliated* no lugar), há quanto

62 Assim como os *nicks* foram substituídos por alias, retiramos do *corpus* os IPs que o sistema eventualmente identificou durante as conversas.

tempo está *online* e em quais canais está ativo. Mas, definitivamente, é um enunciatário bem misterioso. Se ele não disser nada, se não interagir e ficar apenas ali, é impossível saber se se trata de uma pessoa ou um robô (hipótese nada inusitada no IRC).

Usar a semiótica para trabalhar a identidade no *chat* é algo que vem tomando muitas das minhas reflexões e análises nos últimos anos. A Semiótica Greimasiana é uma teoria com importante potencial de aplicabilidade interdisciplinar, como mostram trabalhos em diferentes áreas do conhecimento, especialmente na área das Ciências Humanas, e por esse motivo, diante da possibilidade da identidade criada ser um robô (ou *ircbot*, ou *bot*), achei que caberia bem fazer uma investida numa das teorias de inteligência artificial que melhor retorno me parece dar numa investigação sobre a construção do sentido: a Adaptatividade, ou Tecnologia Adaptativa (NETO, 2000).

Da semiótica, trouxe o esquema de comunicação de Ignácio Assis Silva (BARROS, 2002), que é mais um processo do que um esquema, pois permite visualizar os deslizos presentes e intrínsecos ao fazer comunicativo, no lugar das estabilidades. Além disso, é muito eficaz para tratar dos deslizos entre as várias camadas de construção da comunicação, de modo a tornar relevantes sutilezas que se perderiam em análises mais categóricas do processo.

A adaptatividade, basicamente, é a capacidade de um programa automodificar-se para atender a situações inicialmente não previstas em suas regras (NETO, 2000); com as operações básicas da adaptatividade trazidas para o âmbito do esquema de comunicação, busquei lançar

algumas luzes sobre a geração automática de diálogos escritos. O trabalho de Alfenas e Pereira-Barretto (2012) é um forte indicativo da produtividade da utilização da Tecnologia Adaptativa para gerenciamento de diálogos. No entanto, este capítulo não visa a propor regras ou elementos que possam, diretamente, servir de recursos para a geração automática de diálogos, mas, sim, quer pensar os sujeitos em interlocução e como eles constroem suas identidades num ambiente IRC.

A capacidade de automodificação, que é a base da adaptatividade, busca simular a habilidade humana de adaptar-se a diferentes situações a fim de obter um mesmo resultado. Trata o processo como esquema, ao contrário do que faz Ignácio A. Silva em seu esquema de comunicação, totalmente processual, a despeito da aparente incongruência. Como a automodificação é local e a comunicação é global, não são processos excludentes mas, antes, podem ser complementares.

Numa situação controlada, como o texto de uma notícia de jornal ou uma fábula, nos quais o começo, o meio e o fim estão dados *a priori*, a análise semiótica vai tomar o texto como um todo e, a partir desse todo, realizar sua análise, que acaba sendo, em virtude dessa característica finita previamente selecionada, de natureza discreta mesmo no que tange a elementos contínuos da construção do sentido. A análise de diálogos espontâneos, no entanto, foge a esse controle e exige um tratamento não só menos linear da sequência discursiva, como também mais maleável no que diz respeito ao “todo” que define o texto, já que esse muda a cada nova intervenção.

Isso nos faz lembrar do presente sempre passado como realidade da enunciação: o diálogo espontâneo é uma sequência de instantes cujo presente é extinto assim que são enunciados. Só conseguimos nos comunicar em função da memória do que foi dito, ou estaríamos fadados a falar a esmo eternamente. Dessa forma, sempre que fazemos uma análise da conversação, estaremos tomando um trecho de diálogo enunciado em outro momento e fixado pelo registro dele feito, o que traz inúmeras reflexões filosóficas mas, para a semiótica, é uma simples consequência do fazer analítico, sempre *a posteriori* da enunciação. Todo texto é um recorte no tempo e no espaço. É impossível falar do agora sem que esse agora esteja naturalmente fixado em algum ponto mais ou menos remoto no passado. A forma pela qual procura-se controlar semioticamente esse intangível é aumentando o número de contextos<sup>63</sup>, o que também tende ao infinito e precisa ser apenas um dentre vários recortes possíveis, tendo em vista sua viabilidade.

Esta questão, fascinante para a Semiótica, a nosso ver é a mesma, básica, da adaptatividade quando trabalha com problemas complexos, com entrada de dados de um conjunto finito mas com infinitas possibilidades de resultados finais a partir de infinitas possíveis relações, já que o tamanho máximo do resultado é ilimitado.

Cabem algumas pinceladas a mais sobre essa interface teórica transdisciplinar.

---

63 Contextos pois, para a semiótica, todo contexto é formado por textos, então aumentar o número de contextos significa considerar mais do que o texto-objeto para fazer a análise.



### **5.1. *Semiótica e Tecnologia Adaptativa***

A Semiótica Greimasiana sempre esteve no limite entre a linguagem e a tecnologia, limite mesmo da ciência e do fazer científico, sendo uma teoria da linguagem sempre pronta a disputar lugar de destaque nos campos interdisciplinares e na pesquisa de ponta. Sua base estruturalista, embora seja alvo de inúmeras críticas por defensores de teorias concorrentes na área de Humanas, é, a nosso ver, um dos principais motivos pelos quais essa Semiótica é altamente favorável a estudos interdisciplinares, inclusive com a área de Exatas (Matte; Lara, 2009).

Trabalhando com uma separação metodológica entre imanência e manifestação, entre conteúdo e expressão e entre forma e substância, conceitos caros a Hjelmslev (1968), a análise semiótica busca apreender o sentido em imanência, nas profundidades, e jogá-lo de forma organizada para a superfície. Seu grande sucesso na literatura e em outras artes deve-se ao fato de que sua metalinguagem permite redimensionar o objeto analisado de forma quase tão artística quanto ele próprio foi construído, o que acaba muitas vezes “borrando” a imagem inicial, não porque a Semiótica não possa ser nítida, mas porque o sentido é mais complexo do que aparenta na superfície. Assim, muitos trabalhos de análise semiótica acabam sendo, eles mesmos, quase novas obras artísticas, no sentido em que a arte, para dar sentido ao mundo, reescreve seus eventos. Disso podem decorrer, e em alguns casos é efetivamente o que acontece, análises que, em escopos teóricos não literários, parecem visões distorcidas

desse mundo, como por uso de óculos imperfeitos (o que não é, por si só, um desmérito da obra).

Esse modo de trabalhar com Semiótica, no entanto, não é o mais apropriado para trabalhos interdisciplinares, especialmente quando se trata da interface com as ciências ditas mais duras. Nesse caso, pensamos, o melhor processo é o que, a partir de um palpite teórico baseado na Semiótica e seguindo a metodologia semiótica à risca, desconstrua o texto de forma organizada, esvaziando-o de suas camadas mais superficiais em busca dos traços, daquilo que gostamos de chamar de caricaturas, pelo caráter mimético e por sua maleabilidade como meta objeto, permitindo, assim, que ele seja compreensível por pessoas diferentes com histórias diferentes e, portanto, por pessoas com diferentes construções do que seja a própria linguagem.

Trata-se da mesma ideia que buscou Silva (1995) no conceito de boi mínimo, retratado em “Metamorfoses de um touro” por Pablo Picasso: trata-se de buscar a humanidade e a civilidade mínimas, as quais acabam oscilando fortemente entre o inteligível e o sensível, ponto nevrálgico e forte da teoria semiótica. O tema foi bastante bem abordado por Silva (1995), com uma síntese completa no capítulo Balizas.

## ***5.2. Um pouco de história***

A relação entre Semiótica e Inteligência Artificial foi primeiramente abordada em alguns trabalhos publicados na série Bulletin (hoje continuada pelo periódico Actes Sémiotiques) na década de 80, especialmente em dois números dedicados ao tema: (STOCKINGER et al., 1985), e Intelligence Artificielle, II: Approches cognitives du texte (STOCKINGER et al., 1986).

Naqueles trabalhos, a abordagem do tema foi bastante indireta: alguns artigos deslizaram da Semiótica para as ciências cognitivas ao realizar a análise da Inteligência Artificial, enquanto alguns, quando deram maior destaque à Semiótica propriamente dita, optaram por focalizar a relação homem-máquina que estaria sendo simulada nos artefatos de Inteligência Artificial, de forma insipiente, à época.

O que nos trouxe a esse palco foi uma pesquisa sobre expressão da emoção na fala (MATTE, 2002 e 2004a). Do ponto de vista semiótico, a emoção não é um conteúdo, é uma “expressão comprometida por uma paixão”. Para a Semiótica, paixão é um conjunto, passível de moralização, de modalizações e comportamentos de um sujeito, os quais destoam do quadro de valores socialmente aceito, incluindo ódio, amor, desejo de vingança e compaixão, dentre muitas outras. Assim, para explicar emoção com outras palavras: quando uma paixão qualquer afeta um sujeito, sua textualização reflete isso e é esse “afetar” o que define a emoção, a qual é definida como uma perturbação corporal perceptível (voz trêmula, por exemplo). A emoção, portanto, é quantificável e pode ser medida se for observada em relação àquele padrão socialmente aceito, como é o padrão linguístico, por exemplo.

Muitas vezes, durante nosso trabalho na interface com a fonética acústica (MATTE, 2004b e 2008; MATTE, MEIRELES, RIBEIRO, 2011), em busca de desvelar os mecanismos de produção de sentido emotivo na fala, a Inteligência Artificial foi cogitada como parceira alternativa

para os estudos semióticos da comunicação. No entanto, só fui encontrar o tipo de abordagem que me parecia adequado na Tecnologia Adaptativa, com seu caráter mais lógico e menos matemático.

A Tecnologia Adaptativa, como comentado na introdução (ALFENAS; PEREIRA-BARRETO, 2012), visa à modificação de regras, em *softwares*, num sistema quase minimalista baseado em operações de inclusão, remoção e consulta. Essa ideia de uma sintaxe básica e abstrata, a qual garante a aplicação da TA a diferentes linguagens e sistemas computacionais (NETO, 2003 e 2007), é comparável à forma como a Semiótica trabalha sua própria sintaxe, especialmente no nível narrativo, no qual as relações são de natureza lógica. O nível narrativo possui uma estrutura bastante cristalizada, pois foi o primeiro a ser desenvolvido, e a forma de organizá-lo e compreendê-lo, dada essa anterioridade, afeta a forma com que são abordados os outros níveis de produção do sentido.

Respeitadas as diferenças das linguagens-objeto com que trabalham a Semiótica e a Tecnologia Adaptativa, em ambas as teorias a sintaxe mínima aparece e multiplica-se em cada objeto, não só em extensão, como também em diferentes instâncias (níveis ou camadas), aumentando a complexidade do sistema sem, no entanto, causar uma multiplicação desnecessária e indesejável das unidades sintáticas mínimas.

### **5.3. Comunicação no viés de Ignácio Assis Silva**

A Semiótica possui, atualmente, um arsenal de recursos analíticos coeso e suficientemente amplo para dar conta dos mais diferentes objetos e linguagens, no que tange à

construção do sentido. Assim, a teoria passou a ocupar-se de problemas para os quais não havia, inicialmente, fundamentação suficiente, apesar de previstos desde o princípio das investigações semióticas. Trata-se de questões como continuidade, plano da expressão, percepção e, o que nos interessa aqui, a comunicação em processo.

Os esquemas de comunicação, na grande maioria, pecam por manterem-se fiéis àquilo que se propõem ser, pois um esquema não precisa descrever a dinâmica do processo. Um esquema pode ser como uma foto, estática, e a grande maioria dos esquemas de comunicação segue esse estilo (KLINKENBERG, 2009). Minha conclusão é de que, justamente por explorar o caráter dinâmico do processo comunicativo, o esquema de Ignácio Assis Silva é, provavelmente, a opção mais adequada à análise da comunicação. Foi proposto por Ignácio Assis Silva em sua tese de doutorado (SILVA, 1972) e reapresentado por Diana Barros no livro *Introdução à Linguística* publicado pela FFLCH/USP (BARROS, 2002). Foi essa reapresentação que o tornou alvo de várias de minhas reflexões acerca da comunicação, pois ele trouxe consigo a argumentação teórica necessária para trabalhar a comunicação do ponto de vista da semiótica greimasiana.

A proposta de Silva transforma o famoso esquema de comunicação de Roman Jakobson (1969) em um processo dinâmico, envolvendo o código - no caso, a língua -, o sinal - no caso, a escrita -, e o conteúdo semiótico - no caso, a construção do sentido na conversação via *chat* -, sendo particularmente adequado para tratar do problema aqui apresentado. É o que busco mostrar com exemplos dessa dinâmica em diálogos do IRC, tendo em vista um estudo de

regras relativas ao conteúdo do texto para geração automática de diálogos, na interface entre a Semiótica e a Tecnologia Adaptativa.

O esquema (Figura 53) parte do conjunto Destinator (formado por Fonte, mensagem como imagem e transmissor) e Destinatário (formado por receptor, mensagem como imagem e destino).

Palavras: *Destinator* e *Destinatário* aqui são termos herdados dos esquemas de comunicação, tal como o de Jakobson, de modo algum actantes da Manipulação. São atores do Nível Discursivo, referências da Enunciação Enunciada. Além disso, cabe notar que *imagem*, aqui, possui o mesmo sentido que “imagem acústica” em Saussure (1969) e Mattoso Câmara (2002a).

Em Matte (2008b), analisei o esquema passando a nomear as três vias de construção da comunicação: a via do código, a via do sinal e a via semiótica. Naquele artigo, discuti o conceito de “ruído”, que é nada mais do que uma diferença potencial entre o que cada actante do processo comunicativo (Destinator e Destinatário) institui para cada texto em cada uma das vias. O ruído, que já fazia parte da proposta inicial de Silva, é o responsável pela dinâmica do processo: é exatamente porque cada actante sabe que existe um ruído intrínseco em cada uma das vias que a comunicação é possível.

Assim, pode-se afirmar que existem dois sistemas em choque, produzindo um terceiro, que é o da comunicação em si. É esse choque que define o esquema como processo: é da não isomorfia das linguagens do destinator e do destinatário que a comunicação apresenta-se como fruto de constante reavaliação e remodelamento.

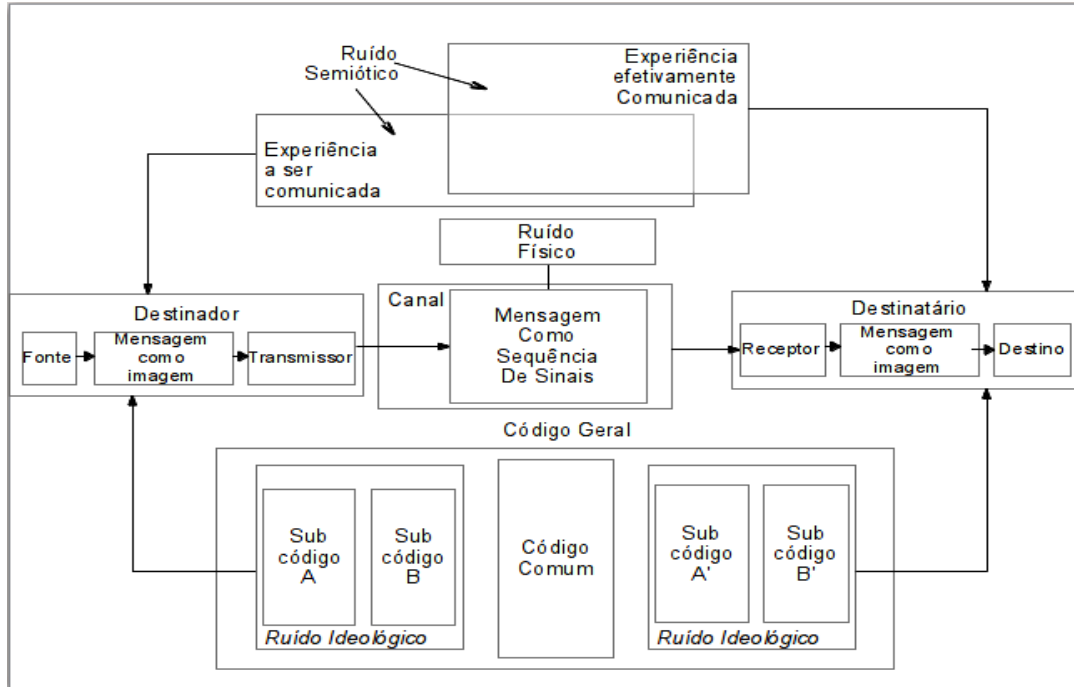


Figura 53: Esquema de Comunicação de Ignácio A. Silva (1972).

O primeiro sistema é do Destinator e é formado pela mensagem que ele deseja comunicar, pelo seu conhecimento do código, pela imagem que faz do código do destinatário e, finalmente, pela capacidade de produzir o sinal necessário no processo de textualização - no caso dos nossos exemplos, produzir a escrita ou a fala e transmiti-la ao Destinatário.

É importante notar que esse esquema, embora concebido inicialmente para a fala, não predetermina nem o tipo de suporte para o envio do sinal e nem a linguagem utilizada. No caso da presente pesquisa, sempre estamos trabalhando com a linguagem verbal escrita, o que significa que o código é verbal e o sinal é visual e digitalizado.

O segundo sistema é o do Destinatário, que, sem esperarmos que se trate de um processo linear, recebe o sinal, decodifica-o e interpreta o sinal decodificado. Esse sistema é formado, portanto, pela capacidade de receber o sinal, pelo seu conhecimento do código, pela imagem que tem do código usado pelo Destinator e pela possibilidade de preencher as lacunas inerentes à mensagem recebida.

A via do código (a primeira de baixo para cima na Figura 53) é a via da língua, no caso de linguagens verbais, e o ruído pode ser desde sutis diferenças individuais na conceitualização do vocabulário até diferenças entre as línguas dos falantes. O ruído produzido pela diferença entre o que o Destinator pensa ser o sub-código do Destinatário (e que define o padrão linguístico adotado por ele) e o que o Destinatário pensa ser o sub-código utilizado pelo Destinator (que é sua referência para decodificação) é chamado de ruído ideológico (Figura 54) por Silva.



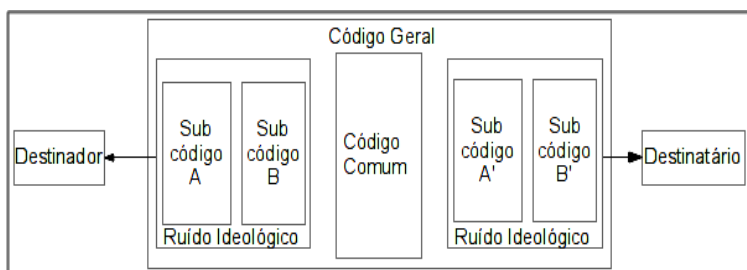


Figura 54: Ruído na via do código, no esquema de I. A. Silva, 1972.

A via do sinal (representada como central no esquema) é a do plano da expressão. No caso da língua (linguagem verbal), pode tanto ser sonora (fala) quanto visual (escrita). O ruído que afeta essa via é o ruído físico (Figura 55), podendo ser uma má dicção, uma caligrafia problemática, o ruído no telefone e até problemas de conexão causando perda de sinal.

Silva, ainda nos primórdios da Semiótica Greimasiana, não chegou a aprofundar a última via, a via semiótica (nomeada segundo a proposta de Matte, 2008), na qual o elemento chave é a experiência. Existe uma diferença intrínseca entre o que se quer dizer e o que se diz de fato, em qualquer processo comunicativo, por inúmeros fatores que não cabem no escopo do presente capítulo. Podemos explicar de forma resumida essa diferença intrínseca pelo que decidimos chamar de lacunas.

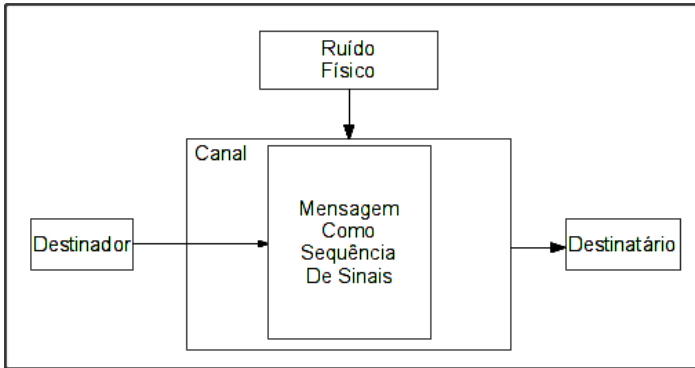


Figura 55: Ruído na via do sinal, no esquema de I. A. Silva, 1972.

As lacunas são inerentes ao processo de comunicação, no que tange à via semiótica do esquema. Podemos apoiar essa hipótese num exemplo bastante corriqueiro: como se consegue contar um filme que dura duas horas? Deixando elementos fora da narração. Escolhemos para omitir os elementos que supomos poderem ser facilmente recuperados pelo Destinatário o qual, por sua vez, sabe que sempre receberá uma “pintura incompleta” e precisará “pintar por conta própria” boa parte da “tela” a fim de obter o quadro completo. A Semiótica explica o sucesso deste processo pela existência de uma cadeia de pressupostos e pressupONENTES (essência do nível Narrativo) disponíveis como pistas para tal preenchimento nos três diferentes níveis do percurso gerativo do sentido. Isso evita situações problemáticas como um Destinador que decidisse contar um filme em todos os detalhes (além da história, temos música, iluminação, perfil dos personagens, ritmo das cenas, cores, formas, tomadas de câmera etc.), levando, assim, não duas horas, mas dois anos para terminar a narração, o que é humanamente inapropriado, para dizer o mínimo.

Assim, é imprescindível que, para comunicar qualquer experiência, sejam deixadas lacunas, não importa a linguagem e nem o suporte utilizados. Pode-se afirmar que parte da própria competência do Destinator é determinada por sua capacidade de escolher as lacunas corretas a serem deixadas para ser preenchidas pelo Destinatário.

Ao efeito das lacunas sobre o processo de comunicação optamos por designá-lo como ruído semiótico (Figura 56), já que trata do conteúdo da comunicação.

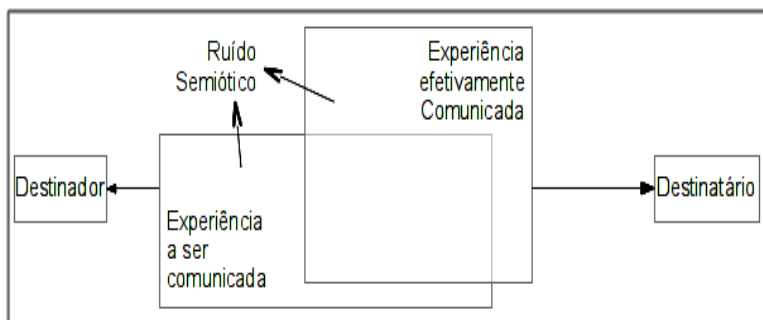


Figura 56: Ruído na via semiótica do esquema de I. A. Silva, 1972.

Em todas as vias, portanto, temos um ruído correspondente intrínseco e até necessário como parte do conjunto esperado:

- Via semiótica → ruído semiótico: causado pela diferença entre o que foi omitido na mensagem pelo Destinator e o que foi utilizado pelo Destinatário para preencher as lacunas deixadas por essa omissão - intencional ou não (Figura 56);
- Via do sinal → ruído físico: causado pela perturbação provocada no plano da expressão por falhas na

transmissão, impropriedade do suporte físico e/ou habilidade limitada dos actantes (Figura 55);

- Via do código → ruído ideológico: causado pela interseção entre dois conjuntos de códigos com um código geral. O conhecimento do código geral por ambos os actantes é o que permite a comunicação, embora sua falta não resulte necessariamente em sua interrupção e o código comum aos dois nunca seja igual à totalidade do código geral; além disso, cada actante conta com uma variante pessoal do código e uma suposição do que seja a variante do outro actante. A intersecção da variante pessoal de cada actante com a variante suposta pelo outro produz o ruído ideológico (Figura 54, acima, p. 217).

O ruído, em qualquer das três vias, varia em grau e intensidade, desde o imperceptível, quando não causa nenhum efeito importante e, assim, não requer nenhuma adaptação, até o insuportável, quando nenhuma adaptação possível pode restaurar o fluxo comunicativo e a comunicação é interrompida.

Ousamos mesmo afirmar que se trata de um sistema adaptativo por natureza, já que pode ser descrito como um sistema baseado em regras e passível de automodificação pela inclusão ou remoção previsível de regras. Transições adaptativas são adequadas a qualquer uma das etapas visíveis na Figura 53 (p. 215), para além mesmo dos ruídos previstos por Silva em 1972:

1. No Destinador:
  - da “fonte” à “mensagem como imagem”;
  - da “mensagem como imagem” ao “transmissor”;

2. Do Destinator ao Destinatário pela via do sinal:
  - do “transmissor” à “mensagem como sequência de sinais”;
  - na relação entre a “mensagem como sequência de sinais” com o “canal” (suporte físico da textualização);
  - da “mensagem como sequência de sinais” ao “receptor”;
3. Do Destinator ao Destinatário pela via do código:
  - da “mensagem como imagem” ao “código do destinator”;
  - da “mensagem como imagem” ao “código do destinatário”;
  - do “código do destinator” ao “código do destinatário suposto pelo destinator”;
  - do “código do destinatário suposto pelo destinator” ao “código do destinatário”;
  - do “código do destinator” ao “código do destinator suposto pelo destinatário”;
  - do “código do destinator suposto pelo destinatário” ao “código do destinatário”;
4. Do Destinator ao Destinatário pela via semiótica:
  - da “mensagem original” à “mensagem com lacunas”;
  - da “mensagem com lacunas” à “mensagem preenchida”;
  - da “mensagem original” à “mensagem preenchida”.

O esquema de Silva pressupõe que qualquer comunicação seja afetada por ruído, variando apenas o grau ou intensidade com que esse ruído afeta o processo. Desse modo, toda comunicação é sempre um processo de adaptação entre os actantes, explicando os ajustes constantes realizados pelas partes envolvidas durante todo o evento comunicativo. Isso também pode explicar a preferência histórica da Semiótica pelos objetos “acabados”, tais como notícias de jornais ou romances.

Mas o que nos interessa não é esse tipo de objeto: o objetivo do estudo, cujos pressupostos estão sendo discutidos no presente capítulo, é a comunicação em processo, sincrônica

e sujeita a ruídos constantes e ajustes provenientes de todos os participantes, sejam eles Destinator ou Destinatário.

Compreendemos o ruído como o espaço para aplicação da Tecnologia Adaptativa no esquema, escolhido para abordar essa comunicação em processo: não é o código ou o sinal ou a mensagem o foco das modificações, mas o desequilíbrio causado pelas duas forças em jogo, a de quem comunica e a de quem interpreta.

#### **5.4. À guisa de metodologia**

Na interface entre a análise textual computadorizada e a análise semiótica, enfrentamos um problema que não pode ser resolvido senão de forma arbitrária. Para o computador, o texto completo não pode ser a unidade mínima. Para a Semiótica, por outro lado, o texto é um todo dotado de sentido. Qualquer quebra provoca mudanças no sentido produzido. A fim de buscar um equilíbrio, optamos por dividir o texto em sentenças, pois cada uma possui um sentido próprio, mas sem perder de vista que esse sentido depende do texto como um todo (Matte *et al.*, 2012b).

Acontece que, mesmo para o esquema de Silva, cada uma das vias pede uma divisão diferente do texto-objeto.

A análise da frase termo a termo geralmente não é a mais adequada para a análise do ruído semiótico, pois as lacunas aparecem em trechos muitas vezes maiores do que a frase, compreendendo o texto inteiro. Em outras palavras, sendo o sentido dado no texto como um todo, uma análise termo a termo não seria adequada porque não seria capaz de recuperar a informação total do texto, nem aquela que se

quer dizer nem aquela que se pode apreender. O sentido do texto não é dado pela soma de suas partes.

Mesmo se comparadas a via do sinal e a via do código, trata-se de duas unidades mínimas de análise de dimensões bem diferenciadas, seja qual for a linguagem em foco. No caso da língua verbal falada, por exemplo, a unidade mínima do sinal é a sílaba, enquanto, no nível do código, são termos muitas vezes do tamanho de palavras, seja do ponto de vista semântico, seja do ponto de vista sintático.

Como realizar, então, o cruzamento de três vias de comunicação cujas unidades mínimas não coincidem?

Pensamos ser necessário determinar um modelo de análise, o que geralmente é feito por um caminho indutivo, partindo de uma pesquisa de casos, antes da proposição de um modelo. No entanto, ao se tomar a teoria Semiótica como ponto de partida, essa limitação muda, pois a teoria permite adotar uma postura dedutiva. Propomos que o ponto de vista seja a narrativa, berço das principais lacunas necessárias ao fazer comunicativo e que, por sua natureza lógica, não possui uma ligação direta com a textualização, que é, em última análise, uma junção de escolhas no código que só são manifestadas pela produção de um sinal específico. Ou seja, o nível narrativo seria o mais próximo da imanência e, desta forma, o menos afetado pelas outras duas vias do processo comunicativo, as quais estão intimamente ligadas à textualização.

Temos assim uma possibilidade de análise que vai partir da semiose para a textualização e, da imanência, à manifestação. Esse é o processo básico da geração de diálogos, do evento da comunicação em si: a rigor, o algo a

ser dito preexiste ao dito, que está pressuposto pela interpretação do dito.

Uma situação interessante para pensar esse processo seria justamente o oposto. Num jogo de formação de palavras a partir de letras, por exemplo, o sinal existe antes do código e esse existe antes do sentido. Será? Semioticamente falando, o primeiro código em andamento é o do próprio jogo, cujas peças e regras criam um sistema cujo sentido final é o sentido de vencedor e perdedor – e, afinal, uma linguagem é um sistema para produzir um sentido. Nesse caso, não existiria nesse exemplo o processo oposto, mas isso não significa que o processo não exista.

Fiz questão de levantar um exemplo<sup>64</sup> para mostrar uma das características essenciais do esquema processual de comunicação que estamos utilizando: ele baseia-se na premissa semiótica de que o homem é um animal imerso na linguagem, o qual só tem acesso ao mundo por meio da linguagem, e é com base nessa premissa que vamos analisar o exemplo seguinte.

As nuvens no céu formam desenhos que ninguém desenhou. Não existe um Destinador; como pensar, nesse caso, em comunicação? Toda a teoria Semiótica baseia-se numa tendência do homem em ver o mundo como espelho, antropomórfico e antropocêntrico. Como se pode depreender de *Klinkenberg* (2009), qualquer reta na qual o sujeito apareça como um ponto será, para ele, sempre uma reta que para ele aponta ou dele sai. É um sentido primário da própria narratividade, em que o sujeito é sempre centro.

---

64 Aparente porque se trata de um possível texto, criado dentro deste presente texto, e não um texto preexistente que eu tenha buscado para servir de exemplo.



Assim, não importa se existe ou não um Destinatário das nuvens, se o ator não ocupa o papel de Destinador, ele vai se colocar na outra posição, a de Destinatário, automaticamente, ficando o Destinador, se não aparente ou explícito, simplesmente pressuposto. Então, qualquer configuração que se encaixe, mesmo por acaso, em alguns dos códigos dominados pelo ator “leitor do mundo” (ou códigos nos quais está imerso), vai ser vista como uma manifestação textual e, portanto, manifestação geradora de sentido. É assim que a criança enxerga cachorros e flores em milho de pipoca estourado, de forma aparentemente aleatória.

Voltemos, então, à reflexão sobre a informatização da análise dos processos de comunicação. Em primeiro lugar, é necessário lembrar que, embora o esquema de comunicação de Silva seja adequado a qualquer linguagem, para os fins do presente trabalho a linguagem é sempre verbal, na modalidade escrita.

A cadeia de entrada, portanto, é texto escrito digitalizado. Já dispomos de um sistema para realizar essa segmentação: o módulo de pré-processamento morfossintático<sup>65</sup> do *software* livre *dadosSemiotica*<sup>66</sup>, por nós desenvolvido (MATTE *et al.*, 2012), do qual temos uma amostra preliminar no subcapítulo que se segue.

As unidades dessa fita são definidas como termos. A super segmentação em sentenças, necessária à análise da via

---

65 O pré-processamento morfossintático é realizado pela vinculação *online* do CoGroo, corretor gramatical do LibreOffice, com o *dadosSemiotica*. Todos os *softwares* citados são livres e de código aberto, daí a facilidade de integração entre projetos diferentes para obtenção de resultados não previstos inicialmente por nenhum deles.

66 <http://textolivre.pr.br/ds/>

semiótica, segue o padrão morfossintático definido em Matte *et al.* (2012). A análise linguística, baseada no mesmo padrão, produz uma segmentação em palavras para determinar as unidades mínimas para a análise da via do código e essa é, segundo a hipótese atual, a unidade mínima da fita de entrada para todas as análises. Uma subsegmentação silábica pode vir a ser necessária para a análise da via do sinal.

A via semiótica sempre trabalhará com unidades iguais ou maiores do que a sentença, o que não impede que as análises, como veremos, busquem, nas palavras, pontos de ruptura produtores de sentido. A análise dessa via iria muito além do que seria pertinente analisar no escopo do presente capítulo. Buscamos, então, uma análise simplificada apenas para ilustrar alguns dos muitos pontos de ruptura geradores de ruído.

A análise do sinal pode ter, como ponto de partida, a escrita fonológica. O programa Setfon (MATTE; MEIRELES; RIBEIRO, 2011) contém um método (baseado em Matte *et al.*, 2006) para transformação do texto escrito em escrita fonológica e produz uma segmentação *vowel-to-vowel* (V-V), necessária à análise fonético-acústica a que o programa se propõe, mas que pode ser adotada como base para a subsegmentação e análise do sinal para os propósitos desse trabalho, já que a notação fonológica adotada, baseada em Mattoso Câmara (2002a, 2002b, 2004), trabalha com metassegmentos e, portanto, não considera variações da manifestação acústica, mas, sim, as possibilidades previstas para essa manifestação, em bloco.

A metodologia aqui proposta visa encontrar o ponto passível de gerar ruído e, portanto, o ponto em que uma regra da análise da cadeia de entrada pode ser alterada tendo em vista a adaptação do sistema aos atores e mensagens envolvidos. Nos exemplos a seguir apresentamos, para cada um, uma análise trecho a trecho da cadeia de entrada e um esquema mostrando em qual das vias a produção do ruído gera necessidade de ajuste.

## 5.5. Exemplos

### a) Exemplo 1

	Ontem	ele	apagou	a velhinha	.	
Código	Advérbio	Sujeito	Verbo passado	Objeto	Ponto final	
Sinal	/oNteIN/	/eII/	/apagoU/	/avelinhA/	// (prosódia: terminativo)	
Semiose	Passado recente	Outrém	Dupla possibilidade isotópica (assassinato ou aniversário?)	Apagamento da velinha Assassinato da velinha	Declaração terminada.	

Figura 57: Leitura da sentença "Ontem ele apagou a velhinha" segundo as três vias de comunicação do esquema de Silva.

Tomemos a frase "Ontem ele apagou a velhinha" (Figura 57).

A Figura 58 mostra as três análises necessárias: a análise do código, a análise do sinal e a análise da semiose (como sentido produzido ou passível de ser produzido). A análise morfossintática apresentada para a via do código está simplificada, pois o processamento gera um resultado para a sentença com elementos em árvore (MATTE, 2012b). No caso desta sentença, o resultado é:

Texto Livre: pensemeando o mundo

(S (ADVP (adv-\*-ontem Ontem) ) (SUBJ (NP (pronpers-M=3S=NOM-ele ele) ) ) (P (VP (vfin-PS=3S=IND-apagar apagou) ) ) (ACC (NP (art-F=S-o a) (n-F=S-velho velhinha) ) ) (PUNCT .) )

Note que cada nome simplificado da análise do código está definido como um ramo na análise morfossintática:

- *advérbio*: (S (ADVP (adv-\*-ontem Ontem) ) )
- *sujeito*: (SUBJ (NP (pronpers-M=3S=NOM-ele ele) ) )
- *verbo passado*: (P (VP (vfin-PS=3S=IND-apagar apagou) ) )
- *objeto*: (ACC (NP (art-F=S-o a) (n-F=S-velho velhinha) ) )
- *ponto final*: (PUNCT .) )

A análise do sinal pelo Setfon resulta nos segmentos:

- |        |       |        |
|--------|-------|--------|
| • o'Nt | • Ap  | • elh  |
| • eN   | • Ag  | • i'nh |
| • e'l  | • o'U | • A    |
| • e    | • a'v |        |

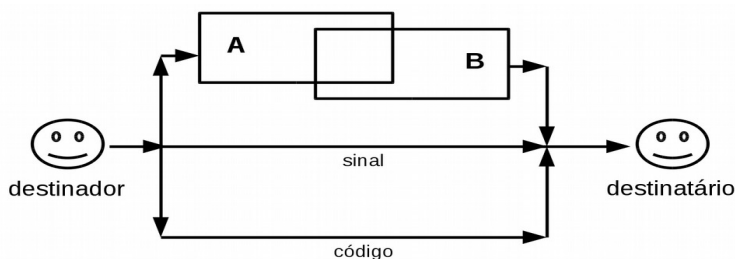
Optamos por incluir um ponto na sequência de entrada para deixar determinados os subsegmentos V-V dentro do conjunto composto por eles na expressão.

A análise da via semiótica, simplificada neste capítulo, mostra uma possível bifurcação no que tange ao sentido do verbo apagar. Trata-se de uma bifurcação isotópica (com respeito a temas e figuras e altamente vinculada à semântica das palavras) que indica que o modelo seria bem representado por uma árvore de decisão pois, dependendo

da escolha feita nesse elemento, determina-se um ou outro efeito de sentido.

Semiose é um processo, enquanto sinal e código são conjuntos de estados e regras que estão em processo. Nesse exemplo, se a pessoa interpretar a isotopia do aniversário, ela terá entendido algo parcialmente diferente do que foi dito, por mais significativa que seja essa diferença. Ao deparar-se com o termo seguinte (velhinha), o leitor pode ter duas reações: perceber a incongruência da escolha realizada e modificá-la, voltando um passo atrás, ou realizar uma leitura em bloco e ignorar a ortografia que diferencia velhinha de velinha (se fosse fala, não haveria diferença perceptível).

No esquema de Silva temos um ruído semiótico passível de acontecer em função de uma homofonia que levaria à leitura em bloco (e não letra a letra) do termo “velhinha”, trocando-o por velinha (Figura 58).



*Figura 58: Na via semiótica do exemplo 1, o ruído acontece pelo desajuste entre a mensagem a ser comunicada e a mensagem efetivamente comunicada.*

A Figura 58 mostra a intersecção parcial entre os conjuntos A e B, sendo A o que o Destinador queria dizer (contexto de assassinato) e B o que o Destinatário pode entender (contexto de aniversário). Sempre que um Destinador fala

algo, ele deixa algumas lacunas (não ditos no canal semiótico), presumindo que o Destinatário possa preenchê-las corretamente. Nesse caso, ele não explicou que o contexto específico era o de um assassinato e permitiu ao Destinatário fazer uma escolha diferente de isotopia para a palavra “apagou”. O exemplo permite perceber que a lacuna mal preenchida no processo de semiose foi causada porque o sinal continha uma quase homofonia (também permitindo a escolha errada) e porque no código nenhuma das escolhas causaria estranheza, pois tratam-se de cadeias aceitas tanto no código que o Destinator presume ser o do Destinatário, quanto no código que o Destinatário presume ser do Destinator.

## b) Exemplo 2

	Um auau	!	
Código	Demonstrativo/objeto	Ponto exclamação	
Sinal	/uNaUaU/	// (prosódia: terminativo exclamativo)	
Semiose	Adulto: cachorro Criança: classe mais ampla	Declaração terminada com emoção.	

Figura 59: Leitura da sentença "Um auau!", conforme as três vias de comunicação.

A frase do exemplo 2 é uma sentença dita por uma criança em fase de aquisição de fala e anotada informalmente: “Um auau!”.

A cadeia de entrada para a Semiótica precisa ser composta por elementos sintáticos com sentido próprio. Por isso “Um auau” pertence à mesma célula da fita (Figura 59, acima).

Sendo quem fala uma criança (Destinador) e quem escuta um adulto (Destinatário), o subconjunto correto é maior do ponto de vista do Destinador<sup>criança</sup> do que para Destinatório<sup>adulto</sup>. Daí o espanto esperado no caso do adulto observar a criança chamando de “auau” a um cavalo, caso em que a lacuna, do ponto de vista do adulto, teria sido mal preenchida (Figura 60).

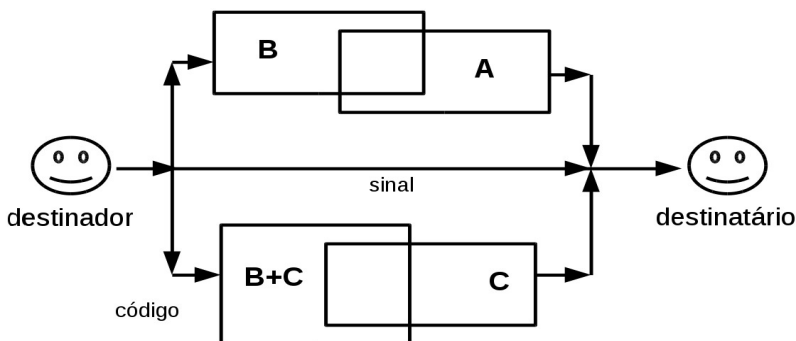


Figura 60: Esquema para a sentença "Um auau!". O ruído afeta duas das três vias de comunicação.

Nesse caso, a lacuna foi mal preenchida porque o vocabulário de um não corresponde ao vocabulário do outro: o ruído que causou o erro de interpretação veio do código. Para o adulto, “auau” corresponde ao conjunto:

$A = \{\text{cachorro}\} = \{\text{quadrúpede, rabo, pelo, tamanho limitado, latido}\}$  enquanto para a criança, “auau” corresponde a um conjunto de características menos específico:

Texto Livre: pensemeando o mundo

$B = \{\text{quadrúpede, rabo, pelo, qualquer tamanho, qualquer som}\}$

O cavalo corresponde a C para o adulto:

$C = \{\text{quadrúpede, rabo, pelo, tamanho grande, relincho}\}$

Desse modo, cavalo não pertence a A, mas pertence a B.

A palavra “auau”, portanto, existe no código comum, mas tem sentidos diferentes nos subcódigos do Destinador e do Destinatário.

É importante notar que se trata de dois pontos de geração de ruído: o semântico (no código, no sentido da “palavra”) e o semiótico (no sentido do texto).

### **c) Exemplo 3**

O próximo exemplo tem como base um relato de experiência de primeiro contato com computador, no qual a sentença “Aperte o *botão* para enviar”, dita pelo instrutor, causou o ato de apertar o *botão* (*hardware*) para desligar a máquina.

A reação esperada para “Aperte o *botão* para enviar” é, por meio da movimentação do mouse, levar o cursor que aparece na tela até a posição do *link* para o comando (enviar), representado na forma de um *botão* de máquina, e clicar sobre ele com outro movimento do mouse. Ou seja, não é só o *botão* que não foi reconhecido pelo usuário leigo, mas também a representação de apertar ou pressionar que, nesse caso, é uma metáfora para “clicar”.

Por isso, trata-se novamente de um ruído gerado em dois pontos de não coincidência: o semântico (sentido da palavra “*botão*”, ruído ideológico) e o semiótico (o sentido da



sentença na relação entre os sentidos de *software* e *hardware*, ruído semiótico).

#### **d) Exemplo 4**

O último exemplo busca raízes na teoria semiótica, explorando um pouco mais a *via semiótica*. A sentença do exemplo 4, “Subiu a escada voando.”, tem como destinatador e destinatário dois adultos, falantes de língua portuguesa, letrados e sem qualquer tipo de dislexia.

Ou seja, nenhum tipo de ruído é esperado nem na via do sinal (a não se que algum incidente de natureza externa afete o sinal; por exemplo, a frase for escrita na areia e uma onda a apagar parcialmente), nem na via do código.

Mesmo na via semiótica não é esperado um ruído comprometedor, mas o exemplo serve para compreender um outro tipo de ruído, sempre presente, cuja intensidade pode eventualmente afetar a comunicação.

- “subiu a escada” → tempo passado, direção de baixo para cima, alçar degraus, mudança de estado;
- “voando” → aspectualização temporal correspondendo a velocidade.

Enquanto “subiu a escada” significa um percurso que poderia ser descrito como: “apoiou-se num dos pés, colocou o outro pé no primeiro degrau da escada, passou o peso para ele, levantou o pé liberado do peso para o degrau seguinte e assim por diante até alcançar o topo da escada”, “voando” indica que isso foi feito rapidamente.

No entanto, voar pode significar algo completamente diferente. Se o sujeito de “subiu” for um bruxo, ou um

super-herói, por exemplo, “voando” pode significar “sem tocar os degraus da escada”. Assim, mesmo que a frase estivesse sendo lida num contexto de história fantástica e o personagem voasse o tempo todo, um leitor menos atento ao contexto poderia considerar que o conteúdo da expressão “subiu a escada” definia o ato de tocar os degraus e se sobreporia às capacidades sobrenaturais do personagem.

Se o texto for um romance, como comentamos acima, caso o leitor realize interpretações inadequadas, espera-se que esses ruídos sejam corrigidos durante a leitura, mas se o texto é uma conversa num *chat*, o ruído só será suavizado por alterações e verificações realizadas durante a troca de mensagens pelos participantes, sentença a sentença. Se no primeiro caso a compreensão é dada pelo texto (romance) como um todo dotado de sentido, no segundo caso o todo dotado de sentido é um processo e não um produto final, de modo que, a cada nova intervenção, todo o sistema está sujeito a alterações e os participantes podem, inclusive, reinterpretar outras sentenças escritas antes daquela reveladora do ruído.

### e) Exemplo 5

No exemplo abaixo, tomado do próximo tópico, a consulta feita por *Papagaio*, embora não tivesse o objetivo de verificar o gênero do *nick abelha*, permitiu a identificação do ruído e conseqüente adaptação do sistema, possibilitando a reinterpretação de toda a interação anterior ao trecho e modificando o sentido de sua continuação.

- [12:41:26] <Papagaio> Oi abelha, quem é o abelha?
- [12:42:12] <Gato> Papagaio, eh uma amiga do linux

Dito desta forma há pouca diferença entre participar de um *chat* ou ler um romance; a grande diferença está no fato de que o *chat* pressupõe constante troca de papéis entre Destinator e Destinatário e isso, se por um lado torna a análise semiótica mais complexa, por outro lado pode-se dizer que viabiliza a geração automática de diálogos.

Além disso, há que se considerar que, quando um dos atores é um robô, a relação de adaptação e troca de papéis é a mesma do *chat* (BUZATO, 2010), provavelmente com maior fidelidade num sistema inteligente adaptativo, de modo que a atuação de ambos os atores pode e deve ser tratada da mesma forma, como comunicação em processo.

### **5.6. Análise preliminar de identidades no chat**

O *corpus* desta análise preliminar foi obtido num *chat* do IRC<sup>67</sup>, na rede Freenode<sup>68</sup>, com *logs* coletados pelo cliente de IRC Konversation<sup>69</sup>. Para manter a privacidade dos usuários, optou-se por trocar seus *nicks* por nomes de animais (no caso de *nicks* compostos em que uma parte foi utilizada anteriormente, optou-se por manter o nome do animal ou parte dele, conforme feito originalmente, acrescentando o aposto original, para não prejudicar a lógica da troca escolhida pelo usuário.

Os dados foram coletados em quatro dias diferentes, não sequenciais, somando 81 horas e 41 minutos de registro. Do número total de entradas (312), 268 correspondem a entradas de texto pelos usuários (a que chamamos “fala”) e 28 são notificações de mudanças no *nick* (troca de *nick*,

---

67 [http://en.wikipedia.org/wiki/Internet\\_Relay\\_chat](http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Relay_chat)

68 <http://freenode.net>

69 Konversation, para Gnu/LinuxGnu/Linux: <http://konversation.kde.org/>

entrada e saída), sendo o restante relativo a outros tipos de notificações características desse protocolo de *chat*. O *software dadosSemiotica* foi utilizado para organizar as análises; seu Módulo de pré-processamento Morfossintático dividiu as entradas de texto que continham pontuação e outros indícios de final de sentença, totalizando 348 sentenças para a análise, das quais 305 são sentenças pertencentes a dados fornecidos pelos usuários (“fala”).

O texto foi tratado pelo Módulo de *Chat*, que forneceu, dentre outras coisas, informações sobre a demora de uma entrada em relação à entrada anteriormente registrada, em minutos, tipo de notificação e *nick*. A análise manual marcou:

- *nick atual*: o *nick* do responsável pela entrada de texto em questão ou aquele sobre o qual se refere a notificação de entrada, saída ou troca de *nick*. Se for notificação de saída, recebe valor nulo;
- *nick anterior*: o *nick* que o mesmo sujeito tinha na sua última interação; em caso de notificação de entrada, recebe valor nulo.

A análise da identidade no *chat* focalizou somente o *nick* no sistema, não suas citações nos textos dos usuários presentes.

O excerto de *chat* contou com 12 *nicks* diferentes, conforme o gráfico da Figura 61. O código numérico é gerado também automaticamente pelo programa: o *dadosSemiotica* faz essa conversão para, rodando o R (<http://cran.r-project.org/>) em *background*, calcular alguns dados descritivos (média,

mediana, desvio padrão e variância) e gerar um histograma da categoria especificada.

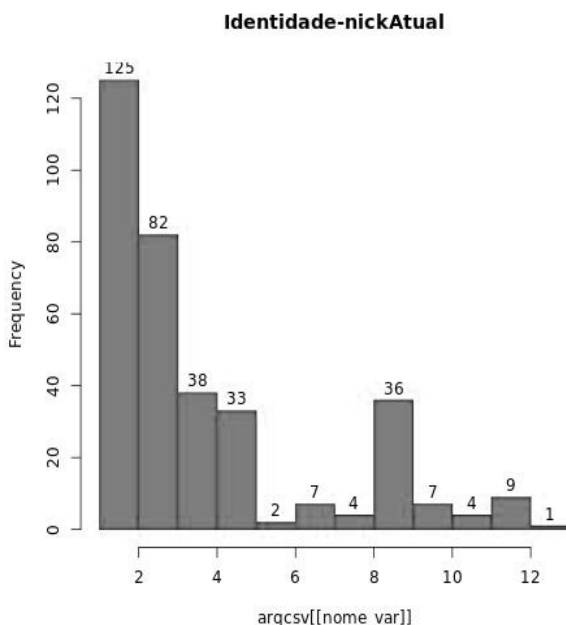


Figura 61: Distribuição das amostras segundo o nick utilizado no momento da interação.

A relação informada pelo programa sobre a conversão dos *nicks* para números foi:

- |                |                  |                      |
|----------------|------------------|----------------------|
| 1) abelha      | 6) vespa_amarela | 10) Papa_foi_de_novo |
| 2) "" (nenhum) | 7) abelha_away   | 11) Papa_voltou_de_n |
| 3) Gato        | 8) Papa_Ja_Volta | 12) gato             |
| 4) Papagaio    | 9) Papa_Voltou   | 13) Formiga          |
| 5) Lobinho     |                  |                      |

Foram registradas sete entradas de *nicks*, sete saídas e quatorze trocas, nas 81 horas de registro, de modo que se pode concluir que é um *chat* frequentado por poucos usuários e a observação dos dados mostra que a maioria permaneceu *on-line* por muitas horas. Papagaio utilizou cinco *nicks* diferentes durante o registro, todos eles composições do *nick* inicial. Gato utilizou o mesmo *nick* com letra inicial minúscula e abelha também utilizou um segundo *nick*, composição do primeiro.

O *nick* mais ativo foi *abelha*, que, somando-se sua entrada com o *nick* composto *abelha\_away*, totalizou 129 intervenções. Os 3 *nicks* mais utilizados em seguida foram Gato (38 entradas), *Papa\_Ja\_Volta* (36 entradas) e *Papagaio* (33 entradas). A soma das entradas dos *nicks* utilizados por *Papagaio* é de 56 entradas e as entradas do Gato (somadas a gato) totalizam 47 manifestações.

Esta amostra apresenta baixa correlação (0,06, método de Pearson) entre o tempo de resposta e o tipo de lacuna principal; como se trata de dados sincrônicos mas cuja leitura e resposta pode acontecer aleatoriamente (já que os participantes em geral não estão conectados tendo como objetivo principal sua participação no *chat*, mas outras atividades *on-line* e *off-line*), esse resultado é previsível.

A análise desses dados foi feita considerando-se o esquema de comunicação, tendo como objetivo observar a construção de uma *identidade no chat*, tema para o qual este capítulo apresenta-se como uma pesquisa piloto.

A identidade no *chat* não é simplesmente um *nick*: trata-se de uma estrutura complexa, composta principalmente por um ou vários *nicks*, um estilo de escrita, tipo de interação,

assuntos preferidos e frequência de acesso e participação. Podemos pensar essa construção como um autômato que, a cada nova ocorrência, pode adaptar-se e modificar-se. Para cada participante do *chat*, essas construções são diferentes, pois cada um tem uma experiência particular determinada, inclusive, pelas características mesmas de sua própria identidade no *chat*. Por esse motivo, é adequado pensar que, para análise da construção dessa identidade, é necessário arbitrar um ponto de vista, ou seja, escolher um dos participantes como observador da evolução da identidade dos outros participantes do *chat*. Este participante pode ser um *chatterbot*, por exemplo, que colheria os dados do *chat*, limitado à sua presença *on-line*. São os limites desta presença que delimitam o contexto de criação das identidades: em outras palavras, não se levanta hipóteses sobre a identidade de um determinado *nick* se ele só entrar na sala de bate-papo quando o participante observador não estiver nela.

Semioticamente falando, diríamos que só existe um  $D^{or}$  se ele ocupar esse papel para um  $D^{ário}$ , e vice-versa, numa existência de dependência recíproca. Assim, o esquema de comunicação só opera quando houver tal condição satisfeita. Considerando-se essa premissa, pode-se assumir que o estado zero do *chat* passa a existir quando ele é iniciado para o participante que, doravante, chamaremos de Observador.

Sua entrada no *chat* é registrada pelo programa Konversation da seguinte forma:

[qua 25 abr 2012] [12:37:54] Entrada  
(~nickObservador@unaffiliated/nickObservador) juntou-se ao canal #canal .

Texto Livre: pensemeando o mundo

[qua 25 abr 2012] [12:37:54] Tópico O tópico do canal é Canal do grupo XX fale de tudo e todos ao mesmo tempo! Eletrônica, política, carros, programas....

[qua 25 abr 2012] [12:37:54] Tópico O tópico foi definido por Lobinho em 06-10-2011 20:16.

[qua 25 abr 2012] [12:37:54] Modo Modos do canal: F, nenhuma cor permitida, não receber mensagens de fora, proteção de tópico

[qua 25 abr 2012] [12:37:54] Criado Este canal foi criado em 06-10-2011 19:14.

[qua 25 abr 2012] [12:38:07] URL URL do canal: <http://www.site.xxx>

- *Principal lacuna*: a partir da análise de outras categorias, também manuais (via do *signal*, via do *código* e via *semiótica*), cada sentença foi classificada conforme sua principal lacuna (a com maior probabilidade de provocar um ruído relevante para a comunicação) fosse código, semiótica, sinal ou ruído improvável (um cumprimento “oi”, por exemplo, no contexto de entrada de um *nick*, foi considerado como ruído improvável).

Note que essas linhas são visualizadas pelo Observador na interface de acesso do programa quando de sua entrada no canal. Ou seja: o primeiro registro acessado pelo Observador é exatamente o de sua própria entrada no canal (Figura 62).



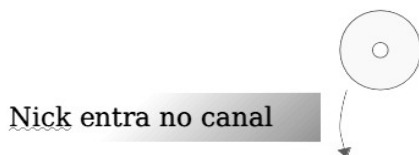


Figura 62: Estado zero.

A partir de então, cada nova entrada de texto no *chat*, seja pelos usuários, seja na forma de uma notificação do sistema, corresponde a uma mudança nesse estado, o qual vai, nesse modelo, bifurcar-se com a criação de um clone a cada nova identidade com a qual o Observador interagir. O número de variáveis que afeta o desenvolvimento de cada clone é imprevisível, mas vamos procurar aqui nos ater apenas a uma delas. Temos três tipos de ocorrências nessa amostra, com:

1. Entrada e saída do usuário sem troca de *nick*:
  - [qua 25 abr 2012] [22:23:04] Entrada Formiga juntou-se a este canal (~Formiga@IP.provedor).
  - [qua 25 abr 2012] [22:33:40] Sair Formiga deixou este servidor (Ping timeout: 260 seconds).
2. Troca de *nick* para *nick* composto e vice-versa:
  - [qua 25 abr 2012] [14:27:08] Apelido Papagaio está conhecido agora como Papa\_Ja\_Volta.
3. Troca de capitalização no *nick* sem propriamente mudança de *nick*, registrado em nosso *corpus* durante um processo de saída e entrada:
  - [qua 25 abr 2012] [16:50:53] Sair Gato deixou este servidor (Quit: Fui embora).

- [qua 25 abr 2012] [19:24:37] Entrada gato juntou-se a este canal (~gato@IP).

Ocultei os dados de IP e provedor para proteger a identidade do informante. Para fins do presente artigo, vamos nos ater ao primeiro tipo de ocorrência, com o trecho inicial da amostra (nota-se que a última notificação de início de *chat*, citada acima, ocorreu às 12:38:07, um segundo antes da primeira manifestação dos usuários). A data foi retirada dos trechos seguintes porque os participantes só vêem a hora, não a data, durante o uso do *chat*; a data fica registrada apenas pelo programa nos *logs*. As manifestações foram numeradas apenas para referência no presente artigo:

2. [12:38:08] <Gato> eee
3. [12:38:15] <abelha> ;)
4. [12:39:09] <Gato> abelha, como esta o seu projeto?
5. [12:40:44] <abelha> qual deles, Gato?
6. [12:41:26] <Papagaio> Oi abelha, quem é o abelha?
7. [12:42:12] <Gato> Papagaio, eh uma amiga do linux
8. [12:42:22] <Gato> nao participa da lista
9. [12:42:23] <abelha> oi, Papagaio
10. [12:43:17] \* abelha odeia referencias bibliográficas... escrevendo uma ementa :/
11. [12:43:36] <Gato> abelha, o projeto dos servidores
12. [12:43:55] <Gato> lembra q eu te mostrei um *link* sobre o open *hardware*
13. [12:44:01] <Gato> desculpa
14. [12:44:04] <Gato> open compute
15. [12:44:05] <Lobinho> putz neutro travestido de terra, dificil falar a linguagem da nbr5410 hein..
16. [12:44:53] <Lobinho> boa tarde abelha !!
17. [12:45:08] <abelha> ah, Gato, ta parado, tivemos que parar pra focar num outro projeto mais urgente... pior que daí veio uma avalanche de coisas mais urgentes pegando carona :/

18. [12:45:15] <abelha> oi, Lobinho :)

19. [12:45:49] <Lobinho> :)

No excerto acima, o Observador (*abelha*) é conhecido de um dos integrantes do *chat* (*Gato*), que o chamou para aquele canal a partir de outro no qual conversavam, portanto este aguardava a entrada daquele no canal. Caso *abelha* entrasse num canal desconhecido em que os participantes não esperam sua chegada, a manifestação 1 jamais seria compreendida por *abelha* como sendo uma recepção para si mesmo. Provavelmente seria recebida como se sua entrada tivesse ocorrido no meio de uma interação entre os outros participantes. Nesse caso, o *emoji* (manifestação 2) com o qual *abelha* respondeu ao *Gato* teria outro sentido: enquanto aqui “eee” é uma manifestação de boas vindas e o *emoji* é um agradecimento, no outro contexto possível ele não seria uma resposta ao “eee”, mas um cumprimento simpático, semelhante a “oi, pessoal”.

Vamos, portanto, limitar a duas situações como possibilidades para a interpretação dessa brevíssima interação em momento inicial do *chat*: A) *abelha* entrou convidada por *Gato*, ambos frequentadores de um outro *chat* e B) *abelha* não conhecia ninguém no *chat* em que entra pela primeira vez.

A compreensão da situação “real” do *chat* seria possível a partir do próprio trecho acima, apesar das informações serem insuficientes para definir propriamente um “lugar” de onde teriam vindo *abelha* e *Gato*, o qual poderia tratar-se até mesmo de um espaço físico comum onde ambos acessassem o *chat* por computadores diferentes. Mas antes de focar essa situação “real” do *chat*, vamos refletir sobre a opção B.

A expressão “eee” é insuficiente não só para contextualizar um assunto, mas também para definir seu próprio sentido. Isolada, não tem sentido. Poderia ser dita com ironia, sarcasmo, alegria, decepção, dentre outras possíveis paixões. Dado que pode veicular uma mensagem tanto negativa quanto positiva, é até menos elucidativa que o *emoji* com o qual *abelha* lhe responde (um sorriso, se não positivo, no máximo uma ironia, nunca uma decepção). A título de exemplo de análise das categorias de comunicação, para essa sentença foi indicada, como maior lacuna, a do âmbito semiótico, pois, a despeito da inegável lacuna no âmbito do código, trazendo consigo possibilidade de ruído ideológico, a vagueza da expressão, com pouquíssima informação, cria uma grande possibilidade de que a experiência que se deseja comunicar seja substancialmente diferente da experiência comunicada, como explicado a seguir.

O Observador (na situação B, em que não é esperado), ao entrar no *chat* e ser recebido com esse “eee” imediato, depara-se com um conjunto de possibilidades: a irrupção abrupta e sem contexto de uma expressão com inúmeros e contraditórios sentidos possíveis devido a um ruído no canal do sinal, sua própria aparição inesperada no meio. Havia uma conversa antes? Se havia, qual o assunto e qual a posição de *Gato* a respeito? O canal estava silencioso demais e *Gato* ficou feliz com a entrada de um possível interlocutor? *Gato* é simplesmente alguém que gosta de escrever coisas sem sentido no canal? Nenhuma dessas possibilidades (e mesmo muitas outras aqui não elencadas) poderia ser descartada por *abelha* apenas com base na manifestação 1 (“eee”).

Nota-se que o foco de atenção é o *Gato*, visto que, no excerto em questão, a sua própria identidade é iniciada para a *abelha*, num estado que podemos chamar de estado 1: ao manifestar-se, *Gato* estimula a geração de uma identidade-Gato ( $I^{\text{Gato}}$ ) para o Observador. Isso leva a uma importante constatação: no escopo deste trabalho, e com base na teoria semiótica das paixões, *a identidade é construída a partir do próprio sujeito*, formada por todo o processo desde a constituição do sujeito semiótico, sendo parte do papel do Observador apenas a etapa de Moralização (GREIMAS; FONTANILLE, 1993).

Durante o trecho citado acima seriam, portanto, criados, para o Observador, mais dois clones identitários ( $I^{\text{papagaio}}$  na manifestação 5 e  $I^{\text{Zebrinha}}$  na manifestação 14). É importante notar que o Observador também possui uma identidade no *chat*, cuja interação com as outras identidades tem potencial de modificação e sua identidade, por sua vez, pode modificar-se a partir dessa interação. É evidente, no entanto, o seu status privilegiado, já que, como ponto de referência, não precisa explicar-se a si própria – isso fica ainda mais claro se admitirmos que o Observador poderia ser um robô. Por isso usamos uma denominação diferenciada, chamando a identidade-abelha de  $O^{\text{abelha}}$ .

Em termos da adaptatividade, trata-se de uma situação que requer do  $O^{\text{abelha}}$  uma verificação a fim de permitir diminuir o número de possíveis sentidos para a expressão “eee”. É um problema relativo ao código, determinado pelo ruído físico, que, ao eliminar o contexto, provocou uma grande lacuna na via do código, prejudicando a transmissão da experiência. Manter o sentido em aberto impediria a comunicação, excluindo  $O^{\text{abelha}}$  do diálogo em curso, pelo menos até que o

número e tamanho das lacunas fosse aceitável. Aqui já temos o desenho possível da identidade em forma de clone (Figura 63).

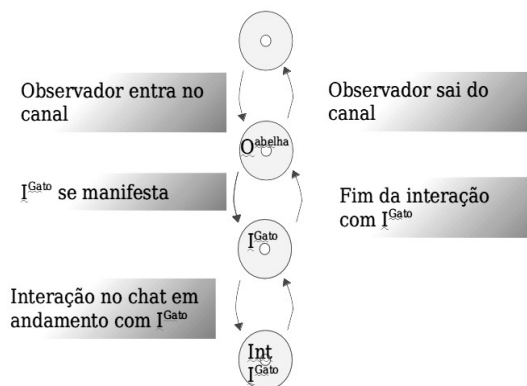


Figura 63: Mapa da interação um a um no chat, desde o início dos registros pelo observador, com um único interlocutor. Note que os discos não representam os atores/nicks, mas, o processo de alternância de papéis na conversação.

Não cabe aqui insistir nas inúmeras possibilidades decorrentes de tal situação, já que o objetivo é analisar a ocorrência realmente manifestada neste trecho, a opção A, em que *Gato* convidara *abelha* a conhecer o canal no qual se desenvolve a interação. É importante apontar, no entanto, que essa mudança de perspectiva carrega a manifestação 1 com um sentido específico, diminuindo o ruído físico a ponto da resposta, expressa pelo  $O^{abelha}$  na manifestação 2 (o *emoji*), seja não só adequada como, também, tenha sentido suficientemente restrito. Desse modo, a experiência a ser comunicada é muito semelhante à experiência efetivamente comunicada para cada um dos interlocutores. Em outras palavras, a eficiência da comunicação está diretamente

ligada à desambiguação, que requer limites claros para a leitura.

Nas manifestações 3 e 4,  $I^{\text{Gato}}$  e  $O^{\text{abelha}}$  acrescentam, para qualquer participante do *chat*, a informação sobre esse contexto prévio que os une. Assim, do ponto de vista desse observador, as identidades  $I^{\text{papagaio}}$  na manifestação 5 e  $I^{\text{Zebrinha}}$  na manifestação 14 são criadas do zero (Fig. 12), mas  $O^{\text{abelha}}$  e  $I^{\text{Gato}}$  já estão mais desenvolvidas, o que só pode ser apreendido de uma análise do conteúdo da interação de 1 a 4.

Nas manifestações 5 a 7, a identidade de  $I^{\text{papagaio}}$  é gerada para o  $O^{\text{abelha}}$  mas, simultaneamente, a identidade  $O^{\text{abelha}}$  é incrementada no *chat* com duas informações: é uma amiga de *Gato*, de uma comunidade de Gnu/Linux e não está na lista. É curioso que *abelha*, embora possivelmente não soubesse nada sobre a lista, não tenha perguntado “qual lista” (como fez para o projeto). Sua manifestação 9 mostra que ela não responde à vagueza relativa à “lista”, mas responde à negatividade em si desta afirmação “não está na lista”, mostrando saber usar os recursos do *chat* (no caso, um */me* que ecoa a mensagem diferentemente das mensagens simples que todos estão usando, usado para expressar pensamentos ou dar destaque em algo, uma frase sobre si mesmo pois começa sempre com o *nick* de quem deu o comando). Ou seja: mostra ser novato no canal mas não novato no protocolo de *chat* usado. E *Lobinho* usa estratégia semelhante: antes de cumprimentar o recém chegado, fala de um assunto que o define no canal e fala isso de forma casual, como alguém que: a) sabe do que está falando e b) não é novato no canal.

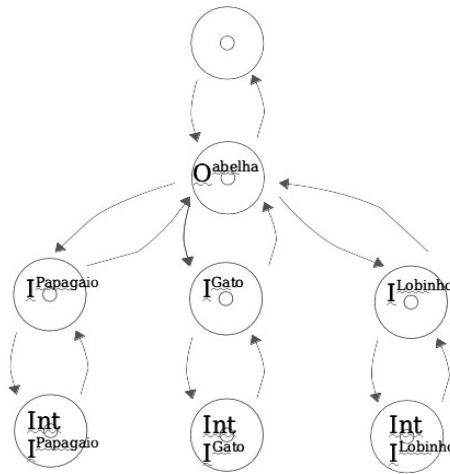


Figura 64: Mapa das identidades dos 3 participantes ativos, do ponto de vista do Observador.

Essas informações incrementam cada uma das identidades no canal para  $O^{abelha}$  podendo ou não acionar ações adaptativas. Nesse pequeno trecho, a interação efetiva em relação aos temas tratados é, de fato, bem pouca: somente acontece entre *Gato* e *abelha*, visto que as outras manifestações sobre assuntos que poderiam render longas discussões (isotopia acadêmica na manifestação 9, isotopia técnica de elétrica na manifestação 14) não são desenvolvidos. Uma informação, porém, acarreta uma ação adaptativa que só será sentida em outros momentos do *chat*: na manifestação 5, *Papagaio* se refere a *abelha* usando o gênero masculino, o que é imediatamente corrigido por *Gato* na manifestação 6. No ambiente de IRC o gênero predominante é o masculino e, assim, ele passa a ter estatuto de premissa básica: se o *nick* do sujeito não revelar



o contrário, assume-se que seja masculino, mesmo porque não se dispõe de recursos visuais ou sonoros que possam completar a informação sobre o gênero. Assim, o clone inicial é sempre masculino e somente será acionada uma ação adaptativa que modifique, não só a interação a partir de então, mas também toda a memória da interação até então, se essa decisão não for adequada em algum momento (o que pode acontecer na verificação inicial do gênero do *nick* ou em qualquer outro momento da interação, como pode nem chegar a acontecer).

Cabe notar que esse mesmo trecho ilustrou a exemplificação de um processo de consulta baseado no esquema comunicativo, no final do tópico anterior, e ambas as explicações estão tratando exatamente do mesmo processo: a automodificação do sistema a partir de uma consulta.

O trecho a seguir, que acontece um pouco mais tarde no mesmo dia, mostra uma discussão sobre troca de *nicks*.

1. [16:25:28] Apelido Papa\_foi\_de\_novo está conhecido agora como Papa\_voltou\_de\_n.
2. [16:25:39] <Gato> n?
3. [16:25:43] <Gato> onde fica?
4. [16:25:43] <Papa\_voltou\_de\_n> de novo :P
5. [16:25:48] <Papa\_voltou\_de\_n> *nick* Papa\_Voltou
6. [16:25:50] <Papa\_voltou\_de\_n> ops
7. [16:25:53] <Gato> uahuahauhau
8. [16:25:53] Apelido Papa\_voltou\_de\_n está conhecido agora como Papa\_Voltou.
9. [16:26:00] <Gato> ae
10. [16:26:06] <Gato> Papa\_Voltou, Papa\_Voltou Papa\_Voltou
11. [16:26:12] <Gato> la la la

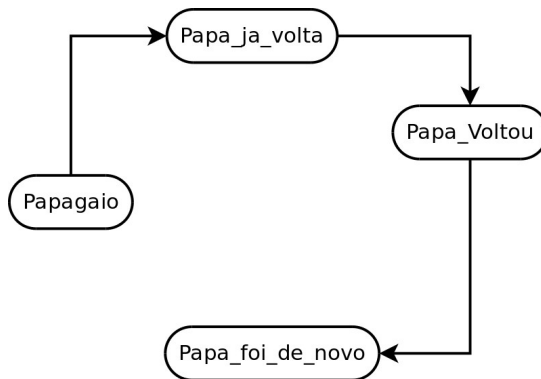


Figura 65: Mudanças de nick na I-Papagaio.

A lógica da troca de *nicks* usadas pela identidade  $I^{\text{papagaio}}$  baseia-se na sua presença ativa no *chat* (Figura 65): ele não desconecta, mas espera que o *nick* acuse se está ou não ativo (em frente ao computador, por exemplo).

Quando ele muda seu *nick* de *Papa\_foi\_de\_novo* para *Papa\_voltou\_de\_n*, deixa uma lacuna sobre o significado de “n” que, se o interlocutor seguir a lógica proposta pela  $I^{\text{papagaio}}$ , será facilmente preenchida: Papagaio está presente novamente no *chat*, então  $n = \text{novo}$ . No entanto, *Gato*, com base no sentido de “voltar” como deslocamento físico, preenche a lacuna com outro sentido também possível:  $n =$  lugar de onde  $I^{\text{papagaio}}$  estaria voltando. Trata-se de um ruído semiótico o qual, sem uma verificação (feita por *Gato* nas manifestações 20 e 21), permaneceria afetando a compreensão de  $I^{\text{Gato}}$  sobre a manifestação de  $I^{\text{Papagaio}}$ .

Isso ilustra nossa hipótese de que o sistema de comunicação proposto precisa exclusivamente de três operações para funcionar: consulta, inclusão e remoção das regras que cada

um, D<sup>or</sup> e D<sup>ário</sup>, usa no processo. Nenhum dos dois actantes é capaz de manter qualquer processo comunicativo sem que essas regras sejam afetadas por estas operações, em maior ou menor escala e em maior ou menor número de vezes. Trata-se de um sistema complexo e dinâmico, portanto, que não pode ser resolvido e nem descrito eficientemente por regras fixas.

### **5.7. Finalizando a preliminar**

Não pretendemos, com a análise preliminar aqui apresentada, ser conclusivos. Nossa meta neste momento é, tão somente, apresentar e discutir uma linha reflexiva possível para um trabalho de geração de diálogos (textualização) na interface transdisciplinar entre Semiótica Greimasiana e Tecnologia Adaptativa". Enquanto essa entraria como reguladora da relação polarizada entre o destinador e o destinatário, o esquema de comunicação de Silva serviria como modelo para indicação de pontos nos quais um ajuste adaptativo fosse necessário a cada intervenção do *chatterbot* e seu(s) interlocutor(es). As análises do código, do sinal e da semiose serão, num modelo assim constituído, responsáveis por indicar os focos de ruído e, assim, acionar transições adaptativas.

Tudo indica que o esquema de comunicação de Ignácio A. Silva é um ótimo candidato a esquema de comunicação adaptativo. A proposta metodológica, no entanto, justamente pela insipiência dessa investida, deve ainda passar por análises de *corpora* e categorizações semióticas mais finas a fim de se prestar, com maior propriedade, a embasar a produção automática de diálogos.

## **5.8. Robô e chat**

O trabalho começou quando, em 2005, eu comecei a usar Gnu/Linux. Eu fazia parte de algumas comunidades *on-line* que se comunicavam por meio de fóruns, cujo tema era a utilização de uma ferramenta para criar sites dinâmicos, no caso o Xoops. Eu morava sozinha em BH, não conhecia ninguém, muito menos alguém que me ajudasse a instalar e fazer funcionar o Gnu/Linux. Eu não tinha a menor ideia do que me esperava e tinha um verdadeiro terror de apertar uma tecla e perder tudo no computador (terror do tempo em que eu comecei a usar um PC XP e tudo era controlado por comandos no DOS).

Bem, ajuda daqui, ajuda dali, meus amigos *on-line* do Xoops sugeriram que eu buscasse ajuda para usar o Gnu/Linux numa sala específica do IRC, a *#linux-ajuda*, disponível em duas redes: a Brasnet, uma rede brasileira de uso livre e, portanto, muito variado, e a Freenode, dedicada ao *software* livre. Esse é o ponto central e o motivo de eu estar contando essa história: tornei-me usuária de IRC para obter ajuda.

O que encontrei lá? Salas de bate-papo (conhecidas no IRC como canais) em diferentes redes, nas quais eu encontrava alguns ou muitos - dependendo do canal e do horário - internautas dispostos a ajudar. Mas não foi só isso.

Fiquei menos de um ano utilizando a Brasnet. Em busca de novos espaços de ajuda com *software* livre, eu encontrei canais dedicados a pedofilia e outros crimes, além de ter tido a experiência assustadora de ter me tornado amiga de um rapaz envolvido em crimes cibernéticos; ele chegou a me enviar arquivos com dados de milhares de pessoas, com senhas e cartões de crédito e outros dados pessoais, mas só

depois, procurando checar as informações que ele me passava, descobri que era verdade: a polícia federal estava atrás de uma quadrilha que havia hackeado um banco e fazia pequenas retiradas, centavos, de milhares de contas todos os dias, além de criar empregados fantasmas a receber salários mínimos de empresas reais. Inadvertidamente, eu havia recebido informações detalhadas sobre como eles faziam isso e até os tais arquivos com informações roubadas, sempre achando que era brincadeira.

Naquele tempo eu não tinha conhecimento sobre como configurar o meu cliente de IRC para registrar as conversas, nunca havia perguntado o nome ou outra informação específica do *nick* com quem conversava e os tais arquivos eu havia deletado, assim que os recebi, por pura falta de interesse em ler algo que acreditava ser falso, ou seja, não tinha como comprovar que caí nessa conversa por ingenuidade e nem teria informação alguma para uma denúncia. Achei melhor simplesmente cortar os laços com a figura, achando que isso resolveria (hoje sei que, se ele quisesse saber mais de mim ou me afetar, dependendo de quanto ele conhecesse o IRC, teria conseguido).

Mas a Brasnet tinha ainda mais uma surpresa reservada para mim. Já não era tão novata em Linux quando, numa madrugada daquelas, eu pedi ajuda para resolver um problema e um *nick*, que pertencia a um usuário respeitado por todos os outros como grande conhecedor do sistema, me passou o seguinte comando para que eu o resolvesse:

```
sudo rm -Rf /
```

Felizmente eu não era tão novata assim: esse comando explica-se assim:

**sudo** => dá poderes de superusuário ao comando, podendo fazer qualquer coisa no sistema

**rm** => remove os arquivos e diretórios

**-Rf** => as letras após o traço especificam o comando. No caso, o -R faz com que o comando entre recursivamente em todos os diretórios encontrados dentro do caminho especificado no final da linha. O f significa “force”, ou seja, reforça o comando, ignorando sinais de alerta do sistema

**/** => esse é o caminho que indica, simplesmente, tudo que estiver gravado no HD dentro do Linux, inclusive o próprio Linux.

Em suma, se eu desse esse comando, a última coisa que faria naquele momento, no computador, seria digitar minha senha para autorizar o comando com `sudo` - autorização de super-usuário ou administrador. Ao dar *enter* na senha, o comando apagaria tudo e eu perderia arquivos, sistema operacional, em instantes. Fiquei chocada com a falta de caráter dessa pessoa que, teoricamente, era o mais confiável *nick* do `#linux-ajuda` da rede Brasnet. Reagi prontamente e fui motivo de chacota por todos os outros *nicks* presentes. Nunca mais voltei à Brasnet.

Na Freenode a conversa foi muito diferente: jamais sofri assédio moral na rede, exceto por algumas discussões no `#ubuntu-br` em que desafiei os nerds de plantão, questionando suas piadas machistas, as quais aconteciam

simplesmente por falta de mulheres no ambiente, bem raras naquele meio àquele tempo.

Muito rapidamente eu aprendi que ali, como nos fóruns do Xoops, seguia-se a filosofia do *Software* Livre no processo de ensino-aprendizagem: tudo que eu sei, eu compartilho. Ao compartilhar, eu também aprendo, não só por estar testando meus conhecimentos, mas também porque outras pessoas dispostas a ensinar podem criticar e melhorar meu conhecimento. Evidentemente, compartilho com alguém que sabe menos e pediu ajuda, mas no momento em que estou ensinando e alguém intervém com mais conhecimento, passo a ser um aprendiz como o que solicitou ajuda inicialmente. Uma sala de aula na qual os papéis são, verdadeiramente, intercambiáveis.

A ideia de poder contar com uma ajuda *on-line* em tempo real sobre assuntos cheios de "perguntas frequentes" me levou a querer um robô na sala ajudando nesse ensino, pois poderia atender aos usuários que chegassem em horários de sala vazia (ou com usuários ausentes). Mas alimentar o conhecimento do robô de forma a dar todas as respostas necessárias e saber parafraseá-las, se necessário for, seria um trabalho hercúleo e, por outro lado, transformaria o robô em um eterno sabe-tudo, ou seja, um estranho no ninho desses canais onde o grande mérito é ensinar e aprender o tempo todo, onde ninguém é somente tutor ou aprendiz.

Essa alternância de papéis, de tutor a aprendiz e vice-versa, afeta todas as relações no *chat*, continuamente, proporcionando uma experiência dinâmica e muito produtiva para todos. Mas é o calcanhar de aquiles do meu

sonhado robô: ele precisa aprender a hora certa de mudar de papel e adaptar, a partir das novas informações colhidas enquanto aprendiz, o conhecimento guardado para exercer o papel de tutor. Se não puder fazer isso, estará fadado ao insucesso, dado que conhecimento é algo muito dinâmico hoje em dia, podendo mudar de um dia para o outro (assim como o Gnu/Linux é melhorado diariamente por pessoas do mundo inteiro).

Vejamos uma situação: um certo robô tem conhecimento sobre como modificar uma tabela chamada “fstab” a fim de fazer com que o sistema reconheça um segundo disco rígido ou um HD externo. Esse conhecimento era extremamente útil em 2006, então ele já teria uma resposta pronta (um exemplo do conhecimento que ele deveria passar se encontra na página <http://meupinguim.com/entendendo-arquivo-fstab-linux/>). Ele vai passando as informações passo a passo, selecionando somente as informações necessárias ao aprendiz para que este, sozinho, possa resolver seu problema. Note que, além do conhecimento técnico sobre essa tabela, o robô deve identificar o nível de conhecimento do aprendiz, aprendendo, na interação, a descartar informações conhecidas e incluir informações básicas desconhecidas pelo interlocutor. Não basta saber “o que” ensinar, é preciso saber “a quem” se está ensinando.

Acontece que o Gnu/Linux mudou esse arquivo “fstab”, hoje muito mais complexo. Por que ficou mais complexo? Porque hoje o sistema consegue reconhecer e montar automaticamente a maioria dos “devices” (Hds externos, câmeras, pendrives etc). Ou seja, o sistema ficou mais complexo para diminuir a complexidade do uso do Gnu/Linux com novas tecnologias.



O robô hipotético do qual estamos falando ainda não sabe dessa inovação, seu banco de dados está desatualizado. Quando o aprendiz chega dizendo que o computador dele não está reconhecendo o novo HD, então ele só pode ensinar uma configuração ultrapassada. Assim que começa a explicar, alguém na sala, um *nick* experiente e atualizado em relação a esse assunto, interfere na conversa dizendo: não é mais assim.

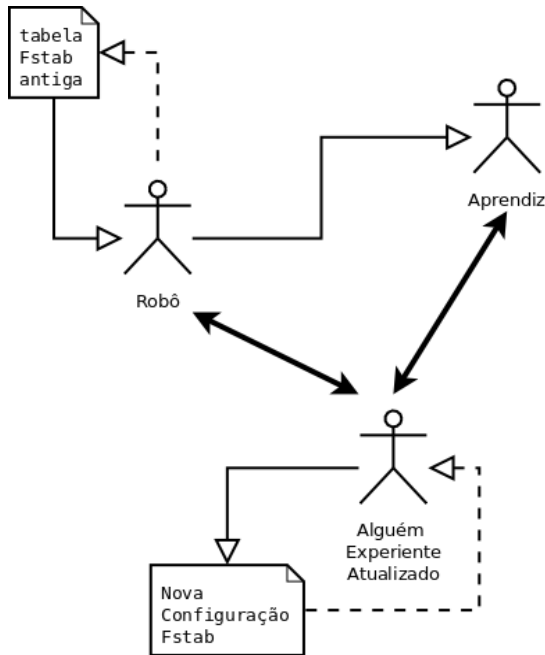
Essa interferência deve servir de alerta ao robô para que ele mude de papel (Figura 66, abaixo) e esteja apto não só a aprender, incentivando o interventor a explicar o que o robô não sabia, mas também a verificar a veracidade do ensinamento - o que poderia ser feito pelo acesso a um histórico das alterações do Gnu/Linux ou à própria internet, usando algum motor de busca. Sabendo que o conhecimento do interventor não é anterior ao que o robô possui como registro mais recente a respeito do tema da consulta, o robô passa de tutor a aprendiz, ao lado do usuário aprendiz.

Essa inteligência já é possível com tecnologias atuais, mas nem todo tipo de inteligência nos permitirá compreender as astúcias do robô do ponto de vista dos estudos da linguagem, já que a maioria trata a inteligência artificial como uma questão de probabilidades.

A tecnologia adaptativa, ao contrário, é uma das opções para ter acesso ao histórico de evolução do robô numa abordagem passível de análise linguística. Além do mais, essa mudança de papel seria bem realizada por um robô adaptativo: ao mudar o modo de tutor para aprendiz, ele faz uma avaliação do novo conhecimento para ver se trata de um acréscimo ou de uma mudança radical; realiza, então,

Texto Livre: pensemeando o mundo

alterações não só no tema específico da consulta, mas também em temas correlatos, sempre que for necessário.



*Figura 66: Um robô hipotético intercalando os papéis de mestre e aprendiz durante uma consulta sobre a tabela Fstab.*

O conhecimento inicial, neste caso, não é negado, mas deve conter novas regras na análise do texto para dar conta da variedade de contextos linguísticos.

Outro tópico em que a abordagem adaptativa me parece produtiva é a compreensão do papel do interlocutor pelo robô, reavaliada a cada momento, já que cada usuário também está aprendendo-ensinando e pode mudar de papel a qualquer instante. Para isso, uma análise rigorosa das

entradas (frases ditas no *chat*) de cada usuário deve ser feita e o robô deve ser capaz de avaliar se a regra é válida ou não. Por exemplo, se eu ensinar ao robô que o sinal de que alguém está pedindo ajuda é terminar a frase com uma interrogação, ele deve ser capaz de relativizar seu conhecimento sempre que o ponto de interrogação significar outra coisa (por exemplo um tutor que termina uma explicação com "entendeu?"), ou, outro exemplo, a questão não foi formulada como uma pergunta, mas sim como afirmação, e então ele vai precisar aprender a distinguir as afirmações-questões das afirmações propriamente ditas.

Essas questões não são novidades na área da Inteligência Artificial. Nossa possível contribuição refere-se a um refinamento que só será possível com uma ferramenta que permita a coleta de grandes *corpora* de análises semióticas, finalidade primária mas não única do *software* livre *dadosSemiotica*.

Acontece que essa forma de trabalhar com semiótica, uma ciência principalmente dedicada a casos particulares e não a médias e outros cálculos, é bastante incomum e só seria possível manter a filiação a essa corrente teórico-metodológica se uma análise prévia das categorias fosse realizada. Tal análise, apresentada no Capítulo 2, foi realizada por meio de uma digressão epistemológica de elementos da teoria semiótica.

A primeira exploração realizada nesse sentido foi a análise apresentada no presente capítulo, com *corpus* obtido em salas de ajuda no IRC.

Após apresentar, a cada capítulo, as diferentes searas de trabalho que motivaram e afetaram o desenvolvimento desse software livre, o próximo Capítulo e último deste livro, apresenta o Manual do *dadosSemiotica*, lançado em 2012 e revisto e atualizado para a versão em uso pelos *betatesters* até 2019.

É como uma linha de desmontagem, em que vamos abrindo as camadas do texto e separando nossas observações, com o cuidado necessário para que jamais esqueçamos que o sentido não vem da soma das partes, mas do objeto como um todo (explicação do projeto do *Setfon*, software precursor do *dadosSemiotica*, datada de 2007).

## Capítulo 6 O software livre *dadosSemiótica*

Manual do *software dadosSemiótica* para as versões desde o lançamento em 2012 até segundo semestre de 2019.

### **6.1. Considerações iniciais**

O *dadosSemiótica* é um *software* livre que provê uma interface *online* para a organização e realização de análises de textos verbais em língua portuguesa. Concebido em 2010, foi implementado em 2011 e lançado no Fórum Internacional de *Software* Livre, em julho de 2012, em Porto Alegre.

Dizemos que esse *software* quer ser a “mesa de trabalho” do analista de texto. Embora não tenha seu uso restrito à

semiótica, dado nosso interesse nesse campo teórico, sua concepção e princípios gerais são provenientes da semiótica, a começar pelo conceito de texto:

- Texto é um todo dotado de sentido.

A menor unidade para análise, portanto, deve ser também uma unidade dotada de sentido, por isso o *dadosSemiotica* não trabalha com sílabas nem palavras isoladas, pois palavras isoladas mudam de sentido quando inseridas em uma frase e em um texto.

Ainda dentro desse contexto teórico, a análise consiste em determinar os padrões de cada trecho (que chamaremos, daqui para a frente, de “sentença”) conforme o nível de análise previamente determinado, resultando numa classificação a qual pode ser recuperada por consultas na base de dados do programa.



Figura 67: interface de análises manuais

A interface de análises manuais permite visualizar a sequência de sentenças (mostra 50 sentenças por página) e repetir, com um clique, análises que abrangem mais de uma sentença. O programa possui várias ferramentas para agilizar o processo de análise do texto, descritas no manual.

Após a realização das análises, permite recuperar tabelas com os resultados das análises manuais e automáticas e obter algumas estatísticas descritivas do *corpus*. É indicado principalmente para quem deseja trabalhar com *corpora* de grandes dimensões, mas pode ser usado em pesquisas mais específicas.

O *software* foi desenvolvido por uma equipe de desenvolvedores do grupo Texto Livre: Semiótica e Tecnologia, registrado no CNPq. A equipe inicial, responsável pela versão 1.0, era formada por Ana Matte, coordenadora acadêmica do grupo Texto Livre, Rubens Ribeiro, desenvolvedor do *framework* SIMP no qual o *dadosSemiotica* foi desenvolvido, William Colen, desenvolvedor do corretor gramatical do OpenOffice para o português brasileiro, e Hugo Leonardo Canalli, coordenador de desenvolvimento de aplicativos do Texto Livre. O lançamento da versão 1.0 aconteceu em 27/07/2012, durante o WSL2012 - *Workshop* Internacional de *Software* Livre - durante o FISL13, em Porto Alegre (Matte, Takiguti, Colen, Canalli, 2012)<sup>70</sup>.

No final de 2017 iniciou-se uma parceria com a empresa de desenvolvimento de *software* Conexum, mais especificamente na pessoa do desenvolvedor especialista na área de Inteligência Artificial e processamento de Línguas Naturais, Daniel Nehme Müller, para concluir o desenvolvimento do *dadosSemiotica*<sup>71</sup>, desta vez já com funcionalidades orientadas pela pesquisa em Categorias

---

70 Apoio: CNPq (Processo N° 310304/2012-1) e FAPEMIG (Processo N° PPM-00206-10).

71 Apoio: FAPEMIG (Processo N° CHE – PPM-00260-16).

Fechadas<sup>72</sup>. A versão em uso até o fechamento deste livro é a 1.6, à qual dedica-se esta versão do manual.

O *dadosSemiotica*, embora tenha sido concebido para realização de análises de semiótica de linha francesa, pode ser utilizado para pesquisas em outras teorias, especialmente aquelas que permitam trabalhar com a sentença como unidade mínima, pois o usuário pode definir o conjunto de categorias com as quais deseja trabalhar.

O programa, durante o processo de *upload* do texto-objeto, aciona um módulo de pré-processamento morfossintático que divide o texto de entrada em sentenças e guarda os resultados completos de análises morfossintáticas automáticas, que usam o motor do Corretor Gramatical do OpenOffice (CoGrOO). Atualmente, também conta com um módulo de pré-processamento de *chat*, que recolhe informações de *chat*, tais como *nick* do falante, mudanças de apelido, entradas e saídas, e prepara o *chat* para ser processado pelo CoGrOO.

Para pesquisas científicas, recomenda-se dedicar uma instalação do programa para uso de um grupo específico, pois como as categorias são criadas pelos usuários, a mistura de diferentes categorias de análise provenientes de diferentes teorias e objetivos pode diminuir sensivelmente a usabilidade do programa, em virtude de homônimos nos nomes das categorias, bem como de seu número excessivo. A instalação pode rodar em *localhost* (com um servidor rodando no computador do usuário), mas como as análises morfossintáticas são feitas via *web*, uma conexão com a *internet* é requerida para *upload* mesmo nesse caso.

---

72 Apoio: CNPq (Processo N° 305937/2015-4).



## **6.2. Aproximações epistemológicas sobre o fazer científico**

O *dadosSemiotica* foi criado para ser a mesa de trabalho do analista de textos. Quanto maior o número de textos a serem analisados e quanto mais tipos de análises forem previstas, maior a dificuldade em visualizar o todo e obter resultados objetivos e globais. Naturalmente essa dificuldade define um “tamanho” de projeto de análise mais restrito, na grande maioria dos casos. Em outras palavras, é mais simples analisar um poema de uma página (são inúmeros os exemplos) do que a obra completa de um romancista (lembro-me da tarefa hercúlea de Dilson Ferreira da Cruz com a obra de Machado de Assis). O *dadosSemiotica* veio em busca de minimizar esse esforço e permitir um maior número de análises de grandes corpora, mas isso não depende exclusivamente do *software* a ser utilizado.

Garimpar textos utilizando-se *softwares* que analisam estatisticamente recorrências não resolve o problema do analista de textos, embora possa ser útil em algumas situações, pois a simples recorrência de termos está vinculada a escopo temático-figurativo, estruturas sintáticas e semânticas da própria língua e, portanto, ficam restritos a alguns aspectos muitas vezes irrelevantes para a análise do texto e do discurso. Além disso, quando um humano lê um texto, carrega consigo um contexto que funciona como um filtro, que precisaria ser “carregado” junto com o processo de garimpagem para que o resultado desse prioridade ao que o filtro indicasse. Isso é possível realizar, mas certamente a maioria dos *softwares* de processamento de textos utilizados e criados para a área de humanas, em geral

provenientes das áreas de exatas, desconsideram questões como essa, que aqui só cabe expor de forma bem genérica, já que não é o foco deste manual.

O *dadosSemiotica* segue alguns princípios básicos de funcionamento que podem - ou não - afetar seu uso em escopos teóricos não relacionados com a semiótica de linha francesa, razão pela qual é importante deixar claro quais são.

Segundo depreende-se da entrada “hipótese” do Dicionário de Semiótica, a formulação de hipóteses está diretamente vinculada ao escopo teórico em que tal hipótese é levantada e é importante destacar que ela “não é nem verdadeira nem falsa, e que seu valor de verdade apenas aparecerá *a posteriori*, transformando eventualmente o discurso sustentado para esse fim em um procedimento de descoberta” (GREIMAS, COURTÉS, s/d, p. 218). A Semiótica segue o método hipotético-dedutivo, no qual o ponto de partida são:

“(...) um certo número de conceitos não definidos ou de proposições não afetadas por valores de verdade, para que o discurso dedutivo, desenvolvido a partir desses postulados, faça *a posteriori* a prova de sua eficácia, produzindo, como consequência lógica, enunciados suscetíveis de serem considerados procedimentos de descoberta.” (GREIMAS, COURTÉS, s/d, p. 219)

Complementa-se essa informação nas entradas “dedução” e “indução” do Dicionário, em que a primeira, correspondendo a uma caminhada do geral (definido teoricamente) para o particular (os casos, a experiência), não teria, de fato, existência independente da segunda, que parte dos casos para a generalização de regras, pois muitas

vezes é o estudo dos casos que permite redimensionar e até criar novas regras gerais. É assim que a Teoria Semiótica se define como uma teoria em construção, pois os postulados iniciais estão sempre em constante reconstrução e revisão pelos achados mais recentes dos estudos de casos. Sendo assim, embora a ideia da Semiótica como uma “camisa de força” na análise do texto seja ainda amplamente difundida, trata-se de uma crítica totalmente sem fundamento. E, cabe acrescentar, essa práxis alça o analista ao patamar de teórico, exigindo uma consciência epistemológica a respeito da Semiótica para que seu trabalho não incorra em riscos desnecessários ou até mesmo erros grosseiros. É o que explica a necessidade deste capítulo do manual, diga-se de passagem.

O “modelo”, em semiótica, é tratado como “um simulacro construído que permite representar um conjunto de fenômenos” (GREIMAS; COURTÉS, s/d, p. 284), fenômenos estes relativos à linguagem e ao modo como ela faz significar, ou seja, relativos à semiose. É por esse motivo que o Percurso Gerativo do Sentido não é uma representação da geração do sentido ao longo do tempo, mas uma sobreposição de níveis correlacionados cuja configuração permite fazer emergir um dado sentido e não outro: o percurso é um simulacro do sentido no texto.

O *dadosSemiotica* foi, portanto, criado para permitir ao analista cruzar análises de diferentes configurações a fim de descobrir, por exemplo, relações entre os processos de semiose e de textualização. Para isso, cada investida é trabalhada como um projeto *dS*: Qual nossa hipótese? Para verificá-la, devemos avaliar quais níveis? Quais categorias de análise dentro de cada nível são relevantes? Qual o

corpus? Algum contexto será considerado? Qual(is)?<sup>73</sup> E assim por diante. O analista deve ter feito essa reflexão antes de iniciar o trabalho; não é por outro motivo que um projeto é, em todas as situações, um empreendimento considerável na realização de si próprio, ou, dito de forma mais coloquial, para realizar um projeto de pesquisa, é necessário pesquisar e elaborar o projeto primeiro.

---

73 Lembrando que, para a Semiótica, o contexto tomado de forma genérica é inanalisável, portanto podemos nos ater ao texto em si e suas possibilidades de significação ou incluir um número específico a cada caso de outros textos que sejam determinantes para revelar o contexto da análise em questão.

### 6.3. Manual do dadosSemiotica

Manual com dados sobre as versões 1.x, desde a versão lançada em julho de 2012 até a versão disponível em julho de 2019.

## Sumário do Manual

Capítulo 6 O software livre dadosSemiótica.....	261
6.1. Considerações iniciais.....	261
6.2. Aproximações epistemológicas sobre o fazer científico.....	265
6.3. Manual do dadosSemiotica.....	269
a) O sistema.....	269
b) Tipos de usuários no dadosSemiotica.....	270
c) Premissas para criação de um projeto dS.....	271
d) Criando o projeto dS.....	272
e) O ambiente de trabalho do analista.....	276
f) Diretrizes e definições para o analista.....	277
g) Categorias gerais - Texto.....	279
h) Análise piloto para definir as categorias.....	280
Delimitação do projeto dS.....	281
i) Projeto dS de um texto ínfimo.....	282
j) dicas para usar resultados da análise morfossintática.....	301
k) Montando sua busca.....	310
l) Análise das análises.....	313
m) Dados técnicos: a instalação do dadosSemiotica – versões 1.x.....	314
Pré e Pós-fácio ou Porque este livro tem muitas facetas, é preciso marcar um antes e um depois.....	318

#### a) O sistema

O dadosSemiótica é uma interface web para análises de sentenças, permitindo a classificação manual, semi-automática e

Texto Livre: pensemeando o mundo

automática de uma grande quantidade de textos, sem restrição de tamanho mínimo ou máximo.

Sendo um sistema multiusuários, permite a utilização simultânea por diferentes pessoas com diferentes ou mesmo nível de acesso (tipos de usuários, cf. tópico b).

Para organizar esses trabalhos, o programa baseia-se em projetos, assim definidos:

- Um projeto é um conjunto de textos a serem analisados sob um conjunto fechado de categorias.

O projeto é dependente do analista, responsável por definir quais textos e quais categorias compõem cada um de seus projetos, bem como responsável por realizar as análises. Para a semiótica, trabalhar com um conjunto de textos significa definir um contexto interno (como o conjunto de obras de um mesmo autor), de modo que o projeto funciona como um contexto de análise.

Na escolha das categorias reside a orientação teórica das análises e é com base nesta que o analista deve definir um número variável de classificações e, sempre que possível, um código para o registro de cada análise.

## **b) Tipos de usuários no *dadosSemiotica***

O *dadosSemiotica* teve, desde o princípio, a preocupação com sua utilização didática e também em pesquisas coordenadas. Por esse motivo, além do usuário administrador cuja função está restrita à configuração inicial e à manutenção do sistema, temos os usuários analista e orientador.

- O analista é o principal ator no *dS*, é para ele que o *software* foi desenhado. O analista cria e executa o projeto *dS*, escolhe textos e categorias, analisa os textos em cada categoria de análise manual ou semi-automática e recupera os dados assim coletados para a realização de cruzamentos, análises estatísticas, geração de tabelas e

quadros e quaisquer outros procedimentos necessários à verificação de suas hipóteses motivadoras.

- O orientador gerencia analistas, textos e categorias.

Neste capítulo, vamos apresentar as bases para utilização do *dadosSemiotica* em pesquisas envolvendo a análise de textos, com foco no trabalho do analista.

### **c) Premissas para criação de um projeto *dS***

O *dadosSemiotica* foi criado tendo como uma de suas aplicações previstas a pesquisa interdisciplinar, incluindo-se aí pesquisas que ultrapassam as fronteiras entre as diferentes áreas do conhecimento. Por esse motivo, torna-se importante definir os termos usados e fornecer diretrizes para que sua utilização favoreça tal finalidade.

No *dadosSemiotica*, ou *dS*, executar um projeto é fazer análises de um conjunto de textos para um conjunto de categorias. Por mais simples que pareça, é importante observar algumas estratégias para tirar o proveito máximo do programa.

- Um projeto no *dadosSemiotica* (doravante projeto *dS*) é um conjunto de textos a ser analisado sob um conjunto de categorias teóricas de análise.

É possível acrescentar textos e categorias a qualquer momento. Embora isso seja uma vantagem técnica, para o analista é necessário muito cuidado com esse tipo de decisão, especialmente ao optar por acrescentar textos num projeto cuja análise já foi iniciada, pois dessa alternativa pode decorrer uma não homogeneidade na quantidade de análises em cada texto do corpus. Caso uma análise não seja realizada para um texto ou uma categoria, os resultados são marcados como nulos na tabela final, mas o acréscimo de categorias é menos problemático, pois escolher uma categoria implica necessariamente optar por realizar sua análise para todos os textos do projeto.

## **d) Criando o projeto *dS***

Sugerimos que o projeto *dS* seja definido a partir do conjunto de textos; se for usar um conjunto diferente, mesmo que haja intersecção entre os conjuntos de textos de algum projeto existente, a criação de um novo projeto é mais indicada pois favorece resultados mais robustos.

É importante lembrar que a inclusão de textos e categorias no sistema correspondem, respectivamente, às etapas de coletas de dados e estudo teórico-metodológico, as quais precedem a análise. Por esse motivo, o usuário que inclui esses dados no sistema não é o analista, é o orientador. Se você não é o orientador da instalação do *dadosSemiotica* que está usando, deverá encaminhar ao orientador o pedido de inclusão desses dados antes de criar seu projeto; mesmo nesse caso, siga as instruções sobre registro de textos e categorias para fazer o pedido de forma adequada.

- Em primeiro lugar, devemos ter em mente que o projeto *dS* pode ou não ser do tamanho do seu projeto de pesquisa.

Dependendo das proporções e objetivos da pesquisa, pode ser que uma pesquisa corresponda a muitos projetos *dS*; por outro lado, um mesmo projeto *dS* pode ser utilizado em diferentes pesquisas, principalmente se sua criação envolveu uma reflexão prévia acerca de seu escopo teórico e metodologia, provendo-lhe a consistência necessária. É por isso que, para criar o projeto no *dadosSemiotica* (o projeto *dS*), em primeiro lugar você deve pensar se o corpus da sua pesquisa será analisado todo da mesma forma ou será subdividido para análises diferentes. A partir disso, criará tantos projetos *dS* quantos for necessário. Dê um nome ao projeto *dS* que ajude a lembrar (mesmo muitos anos depois) qual era o escopo daquele projeto específico.

- *Escolha subdividir ou não seu trabalho em um ou mais projetos *dS* conforme as necessidades de seu projeto principal.*



Se, em sua pesquisa, você estiver testando diferentes formas de abordar um determinado aspecto teórico, você poderia optar por criar um projeto *dS* diferente para cada abordagem ou criar categorias diferentes para o mesmo aspecto teórico especificando a abordagem no nome, num único projeto *dS*. A diferença fundamental é que, no primeiro caso, não poderá comparar diretamente os resultados (colocá-los na mesma tabela de saída), pois somente é possível obter resultados dentro de um mesmo projeto *dS*. Mas, como é possível realizar as análises de cada categoria com total independência na interface de análises do *dadosSemiotica* e como é possível obter resultados parciais, é possível realizar esse trabalho comparativo num único projeto sem qualquer prejuízo metodológico.

- Divida o texto conforme a necessidade do seu projeto; o *dadosSemiotica* proverá outras subdivisões automaticamente, tendo em vista a organização das análises.

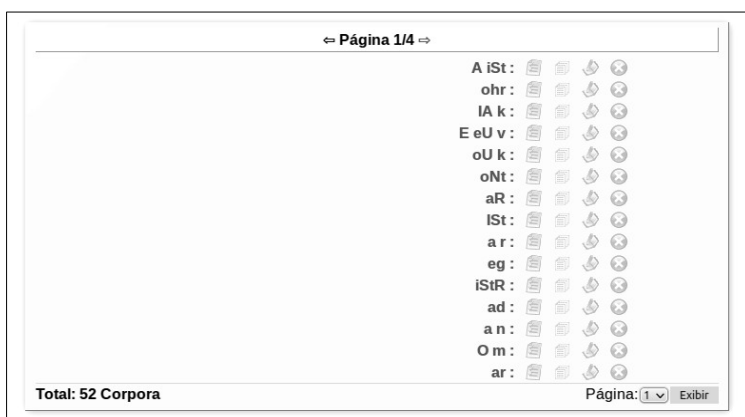


Figura 68: Entrada de texto que usou escrita fonológica, um segmento por linha.

O *dadosSemiotica* divide o texto de duas formas: primeiro, cada linha do arquivo txt<sup>74</sup> corresponde a uma entrada, a que

74 O arquivo em txt é um arquivo de texto plano, sem formatação, que permite poucas marcas não textuais. Dentre elas, a quebra de linha e o adentramento.

chamaremos de parágrafos. Cada parágrafo é enviado ao módulo de pré-processamento morfossintático, o qual subdivide o parágrafo em sentenças, sendo a sentença considerada como a unidade mínima de análise. O tamanho de cada sentença depende de sua estrutura linguística e por isso essa análise só é compatível com textos em língua portuguesa, pois o módulo de pré-processamento morfossintático é baseado no CoGrOO (Corretor Gramatical do OpenOffice para a língua portuguesa do Brasil).

Se você deseja uma divisão em trechos menores, separe cada trecho por linha no arquivo de entrada antes do *upload*, como no exemplo da Figura 68 (acima) em que foi dado como entrada um texto dividido por segmentos delimitados de vogal a vogal<sup>75</sup>, usando escrita fonológica e dividido pela introdução de uma quebra de linha após cada segmento. No exemplo, o texto usado continha um código de escrita fonológica com uma sílaba vogal-a-vogal por linha.

A divisão feita pelo CoGrOO é precedida pela divisão em parágrafos e linhas (Figura 69).

Essa visualização dos parágrafos é feita na área do orientador, mas o analista, ao solicitar que as tabelas de saída contenham as sentenças analisadas, terá acesso a elas, que virão listadas em uma coluna precedente à coluna de sentenças, como veremos.

---

Um parágrafo, por exemplo, mesmo que ocupe várias linhas na tela do computador, corresponde a uma única linha do arquivo.

75 As imagens aqui apresentadas foram obtidas na versão intermediária entre a lançada em 2012 (v 1.0) e a de julho 2019. Somente as possibilidades de trabalho disponíveis nessa, que vamos chamar de versão 1.x, e já devidamente testadas, bem como utilizadas em pesquisas de fato, estão aqui elencadas.

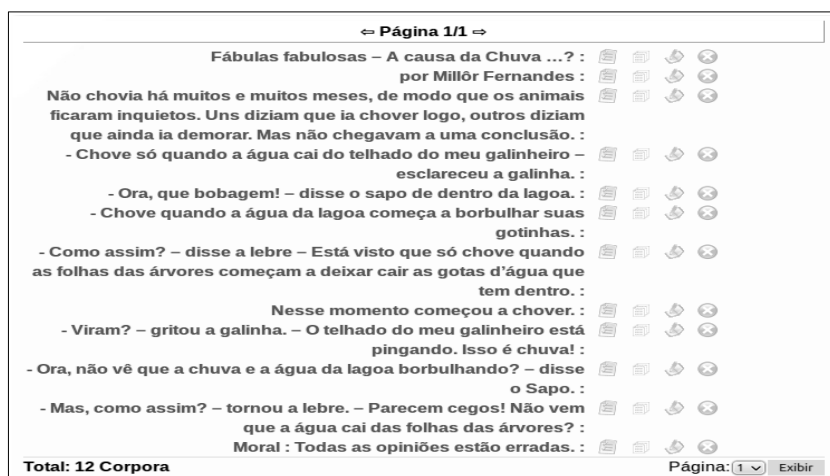


Figura 69: Parágrafos do texto de entrada "A causa da Chuva", de Millôr Fernandes.

Note que as sentenças podem ou não ser do tamanho de um parágrafo, isso depende exclusivamente da análise morfossintática (Figura 70, abaixo).

Análise das sentenças	
Texto-Partes	
1 - Fábulas fabulosas – A causa da Chuva ...?	1
1 - por Millôr Fernandes	1
1 - Não chovia há muitos e muitos meses, de modo que os animais ficaram inquietos.	1
2 - Uns diziam que ia chover logo, outros diziam que ainda ia demorar.	1
3 - Mas não chegavam a uma conclusão.	1

Figura 70: Sentenças iniciais de "A Causa da Chuva".

É possível editar as frases após o upload, mas é importante considerar que essa edição pode afetar a relação das mesmas com

Texto Livre: pensemeando o mundo

a análise morfossintática registrada durante o upload e que ainda não pode ser realizada na versão 1.x do *dadosSemiotica*.

### e) O ambiente de trabalho do analista

O analista é cadastrado pelo orientador (ou pelo administrador) no sistema. A fim de garantir a integridade do banco de dados, somente orientadores possuem permissão para a importação de textos e para o cadastro de novas categorias.

Na Figura 71, a tela na qual o analista começa o trabalho no *dadosSemiotica*, cujo acesso é feito pelo item do menu “Meus Projetos”. No exemplo, vemos dois projetos na lista.



Figura 71: Tela do analista no dS: Meus Projetos.

Ao lado de cada projeto encontram-se os ícones para as diferentes ações do analista:

1. ícone de livro: selecionar e listar os textos para o projeto;
2. ícone de lista: selecionar e listar as categorias para o projeto;
3. ícone de lupa: analisar e visualizar as análises feitas, com possibilidade de edição;
4. ícone de gráfico: obter resultados;
5. ícone X: apagar o projeto.

A seguir apresentamos algumas diretrizes e definições úteis para o analista.

## **f) Diretrizes e definições para o analista**

### **Registro de textos**

O conjunto de textos, cuja permissão de upload é exclusiva do orientador, deve estar no sistema antes da criação do projeto, sem impedir inclusão de novos testes depois. O nome do texto deve ser significativo para qualquer pessoa e deve seguir um padrão dentro da instalação do *dadosSemiotica* em uso, preferencialmente definida pelo orientador. Se você não é o orientador, converse com ele sobre o padrão a ser seguido.

Na versão 1.x, todos os analistas cadastrados numa instalação do *dadosSemiotica* têm acesso a todos os textos disponíveis no sistema. Se houver restrição de uso de alguns arquivos, em função de permissões junto a conselhos de ética ou direitos autorais, isso deve ser marcado no título do texto no sistema. Caso você não participe de um grupo com contato direto com o orientador e analistas, se seu texto tiver restrições desse tipo é preferível usar uma instalação particular desta versão. Isso não se aplica às análises, somente acessíveis pelo analista que as realizou.

O arquivo de entrada deve, nas versões até 1.5, estar em txt, sem formatação, exceto por demarcação de parágrafos, e pode conter um texto completo. Nas versões 1.x recomenda-se, no entanto, dividir o texto em vários arquivos para evitar um longo tempo de pré-processamento (que causa demora no upload e pode incorrer em erro, devido a falhas na conexão). O ideal é não passar de 800kb, embora não haja limite nesse sentido. Essa opção pode ser adotada pelo orientador que irá fazer o *upload* dos textos.

O *dadosSemiotica* foi concebido para análise de texto verbal, portanto somente é possível associar análise de imagens e sons pela indicação de URLs no arquivo de texto de entrada (ou pela

Texto Livre: pensemeando o mundo

indicação de nomes de arquivos ou nomes de imagens ou sons que você possua localmente). Isso resulta, naturalmente, em perda de usabilidade, pois não será possível visualizar/ouvir o texto a ser analisado na mesma janela de análise. A inclusão de imagens no histórico do projeto é uma das funcionalidades previstas na lista de afazeres da equipe de desenvolvimento, o que permitiria mais facilmente incluir a visualização das mesmas em versões futuras.

A codificação do arquivo deve ser, preferencialmente, UTF8.

## Registro de categorias

A definição das categorias é essencial para a realização de um projeto no *dadosSemiotica*: com elas definimos todos os parâmetros de análise, inclusive o próprio escopo teórico.

Na versão 1.x, você deve conceber as categorias da seguinte forma:

i) a primeira palavra sempre é a categoria mais geral, correspondendo ao escopo teórico; se for uma categoria dentro de uma teoria, a primeira palavra deve remeter à teoria em si e deve ser iniciada por letra maiúscula. Se tiver mais de uma palavra, use maiúsculas em todo início de palavra e não deixe espaço entre elas. Por exemplo: GramáticaNormativa.

ii) a segunda palavra é a categoria de análise. Por exemplo, poderíamos querer analisar os vocativos, então a categoria seria GramáticaNormativa-vocativos. Sempre separando as duas por um traço sem espaços.

iii) podem haver tantas subdivisões nas categorias quantas forem necessárias, sempre seguindo a lógica da mais geral para a mais específica e separando-as por traços, sem espaços.

iv) é interessante registrar a categoria mais geral mesmo quando, num primeiro momento, não pareça fazer sentido analisá-la. Mesmo que ela não tenha uma análise específica, poderá ser

usada para um primeira leitura do texto em relação ao nível de análise cujas subcategorias se referem, auxiliando nas análises mais específicas.

É possível cadastrar as categorias uma a uma ou entrar com todas de uma vez pela importação de um arquivo. A importação do arquivo CSV foi devidamente testada na versão 1.0 e o arquivo, que deve ser de texto simples, sem formatação, deve conter uma categoria por linha, sendo que, na primeira linha, deve conter apenas a palavra “nome”, sem aspas (Figura 72).

```
nome
Texto-partes
Texto-comentários-geral
Texto-comentários-lembretes
Semiótica
Semiótica-narrativa
Semiótica-narrativa-performance
```

Figura 72: Conteúdo de um arquivo para importação de categorias. O arquivo deve ser salvo num editor de texto, como texto sem formatação, em codificação UTF8, e ser salvo com a terminação .csv (exemplo: categorias.csv)

## g) Categorias gerais - Texto

Algumas categorias são gerais, para o texto, independentes de contexto teórico. O grupo Texto contém essas categorias. Na versão 1.x, você deve registrá-las no sistema, se ainda não o fez. Sugerimos as seguintes categorias de análise para o grupo Texto:

- *Texto* => essa categoria não deve ser criada: ela já existe no sistema e automaticamente é apresentada em todas as tabelas geradas, com o número do texto analisado como resultado. É especialmente importante quando o projeto contém mais de um texto-objeto.
- *Texto-partes* => toda análise textual precisa de balizas, que podemos chamar de momentos, etapas, partes ou outros nomes. Podemos dividir o texto de qualquer maneira, seja por balizas definidas no próprio texto, como capítulos de um livro, seja por balizas que nossa leitura

inicial indique (quando percebemos mudanças superficiais que podem indicar alteração no rumo das análises).

- *Texto-comentários* => antes de iniciar uma análise textual, é sempre recomendável ler o texto inteiro. Como o *dadosSemiotica* divide o texto em sentenças, essa primeira leitura pode ajudar a perceber a relação entre as sentenças. Essa categoria serve para que você possa fazer anotações sobre essa leitura inicial e recuperá-las rapidamente em qualquer momento das análises posteriores. A natureza das anotações é totalmente livre: por exemplo, você pode anotar tanto lembretes para a análise, como “manipulação por tentação?” quanto lembretes sobre a forma, como “título do texto” e “nome do autor”.
- *Texto-lembrete* => são anotações semelhantes às da categoria Texto-comentários, mas são mais específicas e de ordem prática: use essa categoria para anotar ações que deve ser feitas depois e que podem ser apagadas sem prejudicar a análise, tais como: “inserir uma nova divisão de parte aqui” ou “corrigir a ortografia dessa frase”. Depois de feito, basta apagar; o campo pode ter mais de um lembrete e você pode apagar parte dele quando o problema respectivo for resolvido. Você pode gerar uma tabela apenas com essa categoria para facilitar as correções depois, funcionando como um check list.

## **h) Análise piloto para definir as categorias**

O texto verbal é um sistema complexo e, mesmo no mais objetivo dos escopos teóricos, sempre sujeito a imprevisibilidades e quebra de regras. Por esse motivo, é recomendável que o analista, antes de iniciar as análises do seu projeto, realize uma pequena análise piloto com um trecho ou trechos dos textos do corpus de sua pesquisa, sob todas as categorias que pretende utilizar. Durante essa análise piloto é possível que se note a necessidade de uma



maior especificidade nas categorias ou a não adequação de alguma(s) delas tendo em vista os objetivos do projeto em questão.

Essa análise piloto pode ser feita na forma de um novo projeto no *dS*. No entanto, como na versão 1.x ainda não é possível copiar análises de um projeto para outro, é possível considerar que a análise piloto seja feita no mesmo projeto *dS* que será ampliado depois para a análise definitiva, caso se deseje aproveitar as análises do piloto no projeto principal.

## **Delimitação do projeto *dS***

A simplicidade de um projeto é definida pelo menor grupo de categorias possíveis para analisar o menor grupo de textos possível. Como a simplicidade facilita o trabalho do analista, aumentar o número de projetos *dS* por pesquisa é recomendável, mas nem sempre é a saída mais adequada.

Assim, para delimitar a montagem de sua pesquisa no *dadosSemiotica*, especialmente nas versões 1.x, você deve responder às seguintes questões:

a) Todos os textos de sua pesquisa serão analisados sob as mesmas categorias?

Sim. Nesse caso sugerimos que todos os textos sejam agrupados num mesmo projeto *dS*

Parcialmente. Nesse caso, sugerimos agrupar todos os textos num mesmo projeto *dS*, pois as categorias não analisadas serão anotadas como campos nulos.

Não. Se o grupo de categorias for diferente para cada parte do *corpus*, é possível dividi-lo em projetos *dS* diferentes, possibilitando dar uma identidade mais específica para cada conjunto de análises no nome do projeto.

b) As categorias seguem um mesmo escopo teórico?

Sim. Nesse caso, é mais simples criar um único projeto para todas as categorias, mesmo porque o

Texto Livre: pensemeando o mundo

*dadosSemiotica* permite recuperar as análises em tabelas com qualquer combinação de categorias dentro de cada projeto.

( ) Não e não haverá cruzamento de dados. Nesse caso é conveniente manter um projeto por escopo, apenas para prover uma identidade mais específica ao projeto.

( ) Não, mas haverá cruzamento de dados entre categorias de escopos diferentes. Sendo assim, é imprescindível que todas as categorias em foco sejam analisadas dentro do mesmo projeto.

## **i) Projeto *dS* de um texto ínfimo**

Para exemplificar o processo de montagem de projeto *dS* e análises, vamos recriar as análises que basearam a escrita do capítulo 1 do livro *Ensaio de Semiótica: aprendendo com o texto* (Lara, Matte, 2009:20-27), focalizando apenas o nível profundo e o narrativo. Trata-se de um texto ínfimo: uma única sentença, sem contexto algum.

### **Montagem do projeto – preparo do material pelo orientador**

O conteúdo do arquivo do único texto de entrada, exemplo.txt<sup>76</sup>, foi inicialmente colocado da seguinte forma:

Quando chegou, encheu-me de vida outra vez.

No entanto, o resultado da separação de sentenças, como não poderia deixar de ser, foi a que aparece na Figura 73.

---

<sup>76</sup> Arquivo TXT sem formatação, gerado e salvo no programa Kate versão 3.7.4, no sistema operacional Ubuntu Linux 12.4 com interface gráfica KDE. As linhas em branco presentes no arquivo são descartadas pelo *dadosSemiotica* durante o registro do *corpus*.

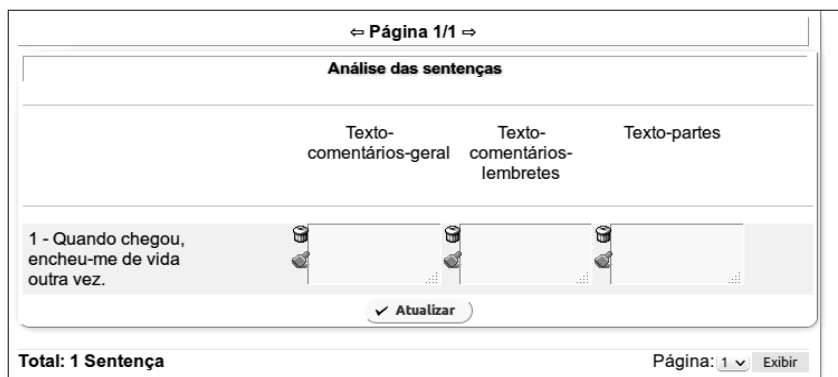


Figura 73: texto incluído pela primeira vez, com a sentença original como aparece no livro.

Para fins de apresentação deste exemplo, gostaríamos de uma subdivisão maior do que a sentença sintaticamente determinada, então usamos a estratégia de introduzir uma quebra de linha no arquivo original, que ficou assim:

Quando chegou,  
encheu-me de vida outra vez.

O upload do arquivo é feito pelo usuário orientador<sup>77</sup>. O seu usuário principal deve ser como analista, pois o orientador só atua para incluir metadados (textos, categorias e analistas). No caso do exemplo, como é somente um texto, o processo de inclusão de textos acaba aqui. Repita o processo tantas vezes quantas forem necessárias para o seu trabalho, caso haja um número maior de textos.

O resultado do novo upload foi a quebra do texto em duas sentenças (Figura 74).

<sup>77</sup> O papel de orientador pode ser assumido por um professor, um orientador de projeto ou alguém que tenha uma instalação do dadosSemiótica local ou na *web*, incluindo você mesmo.

## Texto Livre: pensemeando o mundo

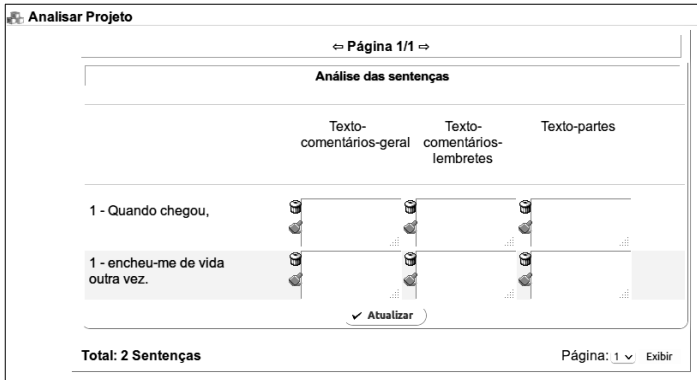


Figura 74: Texto de exemplo dividido para a análise, com a inclusão de quebra de linha manual.

As categorias a serem analisadas são aquelas relativas ao Texto e as categorias previstas para esse exemplo são apenas aquelas relativas à narratividade e, aproveitando a análise deste livro, relativas ao nível profundo. Elas foram criadas com o upload do arquivo CSV `categoriasExemplo.csv` (texto sem formatação, utilizado para planilhas e tabelas, incluindo banco de dados) com o seguinte conteúdo:

- nome
- texto-partes
- texto-comentários-geral
- texto-comentários-lembretes
- semiótica
- semiótica-profundo
- semiótica-profundo-foria
- semiótica-narrativo
- semiótica-narrativo-sujeito1
- semiótica-narrativo-ssujeito2
- semiótica-narrativo-objeto
- semiótica-narrativo-estado

semiótica-narrativo-transformação

semiótica-narrativo-percurso

semiótica-narrativo-modalização-sujeito2

Se a categoria já existe, o sistema acusa e não salva o registro correspondente.

## Montagem do projeto pelo analista

O objetivo da análise semiótica do exemplo.txt foi mostrar alguns elementos de análise narrativa e sua forma de análise no *dadosSemiotica*. Assim, as respostas às duas perguntas auxiliares na montagem do projeto (tópico anterior) foram:

a) Todos os textos de sua pesquisa serão analisados sob as mesmas categorias? ( X ) Sim. Nesse caso sugerimos que todos os textos sejam agrupados num mesmo projeto *dS*

b) As categorias seguem um mesmo escopo teórico? ( X ) Sim. Nesse caso, é mais simples criar um único projeto para todas as categorias, mesmo porque o *dadosSemiotica* permite recuperar as análises em tabelas com qualquer combinação de categorias dentro de cada projeto.

As respostas sugerem a criação de um único projeto *dS* para as análises no *dadosSemiotica*.

O nome do projeto foi definido como “teste-nove2012” (Figura 75).

Texto Livre: pensemeando o mundo

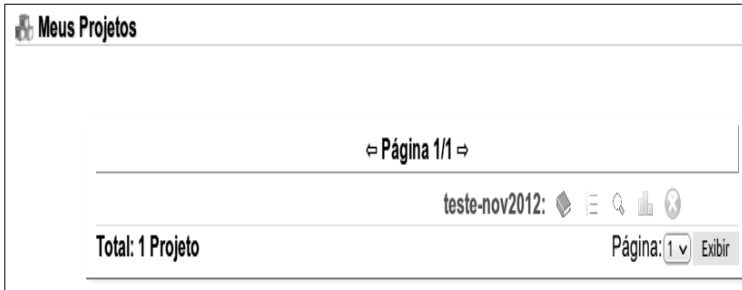


Figura 75: Cadastro do projeto dS

Após abrir o ítem do menu do analista chamado Meus Projetos, a partir do qual também fizemos o cadastro acima, temos acesso à sua lista de projetos, na qual aparece o projeto recém-registrado (Figura 76). O ícone de livro fechado (primeiro ícone ao lado do nome do projeto) dá acesso à página de cadastro de textos. O único texto a ser vinculado a esse projeto dS é o exemplo2, previamente cadastrado pelo orientador.



Figura 76: Projeto teste-nov2012: como já comentado, os ícones dão acesso às etapas de criação do projeto e análises.

O ícone de lista (segundo ícone ao lado do nome do projeto) dá acesso à lista de categorias do projeto, permitindo fazer o vínculo ao projeto. Na Figura 77 vemos a lista de categorias escolhidas para analisar o exemplo.txt. Observe que o analista não vinculou todas as categorias que o orientador registrou no sistema. Por exemplo, a categoria geral Semiótica não foi considerada útil para essa análise pelo analista, mas deve ser cadastrada pelo orientador porque há subcategorias vinculadas a ela, conforme explicado no tópico 2b.

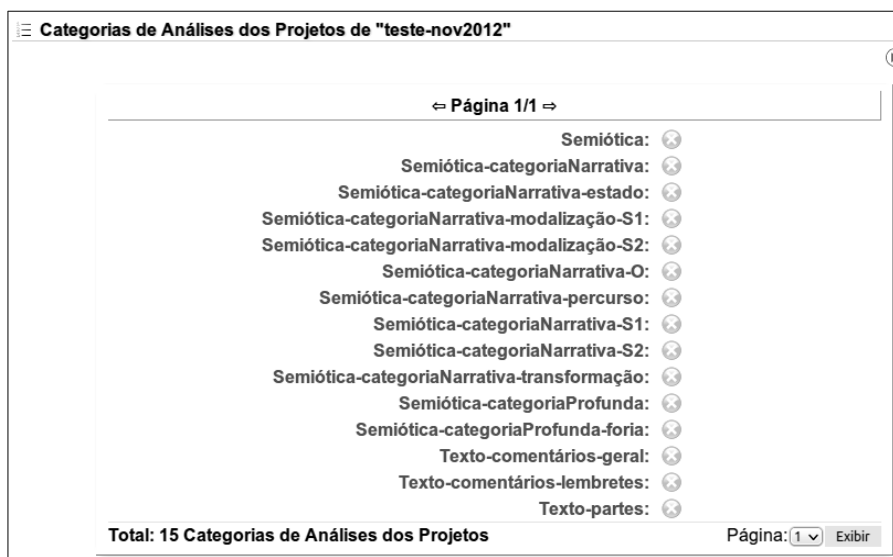


Figura 77: Categorias de análise do projeto *dS* de exemplo.

Após vincular texto e categorias no projeto *dS* “teste-nov2012”, esse projeto está montado. O próximo passo é proceder às análises.

## Análise do exemplo.txt

O ícone de lupa na página de projetos (Figura 76, terceiro ícone ao lado do nome do projeto) permite visualizar o projeto para proceder às análises, a partir da escolha dos textos (no caso o exemplo.txt, único texto deste projeto) e das categorias, dentre todas as do projeto. A análise é feita texto a texto para cada categoria. É recomendável escolher o mínimo de categorias por vez, e o *dadosSemiotica* limita a quatro o número de categorias para análise em cada etapa; esse número é o máximo para visualização adequada na maioria dos monitores, mas pode ser necessário diminuí-lo (por exemplo, em netbooks de tela de 10 polegadas).

Texto Livre: pensemeando o mundo

A Figura 78 mostra a tela para escolha de textos e categorias para abertura do projeto para análise.

**Seleção do texto e das categorias do item de análise**

Textos para: Ana-exemplo2.txt

Análise: Ana-exemplo2.txt

Categorias de Análise

- Semiótica
- Semiótica-categoriaNarrativa
- Semiótica-categoriaNarrativa-estado
- Semiótica-categoriaNarrativa-modalização-S1
- Semiótica-categoriaNarrativa-modalização-S2
- Semiótica-categoriaNarrativa-O
- Semiótica-categoriaNarrativa-percurso
- Semiótica-categoriaNarrativa-S1
- Semiótica-categoriaNarrativa-S2
- Semiótica-categoriaNarrativa-transformação
- Semiótica-categoriaProfunda
- Semiótica-categoriaProfunda-foria
- Texto-comentários-geral
- Texto-comentários-lembretes
- Texto-partes

Figura 78: Tela de seleção de textos e categorias para iniciar as análises.

Após a seleção, a tela de análise é aberta (Figura 79). Na seleção feita temos apenas uma página porque o texto exemplo.txt contém menos de 50 sentenças (duas, pra ser mais exato), e contém 3 colunas de campos para análise porque foram selecionadas 3 categorias (Figura 78).



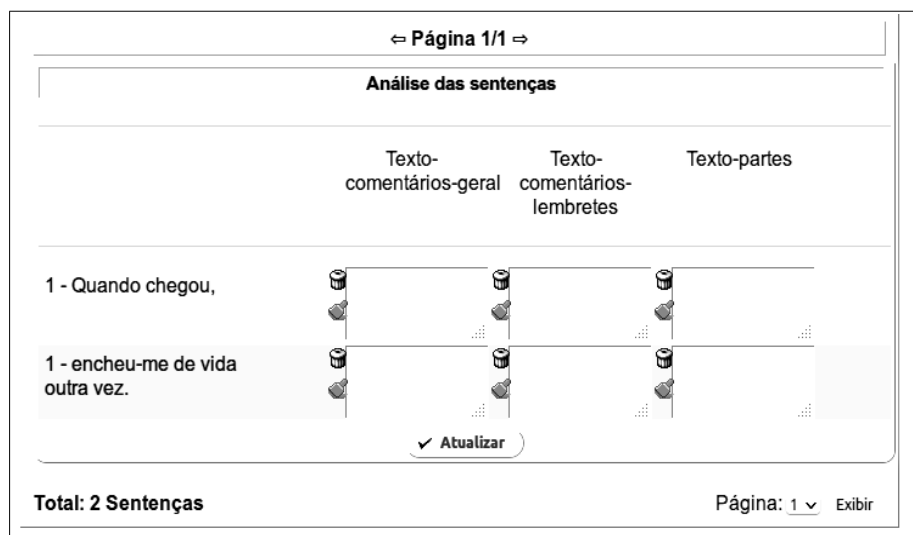


Figura 79: Tela de análise das categorias de Texto para o exemplo.txt.

Na versão 1.x todos os campos para análise são campos de textos. Se forem abertas categorias com análises salvas, o campo exibe a análise. É possível usar os recursos de selecionar texto e arrastar para outro campo (desde as sentenças ou de outros campos), copiar o acima (ícone de pincel, que preenche todos os campos vazios desde o último acima preenchido com o conteúdo deste) e limpar texto, que apaga o registro somente do campo correspondente ao ícone (lixeira). Os ícones aparecem na Figura 79.

Qualquer alteração nesta tela, no entanto, só é salva no banco de dados após clicar no *botão* atualizar, no final da página (Figura 80, abaixo).

Ao clicar em um campo, ele automaticamente passa para o topo da tela, permitindo ler as sentenças seguintes. Por isso não é recomendável usar o duplo clique para selecionar palavra.

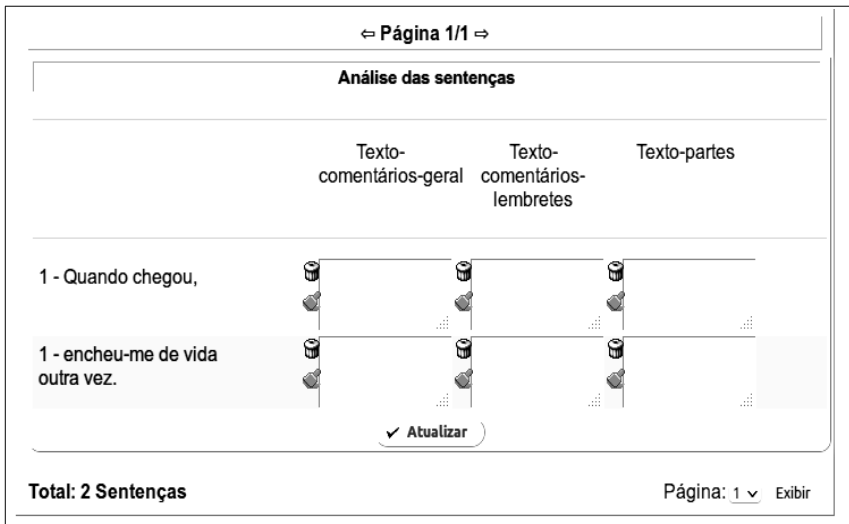


Figura 80: É possível salvar as análises a qualquer momento, clicando no botão atualizar, mantendo a mesma tela em evidência.

Também é possível usar a tecla TAB para passar de um campo a outro, lembrando que a linha em foco sempre estará no topo da janela (você pode usar a barra de rolagem se precisar visualizar sentenças anteriores). Essa visualização automática do campo em foco no topo da janela não acontece com o uso dos recursos “copiar o acima” ou “limpar texto”.

Essa primeira leitura, que providenciou o preenchimento dos campos relativos ao texto, poderia ter permitido verificar erros, como se pode ver em outro texto (Figura 81), cuja primeira leitura mostrou um erro no texto de entrada (falta de letra maiúscula no início da quarta estrofe), que só pode ser corrigido pelo orientador. Como a correção não era *prioritária* para a análise, o analista daquele texto deixou para fazer isso depois (o campo Texto-lembres ajudará a não esquecer disso).

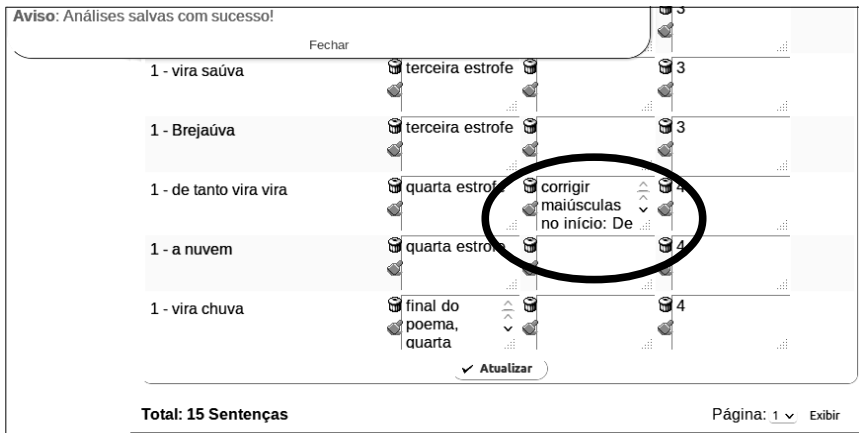


Figura 81: A tela mostra o salvamento da análise das categorias Texto. Note que não é obrigatório o preenchimento de todos os campos.

O rodapé contém um *link* para voltar para o topo da página, especialmente útil quando se trabalha com textos longos (Figura 82).



Figura 82: No rodapé, a palavra **topo** é um link para voltar para o topo da página.

A forma mais fácil de navegar no *dadosSemiotica* é pelo menu ou pelo *link* das etapas, que aparecem no topo. Para continuar analisando, o caminho mais rápido é clicar em “Selecionar Categorias para análise” (Figura 83).

Texto Livre: pensemeando o mundo



Figura 83: Para continuar analisando, clique no link no topo "Selecionar Categorias para Análise".

Como se trata de uma só sentença, não tinha sentido dividi-la em partes. Se fosse o caso, para analisar as outras categorias seria sempre interessante visualizar junto a categoria "Texto-partes".

	Semiótica-categoriaProfunda	Semiótica-categoriaProfunda-foria	Texto-partes
1 - Quando chegou,			1
1 - encheu-me de vida outra vez.			1

Figura 84: Análise das categorias profundas do texto exemplo.txt, incluindo Texto-partes.

No nosso exemplo.txt não faria diferença, como vemos na Figura 84, por exemplo, a tela de análise das categorias profundas. Segundo o artigo de base (MATTE, 2004d), o tempo mnésico é um presente universal do começo ao fim do poema e o tempo

cronológico é definido por “antes”, correspondendo às estrofes 1 a 3, e “depois”, correspondendo à estrofe 4. Note que a análise não é feita para a parte 0.

Conforme a análise feita em Lara e Matte (2009, p. 21), há um percurso no quadrado semiótico passível de ser compreendido como um momento de não ausência (frase 1) que implica a presença (frase 2) e esse processo é euforizante, portanto essas categorias seriam preenchidas como na Figura 85.

Análise das sentenças			
	Semiótica- categoriaProfunda	Semiótica- categoriaProfunda	Texto-partes
1 - Quando chegou,	não-ausência	não-disforia	1
1 - encheu-me de vida outra vez.	presença	euforia	1

Figura 85: Parte da análise da categoria profunda do exemplo.txt.

Uma boa forma de escolher a sequência de análises de categorias é sua precedência teórica. Por exemplo, é preciso saber quem são os sujeitos e objetos em jogo antes de analisar as transformações (Figura 86).

Análise das sentenças			
	Semiótica- categoriaNarrativa-O	Semiótica- categoriaNarrativa-S1	Semiótica- categoriaNarrativa-S2
1 - Quando chegou,			ele
1 - encheu-me de vida outra vez.	vida	eu	ele

Figura 86: Definição dos actantes.

Texto Livre: pensemeando o mundo

- Note que, quando a sentença não revela nada sobre a categoria de análise, optamos por deixá-la em branco. O trabalho com a semiótica pode, no entanto, valer-se de dois recursos para não deixar os campos vazios: é um sistema baseado em pressuposições e o texto é um todo dotado de sentido. As duas premissas permitiriam preencher os campos vazios da frase 1 com o mesmo conteúdo da frase 2. O fundamental é que essa decisão seja tomada no início da análise e não seja mudada de um texto para outro ou mesmo no meio da análise de um mesmo texto, garantindo a integridade e homogeneidade da análise.

Após analisar todas as categorias escolhidas para esse projeto, essa etapa está concluída.

## Tabelas de resultados – exemplo.txt

O resultado esperado do *dadosSemiotica* não é a conclusão de sua monografia, artigo ou tese: é uma tabela. Para que uma tabela?

A tabela com os resultados é o que permite:

- visualização de resultados de forma organizada
- análises cruzadas de categorias
- análises estatísticas
- inclusão de dados das análises automáticas feitas pelo sistema (Na versão 1.x, trata-se de resultados das análises morfosintáticas, por meio de expressões regex)

É assim que o pesquisador pode chegar a conclusões consistentes sobre o *corpus* a partir das análises feitas.

O *dadosSemiotica* possui um módulo de pós-processamento estatístico que é acessado pelo ícone de gráfico ao lado do nome do projeto (Figura 76) e:

- retorna as tabelas com os dados desejados (sempre do conjunto total de textos do projeto, mas é possível especificar quais as categorias que deseja visualizar na tabela)
- permite escolher se deseja ou não incluir na tabela as sentenças e o conteúdo do *corpus* (o conteúdo do *corpus* são os parágrafos, o que, no caso desse exemplo, é um pedaço da sentença original).
- Permite acessar os resultados da análise morfosintática pela inclusão de buscas TRegex (Na versão 1.x, a opção “montar expressão simples” ainda não está disponível e é necessário criar a expressão usando o padrão da página indicada no próprio *dadosSemiotica*; na versão 1.5 está disponível mas ainda incompleta).

Marque as categorias que deseja incluir no arquivo CSV e depois marque aquelas que pretende gerar o histograma.

S.	Categoria	H.	Título do Histograma
<input type="checkbox"/>	Texto-partes	<input type="checkbox"/>	Texto-partes
<input type="checkbox"/>	Texto-comentários-geral	<input type="checkbox"/>	Texto-comentários-geral
<input type="checkbox"/>	Texto-comentários-lembretes	<input type="checkbox"/>	Texto-comentários-lembretes
<input checked="" type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaProfunda	<input checked="" type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaProfunda
<input checked="" type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaProfunda-foria	<input type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaProfunda-foria
<input checked="" type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaNarrativa-S1	<input type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaNarrativa-S1
<input checked="" type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaNarrativa-S2	<input type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaNarrativa-S2
<input checked="" type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaNarrativa-O	<input type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaNarrativa-O
<input checked="" type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaNarrativa-estado	<input type="checkbox"/>	Semiótica-categoriaNarrativa-estado

Figura 87: topo da página para gerar as estatísticas; o nome da categoria é sensível e é possível marcar/desmarcar a categoria clicando sobre ela.

Texto Livre: pensemeando o mundo

Ao abrir o módulo de pós-processamento estatístico, temos acesso à lista de categorias do projeto *dS* (Figura 87, acima).

É possível obter resultados mesmo antes de ter todas as categorias analisadas. Por exemplo, é interessante, após preencher as categorias do grupo Texto, obter uma tabela completa com as anotações para procurar por algum padrão que indique a relevância de alguma análise não prevista inicialmente no projeto. O resultado obtido é sempre um arquivo comprimido contendo os arquivos solicitados.

The screenshot shows a web interface for generating CSV tables. At the top, there is a header with a checked checkbox and the text "Semiótica-categoriaNarrativa-modalização-S2". Below this, there is a section with a checked checkbox and the text "Incluir o conteúdo do corpus e da sentença no CSV". Underneath, there is a text input field with the placeholder "Utilize o campo abaixo para obter o resultado de uma consulta TRegex no arquivo CSV." Below the input field, there is a label "Expressão TRegex:" followed by a text input field. Below the input field, there is a button labeled "Montar expressão simples". At the bottom, there are two buttons: "Gerar Estatísticas" (checked) and "Agendar Processamento" (checked).

Figura 88: Para gerar as tabelas, é possível escolher entre "Gerar Estatísticas" ou "Agendar processamento". A segunda opção é útil para corpus de grandes dimensões, pois não é preciso ficar online aguardando o resultado.

No caso dessa primeira seleção que fizemos, inclusive solicitando o histograma da categoria profunda (Figuras 87 e 88), o resultado obtido compreende dois arquivos e um diretório:

- Arquivo csv: no caso do exemplo.txt, chama-se projeto2.csv e contém a tabela com as categorias requisitadas. O número corresponde ao número do projeto no banco de dados.
- Arquivo debug.txt: contém informações que podem ser úteis caso algo venha a sair errado. Guarde-o apenas para fins de suporte.



- Diretório categoria1: contém os arquivos relativos à categoria cujo histograma foi solicitado (Figura 90):
- Arquivo categoria.csv: contém a tabela com os dados exclusivos da categoria para a qual foi solicitado o histograma.
- Arquivo histograma.jpg: contém uma imagem com o gráfico do histograma da categoria em foco<sup>78</sup>.
- Arquivo descritivo.txt: contém resultados de uma análise estatística simples da categoria em questão: média, mediana, variância, desvio padrão, mínimo e máximo. No exemplo (copiado abaixo), está registrado que a variável 1 corresponde à categoria (nome) Texto.Partes.n<sup>79</sup>, possui 15 observações (dados não nulos), nenhum valor perdido (nulo), média igual a 2, variância igual a 2.142857, desvio padrão (SD) igual a 1.46385, valor mínimo igual a 1, máximo igual a 4 e mediana igual a 2. A análise desses valores me permite dizer, dentre outras coisas, que não houve nenhum erro de digitação nas análises e todas as sentenças foram analisadas.

Variable	Name	Number of obs	Number of missing values	Mean	Variance	Sd
1	Texto.Partes.n	15	0	2	2.142857	1.46385
n.o	Minimum	Maximum	Median			
1	0	4	2			

O diretório só é criado se um histograma for solicitado e haverá um diretório para cada histograma.

<sup>78</sup> O histograma é um gráfico que representa o número de amostras para cada resultado de análise. É interessante em categorias fechadas. No caso do Texto-Partes, pode mostrar se o tamanho das partes é igualmente distribuído no *corpus* ou alguma parte possui mais sentenças que outras.

<sup>79</sup> A coluna cujo título termina com .n está presente no nome da categoria porque todas as categorias são passadas para numéricas para permitir a criação do histograma e desses resultados.

Texto Livre: pensemeando o mundo



Figura 89: Arquivos após descompactação do resultado.zip.



Figura 90: Arquivos do diretório categoria5.

O arquivo csv pode ser aberto num editor de texto, mas, como se pode ver no quadro a seguir (visualização da parte inicial do conteúdo do arquivo, não é a melhor alternativa para visualização:

```
texto;sentenca;conteudo_corpus;conteudo_sentenca;Texto-partes;Texto-  
partes.n;Texto-comentários-geral;Texto-comentários-geral.n;Texto-  
comentários-lembreres;Texto-comentários-lembreres.n;Semiótica-  
categoriaProfunda;Semiótica-categoriaProfunda.n;Semiótica-  
categoriaProfunda-foria;Semiótica-categoriaProfunda-foria.n;Semiótica-  
categoriaNarrativa-S1;Semiótica-categoriaNarrativa-S1.n;Semiótica-  
categoriaNarrativa-S2;Semiótica-categoriaNarrativa-S2.n;Semiótica-  
categoriaNarrativa-O;Semiótica-categoriaNarrativa-O.n;Semiótica-  
categoriaNarrativa-estado;Semiótica-categoriaNarrativa-estado.n;Semiótica-  
categoriaNarrativa-transformação;
```

Se aberto como planilha (Figura 91), numa suíte de escritório como o openoffice, terá a seguinte aparência (o mesmo arquivo projeto2.csv acima).

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
1	texto	sentenca	conteudo_corpus	conteudo_sentenca	Texto-partes	Texto-partes.n	Texto-comentários-geral	Texto-comentários-geral.n	Texto-comentários-lembretes	Texto-comentários-lembretes.n	Semiótica-categoriaProfunda	Semiótica-categoriaProfunda.n	Semiótica-categoria
2	4	2	Quando chegou,	Quando chegou,	1	1fato		1passado			1não-ausência		1não-distoria
3	4	3	encheu-me de vida outra vez.	encheu-me de vida outra vez.	1	1consequência		2passado			1presença		2euforia
4													
5													
6													
7													
8													

Figura 91: Tabela do exemplo.txt aberta no LibreOffice.

Os campos nulos são preenchidos com “NA”.

O arquivo também pode ser importado por programas de análise estatística, como o R (Figuras 92 e 93).

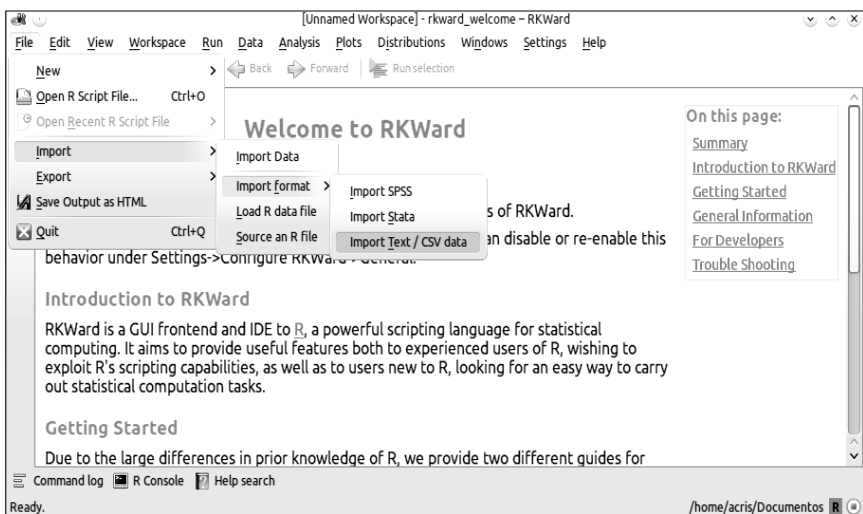


Figura 92: Exemplo de caminho para usar os dados da tabela CSV no programa de estatística R, pela interface do Rkward.

The screenshot shows the RKward application window titled "[Unnamed Workspace] - projeto2.data - RKward". The menu bar includes File, Edit, View, Workspace, Run, Data, Analysis, Plots, Distributions, Windows, Settings, and Help. The "Workspace" menu is open, showing options like "Open", "Create", "Save", "Cut", "Copy", "Paste", and "Paste inside table". The main window displays a data table with 2 rows and 8 columns. The table is titled "projeto2.data" and has columns labeled "1" through "8". The data is as follows:

	1	2	3	4	5	6	7	8
Name	texto	sentenca	conteudo_cor...	conteudo_sen...	Texto.partes	Texto.partes.n	Texto.coment...	Texto.coment...
Label								
Type	Number	Number	Factor	Factor	Number	Number	Factor	Number
Format								
Levels			encheu-me de...	encheu-me de...			consequência...	
1	4	2	Quando chegou,	Quando chegou,	1	1	fato	
2	4	3	encheu-me de...	encheu-me de...	1	1	consequência	

Figura 93: Tabela importada para o R e visualizada no Rkward.

## j) dicas para usar resultados da análise morfossintática

A análise morfossintática obtida com o módulo de pré-processamento baseado no CoGrOO não sincroniza com a utilização de um banco de dados relacional, como o que o *dadosSemiotica* usa, pois não existe um número pré-determinado de etiquetas resultantes para cada palavra. Por esse motivo, o *dadosSemiotica* registra o resultado completo para cada sentença num único campo do banco de dados, independente do número de etiquetas, utilizando uma notação compatível com o Tregex e é por meio desse tipo de expressão regular baseada em árvore que a consulta a esses dados é feita.

símbolo		categoria
n		nome, substantivo
prop		nome próprio
adj		adjectivo
n-adj		flutuação entre substantivo e adjectivo
v	v-fin	verbo finito
	v-inf	infinitivo
	v-pcp	particípio
	v-ger	gerúndio
art		artigo
pron	pron-pers	pronome pessoal
	pron-det	pronome determinativo
	pron-indp	pronome independente (com comportamento semelhante ao nome)
adv		advérbio
num		numeral
prp		preposição
intj		interjeição
conj	conj-s	conjunção subordinativa
	conj-c	conjunção coordenativa

Figura 94: Tabela de categorias gramaticais.

A semântica das expressões segue a tabela da Figura 94. São essas as etiquetas<sup>80</sup> que resultam da análise morfossintática utilizada no CoGrOO e são salvas no banco de dados.

80 In: Glossário de etiquetas florestais da Linguateca. URL: <http://www.linguateca.pt/floresta/BibliaFlorestal/anexo1.html>

Como os resultados são hierárquicos (em forma de árvore), a utilização do Tregex foi a solução para as buscas. A sintaxe é baseada no Tregex Pattern (Figura 95), uma linguagem criada para buscas em dados não previamente indexados, realizando uma busca linear que, embora lenta, pode ser aplicada a um conjunto arbitrário de árvores, sendo um dos recursos disponíveis para processamento de linguagem natural<sup>81</sup>.

Symbol	Meaning
A << B	A dominates B
A >> B	A is dominated by B
A < B	A immediately dominates B
A > B	A is immediately dominated by B
A \$ B	A is a sister of B (and not equal to B)
A .. B	A precedes B
A . B	A immediately precedes B
A ,, B	A follows B
A , B	A immediately follows B

Figura 95: Início da tabela de padrões TRegex.

Uma das implementações previstas para o *dadosSemiotica* v2.0 será a busca Tregex simplificada, via formulários. Na versão 1.x, no entanto, é necessário montar a expressão Tregex no campo apropriado do módulo de pós-processamento, no momento de obtenção de estatísticas, sendo possível realizar apenas uma busca por requisição de tabela. A Figura 96 mostra uma possibilidade de preenchimento deste campo, cuja utilização resulta no acréscimo de duas colunas na tabela de saída e um arquivo explicando a expressão utilizada e as colunas correspondentes.

---

81 In: Tregex Pattern. URL:  
[http://nlp.stanford.edu/nlp/javadoc/javanlp/edu/stanford/nlp/trees/tregex/  
TregexPattern.html](http://nlp.stanford.edu/nlp/javadoc/javanlp/edu/stanford/nlp/trees/tregex/TregexPattern.html)

Figura 96: Exemplo de busca usando expressão TRegex.

A tabela de saída, quando solicitada a busca por uma expressão Tregex, conterá duas colunas além das categorias selecionadas: `casou_tregex` (indica presença - número 1 - ou ausência - zero - de presença do resultado da busca na sentença) e `resultado_tregex` mostrando o resultado da busca, permitindo tanto a análise pela presença do resultado quanto pelo tipo de resultado encontrado.

O conjunto de arquivos contidos no `resultado.zip` contém um arquivo a mais, o `analise_morfossintatica.txt`, que contém a expressão buscada e explica as colunas a mais.

O `dadosSemiotica` indica a página do Tregex Pattern para auxiliar na montagem das expressões, no entanto, mesmo assim, essa não é uma tarefa para iniciantes ou leigos em programação<sup>82</sup>.

Para possibilitar o uso dessa ferramenta de buscas por não iniciados, fizemos uma pequena lista de exemplos de buscas que, combinados, permitem a construção de algumas buscas mais frequentes. Cada exemplo está organizado da seguinte forma:

- i) proposta (apresenta o objetivo da busca e a expressão usando variáveis delimitadas por \$);
- ii) fórmula;

---

82 Na lista de afazeres do *dS*, um dos itens corresponde à criação de um formulário para geração do código tregex sem necessidade da escrita direta pelo analista.

Texto Livre: pensemeando o mundo

- iii) exemplo genérico (apresenta um exemplo genérico e a expressão correspondente);
- iv) exemplo no Vira, Vira (aplica a expressão de forma adequada ao *corpus* de sentenças do Vira, Vira, poema anexo). As expressões propriamente ditas estão isoladas em linhas com fundo acinzentado e as variáveis, nas expressões, estão marcadas em negrito>.

## Busca por: palavra-chave

i) proposta: Buscar sentenças que contenham uma dada palavra-chave.

ii) Fórmula: a variável está escrita como §palavra§ (substitua §palavra§ pela palavra-chave que deseja buscar, sem os símbolos §):

§palavra§

iii) Exemplo genérico: buscar sentenças que contenham "livre". A fórmula é simplesmente:

livre

iv) Vira, Vira: Busca pela palavra-chave "vira":

vira

- => o resultado\_tregex foi esse, abaixo, em cada linha na qual a busca encontrou coincidência. Foi sempre o mesmo porque a palavra "nuvem" não aparece, por exemplo, no plural.

```
# Tree 0
```

```
## match 0 index = 5: vira
```

- => Note que o título, que contém a palavra-chave iniciada por maiúsculas, não acusou sua presença, ou seja, a análise é case sensitive.
- => A sentença que continha duas vezes a palavra-chave apresentou um resultado diverso:



```
# Tree 0
## match 0 index = 11: vira
## match 1 index = 15: vira
```

## Busca por: sequência de palavras-chave

i) proposta: Buscar sentenças que contenham uma dada palavra-chave seguida imediatamente por outra.

ii) Fórmula: a variável 1 (primeira palavra-chave) está escrita como \$palavra1\$ e a variável 2 (segunda palavra-chave) é \$palavra2\$:

```
$palavra1$. $palavra2$
```

iii) Exemplo genérico: buscar sentenças que contenham "software livre". A fórmula é simplesmente:

```
software.livre
```

iv) Vira, Vira: Busca pela sequência de palavras-chave "vira casaca":

```
vira.casaca
```

- => o resultado\_tregex foi esse, abaixo, na única linha na qual a busca encontrou coincidência.

```
# Tree 0
## match 0 index = 5: vira
```

- => Observe que a sequência obrigatória é indicada pelo ponto, sem espaços.

## Busca por: palavra tomada como lema

i) proposta: Buscar sentenças que apresentem uma dada palavra, tomada como lema, e seus derivados.

ii) Fórmula: a variável está escrita como \$lema\$ (substitua \$lema\$ pelo lema que deseja buscar; o lema entra sem os símbolos \$):

```
/[^\-]+-[^\-]+-$lema$$/
```

Texto Livre: pensemeando o mundo

iii) Exemplo genérico: buscar sentenças que apresentem a palavra "livre" (e derivados como livres). É importante notar que palavras como "livremente" são consideradas, em si, como lemas pelo programa e não vão ser incluídas no resultado de uma busca por "livre":

```
/[^-]+-[^-]+-livre$/
```

iv) Vira, Vira: Busca pelo lema "nuvem":

```
/[^-]+-[^-]+-nuvem$/
```

- => o resultado\_tregex foi esse, abaixo, em cada linha na qual a busca encontrou coincidência. Foi sempre o mesmo porque a palavra "nuvem" não aparece, por exemplo, no plural.

```
# Tree 0
```

```
## match 0 index = 6: (n-F=S-nuvem nuvem)
```

## Busca por: palavra tomada como lema quando há mais de um lema

i) proposta: Buscar sentenças que apresentem uma dada palavra, tomada como lema, e seus derivados. Obtém todos os resultados para:

```
§lema§
```

```
seqal§lema§
```

```
seqal|seqal|§lema§
```

```
§lema§|seqal
```

onde "seqal" é uma sequência de letras qualquer.

ii) Fórmula: a variável está escrita como §lema§ (substitua §lema§ pelo lema que deseja buscar; o lema entra sem os símbolos §):

```
/[^-]+-[^-]+-(.*)*\b§lema§\b/
```

iii) Exemplo genérico: buscar sentenças que apresentem a palavra "livre" (e derivados como livres). Mesmo essa busca não inclui palavras como "livremente":

```
/[^-]+-[^-]+-(.*\|)*\blivre\b/
```

iv) Vira, Vira: Busca pelo lema "vira":

```
/[^-]+-[^-]+-(.*\|)*\bvira\b/
```

- => o resultado\_tregex foi esse, abaixo, em cada linha na qual a busca encontrou coincidência. Foi sempre o mesmo porque a palavra "nuvem" não aparece, por exemplo, no plural.

```
# Tree 0
```

```
## match 0 index = 6: (n-F=S-nuvem nuvem)
```

- => note que o \b indica limites de palavras.

## Busca por: verbo

i) proposta: buscar sentenças que apresentem um verbo determinado (e conjugações)

ii) Fórmula: a variável está escrita como §verbo§ (substitua §verbo§ pelo verbo que deseja buscar; o verbo entra sem os símbolos §):

```
/^v[^-]+-[^-]+-(.*\|)*\b§verbo§\b/
```

iii) Exemplo genérico: buscar sentenças que apresentem o verbo "usar" (e conjugações).

```
/^v[^-]+-[^-]+-(.*\|)*\busar\b/
```

iv) Vira, Vira: Busca pelo verbo "virar":

```
/^v[^-]+-[^-]+-(.*\|)*\bvirar\b/
```

- => o resultado\_tregex foi esse, abaixo, em cada linha na qual a busca encontrou coincidência. Foi sempre o mesmo porque a palavra "nuvem" não aparece, por exemplo, no plural.

Texto Livre: pensemeando o mundo

```
# Tree 0
## match 0 index = 4:
(vfin-PR=3S=IND-virar|ver vira)
```

## Busca por: verbo determinado seguido por verbo qualquer

i) proposta: buscar sentenças que apresentem um verbo determinado (e conjugações) seguido de outro verbo qualquer.

ii) Fórmula: a variável está escrita como  $\$verbo\$\$  (substitua  $\$verbo\$\$  pelo verbo que deseja buscar; o verbo entra sem os símbolos  $\$$ ):

```
/^v[^-]+-[^-]+-(.*\|)*\b\$verbo\$\b/ . @vfin|vinf
```

iii) Exemplo genérico: buscar sentenças que apresentem o verbo "usar" (e conjugações).

```
/^v[^-]+-[^-]+-(.*\|)*\busar\b/ . @vfin|vinf
```

iv) Vira, Vira: Busca pelo verbo "virar":

```
/^v[^-]+-[^-]+-(.*\|)*\bvira\b/ . @vfin|vinf
```

- => no Vira, Vira não temos nenhuma ocorrência deste tipo.
- => observe que, para conseguir uma sequência formada por um verbo qualquer seguido de um verbo determinado, basta inverter os fatores antes e depois do ponto:  
vfin|vinf . @/^v[^-]+-[^-]+-(.\*\|)\*\b\\$verbo\\$\b/
- => @vfin|vinf vai casar com vfin, vinf, vger etc.<sup>83</sup>

## Busca por: frase em primeira do singular

i) proposta: Buscar sentenças em primeira pessoa do singular.

ii) Fórmula:

83 Conforme Figura 94.

/=1S=/  
/

iii) Alternativas: para obter segunda ou terceira pessoa, substitua o número por 2 ou 3 respectivamente; para obter pessoa do plural, substitua S por P.

iv) Vira, Vira: Busca por sentenças na terceira pessoa do singular:

/=3S/  
/

- => os resultado\_tregex foram:  
"# Tree 0  
## match 0 index = 4: (vfin-PR=3S=IND-virar|ver vira)"  
  
"# Tree 0  
## match 0 index = 10: (vfin-PR=3S=IND-mexer mexe)"  
  
"# Tree 0  
## match 0 index = 10: (vfin-PR=3S=IND-virar|ver vira)"
- => para ter certeza de buscar somente verbos, prefira usar:
  - /<sup>^</sup>v.\*=1S=/  
/
- => para verificar se faz parte de um sintagma verbal:
  - @VP << /<sup>^</sup>v.\*=3S=/  
/

## busca por verbo no infinitivo

i) proposta: buscar sentenças que contenham verbo no infinitivo.

ii) Fórmula:

@vinf  
/

iii) Alternativas: para obter verbos em outras conjugações, substitua vinf pelas opções presentes na tabela da Figura 94.

Texto Livre: pensemeando o mundo

iv) Vira, Vira: busca por sentenças com verbo finito:

```
@vfin
```

- => os resultado\_tregex foram:

```
"# Tree 0
```

```
## match 0 index = 4: (vfin-PR=3S=IND-virar|ver vira)"
```

```
"# Tree 0
```

```
## match 0 index = 10: (vfin-PR=3S=IND-mexer  
mexe)"
```

```
"# Tree 0
```

```
## match 0 index = 10: (vfin-PR=3S=IND-virar|ver  
vira)"
```

- => para ter certeza de buscar somente verbos, prefira usar:
  - `/^v.*=1S=/`
- => para verificar se faz parte de um sintagma verbal:
  - `@VP << /^v.*=3S=/`

## k) Montando sua busca

Podemos dizer que uma busca Tregex é definida por uma semântica e uma sintaxe. A semântica diz respeito às etiquetas gramaticais e aos lemas e vocábulos que serão buscados. A sintaxe diz respeito às especificações de um termo de busca e às relações entre termos de busca.

Além dos exemplos acima, que podem ter seus termos recombinados e as especificações utilizadas com outros lemas e vocábulos, você pode montar outras buscando especificações no Tregex Pattern (Figura 95) e etiquetas na tabela de categorias gramaticais (Figura 94).

Você só pode realizar uma busca por padrões morfossintáticos por vez a cada solicitação, de modo que, para poder cruzar os resultados de mais de uma busca, recomendamos os seguintes passos:

- 1) gere a tabela com as categorias desejadas e a primeira busca. Salve.
- 2) solicite nova tabela, desta vez apenas com o texto e a próxima busca. Salve.
- 3) repita o passo 2 até realizar todas as buscas desejadas.
- 4) abra num editor de planilhas (como o Calc, do libreoffice) o arquivo csv da primeira tabela.
- 5) altere o nome dos campos de `casou_tregex` e `resultado_tregex` incluindo uma informação sobre a busca (por exemplo, `casou_tregex_1s` `resultado_tregex_1s` para primeira pessoa do singular).
- 6) salve a tabela com o nome `tabelaCompleta.csv`, escolhendo o tipo "texto csv" na hora de salvar o arquivo. Mantenha a `tabelaCompleta` aberta.
- 7) abra a segunda tabela e copie os resultados das colunas `casou_tregex` e `resultado_tregex` na `tabelaCompleta`, ao lado das últimas colunas; modifique o nome incluindo a informação sobre a busca e salve.
- 8) repita a etapa 7 para todas as buscas realizadas.

Texto Livre: penseando o mundo

Pronto. A tabela da Figura 97 contém os resultados de duas buscas tregex para o Vira,Vira.

texto	sentença	conteudo_c	conteudo_s	Texto-come	Text	Texto-come	Texto	Semiótica-c	Semi	Semiótica-	Semi	Semiótica-	Semi	Semiótica-	Semi	Semiótica-	Semi	Semiótica-	casou_treg	resultado_t	casou_treg	resultado_tregex	verbo/vi
9	4501	Vira, Vira	Vira, Vira	título	1	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	Presente U	1	0	0					
9	4502	por: Chico	por: autor	autor	2	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	Presente U	1	0	0					
9	4503	por: Chico	Chico dos	autor	2	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	NA	Presente U	1	0	0					
9	4504	A nuvem	A nuvem	início do p	3	NA	NA	gradação	1	desacelera	1	parada da ç	1	antes	1	Presente U	1	0	0				
9	4505	vira lata	vira lata	primeira es	4	NA	NA	gradação	1	desacelera	1	continuaçã	2	antes	1	Presente U	1	1	(vfin-PR=3'	1	vira	1	vira
9	4506	vira casac	vira casac	primeira es	4	NA	NA	gradação	1	desacelera	1	continuaçã	2	antes	1	Presente U	1	1	(vfin-PR=3'	1	vira	1	vira
9	4507	A nuvem	A nuvem	segunda es	5	NA	NA	gradação	1	desacelera	1	continuaçã	2	antes	1	Presente U	1	0	0				
9	4508	vira volta	vira volta	segunda es	5	NA	NA	gradação	1	desacelera	1	continuaçã	2	antes	1	Presente U	1	1	(vfin-PR=3'	1	vira	1	vira
9	4509	vira e mex	vira e mex	segunda es	5	NA	NA	gradação	1	desacelera	1	continuaçã	2	antes	1	Presente U	1	1	(vfin-PR=3'	1	vira	1	vira
9	4510	A nuvem	A nuvem	terceira es	6	NA	NA	gradação	1	desacelera	1	continuaçã	2	antes	1	Presente U	1	0	0				
9	4511	vira saúva	vira saúva	terceira es	6	NA	NA	gradação	1	desacelera	1	continuaçã	2	antes	1	Presente U	1	1	(vfin-PR=3'	1	vira	1	vira
9	4512	Brejaúva	Brejaúva	terceira es	6	NA	NA	gradação	1	desacelera	1	continuaçã	2	antes	1	Presente U	1	0	0				
9	4513	de tanto vir	de tanto vir	quarta estr	7	corrigir mai	1	pontualidad	2	não-aceler	2	parada da ç	3	depois	2	Presente U	1	1	(vfin-PR=3'	1	vira	1	vira
9	4514	a nuvem	a nuvem	quarta estr	7	NA	NA	pontualidad	2	desacelera	1	continuaçã	4	depois	2	Presente U	1	0	0				
9	4515	vira chuva	vira chuva	final do po	8	NA	NA	pontualidad	2	desacelera	1	parada da ç	1	depois	2	Presente U	1	1	(vfin-PR=3'	1	vira	1	vira

Figura 97: Tabela de resultados do Vira, Vira com duas buscas TRegex (uma por sentença na terceira pessoa e outra por ocorrências do verbo "virar").



## I) Análise das análises

O trabalho do analista não acaba com a coleta de dados, mesmo quando, como no caso da maioria das análises feitas no *dadosSemiotica*, elas já incluem etapas de análises desses dados.

Essas análises realizadas no programa são pontuais, verificam aspectos específicos do texto em pontos específicos, mesmo que contextualizados. É por isso que é necessária uma análise final e global das tabelas obtidas com o programa. Dependendo do número e da quantidade de dados, essa análise pode ser quantitativa ou qualitativa, pode ser feita em um programa de estatística ou observada ponto a ponto pelo analista.

Evidentemente, no caso do texto-frase que estamos usando como exemplo, uma amostra deste tamanho não permite conclusão alguma sobre análise textual. A tabela de resultados, porém, pode mostrar relações interessantes (Figura 98).

conteudo_sentenca	Texto-comentários-geral	Semiótica-categoriaProfunda	Semiótica-categoriaProfunda-foria
Quando chegou,	fato	não-ausência	não-disforia
encheu-me de vida outra vez.	consequência	presença	euforia

Figura 98: Resultado parcial 1 para o exemplo.txt

Seria possível questionar se há uma relação entre a impressão geral, anotada nos comentários gerais, e alguma categoria de análise. Ou comparar a relação entre as respostas (Figura 99).

Semiótica-categoriaNarrativa-percurso	Semiótica-categoriaNarrativa-modalização-S1	Semiótica-categoriaNarrativa-modalização-S2
sanção	NA	atualizado
sanção	virtualizado	realizado

Figura 99: Resultado parcial 2 para o exemplo.txt

Texto Livre: pensemeando o mundo

Os gráficos gerados (histogramas, Figura 100) podem ser utilizados para estas comparações (desde que tenham um número suficiente de dados).

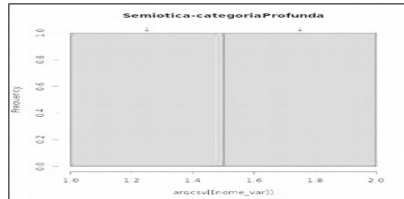


Figura 100: Histograma dos resultados das análises da categoria profunda para as sentenças do exemplo.txt, com o mesmo número de sentenças de cada tipo.

Sem tentar qualquer conclusão a partir de um *corpus* ínfimo como o do exemplo.txt, o que procuramos mostrar é que, a partir dos resultados obtidos com a análise pontual dos dados no *dadosSemiotica*, estamos aptos a passar para um outro nível de análise e buscar não só responder a questões inicialmente propostas como, por meio dessa visão organizada dos resultados, encontrar respostas para perguntas inicialmente insuspeitas, mas que essa visão global dos dados de análise torna visíveis. Para isso, abuse da forma de visualização da planilha, escondendo ou movendo colunas a fim de colocar lado a lado os resultados que quer comparar, e não deixe de tentar alguma análise estatística, caso os dados sejam suficientes, utilizando as conversões numéricas ou explorando análises não-paramétricas.

### **m) Dados técnicos: a instalação do *dadosSemiotica* – versões 1.x**

Sumariamente, é importante dar a conhecer que o *software dadosSemiotica* é um *software* para ser utilizado na internet, devendo, portanto, ser instalado em um servidor web. O Grupo Texto Livre mantém uma versão para uso dos semioticistas; para ter acesso a ela, deve-se entrar em contato com o grupo. No entanto, caso seja necessária a instalação - para uso em outras

áreas ou para uso específico de um grupo ou pessoa - as especificações técnicas são as seguintes<sup>84</sup>:

- A. Checar os requisitos mínimos do servidor:
  - I. Servidor Web Apache com suporte a PHP e SGBD MySQL ou PostgreSQL;
  - II. PHP versão 7.1 ou superior, com extensão php-curl instalada (`$apt-get install php5-curl`);
  - III. MySQL versão 5.0 ou superior ou PostgreSQL versão 8.0 ou superior;
  - IV. Suporte a Java (Tomcat instalado)
  - V. R instalado no servidor (`$ apt-get install r-base`)
- B. Mover o diretório `simp` para algum local visível na Internet/Intranet;
- C. Copiar o arquivo `config.bk.php` sobre o arquivo `config.php` (`$ cp config.bk.php config.php`)
  - I. colocar permissão `777` no arquivo `config.php` e no diretório "arquivos" (`$ chmod 777 config.php arquivos`)
    - a. O caminho padrão dos scripts do R é `"/usr/bin/Rscript"`.
    - b. Dependendo da distribuição Linux do servidor ou configuração específica, o caminho pode outro. Nesse caso, é necessário alterar, no arquivo "constantes.php", a diretiva "CAMINHO\_R\_SCRIPT".
- D. Acessar o endereço do sistema com visibilidade na Internet/Intranet;
- E. Preencher os formulários de configuração atentando-se à ajuda. Caso você não tenha a senha do root do servidor mysql, deve antes criar um usuário e banco de dados.

Havendo algum problema durante a instalação, deve-se copiar o arquivo `config.bk.php` com o nome `config.php`, sobrescrevendo-o, apagando os cookies do navegador e perfazendo nova instalação.

O *software* foi cadastrado em 2012 com licença GPLv.2 e está disponível no repositório de *software* livre Sourceforge <https://sourceforge.net/projects/dadossemiotica/>.

---

84 Informações compiladas por Rubens Takiguti Ribeiro.

Texto Livre: pensemeando o mundo

## Sem mais palavras

Há uma linha conduzindo os estudos desde que a Semiótica ocupou espaço e determinou o andamento dos meus trabalhos de pesquisa. Espero, neste livro, ter dado mais um passo na direção de explicitá-la, pois a diferença por vezes extrema entre tantos objetos e práticas que fazem parte dessa linha impedem que seja uma linha entre dois pontos: está mais para uma constelação cujos meandros fogem à visão global, seja por trazer o olhar para perto demais para que se veja em que parte do conjunto estamos, seja por elevar o olhar alto o suficiente para que possa abranger sua totalidade, perdendo de vista suas nuances e relações.

A linha, sem dúvida, é semiótica, uma semiótica que chegou pela canção, com toda a estrutura greimasiana compreendida como ponto de partida e a continuidade passional e tensiva compreendidas como ponto de chegada.

É preciso avisar, no entanto, que este livro é o segundo tomo dessa incursão pela inteligibilidade deste trabalho. O primeiro, *Sementes de Educação Aberta e Cultura Livre*, visa a paisagem histórica, este visa a paisagem interdisciplinar e, o próximo? Espero que mostre a que viemos, finalmente.

Acris *do* Textolivre 

Texto Livre: pensemeando o mundo

## Posfácio

Porque este elivro tem muitas facetas, é preciso marcar um antes e um depois

AnaCris sugeriu-me que fizesse o prefácio do seu elivro; ter esse privilégio também veio com uma responsabilidade proporcional à alegria. Este elivro é uma coletânea de seus trabalhos no decorrer dos anos em que a autora dialogou com pesquisadores em Semiótica francesa e em outras áreas. Logo na apresentação ela já nos diz sobre essa trajetória que se estabelece a partir da teoria iniciada por Algirdas Julien Greimas que também buscou dialogar com

seus contemporâneos, nomeados, estruturalistas. Assim, de origem e por vocação, tanto a teoria quanto AnaCris estabelecem como forma de vida a intertextualidade e a transdisciplinaridade. É um trabalho no qual o leitor vai se deparando com apresentação de conceitos, reflexões, posturas teóricas e acadêmicas que tornam este elivro um desafio cognitivo e ao final de cada tópico é possível pensar: nossa, que delícia foi ler isso!! Delícia não porque é fácil entender e concordar com as propostas oferecidas pela autora, mas porque ela nos convida a parar, pensar, discordar, concordar, repensar, rever conceitos da teoria greimasiana e de outros pesquisadores brasileiros, como, por exemplo, o modelo de comunicação proposto por Ignácio Assis Silva (1972). É assim que os textos aqui presentes apontam estados da Semiótica francesa que avança, que é repensada e discutida pelos seus pesquisadores, dentre eles, AnaCris.

A tecnologia é o horizonte que faz as pesquisas aqui descritas navegarem em sua direção. Houve tempo que a palavra tecnologia apontava para o novo, mas como tudo passa, ela já não surpreende, tanto assim...tudo já está previsto e esperado. Estabelecer o SEMIOTEC neste agora, que já passou, é atitude de vanguarda. Estudar e pesquisar no mundo veloz das TIs é um ato de insistência, é ocupar uma sala que parece vazia, mas que na verdade pode ser uma parada para conversar sobre Semiótica francesa, aprendê-la, refazê-la e ocupar um nó nessa rede mundial. Isto não é pouco! Isto é atitude política de se estabelecer uma identidade nesse mar de anonimato ou quase-identidade. É preciso que fique claro, inter ou transdisciplinaridade não é dissolução web é interlocução



streaming no tudo ao mesmo tempo agora do online. AnaCris faz notar um aspecto bem interessante que o parecer da aceleração oculta: não é a tecnologia que nos molda, porque ela se faz a imagem e semelhança de todos nós. Conhecendo a autora um pouco, posso dizer que este elivro é uma radiografia dela: pensadora inquieta que busca o diálogo com outra teorias, que questiona conceitos e propõe outros, a partir do que a tecnologia tem a nos oferecer em termos de ferramenta de pesquisa. No decorrer deste trabalho, é possível notar que temos uma pesquisadora em Semiótica e em Tecnologias e que este fazer só está separado nesta descrição. Cada capítulo demonstra isso.

Por ser um objeto desafiador e por ter um traço tão marcante do diálogo pensei por bem fazer um posfácio para também conversar com o leitor sobre o livro depois que ele tivesse o lido ao invés de anunciar o que viria...O leitor pode então concordar e discordar comigo e dessa forma, ainda que idealizado, estabelecer uma troca de ideias para estar condizente com o trabalho de AnaCris. É dessa forma que faço considerações a seguir, passíveis de críticas idealizadas tanto à mim quanto à autora, mas que se estabeleça enfim um diálogo no espaço deste elivro.

É possível entender como o Grupo Texto Livre tem sua interface social, isto é, nasce como proposta de pesquisa e se torna extensão, promovendo a formação de professores rurais e urbanos que ensinam a língua materna, por vocação de sua prática docente, e outros, por vocação da própria multiplicidade dos membros do grupo. O título do capítulo 1 não é em vão porque a transdisciplinaridade foi de fato alcançada. A linha que atravessa Semiótica, Educação e

Escrita é a linguagem, o texto e o discurso. Todos esses campos foram erigidos pela e com a linguagem; partindo disso, AnaCris, nos deixa nítido, por meio dos conceitos tensivos, o que se vive enquanto sujeito social no processo educativo. Podemos dizer, que este capítulo vai dando as pistas do que está por vir nas próximas páginas e quando chegamos ao capítulo 2, já entendemos que ali haverá um marco, um antes e um depois, porque há um resgate de conceitos relevantes na história da Semiótica francesa. É possível entender como nasce o dadosSemiótica no contexto do Texto Livre. O que poderia sugerir um retorno à análise do discurso americana, demonstra-se justamente o contrário porque a teoria francesa forjou conceitos interdependentes e, assim, garante-se uma pré-análise que se torna adjuvante do pesquisador (e da forma como o software foi pensado e constituído, é possível utilizá-lo em outros campos de pesquisa). É o /saber-fazer/ do semioticista que, a partir das incidências apontadas pela ferramenta, vai demonstrar os caminhos da construção do sentido. É preciso, então, a competencialização em Semiótica francesa para realizar um projeto de pesquisa na área. AnaCris apresenta toda estrutura de raciocínio para constituir o dadosSemiótica e na medida que vai mostrando para o leitor, vai também demonstrando seu olhar refinado sobre a teoria a ponto de distinguir conceitos semióticos em categorias abertas e fechadas; um trabalho de estudos e reflexão de décadas!

Como analista da canção até entendo porque a autora prefere adotar o termo música (quem resiste a Arnaldo Antunes cantando Música para ouvir?). Se há uma retomada de conceitos bem forjados por Tatit (1986), a autora os coloca frente aos conceitos tensivos e reflete sobre questão

da moralização e sensibilizações de um corpo-que-sente (Semiótica das Paixões, 1993). Para isso, ousa apresentar seus achados de tese de doutoramento e, a partir deles, vai além dos conceitos e grafos tensivos apresentados em Tensão e Significação (2001). Se a primeira leitura causa uma certa recusa aos quatro modelos tensivos (p. 128), após a segunda leitura, começamos a notar que eles podem ser testados... Por que não? A Semiótica não é uma teoria que se revê continuamente? Então, que discutamos a proposta da semioticista...

O que surpreende neste livro é que em tempos em que o maior filósofo brasileiro em Educação vem sendo, digamos de forma amena, vilipendiado, começar um capítulo (4) invocando conceitos de Paulo Freire é um ato de rebelde coragem. A autora parte do conceito freiriano educação libertária para descrever tensivamente dois modelos metadiscursivos sobre a educação que ela denomina estilos meta-educativos (observe o quadro das pp. 139 e 140). A autora elabora uma reflexão pautada nos modelos tensivos que propôs no capítulo 3, buscando demonstrar as diferenças entre Educação e educação. É importante salientar que AnaCris observa bem o cenário no qual aluno e professor estão inserido (destaque para o organograma da p. 164), o que a livra, a meu ver que atuei como professora de escola pública durante 10 anos, de incorrer numa leitura rasa do processo de aprendizagem de ambos protagonistas da Educação. Sua proposta de abordar o ato educativo enquanto fluxo tensivo nos faz pensar o quanto uma educação opressora, que a autora denomina conservadora, retém fluxos cognitivos. É justamente por isso que acredito ser os modelos tensivos propostos fomentadores de reflexão

naqueles que se interessam minimamente pela Educação e/ou muito pela Semiótica. No entanto, a autora não para aí. Ela discute a relação entre Lazer e Educação Libertadora e os pontos que tornam esses percursos diferentes, para apontar que essas atividades chegam, no limite, ao mesmo lugar: o prazer da liberdade (grafo p. 158).

AnaCris descreve com detalhes as características do chat (capítulo 5) um must have até o aparecimento das mídias sociais. Apesar de parecer um meio de interação no qual a identidade estava escamoteada por símbolos, nick names e outros fazeres do ciberespaço, a autora mostra, a partir da Tecnologia Adaptativa e dos conceitos tensivos, como foi possível traçar uma identidade discursiva de seus atores (lembrando que todo computador deixa sua IP, sua identidade, por onde passa). E aqui vemos o quanto é trabalhada a transdisciplinaridade: AnaCris demonstra o que as duas teorias possuem em comum e como a Semiótica interage bem com trabalhos de TICs e IAs. Já que o universo do chat é o da comunicação, a autora retoma o modelo de Assis Silva (1972) para que entendamos a comunicação em processo. Sim, sabemos que isso é apenas um conceito abstrato, mas o chat deu à autora, elementos que a fizeram abordar questões pertinentes ao evanescente aqui-agora da enunciação, por meio da discussão do modelo de Assis Silva. Se o ponto de partida é o esquema do pesquisador brasileiro, o caminho traçado é sobre o ato, o modo de comunicação, as variáveis que constituem todo processo comunicativo e os problemas advindos da análise que este objeto implica.

Para finalizar, o último capítulo deve ser lido diante de um computador. Sim, porque temos um manual de como utilizar

o dadosSemiótica (permitam-me escrever novamente: uma de-lí-cia). A ideia de modelo na Semiótica francesa é pedra angular desta ferramenta que serve como adjuvante do semioticista. Longe de ser um analisador de textos o dS é um auxiliar a um projeto elaborado, a uma hipótese formulada e, claro, há limites porque se trata de um robô de auxílio.

Poderia dizer que é um livro para principiantes nos estudos da Tecnologia, da Semiótica francesa, da Canção, da Educação devido à didática da escrita, das explicações e do diálogo que se estabelece com o leitor (por instantes tive a impressão de a autora estar à minha frente), no entanto, engana-se aquele que vê nessa generosidade da autora um texto sem reflexões complexas e propostas inovadoras. AnaCris repensa a teoria greimasiana porque a emprega no ilimitado tensivo quando se depara com objetos complexos. É um livro de estudos para ser discutido sem medo, bem como a autora faz ao transpor limites que as teorias teimam em construir em nome de uma identidade evanescente!!

*Iara Rosa Farias*

*dezembro de 2019*

## REFERÊNCIAS

ALFENAS, Daniel A., PEREIRA-BARRETTO, Marcos R. *Adaptatividade em Robôs Sociáveis: uma Proposta de um Gerenciador de Diálogos*. Memórias do WTA2012, p.36-41. Disponível em [http://lta.poli.usp.br/lta/wta/wta-2012/trabalhos/copy6\\_of\\_wta2012\\_e09-adaptative-search-with-multiple-unmanned-aerial-vehicles-uavs](http://lta.poli.usp.br/lta/wta/wta-2012/trabalhos/copy6_of_wta2012_e09-adaptative-search-with-multiple-unmanned-aerial-vehicles-uavs). Acesso em 30/07/2014.

ALMEIDA, Elizabeth Guzzo de. *Aprendizagem situada e letramentos digitais no estágio supervisionado de espanhol*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1457D.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2018.

ALMEIDA, Thalita Santos Felício de. *A construção do aluno-autor dos licenciandos em educação do campo no congresso nacional Universidade, EAD e Software Livre* Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2018. Disponível em [http://poslin.letras.ufmg.br/diss\\_defesas\\_detalhes.php?aluno=1828](http://poslin.letras.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=1828). Acesso em 01 de outubro de 2019.

ARAÚJO, Adelma Lúcia da Silva. *Alçamento da vogal baixa em contexto pretônico*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2006.

ARAÚJO, Adelma Lúcia da Silva. *Percepções, pelo viés Fonético-Fonológico, do letramento de adulto: um estudo de caso*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG,

2014. Disponível em [http://poslin.letras.ufmg.br/tese\\_defesas\\_detalhes.php?aluno=712](http://poslin.letras.ufmg.br/tese_defesas_detalhes.php?aluno=712). Acesso em 01 de outubro de 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. "A Comunicação Humana". In: FIORIN, J. L. (Org). *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 25-53.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Análise Semiótica do Texto*. 4.a edição. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso. Fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita*. São Paulo: Edições 70, 2006.

BUZATO, Marcelo E.K. *Será que ler um robô desrobotiza um leitor?* In: Trab. linguist. apl. [online], vol.49, n.2, 2010. URL: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132010000200004&script=sci_arttext). Acesso em 12 de outubro de 2012.

BUZATO, Marcelo El Khouri, "Towards a theoretical mashup for studying posthuman/postsocial ethics", Journal of Information, Communication and Ethics in Society, Vol. 15 Issue: 01, p. 74-89, 2017.

BUZATO, Marcelo El Khouri. *Cultura digital e apropriação ascendente: apontamentos para uma educação 2.0*. Educação em Revista, v.26, n.03. Belo Horizonte, 2010. p. 283-304. [2010 b]

BUZATO, Marcelo El Khouri. *Letramentos em rede: textos, máquinas, sujeitos e saberes em translação*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 12, p. 783-809, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1984-63982012005000004&lng=e&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1984-63982012005000004&lng=e&tlng=pt). Acesso em: 10 de maio de 2018.

Texto Livre: pensemeando o mundo

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr/ C.E.F.Uchoa (org).* Coleção Dispersos. Nova edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa.* 35.a edição. Petrópolis: Vozes, 2002. [2002 a]

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Problemas de Linguística Descritiva.* 19.a edição. Petrópolis: Vozes, 2002. [2002 b]

CARVALHO, Woodson Fiorini de. *O Discurso de Intimidade: a Paixão Semiótica - Amizade - nas Comunidades do Orkut*. Tese de Doutorado defendida no POSLIN/FALE/UFMG, 2012. Disponível em: [http://poslin.letras.ufmg.br/tese\\_defesas\\_detalhes.php?aluno=1334](http://poslin.letras.ufmg.br/tese_defesas_detalhes.php?aluno=1334). Acesso em: 12 de outubro de 2019.

CASTRO, Carlos Henrique Silva de. *As Culturas do Grupo Texto Livre*. Coleção Texto Livre: Pensemeando o Mundo. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. Disponível em: <https://ebookspedroejoaoeditores.wordpress.com/2019/08/02/as-culturas-do-grupo-texto-livre-um-estudo-de-vies-etnografico-sob-a-otica-da-complexidade/>. Acesso em 03 de agosto de 2019.

CHAIKLIN, Seth. *A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino.*/Trad. Juliana Campregher Pasqualini. Psicologia em Estudo Print version vol.16 no.4 Maringá Oct./Dec. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722011000400016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000400016). Acesso em 19 de maio de 2018.

DINIZ, Isabel Cristina Vieira Coimbra. *A Sagração da Primavera: um diálogo entre a semiótica e a dança*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2014. Disponível em [http://poslin.letras.ufmg.br/tese\\_defesas\\_detalhes.php?aluno=1522](http://poslin.letras.ufmg.br/tese_defesas_detalhes.php?aluno=1522). Acesso em 01 de outubro de 2019.



FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa.* / Aurélio Buarque de Holanda; coordenação de edição Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos. - 2ª edição - Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz; BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.) . *Dialogismo, polifonia e intertextualidade.* 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

FONTANILLE, Jacques, ZILBERBERG, Claude. *Tensão e Significação.* Tradução Ivã C. Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos.* 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.* Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das Paixões: dos estados de coisas aos estados de alma.*/Tradução M.J.Coracini. São Paulo: editora Ática, 1993.

GREIMAS, Algirdas Julien, COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica.* Tradução Alceu D. Lima, Diana L. P. Barros, Eduardo P. Cañizal, Edward Lopes, Ignácio A. Silva, Maria J. C. Sembra, tieko Y. Miyazaki. São Paulo: Ed. Cultrix, s/d.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o Sentido II: Ensaio Semióticos.* / Algirdas Julien Greimas; Tradução Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin : EDUSP, 2014.

HJELMSLEV, Louis. *La structure fondamentale du langage. Prolégomènes a une theorie du langage.* Anne-Marie Léoard (trad.). Paris: Minuit, 1968.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação.* São Paulo: Cultrix, 1969.

KLINKENBERG, Jean-Mari. *À quoi servent les schémas? Tabularité et dynamisme linéaire.* In: Protée, vol. 37, n.o 3, 2009.

LARA, Gláucia M. P., MATTE, Ana C. F. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LOPES, Ivã Carlos. *Morfologias do tempo: para uma semiótica do que (se) passa.* Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1998.

LOPES, Ivã Carlos. *Semiótica e morfodinâmica. Uma busca e suas vicissitudes.* In: Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 7, n. 1, 2014. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/6098>. Acesso em 11 de março de 2019.

Marques, Francisco (Chico dos Bonecos). *Vira, Vira.* In: Histórias Gudórias de Gurrunfórias de Maractutórias Xiringabutórias: Leituras silenciosas com barulhos de brinquedos. Disco PC 0009. Selo Palavra Cantada: São Paulo, 1999.

MATTE, Ana Cristina Fricke, MEIRELES, Alexsandro Rodrigues, FRAGUAS, Cecílio Cosac. *SIL Web - analisador fonológico silábico-acental de texto escrito.* Revista de Estudos da Linguagem, v. 14, p. 31-50, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/4976/0>. Acesso em 06 de novembro de 2017.

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Existe Fala Neutra para a Poesia?* DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 24, p. 159-174, 2008. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502008000200001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502008000200001). Acesso em 10 de janeiro de 2019.

MATTE, Ana Cristina Fricke. *O Processo Semiótico de Comunicação. Sobre o Esquema de Comunicação de Ignácio Assis Silva*. In: CASA Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 6.n.2, dezembro de 2008 URL: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/1206> Acesso em 12 de outubro de 2012. [2008 b]

MATTE, Cristina Fricke. *Vozes e Canções Infantis Brasileiras: emoções no tempo*. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2002. Disponível em: [http://www.lettras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/profs/anamatt\\_e/tese-revisada-Ana\\_Matte.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/anamatt_e/tese-revisada-Ana_Matte.pdf). Acesso em 21 de abril de 2019.

MATTE, Ana Cristina Fricke., MEIRELES, Alexsandro Rodrigues, RIBEIRO, Rubens Takiguti. *SETFON: O Problema da Análise de Dados Prosódicos, Textuais e Acústicos*. In: Revista (con) textos linguísticos (UFES), v. 1, p. 8-30, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/5175/0>. Acesso em 06 de novembro de 2017.

MATTE, Ana Cristina Fricke, SILVA, William. D. Collen M., CANALLI, Hugo Leonardo, RIBEIRO, Rubens Takiguti. *Dados Semiotica: coleta e processamento de análises semióticas de texto escrito*. In: Workshop Software Livre, 2012, Porto Alegre. Anais do WSL 2012. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2012. v. 1. Disponível em: <http://wsl.softwarelivre.org/2012/0010>. Acesso em 6 de novembro de 2017. [2012 b]

MATTE, Ana Cristina Fricke, LARA, G. M. P. *Um panorama da semiótica Greimasiana*. Alfa Revista de Linguística, v. 53, n. 2, 2009. Disponível em:

<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119>. Acesso em 6 de novembro de 2017.

MATTE, Ana Cristina Fricke; ARAÚJO, Adelma Lúcia. *A importância da escrita acadêmica na formação do jovem pesquisador*. In: Maria Aparecida Moura (Org.). Educação científica e cidadania: abordagens teóricas e metodológicas para a formação de pesquisadores juvenis. 1ed. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2012, vol. 1, p. 97-110. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/educacao/docs/livro.pdf>. Acesso em 06 de novembro de 2017.

MATTE, Ana Cristina Fricke; MEIRELES, Alessandro Rodrigues ; VIEIRA, Jussara Melo ; ARANTES, Pablo. *Emoção na fala: uma análise crítica*. In: VI Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2004, São Paulo. Bibliografia/Textos para download/Colóquio 2004. São Paulo: PUC/SP - USP - CNRS, 2004. [2004 c]

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Análise Quantitativa da Tensividade no Conteúdo Verbal tendo em vista o Estudo da Expressão da Emoção na Fala e o Modelamento Prosódico*. In: Cadernos de Estudos Linguísticos vol. 46, n.o 1, 2004. p. 53-69. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637158>. Acesso em 6 de novembro de 2017. [2004 a]

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Análise semiótica da sala de aula no tempo da EAD*. Revista Tecnologias na Educação, v. 1, 2009. Disponível em: <http://tecedu.pro.br/wp-content/uploads/2015/07/pal4-vol1-dez-20091.pdf>. Acesso em 06 de novembro de 2017.

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Esquema de comunicação sob olhares da semiótica e da tecnologia adaptativa*. Revista CASA Cadernos de Semiótica Aplicada (Araraquara), v. 12, p. 55-101, 2014. Acesso em 6/11/2017. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/7149>. [2014 b]

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Gostar da música: percurso de uma paixão*. Significação: Revista de Cultura Audiovisual, v. 32, n. 23, p. 69-92, 23 jan. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65609>. Acesso em 28 de setembro de 2019. [2014 a]

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Relating emotional content to speech rate in Brazilian Portuguese*. In: *Speech Prosody 2004*, 2004, Nara. SP2004 CD-ROM Proceedings. Nara, 2004. [2004 b]

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Sementes de Educação Aberta e Cultura Livre*. Coleção Texto Livre: Pensemeando o mundo. Pedro & João Editores: São Carlos, 2018. Disponível em: [http://textolivres.pro.br/colecao/colecaoTextoLivre/2018-11\\_Sementes\\_de\\_Educacao\\_Aberta\\_e\\_Cultura\\_Livre/](http://textolivres.pro.br/colecao/colecaoTextoLivre/2018-11_Sementes_de_Educacao_Aberta_e_Cultura_Livre/). Acesso em 29 de janeiro de 2019.

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Tempo fonostilístico e semi-simbólico: a árvore gerativa da temporalidade*. Estudos Lingüísticos (São Paulo), Campinas, SP, v. XXXIII, p. 1-6, 2004. [2004 d]

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Verificação e paixão: entrelaçamentos narrativos e discursivos*. Revista Estudos Semióticos, vol. 8, n.1, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49306>. Acesso em 18 de outubro de 2018. [2012 a]

MENDES, Conrado Moreira. *A expressão e o conteúdo da fala do Jornal Nacional*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2009. Disponível em [http://poslin.letras.ufmg.br/diss\\_defesas\\_detalhes.php?aluno=1250](http://poslin.letras.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=1250). Acesso em 01 de outubro de 2019.

MERLEAU-PONTI, Maurice. *L'visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1964.

Texto Livre: pensemeando o mundo

NETO, João José. *A small survey of the evolution of Adaptivity and Adaptive Technology*. WTA2007. URL: <http://ieeexplore.ieee.org/stamp/stamp.jsp?tp=&arnumber=4445748>. Acesso em 25 de julho de 2014.

NETO, João José. *Adaptive rule-driven devices - general formulation and case study*. Revista de Engenharia de Computação e Sistemas Digitais, São Paulo, v. 1, n.1, p. 45-57, 2003.

NETO, João José. *Solving complex problems with Adaptive Automata*. In: CIAA'2000 Fifth International Conference on Implementation and Application of Automata, 2001, London, Ontario CANADA. Lecture Notes in Computer Science. New York: Springer Verlag, 2000. v. 2088. p. 340-342.

PEREIRA, Daniervelin Renata Marques. *Atividades didáticas para ensino de português em ambiente digital: uma análise semiótica*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2010. Disponível em [http://poslin.letras.ufmg.br/diss\\_defesas\\_detalhes.php?aluno=1342](http://poslin.letras.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=1342). Acesso em 01 de outubro de 2019.

PORTELA, Jean Christus, TOMASI, Carolina. *Cronopoiese e cronotrofia na história em quadrinhos*. In: Estudos Semióticos, vol. 8 n.2, novembro de 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49508>. Acesso em 18 de julho de 2017.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do Conto*. Lisboa, Vega, 1983.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1969.

SILVA, Ignácio Assis. *A deixis pessoal*. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1972.

SILVA, Ignácio Assis. *Figurativização e metamorfose. O mito de Narciso*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

STOCKINGER, Paul, ARNOLD, M., BOUDON, P., DESCLÉS, J. P., RASTIER, F. *Intelligence artificielle et théorie sémio-linguistique*. Actes Sémiotiques Bulletin vol. VIII, n.o 36, 1985 .

STOCKINGER, P., DENHIÈRE, G., FONTANILLE, J., PIOLAT, A., ZOCCO, M. *Intelligence Artificielle, II: Approches cognitives du texte*. Actes Sémiotiques Bulletin vol. IX, n.o 40, 1986.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes, LOPES, Ivã Carlos. *Elos de melodia e letra: análise semiótica de seis canções*. Cotia, SP: Atelier Editorial, 2008.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *Análise Semiótica Através das Letras*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *Elementos para a análise da canção popular*. Revista CASA Cadernos de Semiótica Aplicada, vol. 1, n.o 2, dezembro de 2003. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/623/0>. Acesso em 01 de outubro de 2015.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *Musicando a Semiótica - ensaios*. São Paulo, Annablume, 1997.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *O Cancionista - Composição de Canções no Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

TATIT, Luiz Augusto de Moraes. *Semiótica da canção - melodia e letra*. São Paulo, Escuta, 1994.

ZILBERBERG, Claude. *Relativité du rythme*. In Protée - Théories et Pratiques Sémiotiques. Département des Arts et Lettres de l'Université du Québec à Chicoutimi. Vol. 18, n.o 1, 1990, p. 37-46.

Texto Livre: pensemeando o mundo

ZILBERBERG, Claude. *Plaidoyer pour le Tempo*. In: *Le Devenir*/direction Jacques Fontanille, Collection Nouveau x Actes Sémiotiques , Pullim, p. 223-241, 1995 .

ZILBERBERG, Claude. *Raison et poétique du sens*. Paris, Presses Universitaires de France, 1988.

ZILBERBERG, Claude. *Razão e poética do sentido*. /Claude Zilberberg; tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit; Waldir Bevidas. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

## ENDEREÇOS E REFERÊNCIAS EM REDE:

ALCE - Ambiente Livre e Colaborativo do Estudante. Página disponível em <http://alce.letas.ufmg.br>. Acesso em 01 de outubro de 2019.

ANTUNES, Arnaldo. *Música para ouvir*. Disponível em <https://www.letas.mus.br/arnaldo-antunes/67756/>. Acesso em 01 de julho de 2019.

ARRIGHI, Lodovico Arrighi. Citado em texto, foi o disponível em <http://www.suapesquisa.com/artesliteratura/historiadaescrita.htm>. Acessado em 11 de julho de 2017.

Corretor Gramatical do OpenOffice (CoGrOO). Disponível em <http://comunidade.cogroo.org/>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

Cursos do grupo de pesquisa Texto Livre. Disponíveis em <http://textolivre.pro.br/moodle>.

*dadosSemiotica (dS)* - *software* para coleta de dados de análises textuais e semióticas. Disponível em <http://textolivre.pr.br/ds/>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

Grupo de Pesquisa Texto Livre: Linguagem e Tecnologia - página no CNPq. Disponível em <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0333801U4BKW6D>.



IRC - Internet Relay *Chat*. Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet\\_Relay\\_Chat](http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet_Relay_Chat). Acesso em 02 de abril de 2019.

Konversation - cliente de IRC para o sistema operacional Linux, interface KDE: <http://konversation.kde.org/>

Laboratório SEMIOTEC - vídeo de apresentação. Disponível em diversos formatos em <http://textolivre.org/site/grupo-texto-livre-semiotica-e-tecnologia>, ou diretamente, em OGG, no *link* <http://textolivre.org/arquivos/semiotec-2013.ogg>.

PC XT: IBM Personal Computer XT. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/IBM\\_Personal\\_Computer\\_XT](https://pt.wikipedia.org/wiki/IBM_Personal_Computer_XT). Acesso em 14 de outubro de 2019.

R - linguagem e *software* livres para cálculos estatísticos. Disponível em: <http://cran.r-project.org/>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

Rede Freenode de IRC: dedicada a comunidades de *software* livre e código aberto. Disponível em: <http://freenode.net>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

Ubuntu Linux com interface gráfica KDE. Disponível em: <https://kubuntu.org/>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

Wikipedia, verbete: Lápis. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A1pis>. Acesso em 12 de setembro de 2018.

Wikipedia, verbete: Internet Relay *Chat*. Disponível em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Internet\\_Relay\\_Chat](http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Relay_Chat). Acesso em 12 de fevereiro de 2019.

Wikipedia, verbete: Internet. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet>. Acesso em 13 de março de 2018.

Texto Livre: pensemeando o mundo

Wikipedia, verbete: Tinta Invisível. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Tinta\\_invis%C3%Advel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tinta_invis%C3%Advel). Acesso em 12 de setembro de 2018.

Wikipedia: Figura mostrando a escalabilidade das conexões na internet. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet#/media/File:Internet\\_map\\_1024\\_-\\_transparent\\_inverted.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet#/media/File:Internet_map_1024_-_transparent_inverted.png). Acesso em 13 de março de 2018.

XOOPS - *software* livre para criação de CMS (sites dinâmicos em PHP). Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/XOOPS>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

## OBRAS DA AUTORA

LARA, Gláucia Muniz Proença, MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 170p.

MATTE, Ana Cristina Fricke (org.). *Lingua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna; Belo Horizonte, MG: FALE/UFMG, 2007. 241p.

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Gêneros e Recursos on-line: o texto é livre? Oficina de gêneros on-line*. 1. ed. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. v. 1. 83p.

MATTE, Ana Cristina Fricke. *Sementes de Educação Aberta e Cultura Livre*. Coleção Texto Livre: Pensemeando o mundo. Pedro & João Editores: São Carlos, 2018. Disponível em: [http://textolivre.pro.br/colecao/colecaoTextoLivre/2018-11\\_\\_Sementes\\_de\\_Educacao\\_Aberta\\_e\\_Cultura\\_Livre/](http://textolivre.pro.br/colecao/colecaoTextoLivre/2018-11__Sementes_de_Educacao_Aberta_e_Cultura_Livre/). Acesso em 29 de janeiro de 2019.

## Sobre a autora

O azul de seus cabelos sumiu esse ano... Falta de tempo para cabeleireiro. Afastada em 2019 da UFMG, onde leciona na Faculdade de Letras, para a realização de um pós-doutorado, com bolsa de professor visitante do CNPq, achou, porém, entre pilhas de livros, aulas e orientação a distância, desenvolvimento e escrita de manuais e tutoriais do *dadosSemiotica*, acompanhamento de betatesters, edição desta coleção, organização dos eventos do Texto Livre e direção do grupo, atualizações de páginas, coleta e análise de dados, escrita de resultados, e, muito importante, a netinha, conseguiu tempo para terminar este livro, que aguardava na gaveta desde o meio do ano passado. O passado, claro, não muda: doutora pela USP, pesquisadora do CNPq, professora associada da UFMG, líder do grupo Texto Livre e defensora da EAD, da Ciência/Educação Aberta e do *Software* Livre.

Ana Cristina Fricke Matte  
acris do [Textolivres.pro.br](http://Textolivres.pro.br)  
anacris das músicas ao longe  
ou só Ana,  
embora Ana não seja nome, mas prefixo...  
tudo bem, ela gosta de ser prefixo ;-)



# Índice Remissivo

## Índice alfabético

Árvore Gerativa da Temporalidade. 165, 168	Moralização..... <b>103</b>
Aspectualização.....108	Moralizador.....104
Canção..... <b>44, 92</b>	Música.....91
Categorias fechadas..... <b>51</b>	Nível Discursivo..... <b>74</b>
Categorias Fechadas.....55	Nível Fundamental..... <b>79</b>
Cronopoiese.....125, 147	Nível Narrativo..... <b>62</b>
Cronotrofia.....125, 147	Online..... <b>20</b>
DadosSemiotica.....49	Paixão..... <b>48, 93</b>
Educação conservadora.....132, 148, 150	Percurso Gerativo das Paixões.....
Educação libertadora.....132, 149p.	Paixão.....
Emoção..... <b>48, 93, 112, 159</b>	Esquema do Percurso Gerativo das Paixões
Ensino a distância.....35	.....102
Espera.....143	Quadrado Semiótico.....169
Esquema de comunicação.....206	Segmentação e foco.....192
Esquema do Percurso Gerativo das	Semiótica..... <b>38, 41, 43, 209</b>
Paixões..... <b>102</b>	Semiótica da Canção..... <b>41</b>
Inteligência Artificial.....211	Semiótica tensiva.....34, <b>115</b>
<i>Lacuna</i> .....240	<i>Sensibilização</i> ..... <b>103</b>
Lacunas.....218	Sistema de comunicação.....250
Linguagem semissimbólica.....97	Tecnologia Adaptativa.....206, 212
Meta-Educação.....152	Tecnologia da educação.....29
Metodologia do risco.....35	Tecnologia digital.....23
Modelo de análise.....223	Tecnologias escritas.....21
Modelos tensivos.....124	Tensividade..... <b>84, 142</b>
Modulação temporal tensiva.....199	Via do código.....216, 220
	Via do sinal.....217, 219
	Via semiótica.....217, 219